

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

AGUIMARIO PIMENTEL SILVA

**ENTRE A PARÁFRASE E A POLISSEMIA: O DISCURSO DA
EDUCAÇÃO FEMININA NO *JORNAL DAS SENHORAS* (1852-1855)**

**ARACAJU – SE
2016**

AGUIMARIO PIMENTEL SILVA

**ENTRE A PARÁFRASE E A POLISSEMIA: O DISCURSO DA
EDUCAÇÃO FEMININA NO *JORNAL DAS SENHORAS* (1852-1855)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS), na linha Processos, Produtos e Discursos Midiáticos, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Marques Carriço Ferreira

**ARACAJU – SE
2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586e Silva, Aguimario Pimentel
Entre a paráfrase e a polissemia : o discurso da educação feminina no Jornal das Senhoras (1852-1855) / Aguimario Pimentel Silva ; orientadora Raquel Marques Carriço Ferreira. – São Cristóvão, 2016.
187 f. : il.

Dissertação (mestrado em Comunicação e Sociedade) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Comunicação de massa. 2. Imprensa - Mulheres. 3. Comunicação escrita. 4. Educação – Mulheres. I. Ferreira, Raquel Marques Carriço, orient. II. Título.

CDU 659.3-055.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM
ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
COMUNICAÇÃO UFS

PPGcom

Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Sergipe

Título do trabalho: “ENTRE A PARÁFRASE E A POLISSEMAI: O DISCURSO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO JORNAL DAS SENHORAS (1852-1855)”

Aluno: AGUIMÁRIO PIMENTEL SILVA

Data da defesa: 10/06/2016

Às 09H30 (nove e trinta) do dia 10 do mês de junho de 2016, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a Defesa da Dissertação do discente AGUIMÁRIO PIMENTEL SILVA denominada “ENTRE A PARÁFRASE E A POLISSEMAI: O DISCURSO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO JORNAL DAS SENHORAS (1852-1855)” conforme o que estabelece a Resolução 46/2011/CONEPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores RAQUEL MARQUES CARRIÇO FERREIRA - orientadora (PPGCOM-UFS), RENATA BARRETO MALTA - avaliadora Interna (PPGCOM-UFS) e MARIA LEÔNIA GARCIA COSTA CARVALHO - avaliadora Externa. A sessão solene de Defesa ocorreu na Sala de Reuniões do DCOS . Após o discente proceder à apresentação da dissertação, a banca fez os questionamentos e comentários referentes ao trabalho, os quais foram respondidos pelo discente. Ao final, a banca reuniu-se reservadamente e considerou o discente AGUIMÁRIO PIMENTEL SILVA APROVADO no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS com o conceito A.

Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 10 de junho de 2016

Profa Dra Raquel Marques Carriço Ferreira - orientadora (PPGCOM-UFS)

Profa Dra Renata Barreto Malta - avaliadora interna (PPGCOM-UFS)

Profa Dra Maria Leônia Garcia Costa Carvalho - avaliadora externa (DLEV-UFS)

Mestrado em Comunicação Social:

Prédio do DCOS, andar superior, sala 01– Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
Av. Marechal Rondon, S/N – CEP 49.100-000 – Rosa Elze – São Cristóvão – Sergipe – Brasil
Telefones: (79) 2105-6390 – E-mail: mestradocomunicacao.ufs@gmail.com

RESUMO

O trabalho consiste numa abordagem discursiva do periódico *O Jornal das Senhoras*, que circulou na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1852 e 1855, tendo sido o primeiro fundado na cidade por uma mulher, a argentina Joanna Paula Manso de Noronha. O periódico, semanal, tinha a pretensão declarada de contribuir para a emancipação moral da mulher e sua educação/ilustração. Nosso objetivo é identificar, no discurso veiculado pelo jornal, pistas de ruptura e de continuidade de sentidos em relação à temática da educação feminina. Tal trabalho analítico, de cunho qualitativo, é realizado a partir do arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, com algumas contribuições das teorias de Michel Foucault e de Mikhail Bakhtin acerca do discurso, tendo em vista a sua pertinência para a consecução do objetivo da pesquisa. Assim, empreendemos primeiramente uma mirada sobre os construtos teóricos da AD que são fundamentais para o trabalho. Destacamos os processos de constituição de sentidos, através da exploração dos conceitos centrais de *paráfrase* e de *polissemia*. Além disso, realizamos uma investigação acerca da situação da mulher, no Brasil patriarcal oitocentista, atribuindo ênfase à questão da sua educação: nesta etapa, a proposta é possibilitar uma compreensão precisa das condições de produção nas quais se deu a formulação/circulação dos discursos do *Jornal das Senhoras*. Evidenciamos, também, as quatro principais representações que estavam ligadas à figura da mulher, no período: *filha*, *esposa*, *mãe* e *dona de casa*. Partindo do contexto exposto, fazemos então uma investigação em torno do *Jornal das Senhoras*, procurando caracterizá-lo enquanto periódico e situando-o no âmbito da imprensa feminina brasileira do século XIX. Dentre as 209 edições do periódico, foram localizados apenas 20 textos que versam sobre a educação feminina, no que se refere à sua relação com as quatro representações supracitadas. Desses textos, foram selecionados os segmentos discursivos para as análises. Os resultados alcançados na investigação são discutidos a partir de uma aproximação com as considerações em torno da noção de *gênero* (que perpassa todo o trabalho), como forma de se compreender o processo discursivo subjacente aos textos do *Jornal das Senhoras*. Como conclusão, indicamos que, embora os textos do periódico declarem contribuir para a mudança de sentidos em torno da educação feminina, retomam, de maneira significativa, discursos institucionais (especialmente o da religião) que, no período, ratificavam a ideia de superioridade do elemento masculino sobre o feminino. Apesar da tensão entre novos e velhos sentidos, o discurso perpassado pelo *Jornal das Senhoras* tende a uma configuração muito mais parafrástica, de retomada e reformulação de sentidos preexistentes, do que polissêmica. São discursos que tendem para o *mesmo*, para a reprodução e manutenção das condições e relações sociais existentes, o que quebra o suposto caráter progressista muitas vezes atribuído ao periódico.

Palavras-chave: *Jornal das Senhoras*. Imprensa feminina. Gênero. Educação. Discurso.

ABSTRACT

The work consists of a discursive approach of the journal *O Jornal das Senhoras*, which circulated in the city of Rio de Janeiro, between the years 1852 and 1855, the first founded in the city by a woman, the Argentine Joanna Paula Manso de Noronha. The journal, weekly, had the declared intention to contribute to the moral emancipation of women and their education / illustration. Our objective is to identify and analyze the discourse conveyed by the newspaper, highlighting clues of rupture and continuity of meanings in relation to the issue of female education. Such analytical work, qualitative nature, was carried from the theoretical and methodological framework of French Discourse Analysis (DA), with some contributions from the Michel Foucault and Mikhail Bakhtin's theories about the discourse, given their relevance to the achievement of objective of the research. So, first we undertook a glance on the theoretical constructs of DA that are fundamental to the work. We highlight the senses constitution processes by exploiting the central concepts of *paraphrase* and *polysemy*. In addition, we conducted an investigation into the situation of women in nineteenth-century Brazil, giving emphasis to the processes related to the question of their education: in this stage, the intention was to get an accurate understanding of the discursive formation in which it gave the formulation / movement of *O Jornal das Senhoras*' discourses. We evidenced also the four main representations that were linked to the figure of the woman, in the period: *daughter*, *wife*, *mother* and *homemaker*. From the above context, we undertake an investigation around the *O Jornal das Senhoras*, trying to characterize it as a periodic and placing it within the Brazilian women's press of the nineteenth century. Among the 209 editions of the journal, it was located only 20 texts that approach the female education, with regard to its relationship with the four above representations. From these texts, discursive segments were selected for analysis. The results achieved in research are discussed from an approach with considerations about gender concept (which runs through all the work), in order to understand the underlying discursive process to *Jornal das Senhoras*' texts. In conclusion, we indicate that although the newspaper texts declare contribute to the change of directions around the female education, resume, significantly, institutional discourses (especially the religious discourse) that in the period, ratified the idea of male superiority over the female element. Despite the tension between old and new senses, the discourse present in the *Jornal das Senhoras* tend to a much paraphrastic configuration, of recovery and reformulation of existing senses, than polysemic. Are discourses that tend to the *same*, for reproduction and maintenance of existing social conditions and relations, which breaks the supposed progressive character often attributed to the journal.

Key words: *Jornal das Senhoras*. Female press. Gender. Education. Discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> (19/08/1855)	58
Figura 02 – Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> (19/12/1852)	59
Figura 03 – Capa da <i>Collecção das Leis do Imperio do Brazil – 1827</i> , publicada em 1878, que traz o texto original da Lei de 15 de outubro de 1827	66
Figura 04 – Texto publicado no jornal <i>O Sexo Feminino</i> (07/09/1873)	73
Figura 05 – Identidade visual do <i>Jornal das Senhoras</i>	83
Figura 06 – Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> (04/04/1852)	88
Figura 07 – Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> (03/04/1853)	88
Figura 08 – Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> (18/03/1855)	89
Figura 09 – Estampa publicada pelo <i>Jornal das Senhoras</i> (17/06/1855)	89
Figura 10 – Capítulo de romance-folhetim do <i>Jornal das Senhoras</i> (29/07/1855) ...	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Lista de jornais e revistas que circularam na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1852 e 1855	93
Quadro 02 – Aspectos investigados na delimitação dos recortes discursivos para as análises	102
Quadro 03 – Textos dos quais foram extraídos os segmentos discursivos para as análises	102

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	07
1	A ANÁLISE DE DISCURSO: QUESTÕES TEÓRICAS	18
1.1	Constituição e caracterização da Análise de Discurso	19
1.2	O (inter)discurso e suas implicações	26
1.3	Processos de constituição de sentidos: a paráfrase e a polissemia	33
2	SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NO SÉCULO XIX	40
2.1	A noção de gênero e sua natureza relacional	41
2.2	O sistema patriarcal e os modos de sua (re)produção	45
2.3	A mulher e suas representações: filha, esposa, mãe, dona de casa	51
2.4	A questão da educação da mulher	63
3	O JORNAL DAS SENHORAS E SEU LUGAR NO PANORAMA DA IMPRENSA FEMININA BRASILEIRA	81
3.1	Notas sobre a imprensa feminina do século XIX	82
3.2	Para uma caracterização do <i>Jornal das Senhoras</i>	85
4	EM BUSCA DO PROCESSO DISCURSIVO: AS ANÁLISES	99
4.1	Da superfície textual ao processo discursivo: as etapas da análise	99
4.2	A temática da educação no jornal	101
4.3	A educação/ilustração feminina e o papel de “filha”	104
4.4	A educação/ilustração feminina e o papel de “esposa”	114
4.5	A educação/ilustração feminina e o papel de “mãe”	119
4.6	A educação/ilustração feminina e o papel de “dona de casa”	125
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	REFERÊNCIAS	135
	ANEXOS	144

INTRODUÇÃO

O amplo quadro epistemológico abrangido pelos estudos voltados à compreensão da comunicação e de suas implicações no âmbito social, nos últimos anos, tem possibilitado o reconhecimento – cada vez maior – de que a Comunicação, enquanto campo específico do saber, não dispõe de um aparato teórico-metodológico que lhe permita um fazer científico isolado de outros domínios do conhecimento. Isso se deve, sobretudo, ao fato de que não se pode pensar o fenômeno comunicacional (tomando-se esse fenômeno numa perspectiva ampla, ao nível das trocas simbólicas possibilitadas pela interação social e pelo uso da linguagem) desvinculando-o do contexto social, cultural, econômico, político, psicológico e institucional no qual ele toma corpo, e para o qual concorre diretamente. Assim é que, com frequência, os estudos em Comunicação voltam-se para outros domínios do conhecimento científico (pois o objeto de estudo assim o exige), demonstrando a consolidação do campo comunicacional como um *espaço* inerentemente *interdisciplinar*. Como bem defende Furlanetto (2002), a interdisciplinaridade tem a ver com o conhecimento que se produz nas regiões fronteiriças onde há espaços de intersecção. Nesses espaços, o “eu” e o “outro” abrem-se numa troca que se opera a partir de uma postura de expansão dos campos e abertura de fronteiras, modificando os próprios interiores desses campos. Para que isso ocorra, é necessário que sejam criadas atividades interdisciplinares que exijam e permitam essa junção e essa busca pelo “novo”.

A interdisciplinaridade relativa aos processos de investigação científica desencadeados no âmbito do conhecimento sobre a comunicação deve ser entendida, segundo Braga (2011), nos termos de um processo que opera a partir de *interfaces* na abordagem de campos distintos. Essa interface, para o autor, longe de significar uma dispersão (perda de foco) em relação ao problema de investigação, deve ser enxergada enquanto “[...] espaço de trabalho construtivo do conhecimento comunicativo” (BRAGA, 2011, p. 65). Bounoux (1999) enfatiza também o caráter não isolado do campo comunicacional: para ele, longe de configurar uma *disciplina*, no sentido acadêmico do termo, a Comunicação engendra, antes, uma *interdisciplina*, uma vez que é próprio de sua natureza buscar subsídios em outros campos do conhecimento que possam auxiliar a sua prática investigativa. Para este teórico, o campo da comunicação é chamado a infiltrar-se em outros campos, sempre que os conhecimentos técnicos desses outros campos não são suficientes e passa a reclamar alguma espécie de “suplemento”. Defende ele que o fenômeno da comunicação interessa a muitos *lugares* e, por esse motivo, não possui um *lugar* próprio. A Comunicação engendra uma autonomização que passa muito

mais por uma questão institucional do que por uma questão teórica, uma vez que, neste último sentido, ela tende a uma aproximação com muitas áreas, sendo, por isso, múltipla (BOUGNOUX, 1999).

Essa natureza *múltipla* do campo acadêmico da Comunicação é um fator levado em consideração neste trabalho. O presente estudo centra-se na investigação de um produto comunicacional – o *Jornal das Senhoras* – a partir de uma perspectiva histórica sincrônica, adotando-se como elemento basilar a noção de *gênero*. Trata-se de uma noção que adquiriu, nas últimas décadas, uma grande visibilidade no interior dos estudos sobre cultura (à explicação e à historicização do termo foi reservado um tópico específico neste trabalho¹). Para Scott (1995, p. 75), “[...] o termo ‘gênero’ torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Tem-se, pois, o gênero como uma noção relacional, ao se compreender que o estudo dos papéis sociais das mulheres é, também, consequentemente, o estudo dos papéis atribuídos aos homens, num determinado contexto. Assim, articula-se a ideia do “outro”, a ideia de uma alteridade fundamental, o que é muito importante para a compreensão do objetivo de nosso estudo, uma vez que procuramos trabalhar a linguagem jornalística em relação à sua exterioridade. Isso porque a investigação comunicacional acerca dos discursos de gênero implica a consideração da dimensão cultural e simbólica na qual esses discursos se materializam, e no qual são forjados os atributos do masculino-feminino.

A noção de gênero é articulada, neste trabalho, à questão da imprensa feminina, tomando-se a cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, como delimitação espaço-temporal para a pesquisa. Nesse sentido, elegemos como único objeto de investigação o periódico *Jornal das Senhoras*, que circulou na Corte, semanalmente, entre os anos de 1852 e 1855, totalizando 209 (duzentos e nove) edições. O jornal é considerado por muitos estudiosos como sendo o primeiro, no país, dirigido por mulheres, demarcando, assim, uma pretensa inovação em relação ao padrão cultural ao qual a mulher se via submetida em meados do século XIX. Fundado pela argentina Joanna Paula Manso de Noronha, o hebdomadário pretendia auxiliar as mulheres do período. O objetivo primordial do periódico, como se pode ler já na primeira edição, era contribuir para a *emancipação moral da mulher*, emancipação que era identificada com a abertura de um maior espaço para a mulher no que se refere à questão da educação (JORNAL DAS SENHORAS, 1852).

¹ Ver tópico 2.1.

O objetivo principal deste estudo é identificar a existência de pistas parafrásticas e polissêmicas no discurso do *Jornal das Senhoras*, a partir de textos da folha que abordam a relação entre a mulher e a educação. O intuito é observar essa questão em relação aos quatro principais papéis destinados à mulher, à época: filha, esposa, mãe e dona de casa. As ideias de paráfrase e polissemia estão diretamente relacionadas aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, área da qual nos aproximamos para o estabelecimento da análise pretendida. Num primeiro momento, pode-se imaginar que o *Jornal das Senhoras*, advogando em favor de melhores condições para a figura feminina, rejeita totalmente os sentidos correntes em torno da situação da mulher e dos papéis por ela assumidos, no Brasil da metade do século XIX. Entretanto, apoiamo-nos na perspectiva teórica de que a produção de sentidos, no meio social, a partir da linguagem como elemento simbólico, faz-se sempre em torno da tensão entre sentidos já existentes (a paráfrase, a reformulação) e a possibilidade de criação de novos sentidos (a polissemia). É em torno dessa (constante) tensão que gira nosso objetivo. Assim, podemos resumir nosso questionamento, para este trabalho, em torno de duas principais questões norteadoras: a) *Como o discurso sobre a educação feminina, no Jornal das Senhoras, articula velhos e novos sentidos?*; b) *Essa tensão, de ordem semântica, mantém-se constante quando o jornal aborda a questão da educação em relação às quatro representações concernentes à mulher (filha, esposa, mãe e dona de casa)?*

Nesse sentido, algumas finalidades específicas são postas: a primeira delas é uma tentativa de compreensão do contexto simbólico-cultural no qual o jornal emerge, adotando-se como parâmetro para a explicação o papel social ocupado pela mulher nesse mesmo ambiente cultural. Em relação a esse ponto, operamos o recorte analítico em favor da relação entre a mulher brasileira e a questão educacional, em meados do século XIX. Outro objetivo específico do trabalho é o de empreender, dentro do conjunto textual compreendido pelas edições do periódico, um mapeamento da ocorrência das considerações sobre questões como educação feminina, ilustração (esclarecimento), emancipação intelectual e/ou temas afins. A ideia é compreender de qual forma e com qual frequência o *Jornal das Senhoras* tratou da temática da educação da mulher, considerando que era esse o seu mote. Assim, é possível observar em quais situações e em quais contextos discursivos específicos o tema da educação é abordado pelo periódico, e com quais finalidades. Por fim, numa última etapa, procedemos a uma observação mais profunda acerca das próprias propostas discursivas que esses textos veiculam, com atenção para as representações construídas em torno da figura da mulher: *filha, esposa, mãe e dona de casa*. Nessa etapa, utilizamo-nos da Análise de Discurso de linha francesa como um auxílio para a exploração das questões que se vinculam aos *corpora*, numa

abordagem discursiva. A junção desses procedimentos de trabalho leva a uma explicação mais precisa de como se constrói o discurso da educação no periódico que consideramos, através da tensão entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia)².

Ao propormos um estudo do discurso veiculado pelo *Jornal das Senhoras* em relação ao tema da ilustração feminina, temos em vista que a abordagem não pode prescindir de uma aproximação com a Análise de Discurso de linha francesa, que, por sua própria constituição e natureza, é inerentemente *interdisciplinar*. Assim, no que tange a este trabalho, temos como base teórica central a Análise de Discurso, mas pelo menos outros três campos são articulados no interior de nossa investigação, fornecendo, cada um a seu modo, subsídios para nossas análises: a Comunicação, a História e a Educação.

A Comunicação coloca-se, aqui, em duas perspectivas, que atravessam todo o texto. A primeira delas diz respeito à compreensão historiográfica que pretendemos possibilitar em torno do jornalismo brasileiro, em especial no que se refere à imprensa feminina, a partir da investigação do *Jornal das Senhoras*. A segunda perspectiva, de ordem mais ampla, diz respeito ao fato de que estamos lidando com o fenômeno da linguagem, compreendendo-a enquanto elemento que possibilita a existência de *trocas simbólicas* e de processos de interação social (intersecção fundamental com a Análise de Discurso). Daí que procuremos partir para uma abordagem discursiva de nosso objeto.

Aliás, a noção de discurso representa uma tomada da língua em relação à sua realidade exterior, atestando a historicidade pela qual é atravessada, inevitavelmente. Assim, um convite à História faz-se imprescindível. A análise do discurso do *Jornal das Senhoras* exige que se tenha clara, primeiramente, a existência desse produto em relação a um contexto histórico-social. Além disso, o próprio recorte temático que operamos (a situação da mulher na metade do século XIX) suscita a necessidade de observação dos processos simbólicos que o direcionavam, à época. Como se pode perceber, dois capítulos inteiros do trabalho referem-se à explicitação do ambiente histórico a partir do qual é possível compreender tanto a existência do produto (o *Jornal das Senhoras*) quanto a existência do processo (a relação masculino-feminino e as divisões de gênero em meados dos oitocentos).

Por fim, a Educação. Como já foi comentado, a pretensão do periódico de Joanna Paula Manso de Noronha era contribuir para uma reflexão em torno da questão da educação da mulher. Nesse sentido, fizemos uma exploração da História da Educação Brasileira no século XIX, para dentro dela focalizarmos a (não) relação entre a mulher e a educação. Trata-

² Os conceitos de paráfrase e polissemia estão diretamente relacionados ao que designamos, anteriormente, por *continuidade* e *ruptura* de sentidos, respectivamente.

se aqui, pois, de uma abordagem historiográfica da questão educacional, como subsídio a nossa análise. Explica-se, então, a correlação operada entre a Comunicação, a História e a Educação, pela demonstração da importância de cada uma delas como subsídio para um estudo embasado na Análise de Discurso. Para Martino (2014, p. 37), a temática relativa aos meios de comunicação é a única que permite ao pesquisador mover-se entre os vários níveis de uma mesma problemática, valendo-se, para tanto, de um conjunto variado de saberes, sem necessariamente perder de vista a integralidade de seu objeto. Ainda para esse autor, a questão está em se “[...] pensar uma interdisciplinaridade que seja o fruto de uma *exigência do próprio objeto*, o que pressupõe a explicitação e a definição deste objeto” (MARTINO, op. cit., p. 29, grifo nosso).

Trabalhamos, no processo investigativo aqui descrito, como foi dito, com aquilo a que chamamos *imprensa feminina*. Usamos o termo, de forma genérica, para fazer referência a uma atividade de produção jornalística executada por mulheres, com um direcionamento explícito ao público feminino, na esteira do pensamento de Buitoni (1990; 2009). Numa visão ampla, estamos considerando os produtos da imprensa feminina enquanto produtos culturais, resultados da ação humana no interior dos processos de desenvolvimento da sociedade. Dado que, como visto, os objetos comunicacionais não estão enquadrados num campo fechado de conhecimentos, e que o próprio fenômeno da Comunicação é bem melhor entendido se vinculado a uma perspectiva abrangente, no nível social, então, é natural que os estudos nesse âmbito tendam a situar-se na fronteira com alguns conceitos próprios de outras áreas, mas que lhe servem de suporte: dois conceitos fundamentais, nesse sentido, são os de *cultura* e *sociedade*.

Assim, quando se têm em vista as noções de texto e de comunicação, também, é impossível não estabelecer relações entre elas e a noção de cultura, mais ampla, pois é dentro de um conjunto maior de práticas culturais que se situa a atividade simbólica da comunicação. Desse modo, adotamos para nosso trabalho a ideia de que, embora pesquisemos sobre comunicação, não há como negar as ligações entre a atividade comunicacional e um contexto simbólico maior, que é o da cultura. Toda e qualquer prática comunicacional, sob qualquer de suas formas, apresenta-se como fruto de disposições histórico-culturais, não podendo prescindir de sua inserção nesse contexto maior.

Para embasarmos nossas considerações acerca do fenômeno cultural que representa o produto da imprensa feminina – neste caso, em específico, o *Jornal das Senhoras* – recorreremos à noção de cultura formulada a partir da obra de Raymond Williams (1989). Para nosso escopo, as considerações da área do culturalismo são importantes por considerarem o

campo da cultura – e dos fenômenos nele inscritos – como um fator problemático, em constante tensão e passível de uma abordagem sistêmica a partir da contribuição interdisciplinar de outros campos do conhecimento (CEVASCO, 2003). Nessa perspectiva, tal aporte vincula-se a uma abordagem ampla das atividades comunicacionais empreendidas no domínio social.

Para Williams (1989), em *Culture is ordinary*, seu primeiro texto sobre o assunto, datado de 1958, a cultura pode ser compreendida num sentido amplo. Ela pode referir-se tanto aos modos de vida e de construção das experiências cotidianas no interior de determinada sociedade, quanto aos produtos da criação do espírito humano a partir de sua inscrição num processo de interação com os demais sujeitos de seu meio. Nesse segundo sentido é que podemos compreender a significação de um produto como o forjado pela imprensa jornalística.

Este trabalho preocupa-se com os dois sentidos de cultura referidos por Williams, uma vez que eles são complementares. A partir da assunção do gênero como uma noção analítica, precisamos demonstrar em que sentido se estruturam as redes simbólicas que operam em torno do produto que estamos considerando. Falamos de sociedade, de organização dos modos de vida e das instituições responsáveis pela validação dos discursos que dão sustentação às posições em relação ao gênero: falamos, então, do primeiro sentido de cultura defendido pelo autor, “*a whole way of life*”. Ao mesmo tempo, ao traçarmos um recorte em torno da imprensa e, mais especificamente, em torno do *Jornal das Senhoras*, precisamos compreender esse fenômeno como produto de seu tempo, inscrito nas redes de significação antes aludidas: um produto do processo criativo, para usar os termos de Williams. Não pretendemos chegar necessariamente a respostas fechadas, definitivas. Antes, pretendemos estabelecer um campo de discussão em torno das questões discursivas e culturais inerentes ao *Jornal das Senhoras* e ao contexto no qual ele floresce no Brasil.

Desse modo, os textos da cultura são entidades que se entrecruzam mutuamente dentro de um processo mais amplo, gerando *descontinuidades* e *rupturas* significativas. Williams (2001, p. 69) observa que “[...] os meios de comunicação, tanto como produtos quanto como meios de produção, estão diretamente subordinados ao desenvolvimento histórico”. Em outros termos, a comunicação, como um sistema simbólico dentro da cultura, está em intensa relação com a dinâmica das sociedades e em relação com outros sistemas. Isso significa dizer que nos interessa compreender o desenvolvimento da imprensa feminina brasileira, no que se refere ao periódico já citado, a partir do entendimento do contexto cultural-simbólico no qual esse

evento ocorre. Toda modificação na cultura está subordinada a – e apresenta-se ao mesmo tempo como fruto de – um processo histórico.

Ao propormos um trabalho vinculado à Análise de Discurso, mas que pressupõe uma espécie de inter-relação necessária entre Comunicação, História e Educação, construímos a nossa abordagem a partir de um atravessamento, dos três campos, pela noção analítica do *gênero*. Tal atravessamento implica a consideração do masculino e do feminino como instâncias relacionais privilegiadas na exploração de nosso objeto.

Temos consciência de que a abordagem desse fenômeno comunicacional, dentro de um quadro histórico-cultural que privilegia a análise a partir da noção de gênero, leva-nos, inexoravelmente, à preocupação com a questão do *poder*. Não tomamos, porém, a palavra *poder* em sua acepção generalizada de força ou dominação estatal, tampouco com o sentido único de violência ou coerção física: o poder é compreendido, aqui, na esteira do pensamento de Michel Foucault³ (2012), como uma relação, um atributo que organiza as relações sociais no interior de uma dada comunidade. Para Foucault (2012), o poder não é somente dominação, mas também, e essencialmente, *troca*, e depende igualmente de uma crença partilhada na autoridade. É nesse ponto, em específico, que podemos ancorar a noção de comunicação: os discursos, enquanto processos de *trocas* simbólicas, no interior de uma sociedade, estão atravessados por um componente primordial, que é a relação de poder. No que se refere à imprensa feminina, essa é uma questão crucial. Cardoso (2012), em seu texto *História e poder: uma nova história política?*, explicita as implicações existentes na consideração do poder enquanto ponto de partida para uma visão ampla da história. Para ele, o poder não serve apenas como forma de repressão, mas também como forma de organização do ambiente social, através do uso de saberes. O poder não é um atributo intrínseco de um indivíduo que o exerce: é uma relação. O autor defende que, se as partes em presença, numa dada relação social, não tiverem nada a trocar, não há como entrarem numa relação marcada pelo poder, uma vez que, como mostramos acima, este envolve a existência de trocas simbólicas.

Algumas noções importantes justificam o empreendimento da presente pesquisa. Durante o período de investigação inicial para a delimitação do objeto de estudo deste trabalho, não foi localizado nenhum estudo ou pesquisa que trate especificamente das relações

³ As análises presentes neste trabalho, como dito, são empreendidas à luz dos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa. Entretanto, recorreremos também, em alguns pontos, às contribuições teóricas do filósofo Michel Foucault, em especial no que se refere à ordem do discurso, à ideia de poder e ao conceito de *interdição*. Contamos ainda com as contribuições do filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin, no que respeita ao caráter dialógico da linguagem (questões discutidas no capítulo 3).

entre o *Jornal das Senhoras* e a questão educacional, de forma mais aprofundada. Quando muito, os trabalhos sobre o referido periódico (e estes são muito poucos) limitam-se a inscrevê-lo num contexto de dominação marcada pelo regime do patriarcado, em relação ao qual o jornal adquire sua significação. Além disso, o periódico em questão significa, numa visão diacrônica, um ponto de divisão na imprensa carioca: trata-se do primeiro jornal, na Corte, dirigido por mulheres, num momento em que a elas cabia um papel restrito, obviamente fora do âmbito da vida pública. O recorte operado em relação ao Rio de Janeiro justifica-se pelo fato de a cidade ser, à época, a capital do Império, concentrando as principais ações que contribuíram para o desenvolvimento de nossa imprensa.

Em termos gerais, a pesquisa que aqui se apresenta adquire um conjunto de importâncias que passa por questões teóricas e metodológicas, a saber: (1) o estudo permite o tratamento, de maneira adequada, da investigação sobre a questão de gênero no campo teórico da Comunicação, uma vez que o fenômeno estudado assim o exige; (2) o estudo pode contribuir, de forma significativa, para a complementação do conhecimento existente sobre a história do Jornalismo no Brasil, levando em conta que o recorte operado abrange um período de autoafirmação de uma incipiente indústria jornalística no país⁴; (3) o estudo permite uma compreensão mais aguçada do fenômeno da imprensa feminina e, em especial, das noções históricas vinculadas à educação da mulher brasileira, podendo servir de base para uma série de outras pesquisas ulteriores em torno desse tema; (4) a pesquisa traz importantes dados históricos sobre o periódico *Jornal das Senhoras*, ainda pouco estudado; elucida a sua importância no desenvolvimento da indústria de imprensa no contexto brasileiro, bem como a sua influência para o surgimento e consolidação de outros produtos do mesmo tipo, no país.

A consecução desta pesquisa deve-se, especialmente, à disponibilização do conteúdo completo do *Jornal das Senhoras*, por parte da Fundação Biblioteca Nacional, no sítio eletrônico da Hemeroteca Digital Brasileira⁵. Trata-se de um projeto de extrema significação, que reúne e disponibiliza, gratuitamente, na *internet*, praticamente todo o conteúdo de milhares de títulos (periódicos, revistas, gravuras, cartografias, cartas etc.) que se encontram

⁴ Tal ideia tem base, principalmente, nas considerações de Coelho (1993) acerca do nascimento da indústria cultural, no Brasil. Para o autor, é por volta da metade do século XIX que começa a surgir, em solo brasileiro, uma cultura de consumo possibilitada, especialmente, pelo desenvolvimento industrial. Nesse contexto, adquire grande importância o jornal, como meio de comunicação voltado a um público amplo, cuja produção foi alargada em função do desenvolvimento das tipografias. Assim, consideramos o *Jornal das Senhoras* como estando inserido nesse processo de consolidação da indústria cultural brasileira, embora não seja nosso objetivo, aqui, tecer um estudo em torno das implicações tecno-econômicas dessa questão.

⁵ O acesso à Hemeroteca Digital Brasileira pode ser feito a partir do site da BN Digital (<http://bndigital.bn.br>) ou pela página virtual da própria Hemeroteca (<http://hemerotecadigital.bn.br>). Há uma variedade de critérios de busca por material, e o acervo compreende materiais de diversos gêneros: periódicos, revistas, gravuras, cartografias, cartas etc.

em posse da referida Fundação. Assim, estão disponíveis para consulta as 209 (duzentas e nove) edições do *Jornal das Senhoras*, em sua versão original, o que foi de grande valia para a organização desta dissertação.

Para fins de uma melhor exposição do percurso e dos resultados da pesquisa, o trabalho foi dividido em quatro capítulos, que dão conta de explicar tanto as questões relativas ao processo cultural com o qual estamos lidando como aquelas relativas ao produto, o periódico. Para que se tenha clara a caracterização deste estudo, de um modo geral, apresentamos a seguir a natureza das partes que o compõem, tecendo um relato sintético das noções às quais se chega a partir de sua leitura.

O primeiro capítulo traz uma discussão sobre a noção de *discurso* defendida nesta pesquisa, a partir de seu entrelaçamento com a noção, mais ampla e ao mesmo tempo esclarecedora, de poder. Neste capítulo, descrevemos os conceitos teóricos fundamentais da Análise de Discurso de linha francesa que fornecem suporte para a consecução da pesquisa. Procuramos demonstrar esses conceitos como interligados entre si. O discurso é mostrado como um fator que permite compreender como a ideologia é reproduzida no meio social, e como os indivíduos são interpelados pelos componentes ideológicos existentes numa dada formação discursiva. A explicação acerca da subjetividade põe em xeque a ideia de constituição do sujeito do discurso. Além disso, de modo especial, discutimos os dois conceitos fundamentais que direcionam este trabalho, relativas à ideia de *sentido*: a paráfrase e a polissemia. A ideia é mostrar que os discursos não são uma criação *ex nihilo*, mas se apresentam como construtos simbólicos, condicionados pelo contexto histórico-social e pelas redes de significação nas quais os sujeitos se inserem.

A questão da diferenciação atribuída às categorias do masculino e do feminino, enquanto construtos culturais, socialmente constituídos, é explicada, no segundo capítulo, com o auxílio de um aparato teórico concernente à questão do gênero e aos modelos simbólicos que dão suporte à distinção decorrente dessa mesma questão no ambiente social. A intenção, aqui, é tecer uma explanação acerca dos dados históricos relacionados à questão do gênero a partir de uma rede de conceitos que permitam melhor compreendê-los, numa perspectiva abrangente. Um recorte conceitual fundamental é empreendido neste capítulo: trata-se de um recorte operado em favor do entendimento da noção de *patriarcado*, enquanto sistema de dominação-exploração, sustentáculo dos discursos sobre o gênero no meio social, não raro com direção a uma inferiorização do elemento feminino e a sua subordinação ao elemento masculino. São compreendidas as implicações históricas do surgimento e desenvolvimento do patriarcado (com destaque para o caso brasileiro), bem como a sua

natureza enquanto fenômeno que perpassa todo o corpo social, não apenas as relações domésticas.

Neste capítulo, também tratamos do contexto simbólico no qual o *Jornal das Senhoras* ganha significação. São analisadas, neste ponto, as representações culturais vinculadas aos homens e às mulheres no arranjo cultural do Rio de Janeiro, na década de 1850 (e, de um modo mais geral, no período que compreende o Segundo Reinado). Destacamos os quatro papéis principais ligados à mulher, os quais servem como categorias para a análise posterior: *filha, esposa, mãe e dona de casa*⁶. Também neste capítulo, exploramos as noções vinculadas àquele recorte ao qual nos referimos anteriormente, qual seja, a situação da mulher brasileira de meados do século XIX, no que concerne ao tema da *educação*. Demonstramos, nesta etapa da explicação, o modo como se delineava a educação feminina do período: questões como a participação efetiva nos ambientes escolares, as políticas públicas voltadas para a educação da mulher e o resultado social da conjunção entre o feminino e o educacional. Além disso, tendo em vista a consideração que fazemos do fenômeno da educação num sentido amplo, admitimos também, como outro aspecto importante para a compreensão das relações entre a mulher, o saber e a cultura, as práticas de leitura e escrita com as quais os grupos femininos se relacionavam. Neste ponto, demonstramos o papel exercido pela literatura do período na aproximação entre a mulher e o conhecimento. Ao fim dessa etapa, construímos um quadro geral que permite explicar as principais questões históricas e simbólicas que mantêm relação com aquele objetivo principal declarado pelas redatoras do *Jornal das Senhoras*, qual seja: contribuir para a emancipação intelectual da mulher.

O terceiro capítulo é dedicado inteiramente à apresentação do *Jornal das Senhoras*, de sua caracterização enquanto periódico e dos temas gerais que são tratados pelo jornal. Destacamos a atenção dada, nas páginas do hebdomadário, a temas como moda, salões, literatura, entre outros que, à época, configuravam-se como elementos de extrema importância para se pensar a inserção da mulher no circuito social. Aqui, também, são feitas considerações acerca da posição ocupada pelo periódico no quadro geral da imprensa feminina brasileira: são observados os títulos que, antes e depois do jornal de Joanna Paula Manso de Noronha, perfizeram o percurso da indústria jornalística produzida por e para mulheres, no Brasil.

O quarto capítulo da pesquisa compreende a explanação de um percurso teórico-metodológico de trabalho a partir do qual são destrinchadas as questões gerais que o periódico

⁶ As quatro categorias citadas referem-se às representações mais comumente relacionadas (na literatura consultada) à mulher brasileira do século XIX. A delimitação de tais categorias tem base, especialmente, em Freyre (2004a; 2004b), Huhner (1978; 1981), Barman (2005) e Ximenes (2011).

estudado engloba, sob o tema amplo da *instrução feminina*, de sua *emancipação intelectual* e da influência desses fenômenos para o *desenvolvimento* da sociedade como um todo. Trata-se de uma etapa de nosso texto na qual é caracterizado o percurso de operacionalização da investigação do objeto, demonstrando-se a Análise de Discurso como um aparato que engendra tanto um conjunto teórico quanto um direcionamento metodológico para a prática de análise.

Por fim, neste mesmo capítulo, é empreendida uma análise discursiva do material selecionado das edições do periódico, qual seja, os segmentos discursivos que se referem à relação entre o tema da educação/ilustração feminina e as representações culturais concernentes à mulher: *filha, esposa, mãe e dona de casa*. Assim, neste ponto, as ferramentas analíticas fornecidas pela Análise de Discurso são arroladas, no sentido de balizar a nossa análise dos textos do jornal. Todo o percurso traçado anteriormente, enquanto material de explanação contextual, serve para validar a análise empreendida neste momento do trabalho. Porque o discurso é sempre marcado, de modo indelével, pelas disposições do contexto, pelas representações que dão suporte à existência da discursividade no meio social. Assim, o exame das condições femininas, no Brasil da metade do século XIX, operado anteriormente, é útil, neste momento, para que se tenha em mente o jogo representacional exercido pela cultura na definição e delimitação dos papéis concernentes ao homem e à mulher, e na elaboração de seus discursos. É nesses níveis, o cultural e o discursivo (apenas no que concerne aos elementos supracitados), que pretendemos atuar, examinando a sua caracterização no contexto específico que perseguimos: o Rio de Janeiro de meados dos anos oitocentos.

Após todo um trabalho de delimitação temporal, conceitual e de explicação da natureza discursiva referente aos textos do *Jornal das Senhoras*, empreendemos uma discussão dos resultados obtidos nas análises. Valendo-nos das vantagens oferecidas pelo modelo indutivo, procuramos traçar uma leitura dos resultados encontrados à luz das disposições teóricas fornecidas pelo quadro conceitual da Análise de Discurso e das questões vinculadas à noção de gênero, que se faz presente em todo o trabalho. Aqui, pois, são retomadas as considerações anteriormente traçadas como um material que auxilia a compreensão dos resultados alcançados com a operacionalização da pesquisa, em busca do processo discursivo referente aos textos do jornal.

Iniciemos, então, esse percurso investigativo, começando pela explicitação dos construtos teóricos que servem de base ao nosso estudo, a partir da consideração da natureza da Análise de Discurso.

1 A ANÁLISE DE DISCURSO: QUESTÕES TEÓRICAS

O objetivo principal deste estudo, conforme já explicitado, é identificar, no discurso veiculado pelo *Jornal das Senhoras*, pistas que possam indicar a ruptura e/ou a continuidade de sentidos em relação à temática da educação feminina, ou seja, observar em que medida o jornal rompe com os discursos correntes à época ou os reafirma, num processo de reprodução. Como deve ter ficado claro, o trabalho é atravessado, todo ele, pela noção analítica de *gênero*, que nos fornece, ao lado de uma teoria sobre a questão do discurso, possibilidades de compreensão dos textos do periódico.

A consideração dos processos de gênero, no interior da cultura, requer uma atenção especial para os discursos relativos a esses processos. Assim, a forma mais adequada encontrada para a consecução do trabalho aqui proposto foi uma análise do material textual do *Jornal das Senhoras* a partir do arcabouço teórico fornecido pela Análise de Discurso de linha francesa⁷. Apresentando-se como uma ciência que articula objetos discursivos como seu foco, sendo um campo prolífico para a compreensão do fenômeno na sociedade, a Análise de Discurso mostra-se como uma base eficaz para o alcance dos objetivos a que se propõe este estudo. Ela está preocupada em explicar como os sentidos são constituídos no interior dos processos sociais, partindo para tanto da noção de *discurso*.

O componente discursivo é uma referência fundamental para que se tenha claro o processo de conformação das posições sociais e, de forma bastante significativa, no que concerne aos papéis de gênero. É por meio de construções discursivas, baseadas em relações de poder, que o processo de perpetuação da dominação do masculino sobre o feminino pode ser engendrado e posto em desenvolvimento. Isso se deve ao fato de que a linguagem, como um elemento ordenador do conjunto social, tem sua importância enquanto ponto de partida para a análise das relações que se estabelecem entre os gêneros – construídos e reafirmados por meio da linguagem – no interior das sociedades, através do funcionamento das ideologias.

Assim, a noção de discurso mostra-se como um fator capital no estudo de uma dada conjuntura sociocultural, tendo em vista que o discurso é aqui admitido como um elemento que surge na intersecção entre a linguagem e a ideologia e, para ser mais didático, entre a linguagem e a história. A nosso ver, como fica demonstrado mais à frente, a Análise de Discurso de linha francesa representa tanto uma elaboração de natureza teórica, enquanto uma

⁷ Complementarmente, são tomadas também algumas contribuições teóricas de Michel Foucault, no que respeita à ordem do discurso, e de Mikhail Bakhtin, com suas considerações a respeito da dialogicidade da linguagem e das relações entre os discursos no meio social.

teorização sobre o fenômeno do discurso e da constituição de seus sentidos, quanto um modelo que permite a construção de um dispositivo analítico para a caracterização e análise desses fenômenos e de suas implicações (ORLANDI, 2009). Em função disso, consideramos imprescindível demonstrar as características gerais que marcam a ciência, como forma de atestar a pertinência de seus conceitos e modos de trabalho para os fins da presente pesquisa. No tópico seguinte, fazemos uma sintética demonstração do percurso histórico da disciplina, o que julgamos altamente necessário para o seu adequado entendimento.

1.1. Constituição e caracterização da Análise de Discurso

A Análise de Discurso constituiu-se, enquanto disciplina, a partir da confluência de três perspectivas teóricas que, cada uma a seu modo, foram responsáveis por uma modificação significativa no horizonte do pensamento científico do século XX. Falamos da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise. Demonstramos, em linhas gerais, o papel exercido por cada uma dessas perspectivas na constituição da disciplina, e o modo como elas se entrecruza(ram) nesse processo (MUSSALIM, 2003).

O início do século XX marcou, a despeito de uma série de acontecimentos e mudanças de ordem política e econômica nos mais diversos países do ocidente (basta lembrar que, entre 1914 e 1918, o planeta assistiu à Primeira Guerra Mundial e, já em 1917, ao eclodir da Revolução Russa), o florescimento da Linguística no campo científico. Foi nessa época que, graças às contribuições e formulações do suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913)⁸, a língua foi alçada ao nível de objeto científico, passando a figurar, no mundo do conhecimento, como uma realidade observável, descritível e analisável a partir de certos critérios objetivos e por meio de um método sistemático de desvendamento de sua natureza.

Conferindo, pois, um estatuto de cientificidade aos estudos linguísticos, Ferdinand de Saussure concebia a língua em termos de um sistema dotado de regras próprias, atravessado por uma regularidade que permitia a sua apreensão enquanto objeto de estudo da ciência. A língua, como uma estrutura (daí que o conjunto das formulações saussurianas seja considerado como fundador do *estruturalismo linguístico*), é um fenômeno autônomo que

⁸ Referimo-nos, especialmente, à obra póstuma *Cours de linguistique générale* [Curso de Linguística Geral], lançada em 1916 por dois dos alunos de Ferdinand de Saussure: Charles Bally e Albert Sechehaye. Trata-se, na verdade, de anotações feitas por alunos de Saussure, a partir dos três cursos por ele ministrados Universidade de Genebra, durante cinco anos, conforme indica Altman (2013). “Consagrado pelos manuais de história da Linguística como o grande revolucionário do século XX em matéria de estudos linguísticos, e quase unanimemente apontado como o responsável pela formação de um novo paradigma em ciências da linguagem [...] Saussure atingiu, para as gerações que o sucederam, o estatuto de fundador da disciplina linguística ‘moderna’, *stricto sensu* (ALTMAN, 2013, p. 22).

possui leis próprias: a língua, na visão saussuriana, estrutura-se a partir de oposições binárias sistemáticas, sendo a distintividade o seu principal elemento. Um signo só designa um certo elemento concreto justamente porque não designa um outro: ao signo linguístico corresponde, por uma lei interna, um *não signo* ou, em outras palavras, aquilo que representa a sua exterioridade (SAUSSURE, 2006; MUSSALIM, 2003).

O método proposto por Saussure para a apreensão do objeto linguístico encerra algumas evidências importantes para a compreensão da natureza de nosso estudo. No intento de conferir um caráter científico ao estudo do fenômeno da língua, o teórico suíço restringiu suas formulações à consideração do caráter abstrato da linguagem, justamente a língua, reconhecida enquanto um sistema, entidade autonomamente regulada e, portanto, infensa às variações observáveis quando da consideração da realização concreta da linguagem na sociedade, por meio da ação dos falantes. A partir da distinção dicotômica clássica entre *langue* (língua, nível sistêmico) e *parole* (fala, nível individual, variável), rejeitava-se esse segundo aspecto, a fala (MUSSALIM, 2003).

Isso significa dizer que, quando da publicação do *Cours de Linguistique Générale*, as condições de produção da linguagem não emergiram como um fator de grande importância. Para dotar a Linguística de cientificidade, como bem observou Orlandi (1994), Saussure precisou eliminar a fala e os processos individuais/interacionais de utilização da língua, sujeitos a variações, para centrar sua atenção na língua enquanto uma entidade fechada, dotada de regras próprias e estruturada a partir de oposições constantes e sistemáticas. Assim, não obstante considerasse a natureza social da língua, o teórico suíço não dispensou atenção aos modos concretos da realização linguística e, conseqüentemente, à ideia de contexto (SAUSSURE, 2006). Eis o quadro que serviu de base para o início do percurso da ciência linguística.

A Linguística estrutural tornou-se um padrão para a definição do caráter científico nas ciências humanas, e forneceu um aporte teórico e metodológico fundamental para o avanço do pensamento em outras áreas do conhecimento, tais como a antropologia, a sociologia e a própria filosofia. Isto se deveu, especialmente, a um entendimento cada vez mais crescente, à época, de que a linguagem é um elemento estruturante das relações sociais e históricas. Por esse motivo, pois, os modelos traçados pela ciência linguística foram responsáveis por oferecer novas visões e novas perspectivas de trabalho para várias disciplinas. E foi justamente esse caráter modelar que levou a Linguística a ocupar a posição de *ciência piloto* no âmbito das ciências humanas e sociais, algumas décadas após o seu surgimento, já nos anos 1950-1960. “A Linguística, assim, acaba por se impor, com relação às ciências humanas,

como uma área que confere cientificidade aos estudos, já que esses deveriam passar por suas leis [...], em vez de agarrarem-se diretamente a instâncias socioeconômicas” (MUSSALIM, 2003, p. 103).

É nesse momento, então, que a Análise do Discurso surge no horizonte científico do século XX, com a proposta de se constituir num modelo alternativo para a compreensão da natureza da linguagem e de seu funcionamento no seio social, e de superar as contradições até então existentes no âmbito da própria Linguística. Numa operação conjunta com o Marxismo e com a Psicanálise, a Linguística dá lugar a uma nova teoria que, para além da mera consideração do caráter estrutural da língua ou dos elementos internos que a compõem, no nível da frase, compreende a importância e significação de outro componente: *o discurso*.

Como sabemos, a Linguística, para se constituir, exclui o sujeito e a situação (o que chamamos exterioridade), e as Ciências Sociais não tratam da linguagem em sua ordem própria, de autonomia, como sistema significante, mas a atravessa em busca de sentidos de que ela seria mera portadora, seja enquanto instrumento de informação ou de comunicação. Em suma, a Linguística exclui a exterioridade, e as Ciências Sociais tratam a linguagem como se ela fosse transparente. A Análise do Discurso, por seu lado, ao levar em conta tanto a ordem própria da linguagem como o sujeito e a situação, não vai simplesmente juntar o que está necessariamente separado nessas diferentes ordens do conhecimento. Ao contrário, ela vai trabalhar essa separação necessária, isto é, ela vai estabelecer sua prática na relação de contradição entre esses diferentes saberes. Desse modo, ela não é apenas aplicação da Linguística sobre as Ciências Sociais ou vice-versa. A Análise do Discurso produz realmente outra forma de conhecimento, com seu objeto próprio, que é o discurso. Este, por sua vez, se apresenta como o lugar específico em que podemos observar a relação entre linguagem e ideologia (ORLANDI, 1994, p. 53).

Tal ruptura abriu caminho para a incursão, no ambiente científico, da noção de discurso, tal como já a destacamos: o discurso como uma disposição prática que articula a linguagem, em sua realização concreta, textual, com as disposições histórico-ideológicas que lhe condicionam, isto é, a articulação entre linguagem e ideologia. É nesse substrato, o ideológico, que reside a principal contribuição do marxismo nos inícios do desenvolvimento da Análise de Discurso, a partir do materialismo histórico.

O primeiro passo para a elaboração de uma *identidade teórica* do discurso, tal como ele é compreendido no âmbito dos estudos discursivos, foi dado por Michel Pêcheux (1938-1983), filósofo francês responsável pela introdução, no domínio da ciência, de uma noção de discurso que articulava questões linguísticas e ideológicas. Utilizando-se largamente das considerações de Louis Althusser, Pêcheux defendia o discurso como um construto social que não dependia unicamente do falante/enunciador; para além disso, o discurso implicaria, obrigatoriamente, a inserção dos indivíduos falantes numa ordem histórica e ideológica

determinada, que lhes forneceria as bases para o uso da linguagem e, conseqüentemente, da produção discursiva. O discurso seria, então, a forma pela qual a ideologia é manifestada na materialidade da linguagem. O sentido de qualquer discurso, longe de ser algo pré-estabelecido, dado *a priori*, seria sempre construído de acordo com as disposições socioculturais e de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos no momento da enunciação (ORLANDI, 2009; MUSSALIM, 2003; BRANDÃO, 2004).

Nesse sentido, Pêcheux propunha uma análise automática do discurso, a partir da qual seria possível observar o funcionamento de uma espécie de maquinaria discursiva capaz de, pela ação da ideologia, possibilitar a produção dos discursos por parte dos sujeitos. Nesse período, que a literatura historiográfica convencionou definir como sendo uma primeira fase da Análise do Discurso (AD-1), foi o materialismo histórico a concepção que mais influenciou o pensamento de Pêcheux: tal fase esteve marcada, sobretudo, pelo desvendamento do caráter ideológico que marca a utilização da linguagem na cultura.

É no que tange ao componente ideológico, então, que o Marxismo fornece um aparato interessante ao processo de constituição da Análise de Discurso enquanto disciplina, especialmente no que diz respeito às formulações marxistas de Louis Althusser (1918-1990): desse autor, toma-se a noção de *ideologia* como um componente essencial para se pensar a relação língua-discurso-sociedade. Althusser (1970) compreende a ideologia como um elemento que possui a capacidade de interpelar os indivíduos, transformando-os em sujeitos e incorporando-os no âmbito de discursos responsáveis pela manutenção ou reprodução de ordens sociais. A ideologia, para Althusser, agiria guiando as práticas dos indivíduos na sociedade, dando-lhes certo sentido de existência. É através do reconhecimento de si mesmo enquanto ser pertencente a uma dada ordem cultural que o indivíduo passa a assumir uma dada *posição* no interior da estrutura, inscrevendo-se em seu circuito.

Defendendo a concepção de que a ideologia encerra, sempre, posições de classe (seja ela uma ideologia moral, religiosa, civil etc), no projeto de um materialismo histórico, Althusser desenvolve duas teses fundamentais para explicar a sua compreensão acerca dos componentes ideológicos de uma formação social: a) a ideologia representa uma relação imaginária dos indivíduos com as relações sociais que governam as suas condições reais de existência; b) a ideologia tem uma existência material, principalmente porque se expressa, no meio social, a partir de práticas perpetradas pelos sujeitos. Além disso, como já foi demonstrado, a ideologia materializa-se, na sociedade, através dos discursos, e estes, como frutos da linguagem, são materiais por natureza. Como conclusão de suas ideias, o autor defende que “1 – só existe prática através e sob uma ideologia; 2 – só existe ideologia através

do sujeito e para os sujeitos” (ALTHUSSER, 1970, p. 91). Ainda, a concepção althusseriana de ideologia articula dois conceitos importantes que dizem respeito ao modo como as condições de produção e as relações sociais são reproduzidas: trata-se dos conceitos de Aparelho Ideológico do Estado (AIE) e Aparelho Repressivo do Estado (ARE). Brandão (2004) explica que, para Althusser, tanto os aparelhos repressivos como os ideológicos estão enquadrados em estratégias de reprodução/perpetuação das condições ideológicas e materiais de exploração. Nesse sentido, os Aparelhos Repressivos do Estado englobam instituições como o Exército, o próprio aparelho governamental, a polícia etc. Já os Aparelhos Ideológicos do Estado dizem respeito a instituições responsáveis pela reprodução simbólica das condições socioculturais, tais como a escola, a igreja, a família, a mídia etc. Há, portanto, para ele, discursos institucionais diretamente envolvidos no processo de interpelação dos sujeitos pela ideologia.

Orlandi (2009), comentando a pertinência da noção de ideologia para o campo da Análise de Discurso, explica que a presença do componente ideológico na produção discursiva pode ser verificada pelo próprio fato de que não pode haver sentido sem compreensão. É o contexto social e, portanto, ideológico, que permite ao sujeito enunciar, e assim dotar seus enunciados de possibilidades de significação. Entretanto, a inscrição do dizer no âmbito ideológico não se apresenta, para os sujeitos, como algo dado, claro: a ideologia tem como função produzir *evidências imaginárias*, isto é, produzir sentidos que se apresentam aos indivíduos como já estabelecidos, muitas vezes como realidades imutáveis, dogmáticas. A autora defende a ideologia enquanto prática significante, sendo ela um efeito da relação entre o sujeito, a língua e as condições históricas que lhe fornecem determinadas posições e que lhe autorizam a formulação discursiva. Para Orlandi (ibidem, p. 48), “o efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito”, o que ratifica a ideia de interpelação do sujeito por formações ideológicas, colocada por Althusser (guardadas as especificidades de cada uma das duas abordagens).

Foram essas as noções fundamentais referentes à ideologia que forneceram respaldo para as formulações desenvolvidas quando da constituição de uma teoria do discurso. É importante que tenhamos em mente o seguinte: as formulações althusserianas acerca da ideologia, tal como foram tomadas num primeiro momento da Análise de Discurso, foram reformuladas e já não constituem, na atualidade, o mote da disciplina: a visão restritiva do conceito althusseriano de ideologia, em termos de sua forte ligação à ideia de classe social dominante/dominada, encontra-se superada. Ao divagarmos, aqui, sobre essa noção, estamos apenas operando uma visada histórica, no intuito de compreender a natureza e o processo de

constituição disciplinar da Análise de Discurso. O mesmo vale ser colocado para a contribuição da próxima área à qual fazemos referência: a Psicanálise, que não é um construto teórico de base para este trabalho, mas serve aqui como elemento que permite explicar o surgimento da Análise de Discurso.

Outro campo, pois, que cooperou para o surgimento e desenvolvimento da Análise de Discurso e que, de um modo geral, atravessou praticamente todo o seu conteúdo, foi a Psicanálise, especialmente como a vemos formulada nos trabalhos de Jacques Lacan, com a sua teoria acerca da constituição do sujeito. A ideia do psicanalista, de que o sujeito é sempre marcado pelas disposições de seu inconsciente e atravessado pelo discurso do(s) outro(s) (pai, mãe, sociedade, religião etc.), foi fundamental para sustentar as formulações teóricas que deram origem à Análise de Discurso, com seu projeto de explicitação do caráter não autônomo do sujeito em relação aos discursos que veicula.

A psicanálise lacaniana apresenta-se, também, como fruto de influências fornecidas pela Linguística estrutural fundada por Saussure, uma vez que Lacan compreende o sujeito como sendo atravessado pela linguagem. A ideia de inconsciente, com a qual ele trabalha, sustenta-se na e pela linguagem (ELIA, 2010).

De acordo com a psicanálise lacaniana – e esse é um ponto de extrema importância para as formulações teóricas da Análise de Discurso –, o sujeito é demarcado sempre em relação a um Outro, um elemento de sua exterioridade que é ao mesmo tempo constitutivo de sua natureza. É a partir da noção de inconsciente que se pode conceber o Outro constitutivo do Eu: o inconsciente é constituído pelos discursos do pai, da mãe, do meio social e de quaisquer outros discursos reguladores. Podemos identificar, nesse ponto, uma relação com o *superego* freudiano, uma das instâncias de formação da personalidade. Em Lacan, o inconsciente, como resultado da linguagem e de discursos velados, pode ser *lido* como um resultado da ação da ideologia, no sentido que a apresentamos anteriormente: é a ideologia que interpela os indivíduos em sujeitos, do mesmo modo como disposições inconscientes oferecem-lhe certas posições a assumir. Os sentidos *prontos* presentes no inconsciente, anteriores e exteriores ao indivíduo, não são acessíveis à consciência, mas atuam como elementos de regulação de seu discurso. Assim, Lacan defende a exterioridade simbólica do inconsciente e a sujeição ao(s) discurso(s) (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 44).

No âmbito da Análise de Discurso, a língua é considerada sempre em relação ao contexto histórico-social-ideológico no qual se dá o seu funcionamento concreto. Nesse sentido, a linguagem é tomada sempre em conjugação com as ideologias do meio social. É no binômio “linguagem-ideologia”, pois, que se instaura o poder. Assim, fica claro que o grande

objeto da Análise de Discurso não é a língua (objeto da Linguística), tampouco o meio social em sua complexidade (objeto das Ciências Sociais), mas um fenômeno que se coloca no entremeio dessas duas vertentes, sem estar subordinado a nenhuma delas: o *discurso*. Assim, não se considera a língua unicamente em sua forma, mas também em sua função, marcada pelas disposições de um contexto social em que a ideologia assume importante lugar.

A ideia de entremeio é defendida por Orlandi (1994), e tem a ver com o caráter inerentemente interdisciplinar que marca o espaço constituído pela Análise de Discurso. Esta, longe de focalizar apenas as regras de funcionamento interno da língua, restringindo-se unicamente ao Weedwood (2002) chama de Linguística *stricto sensu*, adquire sua especificidade a partir de uma relação mútua e cooperativa com várias das ciências sociais e das ciências humanas. Trabalhando com a noção de discurso, que envolve tanto a língua como o seu contexto histórico-político-ideológico, a Análise de Discurso opera numa região fronteiriça, não sendo possível furtar-se a esse intercâmbio necessário (ORLANDI, 1994).

Orlandi (2001, 2009) defende, para os trabalhos que se articulam com as perspectivas da Análise de Discurso, a necessidade de distinção entre dois dispositivos específicos, importantes, cada um a seu modo, para o alcance dos objetivos a que se propõe o analista: o *dispositivo teórico* e o *dispositivo analítico*. O primeiro refere-se ao conjunto de noções e conceitos que o analista mobiliza e considera como necessários para a realização de sua(s) análise(s): trata-se das noções teóricas postas em disponibilidade pela Análise de Discurso e/ou por outras áreas às quais o trabalho se vincula, e cada estudo pode privilegiar algumas noções em detrimento de outras, a julgar pela natureza do trabalho investigativo que é empreendido. O dispositivo teórico deve partir do discurso como uma noção basilar. Já o dispositivo analítico, por sua vez, é construído também em relação a essa teoria, mas de forma singular em cada movimento investigativo, a partir das questões norteadoras que o guiam e do campo disciplinar ao qual o trabalho está vinculado. Diz Orlandi (2001, p. 52), “através do dispositivo analítico [...] o analista vai formular os resultados no batimento entre descrição e interpretação”. O dispositivo analítico refere-se, portanto, ao modo como é formulado o percurso prático da análise, suas características e seus procedimentos. A seguir, começamos por expor nosso dispositivo teórico, com a demonstração das noções da Análise de Discurso que mais apresentam importância para nosso trabalho; mais à frente, complementamos esse quadro teórico, ao explicitar outras noções importantes para a pesquisa, como as de gênero e *patriarcado*, por exemplo.

1.2. O (inter)discurso e suas implicações

A Análise de Discurso é um espaço inerentemente interdisciplinar, uma vez que, longe de focalizar apenas as regras de funcionamento interno da língua, restringindo-se unicamente ao que Weedwood (2002) chama de Linguística *stricto sensu*, adquire sua especificidade a partir de uma relação mutuamente cooperativa com várias das chamadas ciências sociais e humanas. Trabalhando com a noção de discurso, que envolve tanto a língua quanto o seu contexto histórico-político-ideológico, a Análise de Discurso opera numa região fronteiriça, não podendo furtar-se a esse intercâmbio necessário (ORLANDI, 1994).

Para Pêcheux (1995), a língua precisa ser observada em relação ao seu funcionamento, isto é, como elemento que possibilita interações comunicacionais e trocas de ordem simbólica. Todo texto comporta uma estrutura, uma materialidade linguística que lhe confere a natureza textual. Tal materialidade, pois, deve sempre ser vista em relação a uma realidade exterior, considerada não apenas como unidade linguística, mas como fato de linguagem. “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (PÊCHEUX, 2006). É aí que se instaura a noção de acontecimento discursivo. Em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux (1995) observa essa relação em termos de uma diferenciação (mas não oposição) entre a base (linguística) e o processo (discursivo-ideológico) envolvidos na comunicação verbal. Os processos discursivos desenvolvem-se sobre a base de leis internas às quais está submetido o sistema linguístico, enquanto conjunto ordenado de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas.

[...] os princípios teóricos que ele [Pêcheux] estabelece se alojam não em regiões já categorizadas do conhecimento mas em interstícios disciplinares, nos vãos que as disciplinas deixam ver em sua articulação contraditória. Aí ele faz trabalharem os procedimentos da Análise de Discurso na (des)construção e compreensão incessante de seu objeto: o discurso (ORLANDI, 2006, p. 7).

Reconhecemos que essa exterioridade da qual tratamos não encerra um ambiente único ou um conjunto homogêneo de situações: o discurso é produzido e veiculado em ambientes distintos, com implicações distintas. Em decorrência disso, a Análise de Discurso oferece grande espaço para a noção de *formação discursiva*. Uma formação discursiva é responsável, num dado momento histórico, por fornecer as condições de exercício da produção de sentidos. Cada discurso é único, dependendo das formações discursivas que lhe são subjacentes: um mesmo enunciado pode adquirir vários sentidos, quando produzido numa

ou noutra formação discursiva. A defesa de Pêcheux (1995) recai sobre o fato de que o sentido de uma palavra, proposição etc. não existe em si mesmo, numa relação transparente com a forma significante. O sentido é determinado, sempre, pelas posições que estão em jogo no interior do processo histórico-social no qual essa palavra ou proposição está sendo articulada.

Não há, portanto, um sentido *já lá*, um *sempre lá*, mas há sentido(s) que se altera(m) e que é (são) recriado(s) por meio da linguagem e por meio das disposições contextuais que lhe dão sustentação (ORLANDI, 2009). Aqui, em lugar de preponderar a temática da ideologia, num processo que revela a dominação de uma classe social por outra (materialismo histórico), adquire relevância a consideração das diversas formações socioculturais em que um mesmo discurso pode ser produzido, sempre com sentidos específicos autorizados por essas mesmas formações. Assim, não há uma determinação no que se refere a uma imposição da ideologia da classe dominante, como defendia Althusser, mas uma determinação no sentido de que contextos específicos condicionam a existência e a circulação de discursos também específicos.

A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre-interpretação antecipadora (PÊCHEUX, 2006, p. 56).

O fato, porém, de admitirmos que todo discurso é único (discurso como acontecimento), a julgar pela especificidade que constitui cada enunciação em decorrência de seu contexto histórico e ideológico, não significa dizer que um discurso não possua relação com outros discursos. Muito pelo contrário: um discurso sempre está em relação com outros, e isso é o que se chama *interdiscurso*. Aqui, é também Michel Foucault um autor de enorme relevância para os estudos do campo. No livro *A ordem do discurso*, resultado de sua aula inaugural proferida no Collège de France, em 1970, ele traz o esboço geral do que seria a sua teorização acerca do discurso e sobre a pertinência deste para a compreensão do funcionamento da sociedade. Em Foucault (1999), vemos a ideia de interdiscurso explorada em termos de um *já dito* (expressão colocada pelo autor): um determinado discurso, posto em circulação por um determinado sujeito, num determinado momento histórico, mantém sempre relação com outros discursos já produzidos em outros momentos, numa relação em que se pressupõe a existência de já ditos, de uma *voz sem nome* que fala antes, sempre. Diz-se que há um diálogo entre discursos presentes e passados, pois não é possível conceber a formulação

de um discurso original, adâmico, uma vez que é necessário reconhecer que outras vozes, anteriores ou não, fazem-se presentes no momento de uso da linguagem em certo contexto. Como mostra Foucault (1999), os seres humanos são seres de sociedade e, assim, mostram-se enquanto produtos de sua origem histórico-social: as ideias, os textos são produtos de uma história, de um contexto e, portanto, de uma memória própria do discurso⁹.

Aqui, julgamos fundamental abrir um parêntese para a explicitação do pensamento de outro autor que se dedicou a explorar essa relação entre os vários discursos existentes na sociedade, e que tem hoje servido de base para muitas pesquisas em Análise de Discurso: Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975). De acordo com o ponto de vista defendido por Bakhtin (2009, 2010), a principal propriedade da linguagem, em seu funcionamento real, é a dialogicidade: um enunciado (unidade comunicativa) estabelece-se sempre como um elo a mais numa cadeia discursiva que o envolve. Para Bakhtin, as unidades significativas da língua – a palavra, a oração – não possuem sentido em si mesmas. Elas só adquirem sentido quando alçadas ao nível do enunciado, isto é, quando utilizadas num dado contexto e quando admitindo a existência de um destinatário possível e a sua relação numa cadeia de comunicação em que se pressupõem interlocutores precedentes e subsequentes. Uma vez, portanto, que a linguagem é um fenômeno constitutivamente dialógico e de natureza social, o sentido de um enunciado pode ser visto como um elemento que se constitui fundamentalmente no confronto, na oposição de vozes que se chocam no meio social. Conforme Fiorin (2006), ao comentar a obra de Bakhtin, a relação do sujeito com a realidade não é direta, mas mediada pela linguagem, o que significa que o mundo nos é apresentado por meio dessa mesma linguagem, enquanto formas semiotizadas. Assim, um discurso sempre existe em relação a outro, numa cadeia dialógico-discursiva. Uma vez que o dialogismo é uma dimensão originalmente constitutiva do enunciado, todo ato comunicativo é dialógico por natureza. Assim, todo enunciado existe em relação com outros discursos que o precedem (e que o sucedem, tendo em vista a ideia de uma cadeia discursiva). Trata-se, então, de uma noção de grande abrangência, que remete à própria condição da existência da linguagem no meio social.

Foucault (1999), então, propõe que os discursos e seus significados sempre existirão encadeados a outros, formando-se, assim, um elo discursivo que não tem começo nem fim,

⁹ Vale destacar que o sentido de *discurso* proposto por Pêcheux insere-se no projeto de um materialismo histórico, o que não acontece em Foucault. Desse modo, conquanto consideremos aqui ambas as perspectivas, atemo-nos especialmente ao que os autores defendem no que se refere à relação entre os discursos no meio social (a perspectiva do interdiscurso/já dito), mas consideramos justa a ressalva acerca das distintas posições a partir das quais eles enunciam.

mas que se encontra inscrito na história e por ela condicionado, independentemente dos sujeitos falantes. Tal ideia vai diretamente ao encontro do pensamento bakhtiniano.

Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (FOUCAULT, 1999, p. 5-6).

Pêcheux (1999) trata essa questão pensando a existência de uma rede de significações “implícitas” que se fazem necessárias para a compreensão de um discurso qualquer: são os discursos outros, uma vez que um acontecimento discursivo mantém sempre relações com outros, numa cadeia, já que não existe o ponto primeiro a demarcar o início dessa mesma cadeia. A memória discursiva articula, assim, uma alteridade discursiva necessária, uma pluralidade de sentidos, que retornam a todo momento para a construção de novas formas de significação e para possibilitar a existência de uma continuidade discursiva, do andamento do processo da linguagem.

[...] o interdiscurso – a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça um lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem (ORLANDI, 2009, p. 54).

O interdiscurso pode ser entendido, pois, como o ponto de coexistência de duas ou mais formações discursivas. O interdiscurso é a fronteira na qual se opera o encadeamento dos discursos existentes na sociedade, antes e agora, passado e presente.

O recurso à noção de discurso, pois, abre a possibilidade para uma exploração do fenômeno que dê conta de articular, simultaneamente, a instância textual (como forma de registro do pensamento de um período dado), que representa a face significativa da linguagem, e os próprios processos simbólicos inscritos na história. Com este último ponto, queremos nos referir, especialmente, aos processos de significação que se desenrolam em torno das questões *ideológicas*. O conceito de discurso, tal como o encontramos formulado nas teorias existentes na atualidade sobre o funcionamento da linguagem no meio social, representa justamente um ponto relacional que articula o ambiente social, com suas lutas e contradições, à linguagem

em sua forma materializada (o texto). Ou seja: *o discurso é a forma pela qual a ideologia é manifesta na materialidade da linguagem*, como já explicitado.

Vale destacar, ainda, a ideia, defendida por Foucault (1999), de que os discursos são governados, no meio social, por mecanismos de controle, dos quais um dos mais importantes é a *interdição*. Essa ideia foi desenvolvida com profundidade pelo filósofo, ao explicitar a natureza do fenômeno discursivo e as relações de poder que o governam. Apresentada pelo autor como um mecanismo *externo* de controle, no sentido de que ela não se inscreve no próprio discurso, mas na história em si, a interdição atua no sentido de definir o que pode e o que não pode ser dito em certa formação discursiva, em certos momentos e a partir de certos sujeitos.

Em uma sociedade como a nossa conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. [...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 1999, p. 9-10).

Nem todos os discursos estão disponíveis a todos os sujeitos: as formações discursivas definem o que está liberado para ser enunciado e o que figura no campo do *interdito* (o que Foucault denomina palavra proibida). É nesse sentido que o autor defende a ideia de discurso como um elemento *rarefeito*, isto é, tornado raro, acessível e autorizado somente a partir de certas posições, em certos contextos (FOUCAULT, 1999).

Para Pêcheux (1995), a interpelação do indivíduo em sujeito, por meio da ação das formações ideológicas, é resultado da sua identificação com uma ou outra formação discursiva específica. Nessa identificação, tem-se a produção do sentido enquanto evidência, como algo que é dado e que já está lá, pronto. Esse caráter “evidente” do sentido é, na verdade, fruto da própria interpelação, pois tende a apagar o trabalho realizado pela ideologia na produção discursiva. O autor defende que “as formações discursivas representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

Nesse panorama teórico, o sujeito é concebido como um ser que enuncia tão somente a partir do que o contexto autoriza, uma vez que uma dada formação discursiva atua definindo o que pode ou não ser enunciado em um dado ambiente. Assim, temos não um sujeito controlado pelas disposições ideológicas de uma classe dominante e agindo de forma

totalmente inconsciente, mas um sujeito que obedece a determinados padrões de articulação discursiva, em função do contexto no qual se situa.

Numa última fase da Análise do Discurso (AD-III), que corresponde ao estágio atual do desenvolvimento dos estudos discursivos, adquire relevo o conceito de *heterogeneidade discursiva*, fornecido por Jacqueline Authier-Revuz. De acordo com essa tendência, o discurso de qualquer sujeito é atravessado sempre por várias instâncias, que correspondem a outros discursos, o que atesta a existência do *interdiscurso* e de uma *memória discursiva* que o atualiza. Aqui, também, as considerações de Bakhtin acerca da heterogeneidade e da constitutividade dialógica da língua/linguagem são retomadas com grande vigor (MUSSALM, 2003).

Authier-Revuz (2004) retoma as considerações do círculo de Bakhtin no que se refere ao princípio do dialogismo, segundo o qual todo ato de linguagem implica, necessariamente, a consideração de um diálogo, de uma interação. Assim, para a autora, o *outro* é, na verdade, a condição de qualquer discurso. Há sempre um “já dito” em cada “dito”, ou seja, há sempre discursos anteriores que se manifestam, direta ou indiretamente, num discurso atual. Pêcheux (1995) trata também dessa questão, ao defender que o interdiscurso se faz presente no intradiscurso ou, em outras palavras, que os elementos do interdiscurso são reinscritos no discurso do próprio sujeito. Para ele, o não dito precede e também domina a asserção.

Nessa linha de pensamento, Authier-Revuz (2004) distingue entre dois tipos de heterogeneidade discursiva: a heterogeneidade mostrada, quando é possível perceber, a partir de traços linguisticamente descritíveis, o discurso de outrem, outros enunciadores e outras fontes de sentido; e a heterogeneidade constitutiva, que engloba a anterior e lhe serve de *ancoragem*, sendo na verdade a expressão da ideia geral de que a linguagem tem uma caracterização essencialmente dialógica. Então, a ideia de um *outro* do discurso é, assim, uma noção da qual não se pode prescindir.

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69, grifos da autora).

Essa ideia mantém uma relação direta com o conceito de *interdiscurso*. A existência de uma alteridade necessária e de discursos que “falam” antes é basilar para o entendimento de qualquer formação discursiva, para a consideração da memória discursiva e para a

consequente observação dos processos de manutenção e ruptura que marcam a produção de sentidos por meio da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Essa terceira etapa da Análise do Discurso retoma a ideia de um sujeito marcado pelo inconsciente, tal como ele era considerado na AD-I, mas com outra orientação: na AD-III, o sujeito é marcado por uma clivagem, atravessado pelo discurso do Outro, e divide-se entre o consciente e o inconsciente (ORLANDI, 2009; AUTHIER-REVUZ, 2004). De um modo geral, entretanto, como demonstra Mussalim (2003, p. 134), um ponto comum presente nas três fases da AD é a noção de que “[...] o sujeito não é senhor de sua vontade; ou temos um sujeito que sofre as coerções de uma formação ideológica e discursiva, ou temos um sujeito submetido à sua própria natureza inconsciente”.

Ao enunciar, o sujeito fá-lo sempre em condições específicas, no interior de determinadas posições históricas e ideológicas. São essas (dis)posições que atuam como responsáveis pela constituição de sua subjetividade: o sujeito não é livre para enunciar o que bem quiser, pois para que seu discurso faça sentido ele precisa estar inscrito na história, sob certas condições. “Submetendo o sujeito mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo justo da realidade” (ORLANDI, 2009, p. 51).

Um fator de importância a ser considerado, no que se refere à existência de uma alteridade e às posições assumidas pelos sujeitos, no interior das respectivas formações discursivas, é a noção de *formação imaginária*. Esta diz respeito às diferentes imagens que são construídas pelos interlocutores, num dado processo de interação. Como diz Orlandi (2009), a imagem que um sujeito faz de seu interlocutor, a depender das posições de ambos, regula a formulação discursiva: o discurso da mulher, que estudamos neste trabalho, não é formulado indistintamente se ela se reporta a um homem ou a uma outra mulher, por exemplo. Assim, as imagens e os mecanismos de produção de sentidos não estão relacionados aos sujeitos enquanto seres empíricos, mas às distintas posições por eles assumidas no interior da estrutura sociocultural. Orlandi (2009) aponta que

[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição. Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito) (ORLANDI, 2009, p. 41).

As pontuações feitas sobre a ideia de subjetividade englobam, necessariamente, as questões tratadas nas páginas precedentes, uma vez que estamos tratando de conceitos fortemente imbricados. De fato, o par subjetividade/alteridade, tal como explicado pela Análise de Discurso, se faz diretamente presente, tanto na consideração de elementos que permitem observar a existência de uma memória discursiva que atualiza um interdiscurso marcado por discursos *outros*, quanto na consideração de processos de ruptura e de continuidade semântica (paráfrase e polissemia), que dão conta de explicar os mecanismos de produção de sentidos, por parte de sujeitos existentes em posições específicas. É, pois, a esses mecanismos que nos voltamos no próximo tópico.

1.3. Processos de constituição de sentidos: a paráfrase e a polissemia

Pelo que foi exposto no tópico anterior, podemos defender que a linguagem não tem uma natureza transparente, como se a partir da própria materialidade linguística fosse possível captar os sentidos de um texto. A linguagem é por natureza opaca, e um discurso qualquer é sempre contingente, no sentido de que articula em seu entorno as disposições do meio sociocultural.

Para a Análise de Discurso, o sentido não é um elemento imanente ao texto, oferecendo-se a uma recepção passiva por parte do leitor. Como argumenta Bakhtin (2010), ao discutir sobre a temática dos gêneros do discurso, um enunciado qualquer implica sempre uma compreensão responsiva ativa por parte do receptor. Tal compreensão envolve a atribuição de sentido aos diversos textos que circulam nas mais diversas esferas da atividade humana, num processo que, obviamente, são articuladas as próprias disposições específicas de cada uma dessas esferas. Ou seja: (a atribuição de) o sentido está fortemente vinculada ao contexto. Como destacamos no tópico anterior, as formações discursivas atuam determinando o que pode e o que deve ser dito em determinadas situações; elas condicionam também os processos de compreensão dos discursos: sentidos são atribuídos a partir de certos parâmetros, e a partir das posições assumidas pelos sujeitos dentro de formações específicas, uma vez que a linguagem não é neutra (PÊCHEUX, 1995; ORLANDI, 2009).

Assim, a ideia de sentido está intimamente ligada à ideia de formação discursiva: o discurso articulado por um indivíduo inscreve-se sempre numa determinada formação discursiva em detrimento de outra, o que possibilita a existência de um sentido em detrimento de outro. Daí resulta que o sentido de um discurso qualquer não é fornecido pela língua, ele não é transmitido pelas próprias palavras: o sentido é ideologicamente constituído (idem, *ibidem*). Pêcheux (1995) destaca a natureza metafórica dos processos de atualização

discursiva. Para ele, o sentido existe exclusivamente nessas relações de metáfora, que correspondem aos efeitos de substituição, de formação de sinônimos, de reformulação. Uma dada formação discursiva, pois, é o lugar mais ou menos provisório das palavras, das expressões ou das proposições. Daí a defesa da não transparência do sentido, visto que ele é construído a partir do contexto. “[...] a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso” (PÊCHEUX, 1995, p. 263).

Orlandi (op. cit.) defende que a pretensa evidência do sentido, como se ele fosse um dado prévio, já lá, oferecido à captação, apaga a materialidade de sua natureza, a sua historicidade. Ao se pensar para o discurso um sentido que é apenas fruto das propriedades da língua, obnubila-se qualquer relação existente entre a linguagem e o real da história: é por sua inscrição na história que a língua pode significar. Trata-se de pensar o discurso enquanto fruto da existência de sujeitos em formações ideológicas diversas.

Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um efeito de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. Daí a necessidade de uma teoria materialista do discurso – uma teoria não subjetivista da subjetividade – em que se possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e também a dos sentidos (ORLANDI, 2009, p. 46).

O sentido, pois, precisa ser observado enquanto fruto de processos simbólicos de tensão que marcam o funcionamento da linguagem, processos marcados pela ação da ideologia. Assim, a própria existência dos sentidos apresenta-se nessa tensão constante. Para explicar essa questão, Orlandi (2009, 2011, 2012) trata de dois conceitos fundamentais: a *paráfrase* e a *polissemia*. Conforme ela, as condições de produção e leitura de um discurso fazem-se sempre na tensão entre paráfrase e polissemia, a partir de posições histórica e socialmente determinadas. As duas noções referidas, portanto, funcionam como o verdadeiro fundamento da linguagem. Para a autora, o processo parafrástico diz respeito à possibilidade de manutenção do sentido de um dado discurso, ainda que sob várias formas, no que se poderia definir como um *aggiornamento* do discurso. Já o processo polissêmico, por sua vez, diz respeito às possibilidades de modificação dos sentidos, a partir do princípio de que estes podem sempre ser diferentes. Assim, para Orlandi (2011, 2012), a dinâmica da produção discursiva faz-se numa relação entre o velho e o novo, entre o mesmo e o diferente, o que

reflete a natureza mutável da linguagem em seu funcionamento real. Trata-se de pensar a incompletude da linguagem: nem os discursos, nem os sujeitos, nem os sentidos encontram-se acabados, como produtos finais de um processo de produção: há sempre a possibilidade do novo.

Decorre daí a afirmação de que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. Esse jogo entre a paráfrase e a polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia (ORLANDI, 2009, p. 38).

Como defende Orlandi (2009), a relação entre o processo parafrástico e o processo polissêmico não encerra uma oposição, mas tão-somente uma tensão, cujo resultado são os sentidos simbolicamente construídos na relação “língua-ideologia-poder”. A autora articula os conceitos de paráfrase e polissemia em termos de duas noções fundamentais: produtividade e criatividade. A produtividade diz respeito aos processos discursivos de manutenção de uma dada ordem da produção de sentidos; a criatividade, por seu turno, diz respeito ao modo como os sentidos podem ser sempre reformulados, tendo em vista a existência da linguagem em contextos sócio-históricos sempre distintos.

Uma vez que tomamos as noções de paráfrase e polissemia a partir de uma perspectiva discursiva da linguagem, torna-se fundamental observar os processos parafrásticos e polissêmicos em relação aos tipos de discursos existentes no meio social. Nesse sentido, consideramos a tipologia discursiva proposta por Orlandi (2009, 2011, 2012), como explicamos a seguir.

Para a referida autora, existem, de um modo geral, três tipos de discursos, que permitem compreender o funcionamento da paráfrase e da polissemia na construção dos sentidos. O primeiro deles é o discurso *autoritário*, que tende a apresentar-se como centralizador, em termos de uma força centrípeta. Nesse tipo de discurso, impõe-se um sentido que se pretende fixo, não existindo margem para a existência de outros sentidos em relação à realidade. Desse modo, o discurso autoritário privilegia o processo parafrástico (o mesmo) em detrimento do processo polissêmico (o diferente). Como exemplo, poderíamos citar o discurso existente no sistema de dominação-exploração patriarcal, que já abordamos, em que se pretende estabilizar a ideia de subordinação da mulher à figura masculina, o *pater*

famílias, sendo qualquer discurso contrário visto como subversivo. Essa tentativa de manutenção simbólica atesta a existência das relações de poder, cujas forças expressam-se, no caso exemplificado, em torno das relações de gênero. Aliás, os conceitos de paráfrase e polissemia são centrais para a nossa análise dos textos do *Jornal das Senhoras*, uma vez que pretendemos explicitar as marcas de ruptura e de continuidade de sentidos em nosso objeto discursivo. Em outra obra, a estudiosa comenta a natureza do discurso autoritário, observando-o a partir da ideia de uma *institucionalização*:

Historicamente, há sedimentação de processos em termos de sua dominância. O processo que, dadas certas condições, é dominante, é aquele a produzir a sedimentação histórica de um ou outro sentido. É da *institucionalização* que o sentido dominante sedimentado deriva seu estatuto de *legitimidade*. Fixa-se, então, como sendo o centro. Estabelecer-se-ia, dessa forma o sentido “oficial” (ORLANDI, 1984, p. 20, grifos da autora).

O segundo tipo de discurso é o que Orlandi chama de *polêmico*. Nele, há um relativo equilíbrio entre paráfrase e polissemia: o discurso encontra sua natureza justamente na tensão viva entre essas duas dimensões. Assim, a pluralidade de sentidos possíveis não é obscurecida, mas também não adquire papel principal: ela é controlada. Esse tipo de discurso pode ser identificado nas várias questões polêmicas que circulam no meio social, capazes de suscitar opiniões e sentidos diversos, numa tensão entre o novo e velho.

Por fim, o terceiro tipo de discurso mostrado pela autora é o *lúdico*. Este tipo caracteriza-se, particularmente, pelo caráter aberto que tem nele o processo polissêmico. Trata-se de um modelo discursivo que tende para a mudança, e no qual a reversibilidade é total: ele opera com base em forças centrífugas. Explicando as características de sua proposta tipológica, Orlandi demonstra que a relação entre os discursos e os tipos descritos não pode ser categórica: a depender das disposições contextuais, um discurso pode tender para um ou outro tipo específico.

Devemos observar, em geral, que esses tipos de discurso não têm de existir necessariamente de forma pura. Há mistura de tipos e, além disso, há um jogo de dominância entre eles que deve ser observado em cada prática discursiva. Isso significa que é preciso analisar o funcionamento discursivo para se determinar a dinâmica desses tipos: às vezes todo o texto é de um tipo, às vezes seqüências se alternam em diferentes tipos, outras vezes um tipo é usado em função de outro, outras vezes ainda eles se combinam, etc. A noção de tipo não funciona como um porto-seguro, isto é, não creio que se deva – como usualmente tem ocorrido – uma vez estabelecida uma noção, endurecê-la categoricamente, estagná-la metodologicamente, perdendo assim a sua plasticidade, a sua provisoriade, enquanto matéria de conhecimento (ORLANDI, 2011, p. 155-156).

Em obra diversa (ORLANDI, 2009), a autora defende a ideia de que a própria constituição do sujeito é fruto de um processo polissêmico, uma vez que o sujeito da linguagem é atravessado por vários sentidos que lhe são anteriores e exteriores. Parafraseando o filósofo Michel Pêcheux, ela defende que o sujeito do discurso é marcado por dois esquecimentos essenciais, constitutivos de sua própria natureza. O primeiro dos esquecimentos é uma ilusão que leva o sujeito a imaginar que o seu discurso só pode ser enunciado de uma forma, como se a formulação discursiva tivesse nele a sua origem: esse esquecimento desconsidera a noção de paráfrase, ou seja, a noção de que um mesmo discurso pode ser articulado de várias maneiras. O segundo esquecimento é a ilusão, por parte do sujeito, de que ele é o dono de seu discurso, a origem primeira do sentido de seu enunciado: esse segundo esquecimento fundamental obnubila a noção de polissemia, ao ignorar o fato de que, ao produzir um discurso, o sujeito insere-se numa cadeia discursiva na qual já preexistem vários sentidos. Paráfrase e polissemia são, portanto, pontos de extrema importância para a caracterização e análise dos processos discursivos que circundam o ambiente social (BRANDÃO, 2004; ORLANDI, 2009, 2011, 2012). “Por definição, todos os sentidos são sentidos possíveis. *Em certas condições de produção, há a dominância de um sentido possível sem por isso se perder o eco dos outros sentidos possíveis*” (ORLANDI, 1984, p. 20, grifo da autora).

Pêcheux (2006) discute a mesma questão, mostrando que o acontecimento discursivo engendra, sempre, uma espécie de ruptura, de deslocamento em relação ao que já está posto. Entretanto, ele não nega que esse *já posto* seja permanentemente articulado na instauração de novos sentidos, no empreendimento de deslocamentos, uma vez que é a partir dessa tensão que pode existir a continuidade discursiva. No que se refere à filiação dos sentidos, argumenta Pêcheux (2002, p. 56-57):

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação.

Na visão pêcheutiana, é esse jogo semântico que permite a própria existência da sociedade e da história, e não somente “uma justaposição caótica [...] de animais humanos em interação” (idem, *ibidem*, p. 57). Em outro trabalho (PÊCHEUX, 1999), o teórico explica a ação do que ele denomina “jogo de força” na condução e manutenção dos processos discursivos que marcam os diversos contextos, a partir da articulação de elementos de ordem centrípeta e de ordem centrífuga. Há, então, um jogo de força que atua no sentido de manter a regularidade discursiva, com seus implícitos: trata-se da paráfrase (forças de natureza centrípeta). Por outro lado, há um conjunto de forças atuando em prol do deslocamento, da desregulação dos sentidos preexistentes na memória do discurso: trata-se da polissemia (forças de natureza centrífuga).

[...] essa regularização discursiva, que tende assim a formar a lei da série do legível, é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória: a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

A consideração da existência de uma interdiscursividade e de um ambiente sociocultural no qual coexistem diversas redes de significação, marcadas sempre por relações de poder, remete diretamente à existência simbólica do processo parafrástico e do processo polissêmico. O principal pressuposto para a apreensão da natureza discursiva é que ela mantém relações diretas com discursos precedentes, com o já dito, sendo uma forma diferenciada de enunciar o que já foi enunciado (paráfrase). Isso se deve à ideia de que não existe um discurso *ab ovo*, original em sua formulação. Além disso, dado o fato de que um discurso existe sempre inserido num contexto social de interações complexas, e que ele é também fruto de disposições inconscientes dos sujeitos, então um discurso veicula sempre um sentido novo, num processo dinâmico de ressignificação (polissemia). Assim, a circulação de enunciados num determinado ambiente implica a coexistência inequívoca de mecanismos que articulam o velho e o novo da linguagem.

Conforme já salientado, os diversos discursos são responsáveis pela estruturação dos sujeitos no interior da cultura, articulando disposições ideológicas e fornecendo-lhes posições específicas na estrutura social. Neste sentido, a consideração dos elementos contextuais concernentes a determinadas atividades de produção discursiva torna-se imprescindível. Por

esse motivo, o próximo capítulo deste trabalho traz explicações acerca do ambiente cultural no qual floresceu o *Jornal das Senhoras*, como uma forma de possibilitar uma análise mais profícua do discurso do periódico.

2 SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NO SÉCULO XIX

Para que sejam compreendidas as características gerais do *Jornal das Senhoras*¹⁰ e o significado de seu posicionamento no interior do quadro geral da imprensa feminina, no Brasil, é preciso que se compreenda o *ambiente simbólico* que subjaz a esse produto. O exame das condições de produção dos discursos do periódico é duplamente importante: porque elas influenciam o modo como se apresenta o jornal e também porque são por ele influenciadas, num movimento recíproco – uma vez que consideramos, aqui, a importância simbólico-discursiva do jornal para a sua cultura. Para Scott (1995, p. 75), elementos essenciais para se compreender o gênero, enquanto categoria de análise histórica, são os conceitos normativos que se expressam sob uma forma binária fixa, no sentido de afirmarem “[...] de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino”.

Nesta parte de nosso estudo, trilhamos esse caminho, ao procurarmos demonstrar de qual forma construía-se, em meados do século XIX, em termos simbólicos, a diferenciação entre o masculino e o feminino, em solo brasileiro. Assim, procuramos, no percurso, enfatizar o uso do gênero como uma categoria relacional, isto é, demonstrar que a consideração da mulher como objeto de investigação científica implica, necessariamente, a consideração do homem como um elemento correlato, pois é a partir da existência de um deles que o outro adquire sua significação. Desse modo, examinar os papéis concernentes às mulheres, nos oitocentos, significa examinar, complementarmente, os papéis atribuídos aos homens.

Por ora, limitamo-nos a explorar a situação da mulher de meados do século XIX, no que diz respeito à rede de significações erigida em torno da questão do gênero, visando à discussão acerca dos elementos simbólicos e identitários atinentes a essa mesma rede. Destacamos, assim, as quatro principais representações que estavam ligadas à figura da mulher, no período: *filha, esposa, mãe e dona de casa*. Com vistas a uma compreensão mais adequada do conteúdo, neste capítulo também é focalizada a problemática da educação feminina no século XIX, dada a sua importância capital para o entendimento do contexto ao qual se vincula a proposta deste trabalho. Assim, neste capítulo, são abordadas as

¹⁰ Cabe destacar, aqui, a própria significação do título do periódico, uma vez que a designação *senhora* era usada, à época, para fazer referência a mulheres de posição social mais elevada, ou seja, o jornal não tinha como seu público-alvo as *mulheres*, de um modo geral, mas somente aquelas dignas de serem chamadas de *senhoras*. Em Ferreira (2005, p. 795), o vocábulo *senhora* é mostrado como o masculino de *senhor*, que, por sua vez, pode significar “1. Amo, patrão. 2. Indivíduo importante. 3. Homem idoso. 4. Tratamento de cerimônia ou respeito dispensado aos homens”. Como mostramos mais adiante, diversos elementos do periódico contribuem para demonstrar a especificidade de seu público-alvo.

representações culturais que estavam relacionadas, à época, às figuras do homem e da mulher, em traços gerais.

O próximo tópico tem por objetivo fornecer um arcabouço teórico adequado para a compreensão das questões simbólicas que envolvem o gênero e a distinção social operada entre o masculino e o feminino. Tratamos, assim, de problemas ligados, especialmente, à compreensão da natureza das relações de gênero, procurando demonstrá-las, tanto quanto possível, enquanto constructos culturais, e não como disposições naturais preestabelecidas, como por muito tempo se defendeu. A partir da exploração de diversos conceitos ligados à temática (tais como patriarcado, dominação etc.), esperamos fornecer uma base para aclarar as discussões dos resultados deste trabalho, trazidos mais adiante.

Em nosso entendimento, a compreensão de um período histórico marcado pela dominação patriarcal, como foi o século XIX brasileiro, torna-se muito mais exitosa quando se têm claras algumas noções conceituais que ajudam a explicar tal processo. Assim, defendemos que, para que seja realizada uma leitura profícua das questões discutidas mais à frente, é necessário que se ofereça um arcabouço teórico capaz de desvendar a natureza de tais questões. Por esse motivo, embora se faça, aqui, uma explanação das questões atinentes à diferenciação social entre o masculino e o feminino, tal teoria será tomada enquanto base, mais à frente, para a discussão dos resultados do trabalho. Iniciaremos o percurso, pois, pela análise do conceito de gênero.

2.1. A noção de gênero e sua natureza relacional

Este trabalho assenta-se na consideração do gênero como uma categoria relacional, ou seja, assenta-se na ideia de que a compreensão dos papéis e da posição das mulheres num determinado período histórico, em qualquer sociedade, só é possível quando compreendidos também os papéis e posições ocupadas pelos homens. É nesse sentido que o gênero se torna uma categoria analítica de cunho relacional: só é possível analisar as implicações do feminino em correlação com o seu oposto complementar: o masculino.

Esse é um ponto praticamente consensual entre aqueles(as) que se debruçam sobre a problemática do gênero enquanto objeto de discussão teórica. Joan Scott (1998), em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, destaca que o termo pode ser “[...] utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens”, uma vez que um implica o estudo do outro. “Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino” (SCOTT, op. cit., p. 75).

Para a autora, o uso da categoria gênero como elemento organizador da análise histórica tem o benefício de demonstrar que as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres podem ser explicadas enquanto construtos simbólicos, não enquanto disposições baseadas numa diferenciação biológica ou fenotípica. Como uma construção cultural, pois, o gênero ajuda a explicar a constituição das identidades subjetivas de homens e mulheres. Assim, Scott (1995) defende que, enquanto um elemento constitutivo das relações sociais, o gênero precisa ser observado em relação a quatro aspectos principais que se inter-relacionam: a) o primeiro deles diz respeito aos símbolos culturalmente construídos para homens e mulheres, capazes de evocarem representações específicas para um ou para outro dos polos dessa dicotomia; b) o segundo refere-se aos conceitos normativos que estão vinculados a tais símbolos, expressados no meio social enquanto regras que são impostas a homens e mulheres, em termos da religião, da educação, do domínio jurídico e de outras instâncias institucionais; c) o terceiro aspecto diz respeito à necessidade de uma análise que leve em conta os modos pelos quais a diferenciação imposta aos gêneros é reproduzida, perpetuada e mostra-se como fixa; d) por fim, o quarto aspecto é a consideração das identidades subjetivas dos envolvidos no processo, e dos modos como essas subjetividades são construídas relativamente às instituições e a todo o aparato cultural que envolve a definição dos gêneros em uma dada cultura.

A assunção do gênero como base para a investigação, pois, indica a necessidade de se considerar, na abordagem, uma multiplicidade de perspectivas disciplinares, cuja inter-relação concorre diretamente para a consecução dos objetivos do processo investigativo. O disposto no parágrafo anterior permite compreender a rede de significações e de disposições históricas que devem ser levadas em consideração em qualquer abordagem que tome a noção de gênero como referência, pois é nessa rede semântica que as representações são construídas. Serret (2006, p. 20-21, tradução nossa), ao discorrer acerca da abordagem do conteúdo dos processos de gênero no ambiente social, faz questão de pontuar a necessária atividade interdisciplinar que tal abordagem suscita:

O conceito de gênero redimensiona a pergunta pela subordinação feminina e implica a abordagem de novos problemas, que vão desde a indagação acerca da forma como operam as relações socioculturais em seu nível mais amplo, até a maneira como as identidades particulares se constroem e atuam a partir de uma distinção primária pelo gênero. Neste sentido, os estudos de gênero implicam uma interdisciplinaridade num sentido particular, que se refere mais à recuperação de uma lógica compartilhada por diversas disciplinas, que à confusão dos problemas e cortes analíticos que distinguem cada uma.

Lerner (1986), ao propor uma conceituação para os principais termos empregados nos estudos sobre o feminino, explica a significação carregada pelo conceito de gênero, enfatizando a natureza eminentemente cultural que marca a sua existência, e rejeitando as formulações que o ligam ao aspecto natural (disposições biológicas) concernentes aos homens e às mulheres. Para ela,

Gênero é a definição cultural do comportamento que se define como apropriado a cada sexo dentro de uma sociedade determinada e em um momento determinado. O gênero é um conjunto de papéis sociais. É um disfarce, uma máscara, uma camisa de força dentro da qual homens e mulheres praticam uma dança desigual (LERNER, 1986, p. 339, grifo da autora).

Lauretis (1994), por sua vez, ao tratar do gênero como uma categoria relacional, enxerga o masculino e o feminino como noções complementares, enfatizando o caráter simbólico de tais noções. O indivíduo, no meio social, é vitimado por um processo que alia o sexo a um aparato cultural, que acaba por enquadrá-lo num sistema simbólico preexistente, denominado pela autora *sistema de sexo-gênero*. “O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado [...] a indivíduos dentro da sociedade” (LAURETIS, 1994, p. 212). Para a autora, em cada cultura, a diferenciação entre o masculino e o feminino, bem como a sua consideração como categorias complementares, forma um sistema simbólico de gênero que é baseado em valores sociais, hierarquias, e no qual o sexo é vinculado a conteúdos de natureza cultural. Esse sistema, afirma ela, é sempre ligado a fatores de ordem socioeconômica e, portanto, política. Os sistemas de sexo-gênero construídos em cada cultura apresentam, sempre, uma natureza assimétrica, refletindo, desse modo, as disposições que se relacionam com a desigualdade social, refletindo-a.

Nessa linha de pensamento, a referida autora explica o funcionamento prático desse sistema conceitual que articula as disposições biológicas dos indivíduos a um contexto cultural e econômico, formado por símbolos. Para ela, as noções simbólicas da diferenciação entre o masculino e o feminino são reproduzidas e operam a partir de *tecnologias sociais*, às quais ela chama *tecnologias do gênero*, que nada mais são do que aparatos sociais e instituições responsáveis pela reprodução do discurso de gênero. É por meio dessa tecnologia, desse maquinário simbólico, que se reproduzem as representações a que estão vinculados homens e mulheres no meio social. Assim, instituições como a escola, a família, a igreja, ou outras como o cinema, inclusive, fazem parte dessa tecnologia (LAURETIS, op. cit.). De todo modo, as explicações de Lauretis, em relação aos dispositivos sociais de re-produção do

sistema de sexo-gênero, apenas contribuem para ratificar a sua ideia de que o masculino e o feminino articulam-se em termos de uma oposição binária, porém complementar, que se baseia na diferença.

Serret (2006), ao explicar a problemática do gênero, busca na Linguística estrutural do início do século XX alguns pressupostos que ajudam a dar base às suas concepções acerca da distinção entre o masculino e o feminino no meio social. Para a autora, as relações entre o homem e a mulher e, de um modo geral, as disposições que dão sustento à ideia do gênero na cultura, são marcadas pela linguagem, e desse modo, a Linguística fornece um instrumental adequado para se pensar a relação binária entre o feminino e o masculino. Recorrendo às explicações propostas por Ferdinand de Saussure para o signo linguístico, datadas do início do século XX, a referida autora demonstra que as relações de constituição identitária entre os gêneros são marcadas por um direcionamento excludente, que de um modo geral reflete a distinção “dentro / fora”, em suas variações mais gerais.

Para o estruturalismo linguístico, no que se refere à organização dos sistemas semióticos, cada signo só adquire significação graças ao lugar específico que ocupa dentro de um sistema relacional, ou seja, um signo só *é* quando delimitado em relação àquilo que ele *não é*. Para Serret (2006), então, essa mesma lógica é a que governa a existência das noções de gênero no meio social: o masculino é significado em contraposição ao feminino (o seu oposto complementar), e vice-versa. Pensar um dos polos da categorização implica, necessariamente, pensar o outro polo. “Pois bem, o mundo cultural se constrói a partir de significações representadas por símbolos, e estes jogam esse papel relacionados com outros em uma ordem específica. Em outras palavras, a cultura é, antes de tudo, uma ordem simbólica” (SERRET, 2006, p. 32, tradução nossa). Tais considerações ajudam a pensar a subordinação da mulher, no ambiente social, como fruto de um sistema simbólico que articula e ao mesmo tempo antagoniza as noções de gênero, gerando assim o que se entende como a *superioridade masculina*.

[...] uma das virtudes da categoria de gênero é que ela oferece a possibilidade de explicar por que o que denominamos masculino e feminino são construtos culturais pensados a partir de certos atributos de personalidade. Tais atributos [...] vão sempre associados a papéis e trabalhos que se correspondem com eles. [...] tanto os atributos que “definem” o gênero como os papéis consequentes variam infinitamente de uma sociedade a outra; o que permanece sempre igual é a desvalorização das atividades desenvolvidas pelas mulheres. Se em uma sociedade as mulheres tecem cestas enquanto os homens pescam, tecer cestas será considerado um ofício inferior, de menor valor e prestígio que pescar. Se no povo vizinho esses trabalhos se invertem, o importante será tecer cestas e o carente de prestígio, pescar (SERRET, op. cit., p. 56, tradução nossa).

Outro pensamento que segue essa linha de raciocínio é o defendido por Heleieth Saffioti (1987), em *O poder do macho*, livro no qual a autora explora as relações de desigualdade existentes na sociedade brasileira, como fruto da articulação de questões de gênero, de questões de raça e, ainda, de questões de ordem econômica. Ela defende que as oportunidades oferecidas pela sociedade aos homens e às mulheres são bastante diversas em sua natureza. Para explicar a questão, ela argumenta que existe, como que por um consenso social, a ideia de que às mulheres são reservadas certas funções, certas profissões ou certos papéis sociais, no sentido de posturas que são esperadas para um *ser pertencente ao sexo feminino* (já sabemos que isso é fruto de uma construção cultural). Assim, a desigualdade entre os sexos é fruto de um ideário que une a noção de *superioridade* e a noção de *inferioridade*, construídas pelo sistema patriarcal que marca a vida sociocultural do Brasil. Para Saffioti (op. cit), o processo de construção social da inferioridade está sempre relacionado, via de regra, ao seu elemento correlato, que é o processo de construção social da superioridade. Assim, como decorrência disso, ela destaca a existência da *construção social da supremacia masculina* e a *construção social da subordinação feminina*. Nesse sentido, ela aponta a necessidade de consideração da natureza relacional que está envolvida na noção de gênero e nos processos que lhe são próximos: a mulher dócil coloca-se em contraposição ao homem macho; a figura da mulher emotiva existe como o oposto complementar do homem racional, e daí por diante.

A visão de Saffioti reforça a ideia, aqui defendida, de que a noção de gênero implica uma consideração do masculino e do feminino (ou do homem e da mulher) como categorias altamente complementares, de modo que a existência de uma dessas representações pressupõe, necessariamente, a existência da outra. Homens e mulheres situam-se num jogo social que se baseia na ideia de *diferença*. Gênero, pois, ajuda a explicar a interdependência semântica existente entre o masculino e o feminino, e serve como um parâmetro para pensarmos a construção da inferioridade enquanto um processo simbólico (não natural) que se situa no âmbito de um sistema de sexo-gênero. O sistema de gênero ao qual fazemos referência neste trabalho é o *patriarcado*, modelo no qual a estruturação da sociedade reflete, em muitos aspectos, a diferenciação entre o homem e a mulher, sendo o primeiro o detentor da autoridade e o elemento ao qual a segunda se deve subordinar. Em virtude de sua importância capital para este trabalho, a categoria do patriarcado é objeto de uma análise mais detalhada no tópico seguinte.

2.2. O sistema patriarcal e os modos de sua (re)produção

Como elemento estruturador da sociedade como um todo, e não apenas das relações mais íntimas entre parentes (família), o patriarcado é um ponto fundamental para se compreender a problemática do gênero. Assim é que Heleith Saffioti, apesar de defender o caráter relacional da noção de gênero e a sua importância para se pensar as questões de desigualdade entre os sexos, mostra também que essa noção não deve ser tomada de modo exclusivo, mas em correlação com outra, ainda mais abrangente: a noção de *patriarcado* (SAFFIOTI, 2004).

O patriarcado, quando utilizado como uma categoria analítica, como auxílio à compreensão dos processos simbólicos de diferenciação entre homem e mulher, torna-se, para a autora, muito mais adequado que a categoria de gênero. Isso se deve ao fato de que o *gênero*, como ponto central na explicação da história, implica uma pretensa neutralidade: o gênero surge, no âmbito da teoria social, como um substituto eficaz para a noção de *feminismo*, que remete, por seu caráter, a um movimento muito mais contestatório ou de reivindicação de direitos. Assim, enquanto o feminismo está associado ao surgimento de propostas teóricas que visam a fornecer um instrumental conceitual para o desenvolvimento de lutas em favor da igualdade, o gênero aparece como uma alternativa: ele não tem a pretensão de indicar contestação, mas, antes, de permitir a compreensão do ambiente social de um modo que articule, igualmente, o masculino e o feminino, sendo um a complementação do outro¹¹. Por esse motivo, para Saffioti (2004), muitas teorias preteriram, nas últimas décadas,

¹¹ Joan Scott, em seu texto intitulado *História das Mulheres* (1992), explica com detalhes o processo que levou à fixação da categoria de gênero no âmbito da teoria sobre as mulheres. Transcrevemos, aqui, as considerações da autora, devido à sua importância. “A aparente restrição e segregação da história das mulheres jamais foi completa, mas no final dos anos 70 começou a ser obviamente minada por várias tensões, algumas delas no interior da disciplina, outras no movimento político. Essas combinaram para desafiar a viabilidade da categoria das ‘mulheres’ e introduziram a ‘diferença’ como um problema a ser analisado. O foco na diferença tornou explícita parte da ambigüidade que sempre esteve implícita na história das mulheres, apontando para os significados inerentemente relacionados das categorias de gênero. Trouxe à luz questões sobre os elos entre o poder e o conhecimento e demonstrou as interconexões entre a teoria e a política. O objetivo dos historiadores das mulheres, mesmo quando estabelecem a identidade separada das mulheres, era integrar as mulheres à história. [...] A integração presumia não somente que as mulheres poderiam ser acomodadas nas histórias estabelecidas, mas que sua presença era requerida para corrigir a história. [...] Sem dúvida, os próprios historiadores das mulheres acharam difícil inscrever as mulheres na história e a tarefa de reescrever a história exigia reconceituações que eles não estavam inicialmente preparados ou treinados para realizar. Era necessário um modo de pensar sobre a diferença e como sua construção definiria as relações entre os indivíduos e os grupos sociais. ‘Gênero’ foi o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Também enfatizaram o aspecto relacionado do gênero: não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres. Além disso, uma vez que o gênero foi definido como relativo aos contextos social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como em levar em conta a mudança” (SCOTT, 1992, p. 85-86).

o termo feminismo em favor do termo gênero, o que acabou motivando a distinção entre uma corrente de cunho contestador e outra, de cunho mais interpretativo.

O gênero define-se, para Saffioti, como uma categoria ontológica; o patriarcado, por sua vez, permite um entendimento mais proveitoso da estrutura social em si, por ser um conceito que se liga muito mais fortemente a um contexto social específico, em oposição à natureza pretensamente neutra da noção de gênero. A defesa da autora recai, principalmente, sobre o fato de que o conceito de patriarcado é mais amplo que o de gênero. Isso porque, além de abranger os próprios processos simbólicos de diferenciação entre o homem e a mulher, o patriarcado diz respeito ao corpo social como um todo, uma vez que as relações patriarcais, longe de estarem restritas à unidade familiar ou a relações mais próximas de parentesco, são responsáveis pela estruturação de todo o conjunto social, o que se reflete nas instituições sociais (como escola, igreja, polícia), num nível amplo, e nos próprios indivíduos que se reconhecem como sendo parte dessa estrutura, num nível mais restrito de análise.

Convém destacar, como um elemento significativo do texto supracitado, a ideia de *dominação-exploração* defendida pela autora. Em *O poder do macho*, obra já citada, ela desenvolve uma extensa explicação em defesa daquilo a que ela chama de tríade da dominação-exploração na sociedade brasileira. Recorrendo a exemplos de ordem prática, que refletem as desigualdades de gênero, raciais e econômicas do Brasil, a autora defende, veementemente, que o patriarcado não pode ser pensado enquanto um sistema único, desarticulado e capaz de, por si só, permitir uma compreensão holística da temática da desigualdade. O patriarcado precisa ser analisado em correlação com outros dois fenômenos sociais de extrema importância para o entendimento da desigualdade brasileira: o racismo e o capitalismo.

Saffioti (1987) entende a articulação dos três sistemas de dominação-exploração em termos de uma simbiose, a partir da qual não se pode pensar nas características e nos efeitos de cada um deles sem que se recorra aos outros dois, que lhe são complementares. Isso pode ser verificado, por exemplo, pelo fato de que o próprio grupo das mulheres, em si mesmo, não revela uma unidade, uma realidade homogênea. A mulher negra – e, por conseguinte, as tarefas por ela desempenhadas – experimenta uma desvalorização bem maior que a mulher branca, o que revela a importância do componente *raça*, também, para que se compreenda a posição da mulher na sociedade. Ao mesmo tempo, verifica-se que as mulheres de classes sociais menos abastadas são, quase sempre, mais estigmatizadas que as mulheres das classes altas, o que mostra ainda a influência do componente econômico no processo de construção social da inferioridade feminina. Tais observações mostram o fato de que o patriarcado, para

além de ter seus efeitos restritos unicamente às relações diretas entre o homem e a mulher, estende-se também a outros campos da vida social, regulando e classificando, inclusive, as próprias mulheres em suas relações com outras mulheres. É nesse sentido que Saffioti compreende a simbiose entre os três sistemas referidos: para ela, a questão deve ser pensada como vinculada a um sistema único, que ela denomina patriarcado-racismo-capitalismo (SAFFIOTI, 1987).

[...] o patriarcado-racismo-capitalismo beneficia, em primeiro lugar, o homem rico, branco e adulto. Em segundo plano, na ordem dos beneficiados, vem a mulher rica, branca e adulta. Esta segunda posição é bastante diversa da primeira, uma vez que envolve a dependência da mulher em relação ao homem. De qualquer forma, a mulher burguesa sofre em situação de maior conforto que a mulher pobre. Por conseguinte, o machismo, presente tanto na cabeça dos homens quanto na das mulheres, contribui enormemente para a preservação do estado de coisas vigente no Brasil, pleno de injustiças, qualquer que seja o ângulo do qual for examinado: das relações homem-mulher, das relações entre as etnias, das relações entre as classes sociais. Estes três sistemas de dominação-exploração fundiram-se de tal maneira, que será impossível transformar um deles, deixando intactos os demais. Disto decorre o fato de que todas as atitudes machistas reforçam a fusão do trio da dominação-exploração (SAFFIOTI, *ibidem*, p. 67).

A mesma autora explica que, dos três sistemas de dominação-exploração aludidos, o patriarcado é o mais antigo. Ele surge com a exploração (geralmente sexual), nas sociedades antigas, das mulheres de comunidades inferiores (subjugadas pela guerra) por parte dos homens das comunidades que detinham o poderio. É a partir dessa relação de escravização e de subordinação sexual que o patriarcado estabelece suas bases. Lerner (1986), em *La creación del patriarcado*, comenta detalhadamente esse mesmo processo, oferecendo um instrumental adequado para se pensar o patriarcado desde o seu surgimento. A autora mostra que o sistema é uma criação histórica de homens e mulheres que levou cerca de 2.500 anos para se completar, num processo em que a diferença tornou-se um pretexto para a dominação. Lerner parte da ideia de que homens e mulheres construíram conjuntamente a civilização. Desse modo, o patriarcado, como um fenômeno social, configura-se como uma realidade também construída: a dominação patriarcal, assim, foi gestada com a participação da própria mulher.

A cooperação das mulheres é, segundo Lerner, uma condição essencial para o funcionamento do sistema patriarcal. Para ela, essa cooperação pode ser fruto de uma diversidade de processos: a inculcação das diferenças de gênero nas mentes das próprias mulheres, a sua exclusão dos sistemas de ensino, a proibição do conhecimento de sua própria história ou a criação de distinções e divisões entre elas, em relação às questões de classe, por

exemplo. Assim, para ela, as mulheres têm se mostrado, durante milênios, como fatores importantes no processo de sua própria subordinação ao elemento masculino. Isso se deve, na visão da autora, ao fato de que as mulheres vêm sendo objetos de um processo de *inculcação* constante, com vistas a uma interiorização da ideia de inferioridade, mas de tal modo que elas não se sentem partícipes desse processo de reprodução da lógica da dominação. “A ignorância de sua mesma história de lutas e conquistas tem sido uma das principais formas de mantê-las subordinadas” (LERNER, *ibidem*, p. 317, tradução nossa). Esse processo de assimilação de papéis e disposições, por parte das próprias mulheres, coloca-nos na esteira do pensamento de outra teórica, já referida neste trabalho. Lauretis (1994), para explicar essa assimilação da ideia de subordinação, utiliza o conceito de *interpelação*: o indivíduo é interpelado quando assimila o conteúdo simbólico presente na estrutura social, tomando-o como uma dimensão constitutiva de sua própria identidade. Isso se deve, em grande parte, como já foi visto, ao trabalho das tecnologias sociais que carregam a responsabilidade de reforçar o discurso social relativo à distinção entre os gêneros.

Também Pierre Bourdieu, em sua obra *A dominação masculina* (2012), reconhece essa incorporação das estruturas sociais como um elemento que interfere na constituição da própria identidade e da representação de si mesmo (construção do *self*). Para ele, tanto homens como mulheres são participantes desse processo, e assimilam o substrato simbólico de uma estrutura social marcada pela dominação e pela discriminação. Ambos (homens e mulheres) internalizam as disposições dessa *realidade cultural* em termos de esquemas de percepção, a partir dos quais adquirem seus próprios significados enquanto seres dentro de um quadro social. Além disso, as próprias práticas executadas pelos indivíduos têm a função de reproduzir e reafirmar, cotidianamente, tais disposições: através da ação de instituições sociais que funcionam como legitimadoras de um discurso dominante, homens e mulheres são, desde muito cedo, treinados para exercerem seus papéis, isto é, os papéis que a eles são reservados, como fruto de sua identificação com o masculino ou com o feminino.

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas iminentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica (BOURDIEU, 2012, p. 45).

Assim, a estrutura social vê-se reafirmada, em ações e discursos, por meio de disposições inscritas nos próprios corpos dos indivíduos. A essa reprodução, entendida como uma assimilação inconsciente dos padrões sociais de gênero, numa forma somatizada, Bourdieu dá o nome de *habitus*. Vale destacar que, em razão dos efeitos duradouros gerados por esse disciplinamento, e em razão de sua reafirmação cotidiana (o que os torna verdadeiras "leis" sociais), tais disposições, quase sempre, não são percebidas pelos indivíduos. Seres de ambos os sexos são treinados para exercer papéis específicos, no interior de formações discursivas específicas. Assim, o sistema patriarcal de dominação pode reafirmar-se.

É desse modo, então, que podemos compreender o aparato sociocultural a partir do qual a dominação patriarcal é exercida. O patriarcado precisa ser entendido enquanto um sistema cujas disposições são responsáveis por regular o funcionamento de todo o conjunto social. Por esse motivo, Lerner (1986), ao conceituar o sistema, propõe uma distinção entre um patriarcado em sentido estrito e um patriarcado em sentido amplo. Destacamos aqui essa distinção, por ser ela importante para os fins a que se presta este estudo.

Num sentido mais estrito, diz Lerner (1986, p. 340, tradução nossa), a palavra patriarcado faz referência ao “[...] sistema que, historicamente, deriva das legislações grega e romana, na qual o chefe de família de uma unidade doméstica tinha um poder legal e econômico absoluto sobre os outros membros, mulheres e homens da família”. A autora defende que esse sentido atribuído à noção de patriarcado é bastante difuso e problemático, principalmente porque encobre um aspecto fundamental do funcionamento do sistema: uma vez que se considera o patriarcado como um ordenador restrito às relações que se estabelecem no nível doméstico, a partir da autoridade exercida pelo *pater familias*, essa descrição passa ao largo da real qualificação do sistema, qual seja, a forma que ele assume na modernidade. A partir do século XIX, especialmente em decorrência da extensão dos direitos civis às mulheres, o sistema patriarcal deixa de estar restrito ao ordenamento familiar e a uma organização que se baseia especialmente nas relações de parentesco, para dar lugar a novas formas de dominação masculina no mundo social: o ideário da subordinação feminina é incorporado de maneira viva pelas mais diversas instituições, e o aparato simbólico que lhe é correlato passa a funcionar como ordenador de todo o corpo social. É a partir dessa perspectiva que Lerner compreende a significação ampla do patriarcado, muito mais adequada.

Patriarcado, em sua definição mais ampla, é a manifestação e a institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres e as crianças da família e a ampliação

desse domínio masculino sobre as mulheres para a sociedade em geral. Isso implica que os varões têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que se privam as mulheres a ele aceder. Não implica que as mulheres não tenham nenhum tipo de poder ou que se as tenha privado por completo de direitos, de influência e recursos. Uma das tarefas que supõe um maior desafio na História das mulheres é rastrear com precisão as diferentes formas e os modos em que aparece historicamente o patriarcado, os giros e as mudanças em sua estrutura e em suas funções, e as adaptações que realiza diante das pressões e das demandas femininas (LERNER, op. cit., p. 340-341).

A perspectiva de Lerner vai ao encontro da perspectiva de Saffioti (2004), para quem o patriarcado não abrange unicamente a família, mas a sociedade como um todo. Trata-se de um atributo importante para se pensar o quadro cultural da sociedade brasileira do século XIX, tal como ele estava configurado. O ideário acerca da superioridade do masculino sobre o feminino estava presente nas mais diversas instâncias do Brasil oitocentista, num discurso que era reafirmado pela educação, pela moda, pela ciência, pela organização política, pela estrutura econômica e, obviamente, pelas próprias relações familiares e senhoriais que se desenhavam em torno da casa-grande ou do sobrado. Passemos à exposição desse quadro.

2.3. A mulher e suas representações: filha, esposa, mãe, dona de casa

No que concerne à política, a fase compreendida entre o início da segunda metade do século XIX e o início da década de 1870 assinalou um interstício de relativa estabilidade para o Império brasileiro. A monarquia, livre das pressões impostas pelos movimentos insurgentes ocorridos no período regencial e na primeira década do Segundo Reinado, logrou impor sua dominação política, consolidando o seu poderio. Ao mesmo tempo, em 1850, a Lei Eusébio de Queiroz proibiu, definitivamente, o tráfico negreiro; o fato, em poucos anos, acabou sendo responsável pela canalização de uma grande quantidade de recursos do comércio de escravos para outros setores, como a incipiente atividade industrial que começava a firmar-se na Corte (FAUSTO, 1995). Paralelamente a esses acontecimentos, os regimes social, político e administrativo da Corte conformavam-se sobre uma diferenciação entre os sexos e os papéis socialmente atribuídos a cada um deles: a vida pública totalmente liberada ao sexo masculino, a vida privada como única alternativa existente para o feminino.

Não por acaso, uma grande quantidade de historiadores tende a apresentar o período compreendido entre os anos de 1850 e 1870, aproximadamente, como o auge do Império brasileiro (FAUSTO, 1995; VICENTINO, 1997; SKIDMORE, 2003; MALERBA, 1999; SCHNEEBERGER, 2006). Trata-se do período que se seguiu às décadas de 1830 e 1840, quando o poder imperial foi, com frequência, atacado por movimentos revolucionários, tanto na Corte quanto nas províncias, em prol de mudanças políticas e sociais. A imprensa, nesse

período, na contramão de publicações áulicas que fortaleciam a imagem da monarquia, viu florescer um sem-número de jornais de teor contrário ao regime, os chamados *pasquins* (SODRÉ, 1999). Entretanto, tais publicações limitavam-se à denúncia da realidade política. Nas décadas de 1850 e 1860, entretanto, vigorou um clima de relativa pacificidade, pois o governo imperial conseguiu banir seus inimigos e consolidar de vez o seu poder. Esse clima perdurou até mais ou menos 1870, quando chegou ao fim a Guerra do Paraguai. Os historiadores são praticamente unânimes quanto à afirmação de que, nesse período, iniciou-se um processo de declínio do sistema monárquico no Brasil, marcado pelas lutas abolicionistas e republicanas, e com as bases políticas atingidas pelas consequências da guerra. Foi no período de apogeu, portanto, que, em 1852, surgiu o *Jornal das Senhoras*: com o cenário político relativamente estabilizado.

O interstício 1850-1870, como dito, foi um período no qual se assistiu a um grande movimento de impulso no que se refere à indústria nacional, pois muito do capital que outrora fora empregado no comércio de escravos passou a ser transferido para outros setores econômicos da nação. A cafeicultura, nesse processo, foi a principal beneficiada, tendo-se constituído na principal atividade econômica do Segundo Reinado (FAUSTO, 1995).

Na esteira dessas ideias, Sodré (1999), ao contar a *História da Imprensa no Brasil*, elege os primeiros anos da década de 1850 como um momento em que também a atividade jornalística recebe, no Brasil, um impulso considerável. Para o autor, a atividade de imprensa abandonou, nessa época, um modelo artesanal em favor da consolidação de um modelo mais industrial, bem nos moldes do capitalismo então em ascensão. Se a imprensa estava restrita, quase que unicamente, ao controle da monarquia (o que o citado autor denomina *imprensa áulica*), ela passou, a partir daí, a subordinar-se também, e sobretudo, aos interesses do capital. A atividade da imprensa periódica tornou-se, portanto, elemento peculiar da sociedade imperial: ela foi, ao mesmo tempo, um veículo de disseminação de conteúdo simbólico e um artifício na busca do lucro pelas tipografias e pelos empresários que se lançassem no ramo.

Eis o quadro social, então, que deu vida ao periódico de Joanna Paula Manso de Noronha: um período de relativo desenvolvimento industrial, cultural e, também, um período de estabilidade política. É a partir da observação desse panorama que podemos compreender a significação do *Jornal das Senhoras* para a sociedade do Rio de Janeiro. Já comentamos que o principal objetivo do jornal em relação à figura feminina era defender a sua emancipação moral/intelectual, isto é, a sua ilustração. Assim, é necessário compreendermos, dentro do panorama aqui descrito, os papéis que se destinavam às mulheres, e quais as suas implicações para a vida social como um todo.

No Brasil, especialmente na Corte, em meados do século XIX, os diversos espaços, setores e indivíduos experimentavam o processo de consolidação de uma cultura de característica urbana, diferente da que vigorou durante o período anterior à independência, isto é, o período de submissão a Portugal. Tal cultura urbana foi possibilitada pelo desenvolvimento político e econômico, e pela grande concentração de indivíduos nas cidades, em detrimento do campo. Tais mudanças acarretaram transformações não só na disposição de prédios e ambientes nos espaços urbanos, como também produziram efeitos simbólicos e foram capazes de influenciar as relações entre os indivíduos, em especial as relações entre o homem e a mulher (FREYRE, 2004b).

A diferenciação entre homens e mulheres expressava-se, sobretudo, a partir dos dispositivos legais que regiam a vida política da recém-independente nação. A *Constituição Política do Imperio do Brazil*, a primeira do país, promulgada em 1824, negava às mulheres o título de “cidadão brasileiro”, bem como as excluía da definição de “eleitor”. Os direitos políticos restringiam-se, então, aos homens, o que reforçava o caráter simbólico da exclusão da mulher da vida pública da Corte (NOGUEIRA, 2012).

Nesse período, segundo nos informa Gilberto Freyre (2004b), existia, em termos simbólicos, uma *diferenciação mórbida* entre os sexos: homens e mulheres gozavam de direitos e deveres diferentes. A transição do patriarcalismo rural para um semipatriarcalismo de natureza urbana retirou as mulheres da clausura da casa-grande e confinou-as à clausura dos sobrados, atribuindo-lhe o duplo papel de cuidadora da casa e cuidadora dos filhos. Ou seja: a mulher brasileira do século XIX (e o fato é mais verificável quanto mais alta for a condição social da família), alijada dos espaços sociais e intelectuais amplos, estava destinada a preocupar-se com os serviços domésticos, à manutenção da harmonia do lar e à educação dos filhos, exercendo a função de preceptora moral dos pequenos. Freyre (op. cit., p. 207) diz que “[...] é característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo”.

Ao analisar os papéis atribuídos pelo regime patriarcal a ambos os sexos, o autor comenta os padrões morais a que a mulher esteve submetida, destacando o forte poder simbólico exercido pela dominação masculina:

[...] extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino. O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá

também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos. E uma vez por outra, em um tipo de sociedade católica como a brasileira, ao contato com o confessor (FREYRE, 2004b, p. 207-208).

Nesse ambiente, a mulher era preparada, desde a mais tenra idade, para exercer as funções típicas reservadas ao sexo feminino pelo regime do patriarcado: **filha, esposa, mãe e dona de casa**¹². No primeiro caso, totalmente sujeita à figura do pai autoritário, o *pater familias*; nos três últimos, subordinada aos mandos e desmandos do marido provedor. Tal modelo encontrava respaldo numa base cultural de cunho nitidamente religioso, a partir do qual a mulher deve ser *governada* pelo homem, por não ter capacidade para guiar-se por conta própria. Recorrendo à história de Adão e Eva, a sociedade religiosa encontrava na cultura um modo de refletir a natureza frágil e leviana da mulher. No patriarcado, “[...] essa ordenação era tida como imposta por Deus (naturalmente, definido como homem) ou, alternativamente, como fundamentada na ordem natural, tal como a concebem a razão e a ciência” (BARMAN, 2005, p. 20).

Como em termos físicos, as mulheres são “a costela de Adão”, elas são consideradas biologicamente subordinadas e dependentes dos homens. A sucumbência de Eva à tentação significa que a natureza feminina é menos forte, inconstante e menos confiável que a masculina. Como “filhas de Eva”, as mulheres têm o papel precípua de parir e criar filhos, cabendo aos homens a função principal de provedor e protetor. As mulheres levam a vida dentro de casa, no interior da chamada “esfera privada”, ao passo que os homens vivem no mundo da ação, na dita “esfera pública”. Homens e mulheres existem em par a par, mas os primeiros têm, por definição, as qualidades e os papéis ideais. Constituem a norma à qual as mulheres não podem aspirar por não serem homens. A autonomia e a função de agente são vistas como prerrogativas masculinas; e os recursos humanos, percebidos de modo a privilegiar o acesso e o controle masculinos. A agressividade, mesmo a física, é uma qualidade “masculina”; para o sexo feminino, mostrar agressividade é masculinizar-se (BARMAN, op. cit., p. 19-20).

De um modo geral, o regime de opressão vigente no período manteve-se vivo durante longo tempo, e o semipatriarcalismo característico de nosso Império não encontrou maiores contestações, salvo algumas exceções muito particulares. Nesse sentido, é comum encontrar, em trabalhos relativos à presença da mulher na história do Brasil, referências ao nome e à obra de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885)¹³. Contestadora assídua, na imprensa e

¹² Essas quatro representações da mulher são de grande importância para o presente trabalho, pois elas servem de categorias, no capítulo IV, para a análise que será empreendida do discurso do *Jornal das Senhoras*.

¹³ Conforme as explicações de Constância Lima Duarte (2010): “Este nome, melhor, pseudônimo, pertenceu à Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari (RN), em 1810, e que, após residir em diversos Estados brasileiros, como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, mudou-se para o Velho Mundo. Na Europa, durante alguns anos ela viajou por diversos países, como Portugal, Inglaterra, Alemanha, Grécia e Itália, até se fixar na

em outros espaços públicos, da condição a que estavam submetidas as mulheres, a norte-rio grandense é tida, hoje, como uma das primeiras e mais proeminentes mulheres a travar uma luta sistêmica em torno da defesa dos direitos do sexo feminino. Constância Lima Duarte (2010) comenta a importância de Nísia Floresta para o quadro geral da cultura de seu tempo, enfatizando o avanço que sua luta significava para uma sociedade na qual as mulheres eram relegadas a uma condição secundária em relação aos homens, inclusive com um respaldo político-institucional.

Num tempo em que a grande maioria das mulheres brasileiras vivia trancafiada em casa sem nenhum direito; quando o ditado popular dizia que “o melhor livro é a almofada e o bastidor” e tinha foros de verdade para muitos, nesse tempo Nísia Floresta dirigia colégio para moças no Rio de Janeiro e escrevia livros e mais livros para defender os direitos femininos, dos índios e dos escravos. Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas as colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, contos, poesias e ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. Se lembrarmos que apenas em 1816 a imprensa chegou ao país, mais se destaca o papel pioneiro que esta brasileira desempenhou no cenário nacional (DUARTE, op. cit., p. 12).

A presença de Nísia Floresta nos espaços públicos da patriarcal sociedade de seu tempo vai além da pura denúncia da secundariedade do sexo feminino na vida social e cultural. Numa visão avançada, ela defendeu também, e de modo muito eloquente, a educação para o sexo feminino como uma chave do desenvolvimento social (HAHNER, 1981). De um modo geral, nos casos em que a posição da mulher estava sendo contestada, as críticas e ataques limitavam-se, quase sempre, ao tema do direito à educação e do desenvolvimento intelectual da mulher.

Então, a cultura da opressão, em especial a extrema diferenciação dos papéis e valores destinados a cada sexo, não foram alvo de ataques contundentes nos meados do século XIX. O fato tem levado diversos(as) autores(as) a defender que não houve um *feminismo*, no sentido mais contestador que o termo referencia, nesse período. Alguns estudos tendem a considerar como sendo o início do movimento feminista, no Brasil, apenas o período situado próximo ao final da Primeira Guerra Mundial, na segunda década do século XX, estando ligado, inegavelmente, ao nome e à luta de Bertha Lutz, nos movimentos em favor do sufrágio feminino, isto é, em favor do direito ao voto (JARDIM, 2003; AUAD, 2003). Outros

França, e morrer, em 1885, nos arredores de Rouen. Em 1954, o governo do Estado do Rio Grande do Norte providenciou o traslado de seus despojos, e construiu um mausoléu na cidade em que ela nasceu, e que hoje leva seu nome”.

consideram que o movimento feminista mais organizado, no Brasil, tem seu início apenas no último quartel do século XX, quando adquiriu uma conotação muito mais política e engajada (ALVES & PITANGUY, 1985). Para Moema Toscano e Miriam Goldenberg (1992, p. 17), o movimento feminista pode ser compreendido como “[...] ação organizada de caráter coletivo que visa mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela está sujeita”.

A escravidão, a tardia emancipação do centro de dominação, o modelo fundiário imposto pelo colonizador português e a influência da Igreja Católica como força política e instrumento de controle social são, a nosso ver, elementos que permitem melhor entender as peculiaridades do feminismo em nosso país. Esses elementos são os fatores mais diretamente responsáveis pelo patriarcalismo, pelo paternalismo, pelo conservadorismo e pelo machismo brasileiro. [...] O feminismo, enquanto **movimento organizado**, aparece, entre nós, na segunda metade do século XX e se expressa, no primeiro momento, na reivindicação pelo direito ao voto. Até então, essa bandeira só havia sido levantada, em caráter muito excepcional, por uma ou outra mulher de idéias mais avançadas, como foi o caso de Nísia Floresta (1810-1885) (TOSCANO; GOLDENBERG, 1992, p. 25, grifo nosso).

Ao proporem um balanço geral do percurso traçado pelo feminismo, no Brasil, as citadas autoras não referenciam, em momento algum, o *Jornal das Senhoras*. A luta em prol da igualdade entre homens e mulheres, no século XIX, deu-se num plano nitidamente simbólico. De qualquer modo, como diz Buitoni (2009, p. 29), “[...] provavelmente o surgimento de jornais ou revistas femininas estava relacionado com a ampliação dos papéis femininos tradicionais, circunscritos até então ao lar ou ao convento”. A imprensa, nesse quadro, então, foi uma importante aliada. Por seu caráter, por assim dizer, velado, as reivindicações femininas no período não geraram *movimentos*, no sentido mais amplo do termo: desse modo, o quadro simbólico em que se moviam tais reivindicações não se afastava muito do quadro político da Corte. É ainda Buitoni (2009, p. 29) quem corrobora a questão: “[...] entre a literatura e as chamadas artes domésticas, o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático”. Por esse motivo, não estamos, aqui, inserindo o *Jornal das Senhoras* no bojo de uma imprensa de cunho *feminista*; inserimos esse periódico, como já foi observado na Introdução, no âmbito de uma *imprensa feminina* (discutimos melhor essa questão, no próximo capítulo).

Da falta de feminilidade de processos – na política e na literatura, no ensino, na assistência social, em outras zonas de atividade – ressentiu-se a vida brasileira, através do esplendor e principalmente do declínio do sistema patriarcal. Só muito aos poucos é que foi saindo da pura intimidade doméstica um tipo de mulher mais instruída – um pouco de literatura, de piano, de canto, de francês, uns salpicos de

ciência – para substituir a mãe ignorante e quase sem outra repercussão sobre os filhos que a sentimental, da época do patriarcalismo ortodoxo (FREYRE, 2004b, p. 225).

Freyre (2004b) salienta para o caráter extremamente doméstico que marcou a existência da mulher brasileira no século XIX. Ao analisar as relações entre a mulher e o homem dentro desse panorama cultural, isto é, na sociedade semipatriarcal do século XIX, o autor argumenta que a forte demarcação na atribuição dos papéis de cada sexo acabou trazendo consequências tanto físicas quanto psicológicas para a mulher. Dentre os elementos que contribuíram para isso, destaca-se a moda, enquanto um componente que, na época, reforçava a diferenciação.

Para Ximenes (2011), uma das principais aspirações do sexo feminino era o casamento. Assim, as mulheres, preparadas desde cedo para esse fim, encontravam na roupa uma forma de comunicação, de troca simbólica com o universo masculino. A autora destaca a existência muito excepcional das mulheres burguesas nos espaços públicos, pois que elas estavam, via de regra, confinadas ao espaço doméstico e familiar. A roupa, nesse sentido, exercia um papel importante: a indumentária volumosa e deveras chamativa dava à mulher a prerrogativa de, mesmo numa aparição em público, permanecer fechada em um espaço privado que, nesse caso, era simbolizado pela roupa. Esses trajes, entretanto, comenta a autora, eram verdadeiros elementos de tortura. Para utilizá-los, as meninas e moças necessitavam ajustar-se a um padrão que seus corpos, frequentemente, não apresentavam. Em relação a isso, Gilberto Freyre (2004b) comenta as implicações físicas que o uso dessa indumentária acabou trazendo para as mulheres. O autor diz que

[...] a maior frequência da tísica entre as moças lhe parece resultar em grande parte de causas sociais e, por conseguinte, evitáveis. Vestuário compressor, menos exercício durante a meninice do que o homem, maiores restrições à atividade física e à vida ao ar livre. Essas influências sociais, mais a alimentação deficiente, se fizeram sentir, com a maior intensidade, sobre a menina brasileira de sobrado. Menina aos onze anos já iaiazinha era, desde idade ainda mais verde, obrigada a “bom comportamento” tão rigoroso que lhe tirava, ainda mais que ao menino, toda a liberdade de brincar, de pular, de saltar, de subir nas mangueiras, de viver no fundo do sítio, de correr no quintal e ao ar livre. Desde os treze anos obrigavam-na a vestir-se como moça, abafada em sedas, babados e rendas; ou a usar decote, para ir ao teatro ou a algum baile (FREYRE, 2004b, p. 233-234).

Para Hahner (1981, p. 28-29), “após a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, as mulheres da classe superior começaram a seguir mais os modos de comportamento europeu”. Ximenes (2011) comenta também sobre o componente sexual que estava envolvido na definição da indumentária feminina do século XIX. Inspiradas sempre em

modelos franceses, esse vestuário servia ao olhar masculino, ou, para utilizar as palavras da autora, “eram esculpidos pelo olhar masculino”. A autora defende que “[...] o corpo da mulher esteve à mercê das torturas causadas pela elaboração dos trajes. Seu aspecto vestido resvalou o zênite da sexualidade e erotização para o vislumbre masculino”. Ao mesmo tempo, “[...] a roupa que veste a mulher lhe proporcionou uma condição participativa para se comunicar com a sociedade” (XIMENES, *ibidem*, p. 97).

Figura 01: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras* (19/08/1855)

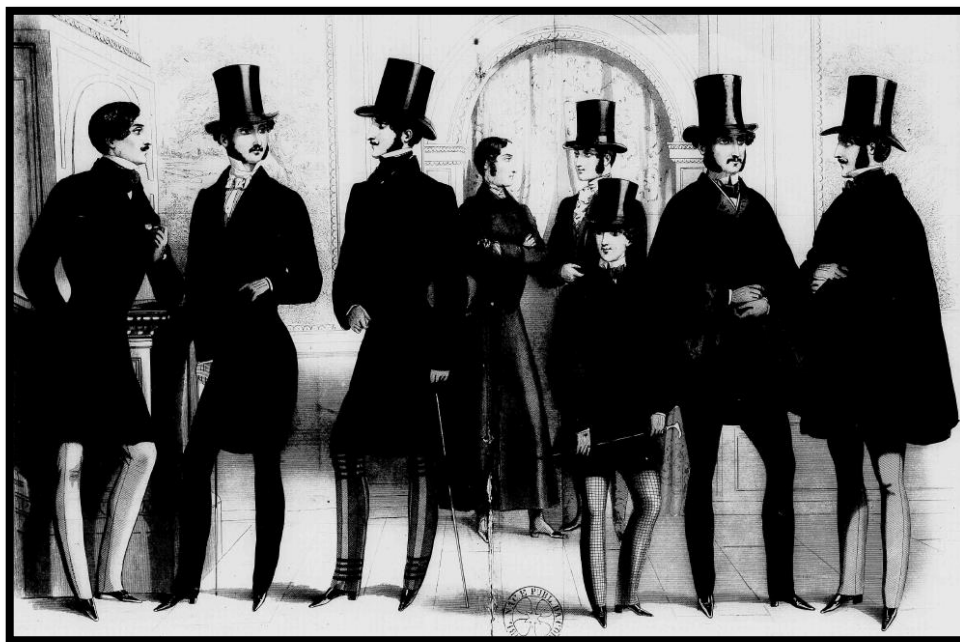


Fonte: *Jornal das Senhoras* (19/08/1855)

As figuras 1 e 2, trazidas acima e abaixo, respectivamente, são publicações do *Jornal das Senhoras* que funcionam como uma espécie de reforço desse padrão cultural ditado pela moda da época. A figura 1 mostra seis mulheres, todas elas muito bem vestidas, trajando peças que cobrem todo o seu corpo (com exceção das mãos e rosto), evidenciando a ideia de que, mesmo em qualquer aparição pública, seria preciso garantir que a mulher estivesse separada de seu exterior por uma grande e espessa indumentária. Do mesmo modo, a figura 2 traz o padrão de vestuário que era esperado, à época, dos homens de sociedade. Há, entre os oito indivíduos da estampa, uma criança vestida nos mesmos moldes: isso mostra que, desde cedo, meninos e meninas eram preparados para se enquadrarem nesse modelo. Além disso, vemos que as vestimentas dos homens e mulheres do período seguia um modelo calcado em

padrões europeus (especialmente o francês), mesmo num país de clima tão diverso como o Brasil. Nesse sentido, o jornal atua contribuindo para a reprodução das disposições culturais de gênero que marcam o seu tempo, ao tratar da moda como um tema de importância “para as mulheres”.

Figura 02: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras* (19/12/1852)



Fonte: *Jornal das Senhoras* (19/12/1852)

Assim, a roupa, para a mulher burguesa oitocentista, traduzia-se num elemento primordial que, primeiramente, funcionava como símbolo caracterizador da feminilidade; depois, como um elemento de beleza, destinado a propiciar a interação simbólica entre as mulheres e o sexo forte, com vistas ao casamento.

As boas maneiras da mulher junto à sua maneira de vestir, de produzir uma determinada aparência, deveriam ser exteriorizadas. Isso somava pontos para que o homem, em situações sociais, fizesse sua promoção pessoal perante a sociedade. Afinal, a família não representa apenas um patrimônio, como também um capital simbólico. A honra não devia ser manchada, pois certamente comprometeria a boa reputação da família e, particularmente, do chefe da mesma. A fraqueza sexual representava uma falência maior do que qualquer outra. O nascimento de filhos bastardos é censurado rigidamente; porém, quem ficava do lado da desonra e vergonha eram as mulheres (XIMENES, 2011, p. 40-41).

Vê-se, portanto, que a moda, enquanto um elemento essencialmente cultural, significava, para as mulheres brasileiras do século XIX, uma espécie de reprodução da ordem

simbólica vigente no que dizia respeito à diferenciação homem/mulher. O vestido e toda a indumentária repleta de adereços carregavam a tarefa de transformar a mulher numa verdadeira vitrine, que servia, antes de tudo, ao olhar masculino. Mas a objetificação possibilitada pelo uso dos trajes carregados não eram a única forma de simbolizar a submissão da mulher ao homem; o fenômeno expressava-se também em outros pontos da atividade social.

A pretensa superioridade do masculino sobre o feminino, calcada num ideário de origem religiosa, era vivenciada por praticamente todas as classes sociais. Numa sociedade fortemente católica como o Brasil imperial, não é de se estranhar que os valores perpetrados pela religião tenham ajudado a moldar também as relações sociais entre os gêneros. Roderick J. Barman (2005), ao traçar a biografia da Princesa Isabel, monta um perfil do caráter tradicional-conservador que atravessava as questões envolvendo gênero e poder no interior da nação no século XIX. O autor deixa claro que essa realidade era vivenciada, de maneira muito viva, pela própria família do imperador, muitas vezes tomada como exemplo por outras famílias no período. O próprio *Jornal das Senhoras*, muitas vezes não hesitou em tecer elogios à Imperatriz, fosse por conta de uma sua aparição n'algum baile ou até mesmo por ocasião de seu aniversário.

Ainda me recordo vivamente do pompozo e brilhantíssimo baile, verdadeiramente Imperial, com o qual se dignou honrar-nos S. M. o Imperador e sua Augusta e Excelsa Esposa! Como estava Ella tão angélica, tão fagueira e tão sublime; o reflexo de sua alma pura transluzia ali, como em toda a parte, cheio de graça e primor. As galas e os diamantes que guarnecião o valioso collar das bellezas que A circundavão, os titulos e as medalhas que se curvavam perante Ella, parecião formar um verdadeiro cofre de joias entre as quaes era Ella a mais primorosa. Cheguei a adoral-a (JORNAL DAS SENHORAS, 01/01/1852).

Tomava-se, pois, a Imperatriz como uma espécie de modelo feminino a ser copiado por outras mulheres. Explicitando a natureza das relações que se estabeleciam no âmbito doméstico da família imperial, Barman (op. cit.) ressalta o componente tradicional que a ela se vinculava. A citação abaixo permite explicar a convivência do próprio imperador com as mulheres da família, bem como com outras senhoras ligadas aos seus círculos de convivência.

Com a notável exceção da extensiva instrução na sala de aula, a educação que o imperador impôs às filhas era a mesma que se dava às mulheres da classe dominante desde os tempos coloniais. D. Isabel e D. Leopoldina estavam sujeitas à sua autoridade e constituíam propriedade sua. Eram mantidas reclusas porque sua integridade física simbolizava a honra da família e comprovava o poder paterno. Convém sublinhar que a atitude de D. Pedro II em relação às mulheres não era

misógina. Ele apreciava a companhia de mulheres atraentes, inteligentes e cultas. (...) A relação de D. Pedro II com as mulheres nunca passou de uma diversão ou de um entretenimento privado. No tocante aos assuntos públicos, ele não podia concebê-las – nem mesmo as suas filhas – participando do governo. **A natureza não as havia projetado para semelhante função** (BARMAN, 2005, p. 75-76, grifo nosso).

Hahner (1978), comentando as implicações desse ideário religioso na vida cultural do século XIX, diz que a figura da mulher foi identificada, não raramente, com a figura da Virgem Maria: desse modo, a mulher era o elemento em torno do qual todos os membros da família agrupavam-se, espiritualmente falando. Além disso, à mulher caberia o papel de transmissora dos bons costumes e das virtudes desejáveis para seus filhos e filhas. “Sua pureza, num mundo reconhecidamente perverso, deveria ser respeitada e preservada através do isolamento. Era na reclusão do lar que ela devia ser adorada” (HAHNER, 1978, p. 85).

Conquanto o modelo feminino preconizado pela cultura semipatriarcal do século XIX fosse o da mulher sentimental, frágil, sem uma atuação mais viva no ambiente público e na vida política, Hahner (1981, p. 28) mostra exceções a esse modelo, demonstrando a presença de algumas mulheres no círculo social de seu tempo.

[...] o estereótipo da fêmea pura, protegida, não era universalmente válido. O comportamento real variava conforme a classe. As mulheres da classe inferior conheceram maior liberdade pessoal, assim como trabalho físico árduo. Mesmo entre a elite, nem todas as mulheres eram confinadas à esfera privada do lar e excluídas da esfera pública, entregue aos homens, como no caso de viúvas ativas que dirigiam fazendas. Nas cidades, as mulheres de elite que permaneciam em grande parte reclusas em suas casas, freqüentemente administravam grandes estabelecimentos, cheios de parentes, servidores e escravos. Tais mulheres puderam exercer influência indiretamente, nos bastidores, sobre homens que ocupavam cargos de importância na esfera pública. Contudo a autoridade do marido e do pai permanecia e a esposa era-lhes sujeita.

Até aqui, viemos perseguindo uma linha de exposição que permite compreender, dentro de um quadro geral de significações e construções culturais, os papéis e as representações concernentes à mulher do Brasil oitocentista, em especial àquela residente na Corte. Fica claro que à mulher estavam ligadas quatro principais formas de representação que a marcavam em sua trajetória: **filha, esposa, mãe e dona de casa**¹⁴. Outrossim, fica claro que, para além de uma diferenciação entre os dois sexos, havia também uma diferenciação dentro do próprio sexo feminino, pontuada, sobretudo, pelas relações entre as mulheres de classes sociais distintas. Esse é um fato deveras importante para um entendimento significativo de

¹⁴ A consideração dessas quatro formas de representação é de enorme importância para este trabalho, pois elas serão tomadas como categorias de análise para o desvendamento dos processos de produção de sentidos no discurso do *Jornal das Senhoras*, no quarto capítulo do texto.

nosso objeto de investigação, o *Jornal das Senhoras*, uma vez que entender o papel ocupado por mulheres de diferentes classes torna-se útil para o entendimento do conteúdo veiculado por esse periódico no âmbito social. O *Jornal das Senhoras*, enquanto produto resultante do incipiente desenvolvimento de uma indústria da comunicação no Brasil de meados do século XIX, apresentava-se como uma mercadoria regulada pelas leis do mercado. Não há como negar, entretanto, o significado de seu objetivo principal enquanto elemento simbólico, enquanto texto dirigido a um público específico, com o intuito de convencê-lo e de contribuir, ainda que timidamente, para a mudança do quadro patriarcal então vigente.

Para Freyre (2004a, 2004b), o patriarcalismo tem seu auge, em solo brasileiro, durante o período colonial, quando se desenha um modelo de organização social de cunho agrário-escravista, no qual detinha o poder a figura do senhor de engenho. Marcado por uma fortíssima caracterização religiosa, foi esse o modelo que, por cerca de três séculos, imperou na sociedade escravocrata e aristocrática do país: um regime de natureza acentuadamente androcêntrica, em suma. Como resultado do paulatino desenvolvimento de um ambiente cultural urbano, esse modelo patriarcal entra num período de lenta desintegração, que se vai consolidar durante o Império. É nessa fase que o pai de família, outrora detentor de uma autoridade que praticamente não encontrou obstáculos, começa a ter sua figura lentamente contestada, a partir da competição com outras instituições sociais e com novas formas de vida e de sociabilidade forjadas no interior de uma cultura de traços urbanos. Como resultado de todo esse processo, de acordo com a defesa do autor, o trabalho de desintegração do patriarcalismo brasileiro atinge o seu ponto culminante no final do século XIX, especialmente a partir de dois acontecimentos que lograram causar um grande impacto na vida política e social do Brasil: o fim da escravidão e a proclamação da república, em 1888 e 1889, respectivamente. A partir daí, então, tornar-se-ia praticamente impossível manter o funcionamento da sociedade brasileira dentro de uma estrutura que havia sido forjada na época colonial, num quadro político, econômico, social e cultural em quase tudo diverso. Assiste-se, pois, à desintegração acelerada de um processo que, por aqui, durou séculos. Entretanto, tal desintegração não significa necessariamente que as características do regime social do patriarcalismo deixaram de existir no Brasil: o patriarcalismo vai se transformar, espalhando seu conteúdo simbólico por diversos pontos desse mesmo quadro cultural que propiciou a sua decadência (FREYRE, 2004a, 2004b).

É nesse sentido que as considerações tecidas por Lerner (1986) em relação aos sentidos do patriarcado podem ser aplicadas mais diretamente ao caso brasileiro. Ao nosso ver, o fenômeno de dominação-exploração que Gilberto Freyre mostra como fruto de um

longo processo de desintegração encontra-se muito mais próximo daquilo a que Lerner chama de "sentido estrito do patriarcado", qual seja, as relações de dominação que se estabelecem num nível micro, em termos de família ou, no caso brasileiro, em termos do espaço social formado em torno da casa-grande. Com a decadência de nosso patriarcalismo e a sua dispersão no interior do quadro social como um todo, passamos ao que a autora entende como sendo um sentido amplo para o termo patriarcado: a sua existência dentro do conjunto social como um todo. De qualquer forma, como salienta o próprio Freyre, não se pode dizer que o patriarcalismo desapareceu, no Brasil, pois ainda se mantêm muitos dos aspectos que em outros tempos marcaram a vida por aqui.

Pois a desintegração de força tão enorme como aquela em torno da qual se constituiu o Brasil não poderia deixar de ser lenta. Tão lenta que ainda não é possível dizer do complexo patriarcal que desapareceu no Brasil. Nossas casas são ainda povoadas por sobrevivências patriarcais. Nossos hábitos, ainda tocados por elas (FREYRE, 2004a, p. 100).

O patriarcado continua vivo, em muitos lugares e em muitas instituições, moldando ainda o que podemos definir como o traço geral do fenômeno da dominação masculina no Brasil. É justamente essa ubiquidade das disposições do sistema de dominação-exploração patriarcal que as torna passíveis de uma incorporação inconsciente por parte dos indivíduos, uma vez que essa ordem de coisas é reafirmada constantemente pelas práticas sociais e também pelos discursos que circulam no ambiente social. Como *realidade incorporada*, ela consegue firmar-se como uma das dimensões essenciais que constituem as subjetividades dos indivíduos envolvidos nesse processo. No próximo tópico, discutimos acerca da configuração da educação feminina nesse quadro cultural em que vigorou com toda força o regime patriarcal.

2.4. A questão da educação da mulher

Este tópico de nosso estudo aborda, especificamente, a questão da educação feminina no século XIX. Trata-se de uma tentativa de compreensão das informações trazidas no tópico anterior, quando inseridas no âmbito geral abrangido pelas noções vinculadas à instrução da mulher oitocentista. Antes, porém, de iniciar as discussões propriamente históricas relacionadas ao tema, cumpre-nos explicitar em qual sentido está sendo tomada, aqui, a palavra *educação*.

Em primeiro lugar, não estamos interessados em fazer referência apenas às implicações institucionais que o uso da palavra educação pode sugerir, tomando-a, talvez,

como sinônimo de *instituição escolar*. Admitimos o fenômeno educacional numa perspectiva ampla, na esteira do pensamento dos sociólogos Karl Mannheim e W.A.C. Stewart (1969), quando estes defendem que a existência da educação, para além do espaço escolar, deve ser pensada como elemento integrante da sociedade, pois é a partir da coletividade que ela adquire seu sentido.

Cumpramos [...] distinguir entre os aspectos formais, institucionalizados, da educação, quais se encontram nas escolas, e a noção mais ampla e generalizada da educação social, decorrente da influência da sociedade educativa, onde educamos pelo emprêgo de influências comunitárias. Já não podemos pensar em termos de compartimentos. **Aqui estamos lidando não só com a escola na sociedade mas também com a escola e a sociedade.** Isto quer dizer que a educação deve ser considerada una e indivisível, onde a instrução formal, vitalmente importante como é, precisa relacionar-se em tôdas as partes a outros fatores da sociedade (MANNHEIM; STEWART, 1969, p. 40, grifo nosso).

Também, para os autores, o aprendizado envolve, por definição, uma modificação da natureza dos indivíduos envolvidos nesse processo, o que o põe em relação, assim, com a modificação da própria sociedade e da vida numa determinada comunidade (MANNHEIM; STEWART, op. cit.). Portanto, a educação da mulher brasileira oitocentista é analisada, aqui, dentro de um arcabouço que permita explorar a natureza das políticas públicas e institucionais que foram formuladas relativamente ao “*bello sexo*”. Ao mesmo tempo, contudo, temos em vista que essa dimensão não esgota as possibilidades de compreensão do fenômeno e, assim, estamos levando em conta, de um modo geral, outras questões referentes à instrução, à aprendizagem e à aquisição de conhecimentos e habilidades por parte das mulheres. Tais habilidades estão relacionadas, sobretudo, à leitura e à escrita, por entendermos que elas são dois elementos de fundamental importância para pensarmos o vínculo (in)existente entre a mulher e o conhecimento, no Brasil do século XIX, especialmente no que se refere à imprensa.

As explicações trazidas no item anterior intentaram permitir a compreensão do contexto cultural no qual se moviam homens e mulheres, em meados do século XIX, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Em decorrência da paulatina consolidação de uma cultura de feições urbanas, na Corte, novos modos de vida foram se configurando, ajustando-se, inclusive, a novas formas de organização política e econômica (ALMEIDA, 2006). Como elemento essencial para a compreensão dessa estrutura social, a questão da educação coloca-se como mais um fator de diferenciação dos papéis concernentes ao masculino e ao feminino. Devido à sua importância capital para o alcance dos objetivos a que este trabalho se propõe, à temática da educação foi reservado um espaço de destaque, e essa temática pode ser tanto

melhor compreendida quanto mais adequada for a sua consideração em relação ao contexto aludido no item anterior.

A análise do circuito cultural no qual se inseriu o *Jornal das Senhoras*, juntamente à análise da organização educacional no período, permite observar em qual sentido caminha a proposta de emancipação moral da mulher, enfatizada nas páginas do periódico, uma vez que o contexto determina o texto. A partir de um discurso vivo em favor da necessária educação/ilustração para o sexo feminino, o hebdomadário funcionou como um elemento de mediação para grupos de mulheres do Rio de Janeiro, procurando demonstrar o valor do conhecimento para um público que, socialmente, encontrava-se subordinado sob as mais diversas formas.

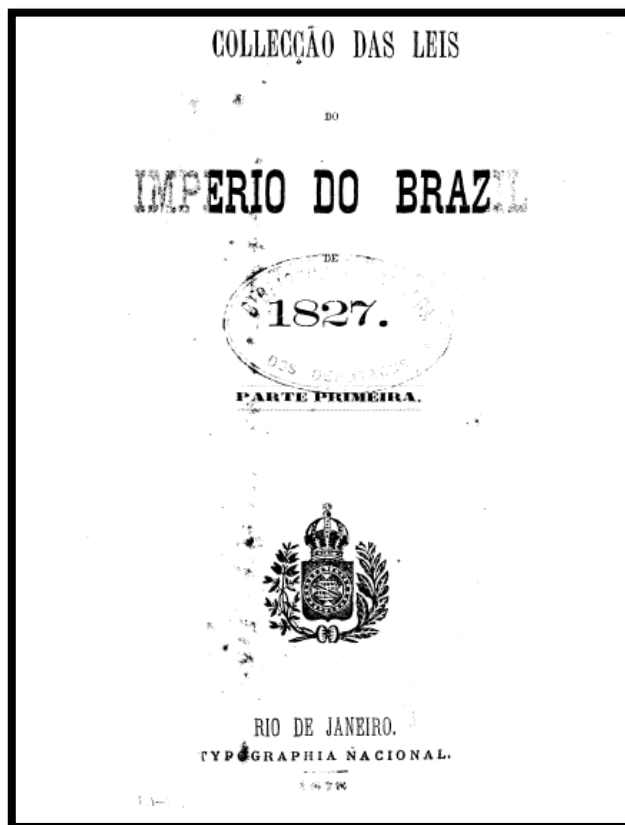
Nesse sentido, torna-se imprescindível compreendermos as discussões colocadas, à época, em torno do tema da educação, de sua organização em nível nacional, bem como a sua significação dentro de processos *macro*, isto é, a pertinência do tratamento da educação para o entendimento da sociedade brasileira. Assim, o exame das condições de escolarização disponíveis, tanto para homens quanto para mulheres, tende a tornar-se muito mais exitoso. O entendimento, então, das políticas públicas voltadas à educação, por parte do governo imperial, é de extrema importância para que se tenha em mente a distinção em torno do masculino e do feminino, no que se refere ao tema, uma vez que é de grande significação a consideração do discurso institucional que dava suporte às posições dos sujeitos e reforçava seus papéis no interior da cultura.

A chegada da família real portuguesa ao solo brasileiro, no ano de 1808, foi responsável pela instauração, na colônia, de uma série de modificações em termos de organização da estrutura administrativa e da vida cultural, especialmente em relação à realidade do município da Corte (FAUSTO, 1995). Na esteira desse processo, o governo real investiu na criação de diversos cursos superiores¹⁵, nas principais cidades da colônia, enquanto os ensinos elementar e secundário não sofreram importantes modificações no período. De um modo geral, o ensino superior foi o nível que recebeu maior atenção do governo até alguns anos depois da independência política. Após 1822, esses cursos, mormente os jurídicos, foram usados como fornecedores de material humano para a ocupação dos cargos administrativos da então recém-independente nação (ROMANELLI, 1986). Obviamente, não

¹⁵ Maria Luísa Santos Ribeiro (2010) fornece informações mais precisas acerca desses cursos: “[...] são criados na Bahia os cursos de economia (1808); agricultura (1812), com estudos de botânica e jardim botânico anexos; o de química (1817), abrangendo química industrial, geologia e mineralogia; em 1818, o de desenho técnico. No Rio, o laboratório de química (1812) e o curso de agricultura (1814). Esses cursos deveriam formar técnicos em economia, agricultura e indústria. Representam a inauguração do nível superior de ensino no Brasil” (RIBEIRO, 2010, p. 27).

havia nenhum dispositivo que regulamentasse a presença de mulheres nesses cursos superiores, o que, aliás, veio a ocorrer apenas cerca de um século depois.

Figura 03: Capa da *Collecção das Leis do Imperio do Brazil – 1827*, publicada em 1878, que traz o texto original da Lei de 15 de outubro de 1827.



Fonte: BRASIL, 1878.

Como consequência dessa necessidade de reorganização da educação nacional, a 15 de outubro de 1827 (ver figura acima), por meio da promulgação da lei que “manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio” (BRASIL, 1878), o poder imperial, ainda no Primeiro Reinado, regulamentava a oferta do ensino elementar no Brasil. O referido texto legal mostrava-se como resultado de uma série de discussões travadas após a Independência, para a organização da nação, na qual a educação figurou como uma prioridade, conforme indica Saviani (2006). A leitura da publicação mostra como a diferenciação imposta aos sexos produzia reflexos, também, nas incipientes políticas públicas voltadas à educação:

D. Pedro I, por Graça de Deus e unanime acclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil: Fazemos saber a todos os nossos súbditos que a Assembléa Geral decretou, e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias.

[...]

Art. 6º Os Professores ensinarão [aos meninos] a ler, escrever, as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostólica romana, proporcionados á compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil.

[...]

Art 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fôrma do art. 7º. (BRASIL, 1878, p. 71, grifo nosso).

O texto legal supracitado representou o primeiro dispositivo a regulamentar a educação das mulheres no país, constituindo um avanço. Por meio dele, elas obtinham, finalmente, o direito à educação. Entretanto, conforme explica Hahner (1981, p. 33), “a lei admitia meninas apenas para as escolas elementares, não para instituições de ensino mais adiantado. A tônica permanecia na agulha, não na caneta”. Como dito, o ensino superior, à época, era tido como um espaço de formação de pessoal para a atuação na vida administrativa e política da nação, o que excluía a possibilidade de as mulheres frequentarem tais cursos. Do mesmo modo, o ensino secundário, de natureza propedêutica, funcionava como um verdadeiro curso preparatório para o acesso ao ensino superior. Essa estruturação permaneceu praticamente inalterada por bastante tempo. Conforme explica Saviani (2006), a Lei das Escolas de Primeiras Letras teve sua vigência até o ano de 1854, quando foi lançado o Decreto n. 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854, que ficou conhecido como a Reforma Couto Ferraz.

Com essa reforma, passou a existir a obrigatoriedade do ensino. Saviani (2006), ao tratar da contradição referente à suposta universalização da educação, destaca a exclusão dos negros. Embora o autor não trate especificamente da questão, fica clara, também, a exclusão das meninas do circuito escolar, uma vez que o ensino só era obrigatório para os “*meninos* maiores de 7 anos”. Ou seja: embora o governo imperial houvesse estendido, já em 1827, o direito da educação às meninas, ainda no ano de 1854 (quando o *Jornal das Senhoras* estava em circulação) essa educação não havia sido tornada obrigatória. Conforme demonstrado no tópico anterior, o período que engloba as décadas de 1850 e 1860 representa um intervalo temporal de relativa estabilidade em termos políticos, sendo essa uma questão praticamente consensual entre os historiadores. Maria Luisa Santos Ribeiro, em sua obra *História da*

educação brasileira: a organização escolar (2010), propõe uma historicização do tema da educação, no Brasil, tomando como um parâmetro importante a conjuntura econômica existente em cada período do desenvolvimento brasileiro. Também para a autora, o interstício 1850-1870 representa uma fase específica da história do Império. Tal fase é marcada, em sua visão, por um processo de consolidação de um regime *agrário-comercial exportador*, em substituição a um modelo *agrário-exportador dependente*, que teve lugar até os primórdios da fase politicamente autônoma, isto é, até o início da década de 1820, quando foi proclamada a Independência.

Nessa mesma linha, ao falar da educação brasileira do segundo império, a autora defende que as oportunidades no campo da instrução *secundária* estiveram restritas basicamente ao sexo masculino¹⁶. Tal fato confirma a existência de meninas estudantes quase que unicamente nas turmas de ensino primário. De toda forma, os conhecimentos mais abstratos estavam excluídos do currículo feminino, que incluía, por sua vez, conhecimentos relativos às artes domésticas, o que mostrava, desde muito cedo, a preparação das alunas para as funções de esposa, mãe e dona de casa, nos termos da visão cultural dominante. Comentando a realidade educacional do país após a reforma Leôncio de Carvalho (decretada em 19 de abril de 1879), isto é, praticamente ao final do século XIX, a citada autora argumenta:

Dado o grau de subordinação da mulher no período, a maioria dessa faixa da população era analfabeta. Uma pequena parte era tradicionalmente preparada na família pelos pais e preceptores, limitando-se, entretanto, às primeiras letras e ao aprendizado das prendas domésticas e de boas maneiras. Uma quantidade menor ainda é que, no período tratado [final do século XIX], recebe uma instrução secundária não muito profunda. Mas pelo fato de esses cursos estarem desobrigados da preparação para o superior, eles acabam tendo maior organicidade, grande importância é dada às línguas modernas, às ciências (especialmente consideradas em suas aplicações práticas) e incluem cadeias pedagógicas (RIBEIRO, 2010, p. 49).

Destacamos ainda um trecho da citação acima, concernente ao ensino às mulheres, que era geralmente limitado “às primeiras letras e ao aprendizado das prendas domésticas e das boas maneiras”. Essa realidade demonstra a perpetuação, no Brasil, de um modelo de educação feminina que se restringe, via de regra, ao aprendizado para a vida privada, para os cuidados com o lar. Tal modelo, em verdade, vinha sendo reafirmado desde os primórdios da colonização das terras brasileiras pelos europeus, já que a mesma autora, ao tratar das características do ensino ministrado, aqui, pelos jesuítas, reitera que “a educação feminina

¹⁶ Ribeiro (2008, p. 49) comenta que “data do final do século XIX, como resultado da iniciativa popular, o aparecimento do ensino feminino em nível secundário”.

restringia-se a boas maneiras e prendas domésticas” (idem, ibidem, p. 12). Esse movimento parafrástico, de reformulação do mesmo discurso, indica a continuidade histórica da desvalorização da mulher em relação ao homem.

É importante ressaltar, entretanto, que, a despeito do estabelecimento de políticas públicas e de um crescimento econômico que as possibilitava, a educação, como elemento da estrutura social, adequava-se à mentalidade vigente à época. O Brasil como uma nação marcada, por um lado, pelo regime escravocrata, baseado num ideário de superioridade racial e, por outro lado, num regime patriarcal, em que predominava o elemento masculino em detrimento do feminino, a organização educacional refletia essa ordem de coisas, o que impunha severas consequências à operacionalização do ensino: seletividade, segregação e exclusão são algumas dessas consequências.

A realidade das mulheres brasileiras do século XIX foi observada por diversos olhares daqui, mas também por muitos viajantes que aqui estiveram, como se pode notar através de seus relatos. No livro *A mulher no Rio de Janeiro do século XIX: um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros* (1982), as autoras Miriam Lifchitz Moreira Leite, Maria Lúcia de Barros Mott e Bertha Kauffmann Appenzeller realizam um inventário dos relatos de diversos viajantes que passaram pelo solo brasileiro, nos anos oitocentos, e registraram comentários acerca do cotidiano das mulheres, em especial as da Corte. No ano de 1853, destacam as autoras, o francês Charles Expilly, em seu livro *Le Brésil tel qu'il est*, ao observar a sociedade brasileira e, em especial, o cotidiano dos grupos femininos, destacava a forte influência exercida pela cultura francesa (a moda como um elemento de destaque) sobre as mulheres do tempo. No que se refere à educação, o viajante diz que “[...] raras são as mulheres brasileiras civilizadas, a maioria não sabe nada a não ser tocar polca e fazer doce” (EXPILLY apud LEITE; MOTT; APPENZELLER, 1982, p. 91). O mesmo autor, em outro livro intitulado *Mulheres e Costumes*, dedicado especificamente ao registro da vida feminina, examina mais detidamente a temática da educação. O viajante chega a afirmar, entre outras coisas, que o “estado não tem dinheiro para fundar escola de ensino profissional para moças”, transportando suas observações para o campo das políticas públicas educacionais. Num outro ponto, reforçando o caráter extremamente básico que marcava a educação feminina, o viajante expõe as únicas características dessa instrução: “[...] ler, escrever, manejar o chicote” (EXPILLY apud LEITE; MOTT; APPENZELLER, op. cit., p. 92).

Comentando esse ponto, Ribeiro (2010, p. 38-39) mostra como se tornava extremamente complexa a tarefa de levar a cabo uma proposta eficiente de ensino, dado o alto

grau de conservadorismo da sociedade e a falta de disposição, por parte de muitos, para modificar tal quadro:

[...] numa organização econômico-político-social como a do Brasil-Império, as medidas especialmente relacionadas à escola acabavam por depender marcadamente da boa vontade das pessoas. Pessoas essas que atuam dentro e nos limites da estrutura educacional existente. As modificações propostas são superficiais por serem pessoas pertencentes à camada privilegiada, sem razões fundamentais para interessar-se pela transformação da estrutura social geral e educacional, especificamente. São superficiais, também, pelo tipo de formação superior recebida, que oferece uma interpretação da realidade, fruto dessa perspectiva de privilégios a serem conservados ou, quando muito, uma interpretação da realidade segundo modelos importados, os mais avançados, mas resultado de situações distintas e, por isso, inoperantes.

Tais considerações inserem a temática da educação de mulheres no âmbito de uma estrutura simbólica que reforça e reproduz a distinção entre os papéis do homem e da mulher e a configuração de todo um quadro social. A escola, como lócus de reprodução cultural e propagação da realidade, mostra-se como um elemento que não foge a essa lógica excludente e opressora. Uma análise da organização da educação brasileira durante o Brasil Império (bem como em épocas posteriores, uma vez que se trata de um processo que em nossos dias ainda não se resolveu por completo) dá conta de explicar o fato de que as noções de gênero existentes na sociedade brasileira, como resultado do desenvolvimento de um regime patriarcal, são refletidas, inclusive, nas próprias políticas educacionais que vão sendo formuladas ao longo da história.

Embora a educação destinada às mulheres, pelo menos nas primeiras décadas do Segundo Reinado, fosse bastante restrita e incluísse, basicamente, a leitura, a escrita e o cálculo (além, obviamente, das boas maneiras e prendas domésticas), um exemplo curioso e deveras destoante desse modelo é o tipo de educação fornecido pelo Imperador D. Pedro II às suas duas filhas (Isabel e Leopoldina). Apaixonado pela ciência e pela cultura, o monarca procurou imprimir à educação das filhas um caráter tão diversificado e completo quanto possível, marcado pelo aprendizado de uma grande quantidade de informações e pela existência, no programa, de disciplinas e conteúdos que, via de regra, estavam restritos aos estudos masculinos, assim mesmo em estágios mais avançados de escolarização, como o ensino superior. Roderick J. Barman, biógrafo da Princesa Isabel, fornece detalhes precisos acerca da instrução recebida pela herdeira do trono, bem como por sua irmã, durante a sua adolescência.

No final da década de 1850, o formidável programa de instrução concebido por D. Pedro II mantinha suas filhas ocupadas, na sala de aula, nove horas e meia por dia, seis dias por semana. A gama de matérias acadêmicas que estudavam incluía as línguas latina, francesa, inglesa e alemã, a história de Portugal, da França e da Inglaterra, a literatura portuguesa e a francesa, geografia e geologia, astronomia, química, física, geometria e aritmética. A isso se acrescentavam desenho, piano e dança. Em 1863, quando as princesas completaram, respectivamente, dezessete e dezesseis anos, as aulas passaram a incluir também o italiano, história da filosofia, economia política e o grego.

A condessa de Barral e Mlle. Templier [preceptoras] ensinavam algumas matérias, principalmente francês, literatura e história, mas todos os outros professores eram homens, vários deles antes preceptores do próprio imperador na juventude. Quando seus deveres de monarca permitiam, D. Pedro II participava ativamente da instrução das filhas. No fim de 1861, declarou que “meus principais divertimentos” são “o estudo, a leitura e a educação de minhas filhas, que amo extremosamente”. No começo, ensinava geometria e astronomia, e chegou mesmo a escrever um tratado sobre a segunda matéria para elas. “Esmerei na exatidão e informações na época em que o escrevi”, jactou-se na velhice. [...] (BARMAN, 2005, p. 67-69).

As informações acima trazidas parecem encerrar uma contradição evidente no que tange à educação feminina do Segundo Reinado. Enquanto as próprias filhas do Imperador receberam uma esmerada instrução, no sentido de que seus programas de aprendizagem apresentavam uma carga exaustiva e diversificada de conhecimentos, tal modelo de instrução não se refletia, de modo algum, no bojo das políticas educacionais para as mulheres do período. Como mencionado, apenas no final do século XIX (e por *iniciativa popular*) apareceu o ensino secundário feminino, o que leva a entender que, durante várias décadas, as mulheres estiveram praticamente alijadas do universo do conhecimento, tal como os homens o conheciam.

Almeida (2006), explicando o processo que levou à maciça feminização do magistério, no Brasil, mostra como a consolidação das Escolas Normais, no século XIX, funcionou como um meio através do qual as mulheres foram, pouco a pouco, adquirindo lugar no âmbito educacional. A autora mostra que “a entrada das mulheres nas escolas normais e a feminização do magistério primário foi um fenômeno que aconteceu rapidamente e, em pouco tempo, elas eram maioria nesse nível de ensino” (ALMEIDA, 2006, p. 189). Fundadas, inicialmente, apenas para atender ao sexo masculino, como instâncias reprodutoras da ordem cultural vigente, essas escolas foram, com o tempo, tornando-se espaços predominantemente femininos, o que acabou por levar à identificação da profissão de professor (em especial do professor de primeiras letras) com a figura da mulher.

Atendendo aos debates sobre proporcionar às jovens um tipo de curso que aliasse a instrução ao exercício de uma profissão, e procurando suprir um espaço profissional aberto pela criação de escolas primárias para a população que se expandia, pela Lei n. 5, de 16 de fevereiro de 1847, foi criada uma escola normal feminina no Seminário das Educandas, conhecido na época por Seminário do Açu. Nos mesmos

moldes da escola masculina criada em 1846, funcionava com curso de dois anos e possuía um programa restrito no qual se incluía gramática portuguesa, aritmética, doutrina cristã, francês e música. Persistindo no ideário proposto, em 1851, um decreto mandou prover as cadeiras públicas do sexo feminino com educandas maiores de 25 anos que revelassem aptidão para o magistério (ALMEIDA, 2006, p. 187).

Assim, vê-se que, em termos legais e institucionais, a educação da mulher não foi tomada como fator de grande importância durante o século XIX, realidade que começou a se modificar em épocas ulteriores¹⁷. Foi sobre esse ponto que, em 1852, ao lançar a público o *Jornal das Senhoras*, Joanna Paula Manso de Noronha se debruçou, estabelecendo as bases de uma imprensa voltada para a emancipação do sexo feminino através da educação. Essa problemática não foi uma premissa exclusiva do *Jornal das Senhoras*: ao longo das décadas finais do século XIX, e mesmo depois disso, outros periódicos trataram de levantar a bandeira em favor da educação feminina, a exemplo de *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz (ver figura na próxima página).

[...] talvez de importância mais imediata fosse o apelo constante ao interesse pessoal masculino como uma forma de melhorar a posição das mulheres. Afinal, os homens estavam preocupados com o futuro de seus filhos, e este deveria incluir sua educação. A forma pela qual as mulheres poderiam ‘ter outra influência que não seja sobre as panellas’ ou ‘outra missão além das costuras’ era através da ‘educação de seus filhos’, pois estes aprendiam com sua mãe as primeiras lições e os princípios morais. Esta tarefa nobre de educar os filhos deu valor às mulheres. Além do mais, uma forma de mudar a mente dos homens era moldando a dos meninos. As mães poderiam ajudar as mulheres com ‘desarraigar esse preconceito funesto do espírito de seus filhos; essa idéia de uma superioridade injusta’. Para cumprir seus deveres, as mulheres tinham de ser educadas e tratadas com respeito. Como Joana Manso retorquiu a uma crítica masculina feita a seu jornal, quanto ‘mais ilustrada for a mulher (...) mais amplamente preencheria essa missão sagrada de esposa e de mãe’ (HAHNER, 1981, p. 38-39).

Defendemos, entretanto, que a questão da ilustração feminina deve ser analisada também fora das implicações institucionais fornecidas pela averiguação dos documentos legais que nortearam a educação do século XIX. Como já foi explicitado, muitas mulheres eram instruídas em casa, com o auxílio dos próprios pais ou de preceptores(as) contratados para tal fim. É bem verdade que, sob esse aspecto, a educação doméstica torna-se um fenômeno restrito quase que unicamente às mulheres de classes sociais mais abastadas. De qualquer forma, tem-se aí um fator que permite compreender, sobretudo, e para além dos

¹⁷ Para uma melhor compreensão das questões que envolveram o desenvolvimento das Escolas Normais, bem como a conquista do espaço educacional pelas mulheres, tanto na função de discente quanto na função de docente, recomenda-se a leitura completa do trabalho, já citado, de Jane Soares de Almeida (2006): *Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e no Brasil a partir do século XIX*. Ver referência completa ao final do trabalho.

bancos escolares, as práticas de leitura e escrita vinculadas ao sexo feminino nos oitocentos. Visto sob um espectro amplo de significações, o próprio surgimento de uma imprensa feminina demonstra a existência de um público feminino que lê e, ao mesmo tempo, escreve, colaborando com as folhas. É preciso que se tenha em mente a natureza das práticas de leitura e de escrita às quais as mulheres estavam vinculadas no período, bem como a implicação dessas práticas para a organização do quadro social como um todo.

Figura 04: Texto publicado no jornal *O Sexo Feminino* (07/09/1873)

Anno 1. Cidade da Campanha, 7 de Setembro de 1873. Num. 1.

O SEXO FEMININO

SEMANARIO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER.

Assignaturas.

Por anno. 28000
 Por semestre 28000
 Publica-se 1 vez por semana.

« E' pelo intermedio da mulher que a natureza escreve no coração do homem »

(AIMÉ' MARTIN.)

Observação.

Toda correspondência será dirigida á D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz.

PROPRIETARIA E REDACTORA—D. FRANCISCA S. DA M. DINIZ.—COLLABORADORAS, DIVERSAS.

O Sexo Feminino.

A educação da mulher.

Zombem muito embora os pessimistas do apparecimento de um novo órgão na imprensa—*O Sexo Feminino*; tapem os olhos os indifferentes para não verem a luz do progresso, que, qual pedra despreendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; rião os curiosos seu riso sardonico de reprobção á idéa que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*; persigão os retrogrados com seus dilerios de chufac e mofa nossas contrerancas, chamando-as de *utopistas*: O *Sexo Feminino* apparece, hade lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido.

O seculo XIX, seculo das luzes, não se findará sem que os homens se convenção de que mais de metade dos males que os opprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres, e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de um *traste de casa*, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns individuos menos de-

licados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar!!!

Em vez de paes de familia mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da lingua nacional *perfeitamente*, e depois, *economia e medicina domestica*, a *puericultura*, a *litteratura* (ao menos a nacional e portugueza), a *philosophia*, a *historia*, a *geographia*, a *physica*, a *chimica*, a *historia natural*, para coroar esses estudos a *instrução moral e religiosa*; que *estas meninas assim educadas* não dirão quando moças estas tristes palavras:

« Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!! »

Não sirva de cuidado aos paes que suas filhas, assim educadas e instruidas, não saibão coser, lavar, engomar, cortar uma camisa, etc. etc.

A riqueza intellectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades.

O dinheiro, Deos o dá e o diabo póde tirar; mas a sabedoria que Deos dá—o diabo não a roubará.

Fonte: *O Sexo Feminino* (07/09/1873)

O campo social forjado pela atividade da imprensa jornalística engendra um espaço cultural de mediação de leitura. Através da leitura de um jornal, o indivíduo é levado, muitas vezes, a tecer uma leitura profícua do próprio mundo, construindo seus significados. O *Jornal das Senhoras*, em sua época, constituiu-se num elemento importante de mediação de leitura para grupos femininos do Rio de Janeiro. Num período em que a mulher era enxergada numa posição social e intelectualmente inferior ao homem, o periódico surgiu como uma tentativa de amenizar essa realidade, pregando a necessidade da instrução e da emancipação moral da mulher. Partimos, então, da ideia de que a leitura, num sentido amplo, enquanto uma prática histórico-cultural, abre margem para a inserção do leitor no círculo social do qual muitas vezes ele se encontra alijado.

O processo de ampliação da escolarização, no século XIX, ao possibilitar a alfabetização de um maior número de indivíduos, acarretou em modificações significativas na constituição de um público leitor nos países ocidentais. Martyn Lyons (2004), em texto dedicado à explicitação das práticas culturais associadas à leitura, no século XIX, fornece explicações interessantes acerca do fenômeno que estamos perseguindo. Para o autor, a conjuntura econômica, política e cultural do século XIX possibilitou o aparecimento de novas classes de leitores no mundo ocidental, representados, especialmente, pelas mulheres, pelas crianças e pelos operários. Interessa-nos, aqui, investigar a perspectiva do autor acerca da *mulher leitora*. Lyons explica que, em decorrência do regime ao qual a maioria das mulheres se via submetida, isto é, um regime no qual o espaço doméstico era praticamente o único que lhes cabia, muitas delas acabaram por encontrar no ócio do lar uma fonte de tempo para dedicar-se à leitura. Assim, no século XIX (mas como consequência de um processo que já se vinha desenrolando há mais tempo), tornou-se cada vez mais comum a figura da mulher – filha, esposa, mãe, dona de casa – que, devido a inúmeros fatores, deleitava-se em meio a leituras as mais diversas. As mulheres, nesse panorama, passam então a representar uma parcela expressiva daquilo que o autor denomina “novos leitores” do século XIX: nesse período, ocorreu uma verdadeira explosão do público leitor feminino. “Esta expansão do público leitor foi acompanhada da ampliação da educação primária. Entretanto, o progresso educativo tendia a seguir mais que a preceder a expansão do público leitor” (LYONS, 2004, p. 542, tradução nossa).

De início, comenta o autor, essas leituras eram restritas, basicamente, a textos de natureza religiosa ou, também, manuais de culinária ou mesmo de bons costumes. Isso foi importante para que, pouco a pouco, fossem surgindo diversos tipos de publicações voltadas especialmente para um público leitor feminino. Com o tempo, o livro de rezas e os

compêndios morais foram sendo preteridos, pouco a pouco, em favor de novas práticas de leitura: novos gêneros, novos temas. Para Lyons (2004, p. 546, tradução nossa), “as novas leitoras do século XIX [...] davam provas de ter outros gostos, mais seculares, e foi preciso desenhar novas formas de literatura para seu consumo [...] sobretudo a novela popular barata”.

O grande destaque, nesse sentido, é, sem dúvida, o surgimento e consolidação de gêneros literários tidos como predominantemente femininos. As *novelas*, como eram chamados indistintamente muitos desses textos, eram algumas vezes proibidas para as mulheres, em razão de serem vistas como leituras frívolas ou de mínima importância para o desenvolvimento moral da mulher e da família de modo geral (uma vez que era a mãe a responsável pela transmissão dos ensinamentos morais aos filhos). Em muitos casos, tais leituras chegavam a ser condenadas e enquadradas como nocivas, o que levou muitas moças e senhoras a adquirirem o hábito da leitura secreta (LYONS, op. cit.).

A feminização do público leitor de novelas parecia confirmar os prejuízos imperantes sobre o papel da mulher e sua inteligência. Acreditava-se que gostavam da novela porque eram vistas como seres dotados de grande imaginação, de limitada capacidade intelectual, frívolos e emocionais. A novela era a antítese da literatura prática e instrutiva. Exigia pouco, e seu único propósito era entreter os leitores ociosos. Isso supunha uma ameaça para o marido e pai de família burguês do século XIX: a novela podia excitar as paixões e exaltar a imaginação feminina. Não foi à toa que o adultério feminino se convertera no argumento arquetípico que simbolizava a transgressão social, argumento que encontramos em novelas que vão desde Emma Bovary a Anna Karenina, passando por Effi Briest (LYONS, op. cit., p. 550-551, tradução nossa).

Vale destacar que, conquanto as considerações de Lyons admitam como referente mais direto o quadro cultural da Europa, em especial da França, os modelos traçados para a caracterização do público leitor feminino encontram respaldo também na realidade brasileira dos oitocentos.

É bem verdade que, no Brasil, esse processo de relativa ruptura teve raízes mais tardias, se levarmos em conta que a circulação de livros na colônia era um fenômeno proibido pela Coroa portuguesa, o que tornava as práticas de leitura atividades muito mais controladas e mesmo reprimidas¹⁸. Nesse contexto, comenta El-Far (2006), se o acesso ao conhecimento

¹⁸ Alessandra El-Far lança luz sobre a questão: “[...] durante o período colonial, as pessoas que aqui viviam precisavam importar de Portugal os livros que desejavam, enfrentando, com isso, uma série de trâmites burocráticos, os custos do transporte e a censura lusitana, primeiro concentrada nas mãos da Inquisição, depois comandada pelos funcionários da Real Mesa Censória, criada em 1769. Esse sistema de muitas hierarquias evidentemente afastou a grande maioria da população brasileira de um contato mais próximo e rotineiro com o texto impresso. Entretanto, não impediu que alguns bibliógrafos, comerciantes, religiosos e eruditos em geral, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, criassem seus mecanismos próprios ou mesmo enfrentassem com paciência todas as etapas de importação, com o intuito de trazer para os trópicos histórias e obras de sucesso no Velho Mundo” (EL-FAR, 2006, p. 12).

era algo difícil para os homens, para as mulheres ele seria ainda maior, tendo em vista a clausura em que viviam. O desenvolvimento de hábitos mais frequentes de leitura, por parte das mulheres brasileiras, portanto, é intensificado apenas a partir da segunda década do século XIX, época que coincide, também, com o período de surgimento da imprensa no Brasil (EL-FAR, 2004).

Maria Lígia Coelho Prado, em seu texto *Lendo novelas no Brasil joanino* (2004), faz uma análise das novelas publicadas pela Impressão Régia brasileira nas duas primeiras décadas do século XIX. Ao mesmo tempo, a partir de uma consulta a diversos tipos de fontes, a autora procura demonstrar a existência de um público feminino (ainda que singelo) que consumia essa *mercadoria literária*. A autora explica:

É possível afirmar [...] que, no Brasil do começo do século XIX, havia mulheres que liam, ainda que seu número fosse pequeno. Provavelmente, no Rio de Janeiro, em torno da Corte, encontrava-se a maior parte dessas mulheres leitoras, que deviam pertencer aos setores médios e de elite da sociedade. As publicações da Impressão Régia indicavam que na colônia já havia mercado, ainda que exíguo, para a leitura de romances e contos. [...] A novela estaria ligada à mulher que se deixava levar pelas coisas da imaginação, pelo excitação das paixões e pela criação de ilusões (PRADO, 2004, p. 127).

Com relação às novelas analisadas, Prado comenta que “a linguagem de vários textos foge ao padrão de moralidade cristã que imaginávamos para a censura colonial”. Ou, ainda, que “os cenários das novelas também não nos permitiam concluir que houvesse qualquer intenção de despertar o amor à pátria ou a defesa de certos padrões civilizatórios” (PRADO, op. cit., p. 143). Tais considerações indicam o fato de que, já no início do século XIX, as práticas de leitura adotadas por algumas mulheres encontravam-se distantes do modelo moral, calcado num ideário religioso, que se propunha para o sexo feminino. Com o passar dos anos (e o paulatino crescimento da escolarização de meninas), tem-se o aumento do número de obras às quais as mulheres têm acesso, bem como uma diversificação crescente das temáticas tratadas nessas obras. O fato se intensificou a partir do final da década de 1830, quando se assistiu à entrada, aqui, do romance-folhetim, gênero que, pelo menos em solo brasileiro, passou a ser considerado como uma leitura tipicamente feminina.

O romance-folhetim é uma modalidade de produção ficcional surgida na França, em meados do século XIX, como fruto de uma reorganização da imprensa francesa, que pretendia ampliar-se para atender a um público social mais amplo. Isso ocorreu devido a uma intensa reorganização das estruturas de produção e difusão jornalísticas na capital, Paris, a partir de um processo de democratização cultural operado após a Revolução Francesa, em 1789. O

gênero nasce, portanto, vinculado à esfera jornalística, como um produto dirigido, desde o início, às classes populares. Segundo Meyer (1996), o romance-folhetim é um tipo de história ficcional que apresenta algumas características específicas, tais como a contraposição entre bem e mal (maniqueísmo), cortes de capítulo em momentos de clímax, linguagem simples, narrativa imprevisível, exagero amplificador, enredo melodramático, linearidade etc. Essas são as principais características que acabaram por marcar o romance-folhetim¹⁹, em nosso meio, como um produto voltado à mulher, dado o elemento sentimental existente no gênero e dado o sucesso que obteve entre as camadas femininas do Império. As histórias surpreendentes, os enredos dramáticos e o modelo de ação engendrado por esse tipo de ficção foram responsáveis pela atração de um grande número de mulheres às páginas dos jornais que se propunham a veicular o gênero. O próprio *Jornal das Senhoras*, em seu tempo de existência, publicou diversos romances-folhetins, o que ajuda a demonstrar a popularidade desse tipo de narrativa à época²⁰, bem como uma reiteração, por parte do próprio periódico, da aproximação entre a mulher e o gênero folhetinesco. Meyer diz que “[...] tal sucesso mostra igualmente, guardadas as proporções, a existência no Brasil de um público consumidor de novelas já suficiente para constituir-se em elemento favorável de venda de jornal” (MEYER, op. cit., p. 33).

Em seu trabalho *O Filho do Pescador e a linguagem paraliterária: uma contribuição à história do romance brasileiro*, Silva (2015) discute a questão do surgimento e consolidação do romance-folhetim, no Brasil, atrelando a discussão a elementos que passam, inclusive, pela incipiente organização educacional existente na nação, em inícios da década de 1840:

¹⁹ Marlyse Meyer (1996) mostra como sendo a primeira obra verdadeiramente pertencente ao romance-folhetim, isto é, a inauguração do gênero, o romance francês *Capitaine Paul* (1838), do escritor Alexandre Dumas. A entrada do gênero, no Brasil, deu-se no mesmo ano, conforme explica Silva (2015, p. 14): “Também em 1838, ano da publicação do *Capitaine Paul* na França, o mesmo romance foi traduzido para o português por J.C. Muzzi e publicado pelo *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro, tendo se estendido de 31 de outubro a 27 de novembro no periódico. Portanto, o surgimento do romance-folhetim em terras brasileiras ocorre quase que concomitantemente ao seu surgimento em terras francesas. A partir daí, muitas foram as histórias seriadas publicadas no Brasil, num período em que a própria ficção em prosa nacional tencionava dar seus primeiros passos”.

²⁰ A influência do modelo francês na constituição desse mercado, através da tradução constante e da grande circulação de folhetins franceses, é atestada pela verificação de que a maior parte das obras presentes nas livrarias do período, bem como no Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro), como mostra Paixão (2012), era de origem francesa. O autor destaca, em seu trabalho de investigação sociológica acerca da constituição de um público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo, durante o Segundo Reinado, a enorme quantidade de exemplares dos romances de autores franceses no Gabinete Português de Leitura, especialmente de Alexandre Dumas. Apenas entre os anos de 1858 e 1868, a partir dos relatórios do Gabinete, o pesquisador identificou a existência de 71 volumes do romance *Memórias de um médico*, 67 de *Os moicanos de Paris*, 64 de *Os três mosqueteiros*, 50 de *La dame de volupté*, 35 de *Os quarenta e cinco* e, ainda, 22 volumes de *O conde de Monte Cristo*. Esses volumes correspondem às edições tanto em português como francês (PAIXÃO, 2012).

O surgimento do romance-folhetim em solo brasileiro – leia-se: o romance-folhetim autenticamente nacional – não se deu por acaso: a conjuntura (social, cultural, política, econômica) do período o permitiu e, inclusive, o proporcionou. O fato é que o evento pode ser apontado como resultado da confluência de uma série de fatores: a) a existência, na Corte, de um conjunto tipográfico adequado, o que possibilitou, além da publicação das histórias, o desenvolvimento no país de uma incipiente indústria da comunicação de massas; b) a existência de um público mais letrado, consequência, sobretudo, dos investimentos realizados no setor educacional – em especial no ensino superior e nos cursos de “primeiras letras” – por ocasião da instalação da família real na colônia (1808); c) certa mudança na mentalidade literária dos escritores, com o aparecimento, entre nós, das primeiras manifestações de natureza romântica; d) a existência, na França, do protótipo do gênero folhetinesco, uma vez que a cultura brasileira oitocentista tendeu a assimilar muito dos padrões europeus, em especial o francês, da época; e) a verificação de que o romance-folhetim, existente entre nós desde 1838 através das traduções do francês, havia atraído para os jornais uma enorme fatia de público, tornando-se mesmo o carro-chefe de muitos periódicos; f) o desejo, entre os prosadores da época, de criação de uma literatura originalmente brasileira, proposta que se inseria no bojo das discussões acerca da criação e valorização da identidade nacional, após a independência (SILVA, op. cit., p. 36).

A literatura é elemento fundamental para se examinar a inserção feminina num circuito letrado, durante o período que estamos aqui estudando. As considerações já trazidas permitem observar a impossibilidade de se pensar a questão da ilustração feminina, nos oitocentos, apelando-se unicamente para as políticas legais de desenvolvimento educacional. Tal problemática precisa ser analisada também à luz de uma rede de informações que permita não apenas observar as práticas de educação formal, mas um quadro amplo em que se tenha claro o papel, tanto da leitura quanto da escrita, no cotidiano das classes femininas.

Jinzenji (2012), em trabalho que analisa as práticas de leitura e escrita de mulheres, no Brasil, na primeira metade do século XIX, recorre aos primórdios da imprensa brasileira voltada para mulheres como forma de obter informações para a consecução de seus objetivos. Como exemplo da participação ativa de mulheres em tarefas que envolviam a leitura, a autora utiliza o periódico *O Mentor das Brasileiras*, veiculado na cidade de São João Del-Rei – MG, durante os anos de 1829 a 1832. A autora defende a relativa impossibilidade de se confirmar a real natureza das práticas de leitura feminina, no período, uma vez que, estando as mulheres excluídas dos programas oficiais da maioria das instituições de ensino, o aprendizado da leitura acontecia em casa, com o auxílio de uma parca educação doméstica, ou mesmo através do autodidatismo. No que se refere à escrita, ela mostra como eram frequentes as colaborações de mulheres com o envio dos textos que eram publicados no jornal. Nesse sentido, outros periódicos podem ser arrolados a título de exemplo, como o próprio *Jornal das Senhoras*, que estimulava o envio de poemas, crônicas ou qualquer outro material de autoria feminina para sua redação.

Assim, a consideração da inserção da mulher oitocentista num circuito letrado, seja por intermédio da investigação da formulação de políticas públicas educacionais, por parte do governo imperial, seja por meio de uma educação doméstica, bastante apegada a padrões religiosos ou, ainda, por meio de práticas de leitura e escrita (sobretudo no âmbito da atividade jornalística), desvinculadas de um contexto educacional institucionalizado, indica o fato de que, em qualquer sentido, o acesso das mulheres ao conhecimento constituiu um processo marcado pela paulatina quebra/ruptura de um severo código moral existente na sociedade brasileira. Nos casos em que havia o desejo de contribuir para essa quebra, foi preciso lutar por reconhecimento e por oportunidades dignas de acesso ao saber.

Neste capítulo, foi abordada a situação da mulher brasileira no século XIX, tanto no que diz respeito à educação como à própria presença/ausência de mulheres nas atividades culturais da nação ou em certos ambientes restritos aos homens. Além disso, mostramos como o discurso da superioridade do masculino sobre o feminino foi de tal forma incorporado pelas estruturas sociais do século XIX, a ponto de ser mesmo tomado como natural. Assim, foi possível compreender em quais aspectos o patriarcalismo (ou, para usar a expressão de Gilberto Freyre, o semipatriarcalismo, que decorre da instauração de uma cultura urbanizada, com a transferência do poderio da casa-grande de engenho para o sobrado da cidade) moldou o desenvolvimento da cultura brasileira, tornando-a excessivamente masculina, e restringindo as formas de participação social das mulheres.

As explicações fornecidas, ao longo de todo este capítulo, com vistas a possibilitar uma compreensão mais geral dos aspectos culturais (ou seja, não naturais) que se vinculam aos discursos de gênero na sociedade, demonstraram, de um modo geral, os caracteres imateriais que se afiguram como fundamentais para o entendimento da situação da mulher e do homem no Segundo Reinado. As considerações tecidas acerca do sistema do patriarcado, bem como a explicitação da natureza de seu caráter de *dominação*, a partir do aporte teórico fornecido por diversos(as) autores(as), foi um ponto nodal na articulação entre a operação eminentemente teórica executada nos primeiros tópicos e a operação de compreensão dos componentes simbólicos que permeiam as questões do feminino/masculino e da construção social da identidade e da diferença, em relação a um contexto específico.

Como categoria para a análise das relações sociais, o patriarcado pode ser compreendido como um sistema que, longe de dizer respeito a um período único, e longe de se configurar como um fenômeno estático, define-se como um produto (no sentido de que é produzido pelos indivíduos) transistórico. Essa natureza transistoricizante de sua significação é percebida, sem maiores dificuldades, quando se verifica que os discursos e “regras”

impostos socialmente por esse sistema (de acordo com as características aqui referenciadas) continuam vivos e ainda moldam uma série de instituições e espaços sociais, bem como no interior dos processos de sociabilidade dos quais fazem parte os indivíduos.

A reprodução de um sistema como o patriarcado, com seu arcabouço de dominação-exploração, só é possível a partir da reafirmação constante e inconteste dos discursos que veiculam sua ideologia. A diferença construída socialmente em torno de homens e de mulheres é, sem dúvida, uma questão discursiva. Nesse sentido, no próximo capítulo apresentamos o *Jornal das Senhoras*, caracterizando-o e inserindo-o na dinâmica de seu tempo. Compreendidas as relações entre o masculino e o feminino, no século XIX, e compreendidas também as questões gerais em torno da educação da mulher, no período, estamos finalmente em possibilidade de trazer o periódico, promovendo a sua inserção nesse ambiente cultural.

3 O JORNAL DAS SENHORAS E SEU LUGAR NO PANORAMA DA IMPRENSA FEMININA BRASILEIRA

O século XIX significou, para o Brasil, um período em que surgiu e se desenvolveu uma vertente da atividade jornalística propondo-se funcionar como um auxílio aos grupos femininos do Rio de Janeiro e de outras províncias do Império, colocando em pauta temas que lhes fossem caros e abrindo espaço para a consideração da mulher como um elemento importante para a vida social da Corte e, por assim dizer, da nação como um todo. Em meio a um ambiente cultural de características acentuadamente patriarcais como o brasileiro, tal modelo de imprensa pretendeu-se corolário, como se vê, de uma proposta de desenvolvimento social que levava em consideração, sobretudo, o papel intelectual exercido pela mulher no seio da sociedade. Nesse quadro, uma grande quantidade de veículos jornalísticos foi responsável por demonstrar o quanto a imprensa pode contribuir para a discussão de determinadas questões da cultura.

Importante veículo desse modelo de imprensa, aqui referenciado, foi o *Jornal das Senhoras* (1852-1855), fundado, na capital do Império, a 1º de janeiro de 1852, tendo como redatora-chefe a argentina Joanna Paula Manso de Noronha²¹ (VASCONCELLOS; SAVELLI, 2006). O subtítulo do periódico, nos primeiros números, trazia a descrição *Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica*, mostrando, desde o início, a diversidade temática que o jornal desejava explorar junto ao público feminino.

Neste capítulo de nosso estudo, pretendemos expor, em linhas gerais, as características básicas do referido periódico, atentando para a organização, tanto estrutural quanto conteudística, da folha. Além disso, tecemos uma breve explicação acerca do lugar ocupado pelo jornal no panorama geral da imprensa dita feminina, no Brasil. Tais explicações são de extrema importância, a nosso ver, para que se possa compreender a inserção da folha num

²¹ Eliane Vasconcellos e Ivete Maria Savelli, em seu texto *A imprensa feminina*, fornecem informações mais precisas acerca da biografia da fundadora do *Jornal das Senhoras*. Explicam elas: “Joana Paula Manso de Noronha era de nacionalidade argentina, nascida em 26 de Junho de 1819, dentro de uma família culta e progressista. Seu pai mudou-se para Montevideu durante a ditadura de Rosas, e daí para o Rio de Janeiro, onde a filha se casou, em 1844, com o músico português Francisco Sá Noronha. Viajou com o marido para os Estados Unidos, onde ele tentou fazer carreira, sem sucesso. Lá nasceu sua filha Eulália e, em breve estada em Cuba, deu à luz a Hermínia. Em final de 1848, a família voltou para o Brasil, e Joana tornou-se cidadã brasileira, para que pudesse estudar medicina. Em 1852, fundou, no Rio de Janeiro, o **Jornal das Senhoras**, editado todos os domingos com o subtítulo de **Modas, Literatura, Belas-Artes, Teatros e Crítica**. Por essa época, seu marido apaixonou-se por outra mulher e volta para Portugal, abandonando-a. Ela decide então regressar à Argentina, chegando a Buenos Aires em meados de 1853. Em 1859, é nomeada para o cargo de diretora da primeira escola primária mista de Buenos Aires. Escreveu, na época, para os jornais **La Ilustración Argentina**, **Albun de Señoritas** e **Anales de la Educación Común**, o primeiro periódico argentino dirigido para a educação” (VASCONCELLOS; SAVELLI, 2006, p. 92-93, grifos das autoras).

contexto sociocultural de maior amplitude, bem como a natureza do discurso por ele veiculado.

3.1. Notas sobre a imprensa feminina do século XIX

Muitas pesquisas publicadas nos últimos anos permitem compreender que o surgimento de jornais direcionados às mulheres não tardou a ocorrer, no Brasil – se levarmos em consideração que a imprensa surge, em solo brasileiro, mas muito incipientemente, apenas a partir de 1808, com a chegada da família real à então colônia portuguesa (LUSTOSA, 2004). Alguns anos após a nossa independência política, ocorrida em 1822, foram veiculados, em várias províncias da nação, periódicos explicitamente dedicados a um público feminino. Buitoni (1990, 2009) identifica o periódico *O Espelho Diamantino, periodico de politica, litteratura, bellas-artes, theatros e modas: dedicado as senhoras brasileiras*, publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1827 e 1828, como sendo o precursor desse modelo de imprensa. De vida curta, e contando com a redação de Julio Floro das Palmeiras, a folha tratava de pontuar o papel importante que cabia às mulheres, num momento de reorganização política e cultural como o período pós-independência.

Ainda nesse sentido, outros periódicos surgiram no período, não apenas na Corte: *O Mentor das Brasileiras* foi publicado, entre os anos de 1829 e 1832, na cidade de São João D'El Rei, Minas Gerais, sob a redação do professor de latim José Alcibíades Carneiro (BARATA; GOMES, 2008); na província de Pernambuco, em 1931, saiu a público o *Espelho das Brasileiras*, sob a direção de Adolphe Émile de Bois-Garin, segundo nos informa Fregni (2010). Na própria capital do Império, na esteira do caminho aberto pelo *Espelho Diamantino*, foram produzidos jornais como *A Mulher do Simplicio* ou *A Fluminense Exaltada*, que circulou entre 1832 e 1846, sob a direção de Francisco de Paula Brito (BUITONI, 1990). Laurence Hallewell (2012, p. 175) comenta a importância de Paula Brito para a definição de um mercado editorial feminino no país, à época.

O volume de publicações de Paula Brito dirigidas às mulheres, a começar pelo primeiro lançamento, em 1832, *A Mulher do Simplicio, ou A Fluminense Exaltada*, torna evidente que esse editor estava consciente da existência desse novo público leitor. *A Mulher do Simplicio* foi a primeira revista feminina do país e foi impressa por seu velho amigo e mestre, Plancher. Subsistiu até 1846, mas sua sucessora, *A Marmota*, durou, com algumas mudanças secundárias de título, de 1849 a 1864, três anos após sua morte. Antonio Candido destaca, com razão, a importância destas e de outras revistas na ampliação do mercado, fazendo com que os autores se habituassem a escrever para as mulheres ou para o público familiar.

As publicações acima citadas indicam o despontar, já no Primeiro Reinado de nosso Império, do feminino como uma categoria de importância no cenário editorial. Anos depois, em 1839, os irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, donos da Livraria Universal, lançariam o *Correio de Modas*, outro produto para o gênero feminino na imprensa brasileira, com grande êxito (EL-FAR, 2006).

Figura 05: Identidade visual do *Jornal das Senhoras*



Fonte: *Jornal das Senhoras*, 04/04/1852.

Como é possível perceber, portanto, havia já, muito antes da criação do *Jornal das Senhoras*, em 1852, um segmento de imprensa estabelecido em torno do público feminino, especialmente na Corte, mas com expressões em outros pontos do Império também. Não obstante, um ponto importante a ser destacado é que essas publicações eram, todas elas, dirigidas e redigidas por homens, conquanto estivessem destinadas ao sexo feminino. O fato demonstra que, embora consideradas dentro do tímido universo editorial existente à época, as mulheres ainda não formavam um corpo ativo na organização desses produtos. A presença das mulheres na direção de periódicos seria um fato observável apenas alguns anos à frente, ao menos no que diz respeito à realidade do Rio de Janeiro. Daí a escolha empreendida, para a feitura deste trabalho, de um jornal mais tardio, já do Segundo Reinado: nossa tentativa foi a de trabalhar com um produto que se mostrasse, ao mesmo tempo, produzido por e dirigido para mulheres, configurando o que estamos considerando, aqui, como uma **imprensa de cunho feminino**: uma imprensa em que tanto a instância da produção quanto a instância da recepção fazem referência a mulheres.

O *Jornal das Senhoras* tem sido trazido, em diversos estudos, como o primeiro jornal brasileiro dirigido por uma mulher, sendo considerado, portanto, o marco inicial da imprensa

feminina no país, no sentido supracitado, isto é, no qual as instâncias de produção e de recepção são constituídas, ao menos teoricamente, por mulheres (HAHNER, 1981; JINZENJI, 2012; KROETZ; GAI, 2015). De fato, se consideramos apenas o contexto referente ao Rio de Janeiro (centro político, administrativo e cultural da nação à época do Império e, portanto, portador de maior visibilidade histórica), temos que o referido periódico é, de fato, o primeiro a contar com uma mulher à sua frente. Entretanto, uma análise dos estudos publicados no Brasil nas últimas duas décadas permite desmitificar a consideração do caráter pioneiro do *Jornal das Senhoras* em nível nacional, uma vez que tais estudos permitem observar a existência de casos similares e anteriores no interior das províncias. Flores (1995) dá notícia da existência de um jornal publicado entre os anos de 1833 e 1834, na província do Rio Grande do Sul, e dirigido por uma mulher, Maria Josefa Barreto Pereira Pinto:

No Rio Grande do Sul, a insatisfação pela política centralizadora do Império motivou o despertar da imprensa, com cerca de 40 periódicos entre 1827-40 [...] *Maria Josefa Barreto Pereira Pinto* (Rio Pardo, 1788? – Porto Alegre, 1837), enjeitada e educada por Teodózio Rodrigues de Carvalho, natural de Colônia do SS. Sacramento e tio de nosso primeiro bispo D. Feliciano Prates, **consta como única mulher proprietária e diretora de jornal, o semanário *Belona irada contra os sectários de Momo* (1833-34)**. Nele publica suas poesias e ataca *os farroupilhas com sátiras incisivas e cheias de erudição*, segundo Múcio Teixeira. O jornal durou dez números. Maria Josefa, que colaborou também na *Idade de Ouro*, de Manoel dos Passos Figueiroa, morreu em 1837. O clima de guerra era impróprio para guarda de acervo cultural, e de *Belona* só restam referências de terceiros (FLORES, 1995, p. 55-56, grifo nosso).

Outra referência ao mesmo jornal é encontrada no texto de Moacyr Flores (2002, p. 113), quando afirma que “é interessante destacar que as primeiras intelectuais a publicar livros no Brasil são do Rio Grande do Sul”, dentre elas “Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, com o jornal *Belona* (1833-34), em Porto Alegre”. Por sua vez, Muzart (2003) também faz referência ao periódico, enfatizando que

Maria Josefa foi poetisa e feminista, tendo fundado um jornal, com o estranho título de *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, mais conhecido como *Belona*. Esse teria sido o primeiro jornal fundado por mulher no Brasil, 19 anos antes daquele de Juana Paula Manso, que é considerado por todos como o fundador do periodismo feminino (MUZART, 2003, p. 229).

Belona é um exemplo de publicação produzida por mulheres, como antes explicamos. Entretanto, se não se fizesse distinção entre uma imprensa dirigida por homens ou por mulheres, desde que voltada para o público feminino, então a afirmação de Buitoni (1990, 2009), anteriormente referida, estaria correta: não teria sido *O Espelho Diamantino*, em 1827,

o primeiro jornal feminino no país. Se considerarmos, porém, o elemento feminino presente na produção dos jornais, então precisamos dar a *Belona* esse título.

O *Jornal das Senhoras* é, pois, o primeiro jornal, do qual se tem notícia, dirigido por uma mulher no Rio de Janeiro, não admitindo tal título no nível da nação. Durante os quatro anos em que circulou na Corte, a folha foi chefiada por três mulheres. A primeira diretora do periódico, Joanna Paula Manso de Noronha, deixou o posto seis meses após o surgimento do mesmo. Outras duas ocuparam esse cargo, após a saída da primeira: Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, a partir de 04 de julho de 1852, e Gervásia Nunézia Pires dos Santos Neves, a partir de 12 de junho de 1853. Nelson Werneck Sodré (1999), em seu emblemático *História da Imprensa no Brasil*, destaca que o periódico fora criado por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, ignorando por completo a existência de Joanna Paula Manso de Noronha no circuito da imprensa feminina do século XIX, o que constitui um grande equívoco. Hahner (1981) atribui as mudanças constantes na direção da folha aos problemas financeiros pelos quais passava o jornal. Isso ajuda a explicar, também, as variações no preço de comercialização do periódico. Tratamos dessa e de outras características no próximo tópico.

3.2. Para uma caracterização do *Jornal das Senhoras*

O *Jornal das Senhoras* circulou, na Corte, entre 01 de janeiro de 1852 e 30 de dezembro de 1855, perfazendo um total de 209 (duzentas e nove) edições. A folha saía a público todos os domingos (com algumas poucas exceções), e foi editada, de forma rigorosa, todas as semanas dos anos de 1852, 1853, 1854 e 1855. Nos seis primeiros meses de existência, o *Jornal das Senhoras* era comercializado através de assinaturas trimestrais, ao preço de “por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias”. Com a assunção da direção por parte de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, a assinatura passou a custar “por seis mezes 6U000 rs. na Côrte, 7U000 rs. para as Provincias”. A partir de 06 de março de 1853, também, o endereço da administração da folha mudou, passando da “Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32” para “Typ. do *Jornal das Senhoras* de G. Leuzinger, Rua do Ouvidor n. 36”. Em 03 de julho de 1853, mais uma vez, o endereço foi alterado para “TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DA ALFANDEGA N. 54”. Nova alteração em 21 de agosto de 1853, para “TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165”, tendo permanecido nesse endereço até o final do ano de 1855, quando a publicação foi suspensa.

Um aviso publicado no último número do jornal para o ano de 1854 explicava o funcionamento dos serviços de assinatura e correspondência da folha:

Os nossos dignos assignantes, que infelizmente não puderem continuar a coadjuvar-nos com as suas assignaturas para o proximo anno de 1855, são rogados a mandarem sua participação por escripto, com seu nome, rua e numero da casa, á typographia do **Jornal das Senhoras**, rua do Cano, em frente ao muro do hospital de S. Francisco de Paula, n. 165, desde as 7 horas da manhã até as 4 da tarde de todos os dias uteis.

A Redacção gerente aproveita a occasião de participar a todos os Srs. assignantes que tem estabelecido o seu escriptorio na mesma typographia, onde receberá, em todos os dias uteis e ás horas já indicadas, toda a correspondencia do **Jornal das Senhoras**.

Todos os Srs. assignantes de fóra da corte, que tiverem de se dirigir por carta á Redacção, devem fazel-o com o sobrescripto

Á Redacção do Jornal das Senhoras

Rua do Cano n. 165, loja.

A casa dos Srs. Wallerstein & C.^a, rua do Ouvidor n. 70, continúa a receber assignaturas, como d'antes; mas a correspondencia e reclamações deverão ser dirigidas á Redacção unicamente, que é quem tem de responder por ella.

Os Srs. assignantes das províncias mandarão suas ordens para que lhes seja remetida a nova assinatura (AVISO, 1854, p. 424).

Infelizmente, no decorrer da investigação, não foram localizados registros bibliográficos em torno das estatísticas de recepção do periódico que estamos explorando. Durante o período de publicação do tabloide, ele teve seu subtítulo alterado quatro vezes, algumas delas implicando em modificações minúsculas: *O Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica* (01/01/1852 a 26/12/1852); *O Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes e theatros* (01/01/1853 a 27/02/1853); *Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica* (06/03/1853 a 25/09/1853); *Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes e theatros* (02/10/1853 a 25/12/1853); *Jornal das Senhoras – Jornal da Boa Companhia: modas, litteratura, bellas-artes e theatros* (01/01/1854 a 30/12/1855)²².

O jornal esteve em circulação, no Rio de Janeiro e nas províncias, por quatro anos completos. Com a suspensão da publicação, na edição de 30 de dezembro de 1855, a *Redacção* informava os(as) leitores(as) acerca de uma pausa durante o ano de 1856, postergando para 1857 o retorno da folha, o que, entretanto, não aconteceu.

Deixarmos de confessar nossa viva e cordial gratidão ás nossas boas e nobres assignantes, em todo o tempo, seria um revoltante crime, perante Deus e a sociedade, que viu nascer o JORNAL DAS SENHORAS sob sua animadora

²² Apesar das diversas variações operadas no que diz respeito ao título da folha, o que muitas vezes resultou apenas na adição ou supressão de artigos, optamos por utilizar a designação *Jornal das Senhoras* para fazer referência ao nome do periódico, uma vez que essa parte do título mantém-se invariável em todas as modificações.

influencia, florescer cultivado por ellas, e por ellas existindo para seus cuidados e vida consagrar sómente a ellas.

Ha quatro anos é o JORNAL DAS SENHORAS protegido por um crescido numero de assignantes que constantemente o tem sustentado com as avultadas despesas de uma publicação de sua ordem.

Ainda não havia esmorecido, nem uma só, sua tão franca e leal protecção.

Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessaria, no proximo anno de 1856; e com o favor de Deus o JORNAL DAS SENHORAS reapparecerá em 1857, para porsequirmos ao honroso fim a que nos proposemos, cultivando com esmero as immarcesciveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redactora, a Sra. D. Joanna Paulo [sic] de Noronha.

Para esse tempo emprasamos todas as nossas assignantes, vós todas Senhoras que briosamente nos tendes ajudado, para que vossa protecção continue a fortalecer nossa ardua e fadigosa tarefa, e o JORNAL DAS SENHORAS seja então o que tem ele até hoje sido para vós cuidadoso e dedicado – o interprete fiel do que vos é util e agradável.

Que nossas pobres assignantes nos relevem pois esta deliberação que tomamos, e que esperem pelo dia em que revelemos a razão de suspendermos hoje a publicação do JORNAL DAS SENHORAS.

A todas e a cada uma em particular dirigimos nossos agradecimentos e um – adeos – até o anno de 1857 (NOSSAS ASSIGNANTES, 1855, p. 409).

Como mencionado, o hebdomadário que estamos aqui considerando constituiu-se num veículo de disseminação de conteúdos diversos, a maioria deles, conforme o título indica, atinente à figura da mulher ou a assuntos que, por sua natureza, pudessem despertar o interesse do sexo feminino. Por esse motivo, as edições do jornal eram, praticamente sem exceção, encabeçadas pela seção *Modas* ou pela seção *Chronica dos salões* ou, ainda, por alguma matéria que versasse sobre trajes elegantes a partir da descrição dos bailes ocorridos na cidade. É importante observar que isso ocorria num momento em que a cultura europeia, em especial a moda francesa, exercia sobre as mulheres brasileiras forte influência e, num período em que, a partir da consolidação de uma cultura urbana na Corte, os bailes/salões eram uma das pouquíssimas formas de participação feminina no meio social. Ximenes (2011, p. 45-46) comenta a significação desses elementos para a vida da mulher no século XIX:

A sociabilidade, na ocasião do baile, criava também entre as convidadas a competição dentro do próprio gênero, ou seja, as mulheres competiam com mulheres no requinte dos trajes, na docilidade dos gestos. Havia quase uma performance no mover-se diante dos olhares [...] A roupa ocupa papel fundamental na comunicação subjetiva reprimida, pois é por meio dela que existe um diálogo da mulher com o mundo exterior. As mulheres estavam em dupla prisão: ficavam trancadas em um espaço privado e, também, em suas roupas, verdadeiras embalagens de tortura, cujo exemplo mais significativo é a roupa interna, composta por espartilhos e saíotes. O diálogo da mulher se fazia pelas roupas e pelo código da sociedade patriarcal: ela precisa ser tola, impotente e bela e, assim, se tornar o objeto máximo de consumo. Percebe-se a figura da mulher vestida tanto como sujeito quanto como objeto.

Nesse sentido, o *Jornal das Senhoras* distribuía a seu público, regularmente, estampas de figurinos elegantes (que eram comentados da seção *Descrição da estampa*), sempre

importados de Paris. Além dos salões, os teatros eram outro espaço cultural frequentemente comentado pelo periódico, uma vez que o teatro, tal como o salão, era frequentado pelas mulheres elegantes da Corte. Percebe-se, portanto, o componente de classe presente nas páginas do jornal: era ele endereçado às mulheres mais abastadas, às mulheres burguesas. Estas experimentavam uma vida social muito mais ativa que as mulheres das classes socioeconomicamente inferiores, no que se refere à aparição em ocasiões de maior requinte. Na vida cotidiana, entretanto, e na rua, ou seja, fora dos espaços de sociabilidade forjados para as classes abastadas, percebia-se uma presença muito maior das mulheres pobres, sobretudo negras. A diferenciação, exemplificada especialmente pela indumentária apresentada nas páginas do periódico (ver figuras abaixo), confirma as palavras de Gilberto Freyre (2004b), quando, ao comentar as representações culturais da mulher brasileira do século XIX, diz que “o certo é que o traje da senhora de sobrado ou de casa grande chegou aos maiores exageros de ornamentação para se distinguir do traje da mulher de mocambo ou de casa térrea, e, principalmente, do traje do homem” (FREYRE, 2004, p. 215).

Figura 06: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras* (04/04/1852)



Fonte: *Jornal das Senhoras*, 04/04/1852.

Figura 07: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras* (03/04/1853)



Fonte: *Jornal das Senhoras*, 03/04/1853.

Figura 08: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras* (18/03/1855)



Fonte: *Jornal das Senhoras*, 18/03/1855.

Figura 09: Estampa publicada pelo *Jornal das Senhoras* (17/06/1855)



Fonte: *Jornal das Senhoras*, 17/06/1855.

Ainda no que se refere à questão da exploração da temática da moda por parte dos jornais femininos, Buitoni (2009) explica que o fato era algo muito comum à época, uma constante em praticamente todos os jornais do gênero, e não uma premissa exclusiva da folha de Joanna Paula Manso de Noronha.

A existência da corte passou a influir na vida da mulher do Rio de Janeiro, exigindo-lhe mais participação. O Rio estava deixando seu caráter provinciano para ser uma capital em contato com o mundo. Dentro desse contexto, a moda assumiu grande importância para a mulher que morava nas cidades, ainda mais se fosse na corte. As tendências europeias eram copiadas e aí entra o fator imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora e depois com a publicação, aqui, de jornais e revistas que reproduziam gravuras da moda. A necessidade estava criada: havia, portanto, um mercado. Foi por isso que as primeiras publicações dirigidas à mulher, no Brasil, traziam moda. Jornalismo feminino, nessa época [século XIX], significava basicamente moda e literatura (BUITONI, 2009, p. 32).

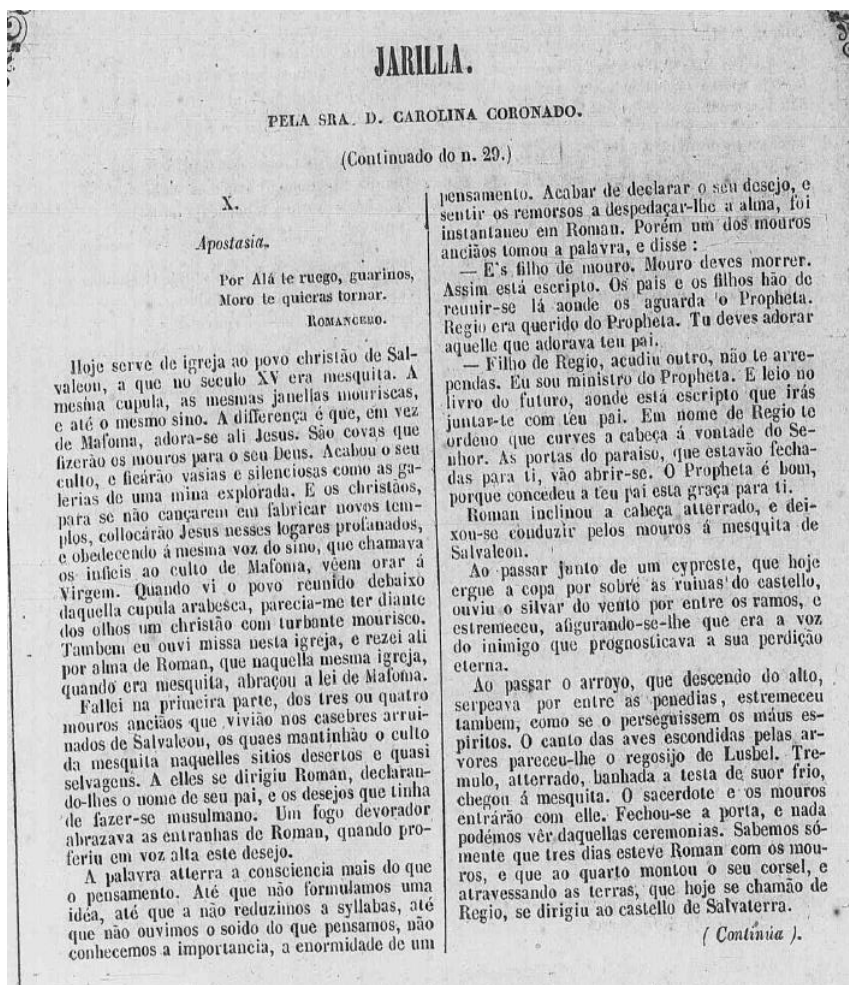
A declaração de Buitoni é comprovada, se verificarmos que o *Jornal das Senhoras* especializou-se também na publicação de textos literários. Assim, com frequência, a folha trazia poesias (traduzidas do estrangeiro ou enviadas por leitoras-colaboradoras), contos, crônicas e, de forma muito viva, romances em forma de folhetim, publicados seriadamente para prender a atenção dos(as) leitores(as). O modelo confirma uma tendência da época, pois,

segundo Sodré (1999), a partir da década de 1840, a imprensa política que existiu no período pós-independência conjugou-se, de forma irreversível, com uma imprensa literária, que marcaria o jornalismo daquele século (SODRÉ, 1999; MEYER, 1996). Lyons (2004) é enfático ao afirmar que, no século XIX, a mulher era vista como um grande consumidor em potencial para os textos ficcionais e poéticos, já que a literatura, muitas vezes vista como frívola, era um artifício destinado especialmente ao público feminino. Daí que uma das características do periódico em questão era justamente a exploração desse tipo de conteúdo.

Assim, como, neste capítulo, pretendemos tecer uma explicação do modo como o *Jornal das Senhoras* inseriu-se na dinâmica da imprensa de seu tempo, é importante destacar que, no que se refere à publicação dos textos literários, especialmente do folhetim, o periódico seguia uma tendência geral. A conjugação entre o suporte (jornal) e o conteúdo (textos literários) gerou uma fórmula, no Brasil, que serviu ao sucesso de um sem-número de veículos na imprensa, tanto jornais quanto revistas, durante o século XIX.

A imprensa voltada para mulheres incorporou, de uma forma fantástica, os textos literários, como comentamos no capítulo anterior. De um modo geral, a literatura foi vista, no século XIX brasileiro, como um tipo de texto próprio para mulheres, ou que encontravam uma acolhida muito maior quando disseminado entre elas. Essa é uma ideia que se consolidou especialmente a partir dos romances-folhetins publicados na imprensa, a partir de fins da década de 1830. O gênero (que, assim como a moda, foi também tomado de empréstimo da cultura francesa) era uma das alternativas, segundo Lyons (2004), para que as mulheres, no mais das vezes restritas ao ambiente de suas casas, tomassem contato com uma realidade exterior e, nesse sentido, as histórias sentimentais publicadas em pedaços na imprensa foram um ingrediente importante. Por esse motivo, a exploração dos romances pelos jornais significou também uma forma de geração de lucro para as tipografias e para os autores. Daí a imprensa feminina ter se apropriado desse produto cultural (MEYER, 1996, 1998; NEJAR, 2011).

Ao longo dos quatro anos em que circulou no Rio de Janeiro, o *Jornal das Senhoras* foi responsável pela veiculação de uma série de romances em forma de folhetim, isto é, publicados fragmentadamente, capítulo por capítulo nas edições do periódico. Alguns dos principais títulos foram: *Misterios del plata* (da autoria da primeira diretora do jornal, Joanna Paula Manso de Noronha); *Karolina: novela polaca do XIX seculo* (da autoria de Olympio Chodzko); *A dama das camélias* (de Alexandre Dumas); *Um amor de mulher* (de X.Y.); *Jarilla* (de Carolina Coronado); *O pobre Matheus* (de A. de Bernárd).

Figura 10: Capítulo de romance-folhetim do *Jornal das Senhoras* (29/07/1855)

Fonte: Coronado (1855, p. 35)

No dizer de Buitoni (1990), a questão tinha relação, também, com uma proposta conservadora no que se refere ao papel da mulher.

Sintomaticamente, sustentar-se no eixo moda-literatura significava adotar uma linha conservadora em relação à imagem da mulher, enfatizando suas virtudes domésticas. Tais veículos desaprovavam qualquer idéia mais progressista; no máximo diziam que a educação beneficiava a mulher (BUITONI, 1990, p. 41).

Para além desse modelo, que girava entre a moda e a literatura, outra vertente à qual o *Jornal das Senhoras* dedicou-se com muito vigor foi a publicação de textos que problematizavam a posição da mulher no seio social, com ênfase na questão do acesso à educação por parte do sexo feminino. Textos de natureza moral, relacionados à ilustração feminina e à pretensa persuasão dos homens a respeito das capacidades e inteligência de suas mulheres, foram abundantes nas páginas do jornal. O tema da ilustração feminina e o da

exaltação de suas habilidades intelectuais foram os grandes motes da existência do *Jornal das Senhoras*. Já no número de estreia, em 01 de janeiro de 1852, um trecho do editorial de apresentação ilustrava bem tal perspectiva:

Ora pois, uma senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Italia, na Hespanha, nos Estados-Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundão de Senhoras dedicadas á litteratura collaborando differentes jornaes. Por ventura a America do Sul, ella só, ficará estacionaria nas suas idéas, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade? (JORNAL DAS SENHORAS, 01/01/1852)

No texto acima, publicado na edição de estreia do *Jornal das Senhoras*, a diretora Joanna Paula Manso de Noronha comenta o próprio fato de uma mulher estar à frente da redação de um jornal. Numa comparação com o que ocorre em outros países, ela introduz um argumento marcado por uma pergunta, questionando se a América do Sul não acompanhará o progresso de outras nações. Daí, podemos ver o sentido de *emancipação moral* proposto pelo periódico: a questão passa pela ideia de uma maior liberdade intelectual para as mulheres. Tratamos disso no próximo capítulo, com maior profundidade.

A exposição das características do *Jornal das Senhoras* permite observar, em linhas gerais, a relativa especificidade da qual se revestiu o periódico em seu tempo, se comparado a outros títulos do período. Tal especificidade deve-se, no entanto, ao tratamento que o jornal dá à questão da educação da mulher. No que se refere à moda, à literatura e às variedades, o jornal seguiu o padrão do período, ainda que, de um modo geral, o periódico não tenha coexistido com outros de natureza idêntica. Conforme Buitoni (2009), como já foi enfatizado, essas eram questões corriqueiras na imprensa feminina do século XIX, não constituindo o periódico que estamos estudando uma novidade. O *Catálogo de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro (1808-1889) existentes na Biblioteca Nacional*, publicado nos Anais da Biblioteca Nacional no ano de 1965 e republicado em 1981 (edição à qual tivemos acesso), dá conta de informar acerca dos jornais e revistas que circularam concomitantemente ao *Jornal das Senhoras* entre os anos de 1852 e 1855.

Ao todo, 78 (setenta e oito) títulos, muitos deles de vida efêmera, promoveram, juntamente ao *Jornal das Senhoras*, a atmosfera cultural engendrada pela atividade jornalística no Rio de Janeiro, nos quatro anos supracitados. A seguir, apresentamos um quadro sinóptico com a lista completa dos títulos que circularam, na Corte, entre 1852 e 1855, com a respectiva indicação do período de existência de cada um deles.

Quadro 01: **Lista de jornais e revistas que circularam na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1852 e 1855²³**

Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL (1981)

O Álbum Semanal	1851-1853
O Athleta	1852
O Auxiliador da Indústria Nacional	1833-1892
O Beija-Flor	1849-1852
O Boticario	1852
O Brado do Amazonas	1852-1858
O Brasil	1840-1852; 1863
O Clarim, Echo da União	1849-1852
Compilador	1852-1853
Correio da Tarde	1848-1852
Correio do Brasil	1852-1853
Correio Mercantil	1848-1868
O Curupira	1852-1853
Diario do Rio de Janeiro	1821-1878
Gazeta dos Hospitais do Rio de Janeiro	1850-1852
Gazeta dos Tribunes	1848-1854
Gazeta Judiciaria	1852-1854
O Gratis	1850-1852
O Grito Nacional	1848-1856
Guanabara	1849-1855
A Imprensa	1852-1853
O Jornal das Senhoras	1852-1855
Jornal do Commercio	1827-
O Liberal	1848-1855
O Magico	1851-1852
Marmota Fluminense	1852-1857
A Marmota na Corte	1849-1852
Monarchista	1848-1861
A Nação	1852-1854
Novo Correio de Modas	1852-1854
Novo Despertador Constitucional	1852
A Ordem	1852
O Panorama	1852
Periodico dos Pobres	1850-1856
O Philantropo	1849-1852
O Portuguez no Rio de Janeiro	1852
A Reforma	1851-1852
Restaurador	1852
Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro	1839-
Revista Maritima Brasileira	1851-1854
Simplicio	1831-1833; 1852
A Tribuna Catholica	1851-1861
A União	1851-1852

²³ Vale a pena destacar que esses são os títulos que a Biblioteca Nacional possuía em seu acervo de periódicos, no ano de 1965. É possível que tenham existido outros periódicos, de vida efêmera ou de menor significância. Além disso, os *Anais...* são de cinco décadas atrás, e não foi encontrada, durante a pesquisa, nenhuma versão atualizada do documento, que permita observar novos dados referentes aos produtos listados ou as novas aquisições da Biblioteca Nacional nos últimos anos.

Agricultor Brasileiro	1853-1854
O Ararigboia	1853
O Carioca	1853
O Emigrado Alemão	1853
A Epoca	1853
A Folha Juvenil	1853-1854
O Guaracyaba	1850-1854
O Guarany	1853
O Guerreiro	1853
A Lei	1853
O Mosquito	1853
Reformista	1853
O Republico	1830-1832; 1837; 1853-1855
O Soldado do Mindello	1853
O Velho Brasil	1853-1854
A Abelha Religiosa	1854
O Burro Magno Jogando de Garupa nas Plagas Russianas	1854-1855
O Filho do Timandro	1854
L'iride Italiana	1854-1856
O Militar	1854-1855; 1860-1861
O Novo Censor	1854
A Palestra	1854
A Revolução Nacional	1854-1855
O Academico	1855-1856
Aurora Fluminense	1855
O Azurrague	1855
O Brasil Illustrado	1855-1856
A Constituição	1855
Courrier du Bresil	1855-1862
O Militar Briosso	1855
Revista Brasileira	1855
Revista do Globo	1855-1856
A Saudade	1855-1857
A Semana	1855-1856
A Sentinella do Povo	1855
A Tribuna	1855

Uma passagem pelos títulos dos periódicos parece deixar ver que o único deles voltado para as mulheres é, de fato, o *Jornal das Senhoras*. De fato, é ele o único que traz, no título, a referência ao sexo feminino. Uma exceção, entretanto, é o *Novo Correio de Modas: novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas* (título completo quando de sua publicação inicial), publicado entre 1852 e 1854 pelos Irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, fundadores, no Brasil, da Tipografia Universal. O *Novo Correio de Modas* surgiu como uma nova versão do *Correio de Modas* (ao qual já fizemos referência), revista feminina publicada pela mesma tipografia entre 1839 e 1840. Assim como o *Jornal das Senhoras*, o *Novo Correio de Modas* mantinha em suas páginas também seções de moda,

literatura e comportamento, além das famosas estampas importadas da Europa (DONEGÁ, 2013).

A diferença mais marcante entre o *Jornal das Senhoras* e o *Novo Correio de Modas*, entretanto, encontra-se na natureza da publicação em relação à figura feminina. O primeiro, como já se viu, dirigia-se mais especificamente às mulheres, com o intuito (conforme afirmações das próprias redatoras) de pregar a sua emancipação intelectual e a sua participação em círculos sociais dos quais elas se encontravam, muitas vezes, alijadas. A revista dos irmãos Laemmert, por seu turno, era explicitamente um *jornal para as famílias*, razão pela qual o seu conteúdo tendeu a ser muito mais conservador, abstendo-se de contestar a posição social ocupada pelas mulheres da época, conforme destacado por Donegá (2013, p. 63).

O *Novo Correio de Modas* mostrou-se especialmente engajado em divertir e educar moralmente as leitoras por meio, sobretudo, de narrativas ficcionais. A alteração no subtítulo [para *Novo Correio das Modas, jornal do mundo elegante, recreativo – moral – instrutivo*] teria assim a função de evidenciar os objetivos do periódico, fato que não ficaria claro com uma simples descrição dos gêneros encontrados em suas páginas. Talvez por detrás dessa modificação se encontrasse também o desejo de conquistar novos assinantes, porque o destaque para o conteúdo moral poderia levar alguns chefes de família a optar pela assinatura, permitindo que suas mulheres e filhas tivessem acesso à revista.

Assim, enquanto o *Jornal das Senhoras* pode ser visto como um periódico de denúncia, que buscou, através da temática da ilustração, superar a realidade vivida pelas mulheres da época no que se referia à educação, o *Novo Correio de Modas* constituiu-se num veículo de entretenimento, vez que não era destinado *apenas* ao sexo feminino. Prova disso é que, em 24 de outubro de 1852, a então ex-redatora do *Jornal das Senhoras*, Joanna Paula Manso de Noronha, publicou nesta folha uma crítica a um artigo publicado uma semana antes no *Novo Correio de Modas*, alegando ter este periódico distorcido as suas ideias originais acerca do que viria a ser a emancipação da mulher. O fato indica o tom conservador assumido pela revista dos Laemmert.

Eu tenho a consciencia de ter sido tão explicita, tão clara na exposição de minhas idéas, que na verdade quando vejo um artigo do theor deste publicado no *Novo Correio das Modas* de domingo passado, quando vejo, repito, disparates desta ordem, não sei que pensar!...

[...]

Porque esqueceis que a questão da Emancipação moral da Mulher é puramente local? Local sim, porque exceptuando a Turquia, Portugal e o Brasil, no resto do mundo a mulher é *livre* das suas acções, e é considerada como ser racional, e tem uma vida – intellectual – inteiramente igual á do homem.

[...]

Dizei o que quizerdes, sempre repetirei que a Emancipação moral ou intelectual da Mulher, no Brasil, não é uma utopia, nem um paradoxo, e sim é uma verdade dominadora que marcha ao seu total desenvolvimento, envolta nas fitas, nos chapéus e nas cassas francezas que nos chegam todos os dias nos paquetes ingleses (NORONHA, 1852c, p. 41).

A luta simbólica travada pelo *Jornal das Senhoras* em favor da educação das mulheres e do livre exercício de suas faculdades intelectuais torna-o diferente do *Novo Correio de Modas*. Vale destacar que este último era redigido por dois homens, enquanto que o primeiro tinha mulheres à sua frente. Não é de estranhar, pois, que o tom do *Novo Correio de Modas* tenha sido marcado por uma postura conservadora no que se refere ao papel da mulher e à questão da família, numa sociedade marcada pelo regime patriarcal, na qual as mulheres encontravam-se alijadas de boa parte da vida social, como demonstramos.

Por fim, deve-se pontuar que o *Jornal das Senhoras*, enquanto primeiro periódico dirigido por mulheres no Rio de Janeiro, e vinculando-se a uma temática que passava pela questão educacional, abriu caminho para o surgimento de muitos outros periódicos nesse mesmo diapasão. Estes, se não seguiram o modelo desenvolvido pelo periódico de Joanna Paula Manso de Noronha, aprimoraram-no, no sentido de aprofundar o debate em torno de questões específicas. A educação, nesse ponto, foi um tema sempre presente.

Assim, a temática da educação não foi uma questão exclusiva do *Jornal das Senhoras*. Depois dele, outras folhas exploraram o tema, o que nos leva a explicar o *Jornal das Senhoras* em termos de um *continuum*, dentro do qual o filão educacional é tratado e aprofundado com o passar dos anos e a consequente complexificação da sociedade brasileira. Tal ideia leva-nos a (tentar) compreender o porquê de, vinte e um anos depois, outro periódico ter levantado a bandeira da educação feminina, relacionando a ilustração da mulher à sua emancipação: trata-se de *O Sexo Feminino*, jornal fundado por Francisca Senhorinha da Mota Diniz, no ano de 1873, na cidade do Rio de Janeiro (NASCIMENTO, 2004).

A leitura de um dos textos do número 2 do jornal, publicado em 14 de setembro de 1873, demonstra o espírito do periódico, além de permitir tecer não poucas relações com o conteúdo do primeiro periódico editado por mulheres na Corte.

Instrução para o sexo feminino minhas caras patricias! Não cessemos de pugnar e clamar até que completamente consigamos este desideratum.
Com a instrução conseguiremos tudo, e quebraremos ainda as cadêas que desde seculos de remoto obscurantismo nos roxêão os pulsos e aviltão a propria dignidade. Quando os olhos do espirito culto de todas as mulheres virem as injustiças, o cruel domínio e a postergação de direitos de que somos victimas, então o nosso triumpho será completo, porque formaremos uma cruzada que tudo vencerá.
Principiemos a reagir contra o despotismo do homem, e o primeiro passo seja esse, habituando-nos a vir à imprensa exprimir os nossos pensamentos.

Ao ver despontar o primeiro órgão de nosso sexo no seio desta cidade, transborda-me o espírito de júbilo, porque é o primeiro raio de luz que reflecte em nossa sociedade de trevas; é o primeiro recinto onde as jovens devem habituar-se a esgrimir as armas da inteligência, que para futuro lhes deve orner as frentes de tantos louros.

Pela discussão persuadiremos, e conquistando palmo a palmo o terreno que nos não roubado, seremos um dia independentes e felizes.

O hymno da victoria será nosso. Avante pois. (MINHAS PATRICIAS, 1873, p. 2)

De um modo geral, a imprensa dita feminina, no Segundo Reinado (em especial a partir de 1850), constrói-se em torno de temáticas específicas, quase sempre recorrentes. Isso reflete o arranjo cultural existente à época, com as mulheres ocupando papéis secundários no meio social e, por isso, buscando maior visibilidade. É importante, portanto, compreendermos a significação do *Jornal das Senhoras* enquanto elo de uma cadeia ampla, histórica e, por isso mesmo, dinâmica. Fazendo uma leitura desse processo, Buitoni (2009, p. 47) identifica nuances claras na imprensa feminina dos oitocentos. Para a autora,

No século XIX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação.

Um primeiro exame superficial do conteúdo geral do *Jornal das Senhoras*, conforme a exposição operada anteriormente, possibilitaria um enquadramento do periódico na segunda categoria explorada pela citada autora: isso se deve à atenção dada pelo jornal à temática educacional e aos direitos da mulher. Entretanto, deixamos a análise mais aprofundada dessa condição para o próximo capítulo, quando exploramos os textos do periódico, retomando a questão nas conclusões do trabalho. Hahner (1978, p. 17), por sua vez, focaliza as questões gerais que perpassam essa mesma atividade jornalística, dando indícios acerca da natureza das preocupações que eram por ela demonstradas:

De fato, jornais do século XIX, editados por mulheres, algumas das quais eram professoras, constituem uma das primeiras [...] formas de literatura feminista no Brasil. Suas preocupações e argumentos assemelham-se muitas vezes aos expressados pelas feministas brasileiras dos anos sessenta. No entanto, muitas mulheres ainda se preocupam mais com moda, aparência, educação de crianças, utilização do lazer do que com questões de “liberação” ou iguais oportunidades de emprego.

Entretanto, defendemos que o *Jornal das Senhoras* precisa ser compreendido, para além de suas páginas e de sua caracterização enquanto periódico, dentro de um contexto mais amplo de significação, que permita compreender os aspectos políticos, econômicos, sociais e

culturais envolvidos em seu conteúdo. A partir disso, é que se pode chegar ao entendimento da proposta simbólica veiculada pelo jornal, e dos modos como essa proposta articula o velho e o novo, por meio de sua materialização num conteúdo discursivo que se volta, especialmente, para o tratamento das questões amplas atinentes ao fenômeno da educação feminina. Nesse sentido, passamos em seguida à análise do discurso do periódico em relação a essa temática, em busca de nossos resultados para esta pesquisa.

4 EM BUSCA DO PROCESSO DISCURSIVO: AS ANÁLISES

O presente capítulo representa a etapa final de nosso trabalho investigativo. Ele está vinculado a todo o arcabouço teórico exposto nos capítulos anteriores, pois, como defende Orlandi (2009), o trabalho de análise implica um movimento constante de idas e vindas entre teoria, dispositivo analítico e objeto. Assim, procuramos aqui articular o conjunto dos conhecimentos já explicitados anteriormente, tendo em vista a sua importância/pertinência para a discussão dos resultados obtidos, na busca pela compreensão do processo discursivo subjacente aos textos do *Jornal das Senhoras*. Assim, trazemos as análises específicas em torno do discurso do periódico no que respeita às quatro representações femininas que elevamos à condição de categorias para a análise: *filha, esposa, mãe e dona de casa*.

4.1. Da superfície textual ao processo discursivo: as etapas da análise

A Análise de Discurso opera um deslocamento no trabalho analítico, partindo da frase, do nível segmental, para a compreensão do texto e de seus sentidos possíveis, no nível discursivo. Entretanto, o trabalho de exploração dos discursos (tomando-se aqui o discurso verbal) não prescinde da consideração do texto em sua dimensão linguística, pois a língua é forma de materialização do discurso. Temos isso em conta na análise do *Jornal das Senhoras*.

Já expusemos, anteriormente, o nosso dispositivo teórico, isto é, as noções teóricas que servem de base à nossa análise. Aqui, tratamos de nosso dispositivo de análise, levando em conta a sua importância para um efetivo alcance de nosso objetivo. Para Orlandi (2009), os dois dispositivos se inter-relacionam, embora engendrem momentos diferentes do fazer investigativo:

Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais.

[...]

Embora o dispositivo teórico encampe o dispositivo analítico, o inclua, quando nos referimos ao dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica. Daí dizermos que o dispositivo teórico é o mesmo mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise (ORLANDI, 2009, p. 27).

A mesma autora, fazendo considerações sobre os métodos de trabalho da Análise de Discurso, mostra que essa atividade envolve duas passagens fundamentais. A primeira passagem é a que deve ser feita entre o objeto textual concreto, coletado para análise mas ainda em seu estado bruto, e o objeto discursivo. Para ela, deve-se passar da superfície linguística (o explícito) para a compreensão do funcionamento do texto enquanto discurso, isto é, relacionando o material à formação discursiva que lhe é subjacente, perfazendo um primeiro movimento de análise que permite compreender a relação desse discurso com outros (o não dito), enfim, transformando o texto em um *objeto discursivo*: a esse movimento ela dá o nome de *dessuperficialização* (ORLANDI, 2009).

A construção do objeto discursivo é o movimento que permite que se chegue à *discursividade* propriamente dita, isto é, a apreensão do texto em relação aos modos de sua construção e às relações com outros discursos. Daí, há uma segunda passagem, também fundamental: a que deve ser estabelecida entre o objeto discursivo e o *processo discursivo*. Por processo discursivo entende-se o nível de análise no qual o discurso é visto dentro de um quadro simbólico que permite observar os processos de constituição dos sentidos. Neste momento, a superfície linguística da qual se partiu não é mais um elemento central: aqui a relação faz-se entre a língua e a ideologia, entre a língua e a história, isto é, aqui se pode compreender os modos pelos quais os sentidos são constituídos relativamente às formações ideológicas a partir dos quais eles se tornam possíveis. É a este nível, o do processo discursivo, que procuramos chegar na análise do *Jornal das Senhoras*, no intuito de demonstrar a tensão existente entre os processos parafrástico e polissêmico no discurso do periódico sobre a educação da mulher.

Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. De seu lado, o analista encontra, no texto, as pistas dos gestos de interpretação, que se tecem na historicidade. Pelo seu trabalho de análise, pelo dispositivo que constrói, considerando os processos discursivos, ele pode explicitar o modo de constituição dos sujeitos e de produção dos sentidos. Passa da superfície linguística (corpus bruto, textos) para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo. Isto resulta, para o analista com seu dispositivo, em mostrar o trabalho da ideologia. Em outras palavras, é trabalhando essas etapas da análise que ele observa os efeitos da língua na ideologia e a materialização desta na língua. Ou, o que, do ponto de vista do analista, é o mesmo: é assim que ele apreende a historicidade do texto (ORLANDI, 2009, p. 68).

Quando passamos ao nível de análise do *processo discursivo*, estamos em plenas condições de observar a ação da paráfrase e da polissemia no discurso do *Jornal da Senhoras*, isto é, os processos de constituição de seus sentidos. Preliminarmente, entretanto, aventamos

uma hipótese de pesquisa que norteia nossa investigação, construída a partir de um contato superficial com os textos do periódico, e que precisa ser confirmada através das análises. Como já dito, consideramos que o texto – enquanto unidade comunicativa e de interação – é fruto de disposições histórico-ideológicas que lhe dão sentido, na condição de produto cultural. Uma vez que inserimos este trabalho no arcabouço teórico de uma corrente como a Análise de Discurso, que compreende o sujeito como uma entidade clivada, constituída em relação ao outro, e o discurso como uma materialidade regulada por essas mesmas disposições ideológicas, acreditamos que será possível identificar, a partir da análise do *Jornal das Senhoras* (em seus textos sobre a educação da mulher), certas marcas discursivas capazes de atestar a reprodução do discurso social de superioridade do masculino sobre o feminino. Entendemos que o *Jornal das Senhoras*, mesmo sendo redigido por mulheres, não é uma criação *ab ovo*, mas insere-se numa cadeia discursiva de significações, numa relação com os discursos que marcam o seu tempo. Sob essa perspectiva, pois, o discurso feminino veiculado no jornal estaria envolvido por uma rede ideológica marcada pela dominação masculina, e essa rede funcionaria como elemento constitutivo do discurso forjado pelo periódico: um discurso que, embora pretendendo uma ruptura, fazia-se, também, numa cadeia de permanência, constituindo não mais que um elo dessa cadeia. São essas as questões a serem verificadas nos próximos tópicos deste capítulo, no processo de análise. Antes, porém, tratamos de explicar, em termos mais específicos, nosso dispositivo de análise.

4.2. A temática da educação no jornal

Nosso primeiro recorte, em relação ao objeto de investigação, fez-se em favor da questão da educação, o que vem sendo explicitado no decorrer do texto. Como já mostramos em outros pontos deste trabalho, o *Jornal das Senhoras* tinha por objetivo declarado contribuir para a emancipação moral da mulher (no que se refere à educação). Ao todo, entre 01 de janeiro de 1852 e 30 de dezembro de 1855, foram publicadas 209 (duzentas e nove) edições semanais da folha. No intuito de traçar um mapeamento da ocorrência do tema da educação da mulher, ao longo dos quatro anos de publicação do jornal, já que era esse o mote principal do periódico, percorremos todas as 209 edições, em busca de quaisquer textos que trouxessem ideias acerca da tão falada emancipação moral da mulher e/ou das (não) relações entre os grupos femininos e a questão da ilustração/conhecimento.

Antes de expormos os resultados desse mapeamento, precisamos explicitar as nossas categorias de análise, cuja tomada influenciou a delimitação dos textos que servirão à análise. No capítulo 2, atribuímos ênfase à ideia de que, no Segundo Reinado, estavam relacionadas à

figura feminina quatro principais representações, que tinham a ver com os principais papéis sociais atribuídos às mulheres no interior da cultura: o papel de **filha**, o papel de **esposa**, o papel de **mãe** e o papel de **dona de casa**. Esses papéis, que expressam os processos de diferenciação de gênero existentes à época, foram tomados como categorias específicas para a análise dos textos do *Jornal das Senhoras*. Assim, na busca dos textos no interior no jornal, privilegiamos apenas aqueles que abordavam algum dos aspectos a seguir:

Quadro 02: Aspectos investigados na delimitação dos recortes discursivos para as análises	
(1) A questão da educação/ilustração da mulher em relação ao seu papel de filha ;	
(2) A questão da educação/ilustração da mulher em relação ao seu papel de esposa ;	
(3) A questão da educação/ilustração da mulher em relação ao seu papel de mãe ;	
(4) A questão da educação/ilustração da mulher em relação ao seu papel de dona de casa .	

Após essa investigação, foi registrado, no conjunto das edições do periódico, um total de apenas 20 (vinte) textos que versam sobre o assunto, ainda que minimamente. Foi identificado um número maior de textos que tratavam, em sua superfície, de questões variadas envolvendo a situação da mulher ou mesmo textos que abordavam assuntos de grande relevância para os grupos femininos: no entanto, para fins de delimitação da investigação, foram considerados apenas os textos referentes à relação mulher-educação, uma vez que a tomada de outros textos poderia comprometer a consecução de nosso objetivo maior, qual seja: identificar a existência de marcas parafrásticas e polissêmicas no discurso do *Jornal das Senhoras*, a partir de textos da folha que abordam a relação entre a mulher e a educação. Os textos identificados trazem registros diversos de autoria, e alguns foram publicados anonimamente ou, ainda, apenas com a indicação das iniciais dos nomes dos(as) autores(as). Abaixo, expomos um quadro que permite observar os textos selecionados para análise, após a delimitação.

Quadro 03: Textos dos quais foram extraídos os segmentos discursivos para as análises		
TÍTULO DO TEXTO	AUTORIA	DATA DA EDIÇÃO
“O vosso convite”	Texto sem assinatura	01/01/1852
“Ahi vou eu”	Texto sem assinatura	01/01/1852
“A mulher”	Texto sem assinatura	01/01/1852
Introdução do romance “Misterios del Plata”	Joanna Paula Manso de Noronha	01/01/1852
“Emancipação moral da mulher”	Texto sem assinatura	11/01/1852

“Declaração sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher”	Texto sem assinatura	25/01/1852
“Reposta”	Joanna Paula Manso de Noronha	08/02/1852
“Estudos sobre a educação”	Texto sem assinatura	15/02/1852
“Estudos sobre a educação das meninas”	Texto sem assinatura	29/02/1852
“Estudos: lição II”	Texto sem assinatura	07/03/1852
Texto sem título	Maria Clementina da Cruz	25/07/1852
“Afastamento em que se tem as mulheres de tudo quanto as pôde esclarecer e elevar sua alma”	D’Alembert	15/08/1852
“Artigo II”	Maria Clementina da Cruz	29/08/1852
“Emancipação moral da mulher”	Joanna Paula Manso de Noronha	24/10/1852
“A mulher perante Deus e o mundo”	L. C. d’A.	24/10/1852
“A mulher perante a lei”	J. P.	21/11/1852
“Educação da mulher - I”	J.	13/02/1853
“Influencia da educação da mulher sobre a vida do homem”	Ph. A.	06/03/1853
“Educação do sexo feminino”	Baroneza de ***	28/01/1855
“Educação do sexo feminino”	Baroneza de ***	25/02/1855

A partir da leitura do quadro, algumas considerações preliminares podem ser feitas:

- a) O número de textos do jornal que versam sobre o tema da educação feminina (em relação a alguma das quatro categorias acima referidas) é diferente em cada um dos anos de circulação da folha: em 1852, há nada menos que 16 (dezesseis) textos com essa característica; em 1853, esse número é reduzido em 87,5%, havendo apenas 02 (dois) textos sobre o assunto; em 1854, não foi encontrado nenhum registro; e, em 1855, há uma tímida volta ao tema, com apenas 02 (dois). Ou seja: há uma drástica diminuição do tratamento do tema da educação feminina, por parte do jornal, o que mostra que apenas no primeiro ano o periódico defendeu com maior veemência esta bandeira, tendo perdido essa característica nos anos seguintes, em especial nos dois últimos, quando apenas três textos desse tipo saíram a público. Um dado importante a ser considerado é o fato de que esse período de menor produtividade do jornal (os anos de 1854 e 1855, mas também a segunda metade do ano de 1853) corresponde justamente ao período em que o jornal esteve sob a direção de Gervásia Nunezia Pires dos Santos Neves. A administração da folha também esteve funcionando em outro endereço, como explicamos no primeiro capítulo.
- b) Dos 20 (vinte) textos que tratam da relação entre as mulheres e o conhecimento/ilustração, 08 (oito) deles não trazem uma assinatura, sendo publicações anônimas, ou seja, mais de

um terço desses textos não faz referência ao(à) seu(ua) autor(a). Não nos é possível fazer conjecturas acerca dos possíveis nomes, mas uma hipótese possível é que tenham sido esses textos escritos por mulheres (como praticamente todos os outros que trazem assinatura) que, para manterem-se no anonimato, preferiram não divulgar seus nomes: tal hipótese mostra o fato de às mulheres da época serem interditados certos discursos, como o que atestava a necessidade de educação para os grupos femininos e a igualdade de direitos perante os homens.

Identificados os textos que seriam explorados, tratamos de estabelecer, dentro desse universo, uma amostra composta por segmentos discursivos que fossem significativos em relação ao nosso objetivo posto. Obviamente, nem todos os 20 textos (alguns deles com três páginas de extensão) tratam, em sua totalidade, da temática. Assim, destacamos os trechos mais representativos, de acordo com o seguinte critério: os segmentos deveriam tratar da *importância da educação/ilustração feminina e sua relação com o desempenho dos papéis sociais de filha, esposa, mãe ou dona de casa*²⁴.

O recurso ao trabalho com segmentos discursivos foi tomado de empréstimo aos textos de Orlandi (1984, 2009). Em seu texto *Segmentar ou recortar?*, ela oferece justificativas para uma análise discursiva que não leve em conta apenas o nível do segmento, da frase, mas que considere o nível do discurso, sendo necessário, para isso, estabelecer recortes em torno do objeto de estudo. Diz ela que “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14). Em obra diversa, ela reforça: “[...] considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso [...] e que permitam chegar à sua compreensão” (idem, 2009, p. 63). No próximos tópicos do trabalho, a seguir, empreendemos nossas análises, na busca do alcance dos objetivos aos quais nos propusemos.

4.3. A educação/ilustração feminina e o papel de “filha”

Como visto no capítulo 2, a educação das meninas, no período em que circulou o *Jornal das Senhoras*, esteve restrita, quase que unicamente, ao aprendizado da leitura, da

²⁴ Dentro da análise de cada uma das categorias, os segmentos discursivos são designados pela sigla SD, seguida de sua respectiva numeração, para fins de organização no texto. Como forma de padronização e de destaque dos segmentos elencados para análise, todos eles são apresentados com recuo, ainda que possuam uma pequena extensão.

escrita e das prendas domésticas. O periódico de Joanna Paula Manso de Noronha, então, em seus textos, procurou tratar dessa questão, no que se refere à representação feminina atinente ao papel social de filha. Vejamos o seguinte segmento discursivo, tomado de um dos textos da folha:

SD-01. A educação, entendemos nós, deve despertar e desenvolver no coração o imperio da consciencia, para que ella dirija as nossas acções reprovando os más, e auxiliando-nos com a força moral no difficil desempenho das virtudes e d'aquelles deveres, que as vezes vão de encontro ou ás nossas paixões ou aos nossos interesses. Empreheenda-se a educação da mocidade ensinando-lhe, por meio de uma linguagem pura, a fallar com a alma e com as acções ao Supremo Creador do Universo (ESTUDOS, 1852a, p. 51).

A citação transcrita foi retirada do texto “Estudos sobre a educação”, publicado anonimamente na edição de 15 de fevereiro de 1852. Nela, vemos exposta a ideia de que a educação pode funcionar como um auxílio no desempenho dos papéis sociais atribuídos aos indivíduos. Não há qualquer referência explícita ao fato de o texto tratar de homens ou de mulheres, mas, dado o caráter anônimo da publicação e o seu conteúdo, entende-se que ele trata das mulheres.

Conquanto um texto da edição de 01 de janeiro de 1852 trouxesse que o jornal é “dedicado exclusivamente às Senhoras” (aliás, o próprio título do jornal apresenta essa ideia), o seu discurso referente à educação feminina não é endereçado unicamente ao público feminino. A nosso ver, era apelando ao entendimento dos homens, também, que o jornal pretendia questionar o papel da mulher no meio social, porque, segundo muitos textos publicados, a mulher já era consciente de sua função e de sua significação. Parece haver certa contradição, por parte do jornal, na consideração do gênero de seu público. Muitas vezes, a redação da folha dirige-se explicitamente à mulher, a partir de designações como “leitoras”, “as assignantes” etc. Entretanto, em muitos textos, a mesma redação dirige a palavra aos homens, como forma de conscientizá-los acerca do papel da mulher no desenvolvimento da sociedade e da necessidade de sua adequada educação. Um trecho do segmento acima apresentado pode ser utilizado a título de exemplo:

“Empreheenda-se a educação da mocidade...”

A forma destacada acima indica um direcionamento do conteúdo do jornal a um público masculino. A construção verbal “empreheenda-se”, no modo imperativo, é dirigida aos homens, especificamente aos pais de família, a julgar pela presença do complemento “da

mocidade”, se levarmos em conta que, dado o caráter de *objeto* que assumia a mulher, eram os pais de família os responsáveis por decidir empreender ou não a educação de suas filhas²⁵. O imperativo destacado também indica uma caracterização polissêmica para o discurso daí decorrente, uma instauração de novos sentidos, pois a ele se une a ideia, pressuposta, de que a educação da mocidade ainda não foi empreendida.

Ao mesmo tempo, percebemos, em SD-01, a identificação do termo “educação” com a ideia de uma instrução de natureza moral, que é tornada explícita pela utilização da expressão “força moral”. Assim, um ponto importante a ser destacado, no recorte trazido, é a presença do elemento religioso. Apesar do aspecto polissêmico que perpassa a forma “emprehenda-se”, há também a existência de aspectos parafrásticos na sequência:

“Emprehenda-se a educação da mocidade ensinando-lhe a fallar com a alma e com as acções ao Supremo Criador do Universo.”

Há, pois, aqui, a retomada do discurso, corrente à época, de que a educação feminina deveria ser baseada nos princípios da religião e constituída de um conjunto de conhecimentos calcados em conteúdos de ordem moral. Observamos, em SD-01, a recorrência de ideias que mostram a filiação do discurso veiculado pelo *Jornal das Senhoras* a fatores de ordem religiosa cristã que, por sua vez, estavam na base das representações criadas para as mulheres. Assim, neste sentido, o jornal passa a ideia de que a filha deve ter como base primordial de sua educação uma sólida formação religiosa, pois é ela que irá mostrar os caminhos para o correto desempenho de seus papéis na sociedade, auxiliando “no difficil desempenho das **virtudes** e d’aquelles deveres, que as vezes vão de encontro ou ás nossas paixões ou aos nossos interesses”. A assunção desse tipo de discurso, por parte do periódico, demonstra a ocorrência de processos parafrásticos, de um *mesmo* que retorna sob novas formas. Para Orlandi (2011, p. 242-243), o discurso religioso²⁶ é “[...] aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. Para ela, o discurso religioso mostra-se como uma espécie de *discurso autoritário*, uma vez que ele engendra uma *ilusão de reversibilidade*: trata-se de um discurso unilateral.

²⁵ O direcionamento do conteúdo do periódico aos homens fica ainda mais evidente em outros segmentos discursivos, tratados mais à frente, especialmente em SD-03.

²⁶ A distinção que operamos neste trabalho entre o discurso religioso e o discurso pedagógico (tratado mais à frente), por exemplo, está baseada na ideia de Marcuschi (2011) acerca do que ele denomina *domínios discursivos*, isto é, instâncias específicas de produção/circulação de discursos no interior da sociedade, e que condicionam os seus sentidos possíveis. Assim é que se pode falar nos domínios jurídico, religioso, militar, pedagógico, terapêutico etc. A mesma ideia, também, remete ao que Bakhtin (2010) trata em termos de *esferas da atividade humana*, que são os campos da sociedade nos quais se desenrolam os processos interacionais e de trocas simbólicas.

Assim, no discurso religioso (autoritário), predomina a existência da paráfrase, de elementos que retomam e reformulam discursos anteriores, que condicionam a produção de sentidos: as ideias trazidas pelo periódico fazem referência ao discurso transmitido pela religião cristã, a partir, por exemplo, de expressões como “Supremo Creador do Universo”²⁷ e de palavras como “moral”, “virtudes” e “pura”. No fundo, a voz que fala nesses discursos é uma voz da igreja, um discurso institucional que condiciona a assunção de determinadas posições de sujeito.

O discurso religioso perpassa também outros textos do periódico, como o seguinte:

SD-02. A virtude é tão melindrosa como a violeta nascida em estéril rochedo cercado de espinhos, que, apenas o furacão da tempestade passa-lhe pelo ramo em que está reclinada, a desmancha e aleva para longe em fragmentos. Assim também o halito máo das sociedades póde mui bem perder uma incauta menina, cuja educação, não sendo perfeita, se aballa á menor frase seductora; da imperfeição da educação nasce a desmoralisação, e desta a perdição.

Quando porém a educação é perfeita, e a ella se ajunta o desenvolvimento natural do espirito, não são as seducções nem tão pouco as palavras doces e as phrases ardentes, e de antemão estudadas, de um mancebo, nem o halito máo e pestilento das sociedades que poderão abalar a convicção da alma da mulher.

A virtude é fraca, como já fiz ver, mas é quando não ha base solida que a sustente e a preserve do mal, porém quando ella se acha substanciada, é tão forte e inabalavel como um rochedo (CRUZ, 1852a, p. 68).

O segmento acima foi tomado do texto “Artigo II”, de Maria Clementina da Cruz. Ao tratar da virtude, a autora constrói sua argumentação por meio de comparações (atestadas pelo uso da conjunção *como*), assemelhando a virtude a uma frágil violeta que cresce entre rochedos. O argumento principal, levantado pela autora, é o de que a educação pode desenvolver a virtude no espírito das meninas, de modo a não permitir que elas cedam às “palavras doces e as phrases ardentes [...] de um mancebo”, nem caiam em desmoralização. Aliás, é justamente essa ideia que confirma o nosso pensamento colocado em relação ao segmento anteriormente analisado: o sentido de educação que perpassa este texto é o de uma educação de natureza moral, calcada em princípios religiosos. Assim, é possível observar a presença do discurso religioso em ideias como as seguintes: a) a menina que não é perfeitamente educada tende à perdição; b) a menina educada é virtuosa, forte e, por isso mesmo, preservada do mal. Assim, embora o texto indique a necessidade de educação das

²⁷ “Supremo Creador do Universo” era uma forma comum utilizada para fazer referência à figura de Deus, no Brasil oitocentista. Localizamos a mesma expressão num dos textos da edição de 06/12/1825 do *Imperio do Brasil: Diario Fluminense*, jornal que também circulou na cidade do Rio de Janeiro. Lemos, ali, o seguinte: “Ao despedir-me de V. M. não posso deixar de lhe expressar o meu profundo reconhecimento pela bondade e benevolencia que me tem mostrado em varias occasiões, e lhe rogo acceite os meus sinceros e ardentes votos pela felicidade de V. M. e de Sua Real Familia, e pela prosperidade dos seus povos. O **Supremo Creador do Universo** conserve e prospere a V. M. dilatados annos” (IMPERIO, 1825, p. 535, grifo nosso).

meninas, não coloca a questão em termos de uma educação *científica*, mas *moral*, retomando o estereótipo da mulher como um ser frágil e que deve ser pura. Em “a virtude é fraca, mas é quando não ha base solida que a sustente e a preserve do mal”, a conjunção *mas* marca a alternância entre duas perspectivas enunciativas: de um lado, temos a ideia da fraqueza da virtude; de outro, temos a autora posicionando-se contra essa ideia, argumentando que isso apenas acontece quando tal virtude não é acompanhada de uma sólida educação moral, tornando-se frágil. Ao fazê-lo, a autora demonstra sua posição em favor da necessidade de uma maior educação para as mulheres de seu tempo, possibilitando a instauração de novos sentidos a partir de outros já existentes.

Pelo exposto até o presente momento, percebemos que há um forte componente moral-religioso a guiar a concepção que o *Jornal das Senhoras* tem da questão da educação feminina. Entretanto, se há uma certa preferência pelos temas da educação moral, outros textos da folha trazem também a educação escolar para o centro das discussões, articulando um discurso em favor da inserção das meninas nos colégios existentes. Um exemplo um tanto controverso dessa constatação pode ser verificado a partir da leitura do seguinte segmento discursivo:

SD-03. Compreendei; não queremos que façais doutores de todas as mulheres; mas dai-lhe a theoria daquilo que todo o homem tem de saber, conforme as circumstancias e posição de cada um. Pensai; não são nos bailles que se illustrão vossas filhas, mas nos bons, nos illustrados collegios, ou de preferencia em vossas casas. A educação e instrucção, que vossas mulheres derem a vossas filhas serão inimitáveis.
Tremei; vossas filhas ignorantes estão expostas a perigos immensos; porque sendo ignorantes, ellas não procurarão senão a materialidade dos prazeres banaes da sua vaidade, e...
Fazei a mulher com instrucção igual á do homem, e os vindouros fallarão com respeito desta geração; eis o que é o verdadeiro progresso, aquelle que tem de trazer os outros (L.C.d’A., 1852, p. 133).

A própria recorrência temática existente entre os textos do *Jornal das Senhoras* evidencia a articulação da memória discursiva como condição para a formulação de novos discursos, o que pode acontecer a partir de relações de concordância (assunção) ou de discordância (rejeição) com discursos anteriores²⁸. Neste sentido, temos o exemplo de SD-3, retirado do artigo “A mulher perante Deus e o mundo”, assinado por L. C. d’A. Destacamos uma sentença do texto:

²⁸ As ideias de “concordância” e “discordância” não devem dar a ideia de uma intencionalidade, ou de uma opção consciente pelo modo como são construídos os discursos, pois, como sabemos, a formulação discursiva tem relação também com o inconsciente, com o imaginário. Com “concordância” e “discordância”, queremos apenas nos referir aos processos de continuidade e/ou ruptura de sentidos (paráfrase/polissemia).

“Pensai; não são nos bailles que se illustrão vossas filhas, mas nos bons, nos illustrados collegios, ou de preferencia em vossas casas. A educação e instrucção, que vossas mulheres derem a vossas filhas serão inimitáveis”

Aqui, desenvolve-se a ideia de que o baile, como um momento de sociabilização, não é suficiente para que uma menina seja educada. Entretanto, diz-se que as mesmas meninas devem ser ilustradas, preferencialmente, em suas próprias casas. O discurso é explicitamente endereçado ao *pater familias*, como se pode notar pela existência de construções como “vossas filhas” e “vossas mulheres”. A ideia veiculada reforça o modelo da mulher como uma figura restrita ao ambiente doméstico e, ao fazer isso, a autora retoma todo um conjunto de sentidos vinculados a um discurso institucional que exclui a mulher da vida pública, para inseri-la num espaço fechado (o que parece ser uma estratégia para furtá-la aos olhares do espaço público). Assim, também, é que se entende a seguinte colocação, presente num outro texto do periódico:

Por exemplo, as classes deverião abrir-se neste paiz tão calmoso, ás 7 horas da manhã. Ás dez conceder-se uma meia hora de recreio, meia hora de toucador, e ás onze começar de novo as classes até uma hora da tarde em que definitivamente ellas se fecharião até o outro dia, ficando tempo á mestre para estudar, porque aquelle que ensina a isso é obrigado, e as meninas também teriam tempo de estudar – **sem apanhar sol e atravessar as ruas quatro vezes no dia** – o que não achamos muito a proposito na verdade (ESTUDOS, 1852, p. 65, grifo nosso).

No trecho, a reclusão ao ambiente doméstico (entendido como qualquer ambiente não público) parece significar uma espécie de proteção para as meninas, o que indica uma naturalização do processo de diferenciação posto em desenvolvimento pelo binômio “homem-público / mulher-privado”. Nesse sentido, relacionamos os textos à ideia de Bourdieu (2012) sobre o conceito de *habitus*, já discutido no segundo capítulo: as mulheres articulam, em seu discurso, uma espécie de naturalização do conteúdo ideológico presente na construção dos discursos sobre o homem e sobre a mulher. A esse respeito, é importante destacar, no texto de SD-01, a ideia dos *deveres* da mulher: os papéis femininos na sociedade são tratados como *deveres*, como outorgados por Deus e, portanto, naturais. Isso mostra o poder do *habitus* possibilitado pela interpelação ideológica do discurso religioso: as mulheres são preparadas, desde cedo, desde a sua condição de *filha*, para exercer os “deveres” que Deus e a sociedade lhe impõem, e elas internalizam tal ensinamento enquanto disposição inscrita em seus próprios corpos, costumes e crenças: trata-se de um processo de *inculcação*, no qual se

observa a existência de um discurso de natureza pedagógica²⁹ (ORLANDI, 2011). Tem-se aí a consideração das meninas como seres altamente passivos, capazes de receberem uma educação que lhe internalizem (*habitus*) as disposições culturais que estão vinculadas à sua existência em sociedade. Com relação a isso, remetemos o(a) leitor(a) às ideias de Lerner (1986), discutidas no segundo capítulo, acerca dos processos de normalização impostos pelo sistema de dominação patriarcal.

Isso posto, vemos que as próprias mulheres reproduzem, em seu discurso, as posições de sujeito que cabem a cada um dos sexos, no interior da estrutura social. Em SD-03, isso fica explícito pelo seguinte trecho:

“[...] não queremos que façais doutores de todas as mulheres; mas dai-lhe a theoria daquilo que todo o homem tem de saber, conforme as circunstancias e posição de cada um”.

Além disso, em “não queremos que façais doutores de todas as mulheres”, vemos claro o mecanismo de antecipação de sentidos possibilitado pela existência das formações imaginárias: a autora parece justificar, de antemão, a sua posição em relação ao que defende, antecipando os possíveis sentidos que podem ser construídos por seu(s) interlocutor(es). Nesse caso, tais interlocutores são identificados como os homens, aqueles que seriam os responsáveis por “emprender a educação da mocidade”, o que pode ser comprovado pela existência, mais à frente, dos sintagmas “vossas filhas” e “vossas mulheres”. A conjunção “mas” opera, então, uma quebra e ao mesmo tempo a introdução da voz da autora relativamente ao trecho anterior: tem-se uma nova perspectiva a partir da qual é operada a enunciação.

Evidenciando uma recorrência, há, em SD-03, uma retomada da ideia de que as filhas, se não convenientemente educadas (ignorantes) estão mais propensas a uma entrega aos prazeres banais que são condenados pela religião. A *falta de educação* é considerada, então, como diretamente proporcional ao *perigo de perdição* (voz da religião).

Numa virada polissêmica, o parágrafo final de SD-03 indica a pretensão de uma ruptura em relação aos sentidos anteriormente aventados e parafraseados. Temos aí um período que é introduzido por uma forma verbal no modo imperativo (fazei), indicando uma sequência de tipo injuntivo, e propõe-se que a educação dada à mulher seja *igual* à do homem, o que é justificado em nome do progresso social: a educação para a mulher como um

²⁹ Exploramos melhor as ideias de *discurso pedagógico* e de *inculcação* no próximo tópico, quando da análise dos textos referentes à categoria de esposa.

progresso do qual podem decorrer outros tipos de progresso. Resguardada a evidente contradição entre esse parágrafo e o primeiro (que trata das posições de cada um), observa-se a pretensão de uma descontinuidade semântica.

A ideia de igualdade faz-se presente também em outro texto veiculado pelo jornal, dentro da temática da educação feminina: um texto anônimo, publicado na edição de 29 de fevereiro de 1852, em que podemos ler:

SD-04. Os estabelecimentos modelos devem ser os mesmos collegios da nação, e todos os outros que houverem no paiz devem conformar-se exactamente com elles, porque em geral a educação do paiz deve ser homogenea, igual para todos; menos porém as materias que formão o luxo de educação, pois que á filha do pobre isso lhe é vedado por – falta de meios! (ESTUDOS, 1852b, p. 65).

Um elemento dos textos que retoma os sentidos correntes à época é a forte distinção entre as meninas pobres e as meninas mais abastadas, mostrando a presença de um componente de classe no discurso veiculado pelo jornal. Esse discurso do capital vai na direção da consideração das meninas pobres sempre como um objeto, aquilo de que se fala, como uma espécie de alteridade em relação às quais as abastadas se definem como sujeitos, inscrevendo-se em posições específicas demarcadas pela cultura. Daí, percebemos que o discurso do *Jornal das Senhoras* não é engendrado a partir das classes populares, pois não é a sua voz que se faz presente na formulação discursiva. Isso pode ser exemplificado a partir do seguinte trecho:

“[...] a educação do paiz deve ser homogenea, igual para todos; menos porém as materias que formão o luxo da educação, pois que á filha do pobre isso lhe é vedado por – falta de meios!”

Aqui, a autora indica a pretensão de uma homogeneização para a educação, indo de encontro ao quadro desigual existente à época; entretanto, logo em seguida, oferece a afirmação de que essa homogeneização não deve ser estendida às “materias que formão o luxo da educação”, uma vez que a estas as meninas pobres não têm acesso. O texto traz uma carga semântica que indica a manutenção de um quadro social no qual as mulheres das classes pobres não experimentam possibilidades de ascensão e, portanto, reforça-se a diferenciação e a exclusão.

As considerações tecidas anteriormente podem remeter-nos às discussões já realizadas no capítulo 2, acerca da natureza capitalista que marca o sistema do patriarcado, apoiadas

especialmente em Saffioti (1987): como mostra a autora, o regime patriarcal não engendra apenas uma diferenciação entre homens e mulheres, mas a desigualdade mostra-se evidente, também, mesmo dentro dos próprios grupos femininos, a partir de critérios sociais de distinção entre mulheres de classes sociais diferentes e/ou de etnias/raças diferentes. O próprio discurso das mulheres é perpassado por esse interdiscurso, essa rede de já ditos a partir da qual se perpetua a ideia de exclusão e de seletividade.

Nem todos os discursos veiculados pelo *Jornal das Senhoras*, entretanto, são marcados pela reprodução e pelo reforço de um ideário de superioridade do masculino sobre o feminino, dentro de princípios cristalizados, mormente de ordem religiosa. Em alguns textos, notamos, em maior grau, uma negação desses princípios. Como no texto a seguir:

SD-05. Quando a maior parte dos pais de família procurarão dar uma educação ás suas filhas, franca, completa e liberal? Quando não se desapreciarão as suas faculdades intellectuaes, e quando finalmente tentar-se-ha cultivar a sua intelligencia, deixando que a liberdade do pensamento fluctue em seus escriptos?... Não entendo que uma mulher por saber musica, tocar piano, coser, bordar, marcar e escrever, tenha completado a sua educação, não; a meu ver, quando ella se acha neste estado, é que, litteralmente fallando, principia os seus verdadeiros trabalhos, isto é, cultivamento e expansão de suas idéas por meio de um apurado estudo de philosophia, uma grande leitura primeiramente dos classicos, e depois da historia universal e particular das nações, e muita paciencia no enfadonho estudo das linguas, e penetração no seu fraseado; alguma applicação á poesia e ás sciencias physicas e chimicas (CRUZ, 1852a, p. 69).

O texto de SD-05 é introduzido por três questionamentos encadeados numa sequência, questionamentos esses que têm por fim colocar uma argumentação por meio da reflexão. Por meio deles, numa reformulação parafrástica, podemos chegar à afirmação de três pontos de vista implícitos: 1) *os pais de família não procuram dar às suas filhas uma educação franca, completa e liberal*; 2) *os mesmos pais desapreciam as faculdades intellectuais de suas filhas*; 3) *a inteligência dessas filhas não tem sido cultivada*. A argumentação prossegue com a indicação, por parte da autora (Maria Clementina da Cruz), de suas ideias: ela entende que as prendas como piano, costura, bordado etc. não são suficientes para completar a educação de uma menina; quando são adquiridas essas habilidades, a menina deve ainda realizar uma incursão pelo conhecimento científico (filosofia, literatura, história, línguas). Com “não entendo que uma mulher...”, a autora retoma outros discursos já existentes para proceder à sua reformulação, negando-os.

Embora os textos até aqui analisados tenham reforçado a ideia de educação como um processo de instrução moral, aqui a ideia de educação engloba outras perspectivas também, que se aproximam mais do modelo de ensino que era ministrado aos homens, na época. Assim

é que a autora propõe o estudo, por parte das meninas, de matérias que fogem ao modelo “leitura-escrita-prendas domésticas”, demonstrando a necessidade e importância de outros conhecimentos de natureza mais abstrata. A literatura, como um deles, merece especial atenção. Nesse sentido, trazemos outro texto do periódico, relativo à questão do texto literário:

SD-06. [...] que se não iluda a boa fé dos pais de família, fazendo que meninas educandas percão a maior parte do seu precioso tempo, que poderia ser destinado ao necessario cultivo do espirito e da intelligencia, a qual, apoucada por tal systema, se perde inteiramente, se tem o infortunio de dar-se á leitura de romances, como em um mar immenso onde fosse navegar sem bussula, que nunca poderia encontrar um porto, e teria de naufragar em alguma costa bravia ou de submergir-se nas ondas (BARONEZA, 1855a, p. 31).

Como mostramos em outro ponto deste trabalho, uma das principais formas através das quais as mulheres aproximaram-se das atividades de leitura, no século XIX, foi o contato com o romance-folhetim. Mostramos, também, que este gênero, dada a natureza romântica e/ou melodramática de seu conteúdo, ficou marcado como sendo um gênero próprio para mulheres e, ao mesmo tempo, como um gênero de pouco valor, frívolo, capaz de despertar sentimentos que não coadunavam com o modelo de mulher esperado pela cultura da época (cf. Lyons, 2004). Um fato curioso, presente em SD-06, é que uma mulher (a autora) retoma essa ideia (que tem a fonte de sua significação presente num discurso religioso), inscrevendo em seu discurso a voz do outro, que nesse caso pode ser identificado a partir de duas possibilidades: a) a voz do homem, com a ideia de que a leitura de romances poderia corromper suas filhas; b) a voz da religião, com a ideia de uma desejada pureza para a mulher, relegando-a a não experimentar outra leitura que não fosse a religiosa, mais “edificante”. Assim, podemos ver, em SD-06, aquilo que Authier-Revuz (2004) chama de heterogeneidade constitutiva. Um ponto a destacar é que a opinião expressa em SD-06 acerca do romance-folhetim vai de encontro ao próprio espírito do *Jornal das Senhoras*, que, como evidenciamos, trazia conteúdos de naturezas diversas, inclusive romances. Na própria edição em que o texto em questão foi publicado, o jornal trazia a publicação de um romance (*Jarilla*, de Carolina Coronado), o que nos parece contraditório. Por outro lado, a literatura aparece em outros textos como sendo importante para o desenvolvimento intelectual da mulher. Parece, então, haver uma contradição entre os próprios textos do jornal, visto que ensinam, algumas vezes, a possibilidade de sentidos que não coadunam entre si.

Assim, a análise dos segmentos discursivos que partem da questão da educação em relação à representação da mulher como *filha* deixa entrever que o discurso por eles veiculado

é perpassado, em praticamente todos os momentos, por discursos anteriores. Mesmo quando é tecida a argumentação em torno da necessidade de se educar as meninas, isso é feito a partir de um apoio em questões morais, de origem religiosa, e em questões que indicam a presença de discursos institucionais (escola, igreja, família) como fonte de seu sentido. Não obstante, há em alguns textos a tendência a uma proposição da ideia de igualdade entre homens e mulheres. O próximo tópico deste capítulo está centrado na análise dos recortes discursivos que se relacionam com a representação da mulher enquanto *esposa*.

4.4. A educação/ilustração feminina e o papel de “esposa”

Fechamos o tópico anterior discutindo a questão da aproximação entre a mulher e os textos literários. O primeiro romance-folhetim publicado pelo *Jornal das Senhoras* foi *Misterios del Plata*, escrito pela própria redatora-chefe do jornal, Joanna Paula Manso de Noronha. No texto de introdução ao romance, publicado na edição de 01 de janeiro de 1852, a autora deixava claro que utilizava o texto literário como mais um recurso para o alcance do objetivo que propunha para o periódico:

SD-07. Depois de tudo, eu escrevo, porque a isso tenho sido arrastada, eu não sei como...
Tenho luctado, e por fim vanceo alguma cousa que existia desconhecida no intimo de mim mesma, e a cujo impulso obedeco.
Assim pois, eis o meu romance verdadeiro: suas personagens, algumas ainda existem.
A historia d’essa heroica Argentina é mais um facto que prova a necessidade da illustração das mulheres; não só em proveito de si mesmas, quanto em proveito do homem, de que são ellas a companheira e o segundo chefe da familia (NORONHA, 1852b, p. 7).

No início do texto, a autora diz que escreve obedecendo a um impulso, que tem sido arrastada a fazê-lo, mas que vinha lutando contra essa ideia. As asserções feitas por ela parecem indicar suas situações possíveis: a) a pouca familiaridade das mulheres, à época, com a atividade da escrita, fato para cuja mudança paulatina a atividade jornalística mostrou-se fundamental; b) a própria interdição existente, no período, em torno de certos discursos femininos: as mulheres não estavam autorizadas a enunciar tudo. Para Pêcheux (1995), o não dito precede e domina a asserção, fato pelo qual podemos atribuir essa interpretação ao texto de SD-07.

Um trecho de SD-07 chama-nos a atenção por sua importância para o objetivo de nossa pesquisa:

“[...] necessidade da ilustração das mulheres; não só em proveito de si mesmas, quanto em proveito do homem, de que são ellas a companheira e o segundo chefe da familia”

O texto introduz a ideia de que a educação da mulher é algo necessário não apenas para o seu próprio crescimento, mas também para o desempenho das atividades atinentes ao papel de esposa, “em proveito do homem”. O sentido perpassado nesse discurso faz-se numa tensão entre a necessidade de educação para as mulheres (o sentido novo) e o reforço do papel secundário da mulher em relação ao homem (o mesmo sentido). Além de oferecer pistas para a verificação de um *habitus* calcado num discurso da abnegação, segundo o qual a mulher deve viver para o homem, o texto retoma um discurso religioso que reforça o papel do homem como chefe natural da família, figurando a esposa numa posição secundária. Nesse sentido, vemos aí a reformulação parafrástica do próprio discurso bíblico, como se pode ler num texto de Colossenses 3:18: “Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor (BÍBLIA, 1993, p. 166). Ou, ainda, neste texto de Efésios 5:22-24:

²² As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor;

²³ porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo.

²⁴ Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido (BÍBLIA, 1993, p. 161).

O discurso institucional da igreja está aí, pois, vivo. Não é unicamente a voz da autora que fala, mas todo um conjunto de vozes anteriores, responsáveis por reafirmar e perpetuar o ideário religioso da submissão feminina, cadeia na qual ela se inscreve como mais um elo a reformular o mesmo sentido. Isso mostra-se como fruto de um processo de inculcação, a partir do qual as meninas são preparadas, desde cedo, para experimentar essa situação de inferioridade.

A ideia de *inculcação* remete-nos às explicações de Orlandi (2011) acerca do discurso pedagógico. Para a estudiosa, esse tipo de discurso trabalha no sentido de efetivar a internalização de um sentido dominante, por meio da ideologia. Assim, não se entende o discurso pedagógico apenas em termos de uma educação escolar, mas em termos de um processo de inculcação de sentidos, no qual a ideologia assume lugar central e o discurso veiculado assume uma característica autoritária (a polissemia está aí contida, uma vez que prevalece a paráfrase). Entretanto, o discurso pedagógico pode ser evidenciado, também, em muitas passagens nas quais as próprias mulheres tentam inculcar algum sentido em seus/suas

leitores/as, a exemplo das marcas verbais imperativas (injunções) que discutimos no tópico anterior.

O discurso religioso e o discurso pedagógico, assim, caminham lado a lado. Em ambos os casos, vemos um discurso que tende para o tipo autoritário e que reforça a figura da mulher como um ser inferior. Ao mesmo tempo, observamos também a mulher enquanto ser objetificado, dependente da vontade do homem, como no segmento abaixo, retirado de um texto anônimo publicado na edição de 11 de janeiro de 1852.

SD-08. Ai! que temos revolução; dirão por ahi os que pugnando contra Deus e a natureza, querem conservar o mundo estacionario.
Socegae.
Não se trata de levantar o estandarte da rebelião.
Rebelião inutil; o que nós vamos dizer, não são delirios de utopista, são verdades eternas, e que estão ao alcance de todas as intelligencias, mesmo mediocres.
Verdades que os homens de boa fé, são os primeiros a proclamar, porque, á medida que o progresso melhora a condição moral do homem, elle mesmo sente a necessidade de elevar á sua altura aquella que Deos lhe deu por companheira (EMANCIPAÇÃO, 1852, p. 12).

A autoria inicia antecipando os possíveis sentidos que podem ser construídos por seus interlocutores, refutando-os logo em seguida. Diz-se não estar levantando o estandarte da rebelião, que suas reivindicações não encerram nenhuma espécie de revolução. Para reforçar seu argumento, apela à afirmação de que aquilo que está sendo pregado são “verdades eternas” (a ideia de eternidade como decorrente de um ideário de cunho religioso) com os quais os próprios homens concordam. Para a autora, o homem sente a necessidade de educar a sua companheira (ideia da religião) tendo em vista o seu próprio crescimento, para elevá-la a sua altura. Aqui, a mulher aparece na condição de objeto, tanto da oração quanto do próprio homem. Assim, embora em SD-08 esteja presente uma certa ideia de igualdade entre os sexos (o que contraria os sentidos predominantes da cultura), essa ideia é sustentada na reafirmação desses mesmos sentidos. Trata-se de uma tensão de ordem semântica. De qualquer forma, a autora demarca sua posição de sujeito colocando-se contrariamente àqueles que, segundo ela, “querem conservar o mundo estacionario”.

A ideia de uma mulher pura e virtuosa desenvolveu-se com muita força no período em que circulou o *Jornal das Senhoras*. O periódico, enquanto elemento de mediação, não escapa a esse ideário. Vejamos uma prova disso no segmento infratranscrito:

SD-09. Uma mulher educada nos mais sãos princípios de sua mãe, uma mulher religiosa e cheia de instrução, é sem dúvida alguma um ente que pôde dignamente caber no ancioso coração de um homem virtuoso.
A mulher assim torna o homem venturoso e illustrado.

Por ella, pela virgem dos seus sonhos, elle estuda as suas inclinações, corrige as más e exercita-se nas mulheres. Por ella, por esse anjo de espirito e doces sorrisos, elle estudará a historia da humanidade, e quererá ser um homem util, sendo sabio. Oh! por ella, só por ella, elle tudo será! (L.C.d'A, 1852, p. 133).

Uma reformulação parafrástica do primeiro parágrafo de SD-09 pode levar-nos à seguinte perspectiva, implícita no texto: a mulher que não é educada nos sãos princípios de sua mãe, que não é religiosa nem cheia de instrução, *não pode* caber no coração de um homem virtuoso, pois não o torna venturoso e ilustrado. Aqui, primeiramente, reaparece a ideia de que a mulher deve ser educada em proveito de seu companheiro, pois a ele é submissa. Depois, como já comentamos no segundo capítulo do trabalho, as mulheres viam no casamento um alvo, uma espécie de projeto de visa; daí serem, desde pequenas, preparadas para isso. Assim, ao afirmar a importância de uma mulher cheia de instrução, a autora ancora seu argumento na obrigatoriedade de as mulheres contraírem matrimônio, uma vez que o papel de esposa lhe é um atributo *natural*. Ou seja: a mulher precisa casar (as não casadas não eram bem vistas), mas para isso necessário se faz que ela seja “cheia de instrução”. A mulher educada engrandece também o seu marido. Fica claro, aqui, o caráter tensional existente entre velhos e novos sentidos.

Na análise dos segmentos discursivos referentes à categoria *filha*, pontuamos que a ideia de virtude é tomada, no jornal, como um parâmetro para se referenciar a importância da educação para as mulheres. A identificação da falta de instrução com uma certa propensão à perdição, que tem sua origem no domínio discursivo da religião, é trazida também nos textos que discorrem sobre a mulher enquanto esposa, como podemos notar num texto de Maria Clementina da Cruz, publicado no hebdomadário em 25 de julho de 1852:

SD-10. A mulher cumpre, á força de perseverança, de constancia e brandura, adoçar a vida do homem e tornar-se-lhe necessaria; e d’ahi concluo que, nascendo a confiança no espirito da mulher, e tendo esta as noções do bem e do mal por meio da instrucção que se lhe der, nao quererá por maneira alguma sacrificar a sua honra e reputação á meia hora de prazeres passageiros. Portanto, já se vê que no verdadeiro amor não póde haver interesse algum (CRUZ, 1852a, p. 27)

A autora retoma, aqui, os sentidos que reforçam o caráter de objeto da mulher, ao enunciar que cumpre a ela “adoçar a vida do homem e tornar-se-lhe necesaria”. Reformulando esse discurso, chegamos à ideia de que a mulher precisa tornar-se útil ao seu esposo, e ela será tanto mais útil quanto maior for a sua instrução. Destacamos um trecho do segmento:

“[...] nascendo a confiança no espírito da mulher, e tendo esta as noções do bem e do mal por meio da instrução que se lhe der, não quererá por maneira alguma sacrificar a sua honra e reputação á meia hora de prazeres passageiros”

Vale pontuar que o sentido de educação aí proposto, mais uma vez, não diz respeito a uma educação formal, no âmbito das instituições de ensino. “Ilustração”, em SD-10, parece estar identificada com uma proposta de educação moral. As noções de “bem” e de “mal”, presentes no texto, indicam uma educação religiosa, voltada para a consideração de uma perspectiva maniqueísta que contrapõe a ideia de virtude (bem) à de vício (mal). Aqui, vemos claro o papel das formações imaginárias, pois a imagem que a própria autora constrói das mulheres é a de seres puros e retos, conforme preconiza uma cultura cristã que, inculcada nas mentes, identifica a figura feminina com a figura da Virgem Maria. Quando lemos a defesa de que as mulheres instruídas não sacrificarão sua “honra” e sua “reputação” por causa de meia hora de prazeres, podemos presumir que o texto faz referência à questão do adultério, visto como fonte de uma “má fama” para a mulher, que, por isso mesmo, torna-se condenada pela sociedade. Mais uma vez, encontramos aqui referências explícitas ao texto bíblico, que aparece parafraseado, como esta passagem de Provérbios 12:4: “A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como podridão nos seus ossos” (BÍBLIA, 1993, p. 446). Ou neste trecho:

¹⁰ Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias.

¹¹ O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho.

¹² Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida (BÍBLIA, 1993, p. 458).

Isso nos faz compreender, também, o discurso de SD-09. A mulher virtuosa é identificada como aquela que é instruída nos princípios da religião, sendo por esse motivo útil e importante para o seu marido. De todo modo, confirma-se a ideia da superioridade do homem sobre a mulher.

A propósito, essa condição de submissão expressa-se de modo tanto mais forte quanto mais baixa é a classe social à qual pertence a mulher. Saffioti (1987), ao discorrer sobre esse ponto, enfatiza que, apesar de submissas e desvalorizadas, mulheres de classes sociais distintas experimentam formas diferentes de inferiorização, expressas em graus variados de subordinação. No que se refere à questão educacional, o *Jornal das Senhoras* assim se posiciona, num texto lançado ao público na edição de 11 de janeiro de 1852:

SD-11. Nas classes pobres da sociedade é onde mais funesto resultado se colhe do embutecimento da mulher.

Todas as carreiras industriaes estão lhe vedadas.

E por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que ha de metigar-lhe a fome!! (EMANCIPAÇÃO, 1852, p. 13).

No que se refere à educação, a autora defende que a situação da mulher pobre é ainda mais absurda. Nesse sentido, ela introduz a ideia de uma superioridade do masculino que passa pela questão econômica: a mulher menos abastada depende economicamente (de forma mais acentuada) de seu marido, que lhe dá o sustento. Assim, a mulher pobre é assemelhada à figura da serva (geralmente a escrava, se observarmos as condições de produção desse discurso, numa nação marcada pelo regime escravista) que precisa submeter-se aos mandos de seu senhor, a fim de “encontrar o pedaço de pão que ha de metigar-lhe a fome!”. Assim, o discurso da diferenciação binária entre senhores e escravos é retomado no texto e, num efeito metafórico, transferido para a consideração das relações conjugais. Também aqui, inclusive, há a ideia da mulher como objeto, no sentido de que ela experimenta uma posição passiva e relação ao homem: a palavra “embrutecimento”, no primeiro período do texto, deixa perpassar a ideia de que a mulher é *tornada* bruta, que dela são tiradas ou tolhidas as possibilidades de desenvolvimento intelectual e, por esse motivo, “todas as carreiras industriaes estão lhe vedadas”.

Os discursos que abordam a situação da mulher enquanto esposa, no que se refere à consideração de questões relacionadas à educação/ilustração, faz-se, grosso modo, num confronto de sentidos no qual se articulam a necessidade de educação da mulher, como forma de conferir-lhe uma maior visibilidade e valorização (espécie de ruptura e proposição de novas ideias) e a noção de que essa mesma educação – mormente oral – serve para garantir um melhor desempenho de seu “dever” (papel) de esposa e para ser usada em proveito do próprio marido (velhos sentidos, reforço dos papéis sociais). Assim, como observado na análise referente à categoria *filha*, esses discursos tende a apresentar, num maior grau, uma caracterização parafrástica. Passemos à categoria *mãe*.

4.5. A educação/ilustração feminina e o papel de “mãe”

Este tópico traz considerações acerca do modo como foram tratadas, no *Jornal das Senhoras*, as aproximações entre a figura da mãe e o mundo do conhecimento/ilustração. A título de introdução, transcrevemos o trecho de um dos textos do periódico, que versa sobre o assunto:

SD-12. Que filhos pretendeis dar ao mundo, que de vós reclama cidadãos ilustrados? Pensais que uma mãe ignorante, não deve ser um objecto de compaixão, na sociedade ilustrada do século actual? (L.C.d'A, 1852, P. 133).

O texto de SD-12, retirado do artigo “A mulher perante Deus e o mundo”, da autoria de L. C. d'A., é constituído de dois questionamentos construídos com fins argumentativos. Por meio da paráfrase, podemos chegar à existência de dois pressupostos aí envolvidos: 1) o mundo reclama cidadãos ilustrados; 2) uma mãe ignorante deve ser um objeto de compaixão, na sociedade ilustrada do século atual. Com isso, a autora possibilita a construção do seguinte sentido: a figura da mãe ignorante (não ilustrada) não coaduna com o espírito do tempo em que o jornal é produzido, qual seja, um período de grande valorização da ciência e de desenvolvimentos marcantes em diversos campos do conhecimento; assim, uma vez que a mulher é responsável pela criação dos filhos, necessita ser ilustrada, para que possa, igualmente, entregar ao mundo filhos ilustrados.

Um detalhe precisa ser evidenciado: o texto traz o termo “cidadão”. Como vimos, no capítulo 2, em decorrência da própria *Constituição Política do Imperio do Brazil*, promulgada em 1824, às mulheres não cabia o título de “cidadão brasileiro”, uma vez que este estava restrito aos homens livres da nação (NOGUEIRA, 2012). Assim, ao tratar dos cidadãos, a autora parece fazer referência apenas aos filhos homens, que devem ser bem instruídos por suas mães e preparados para a “sociedade ilustrada”. Isso porque apenas os homens, via de regra, podiam experimentar uma vida pública mais ativa, já que a mulher estava restrita, na maior parte do tempo, ao ambiente doméstico.

Desse modo, defendendo que uma mãe ignorante deve ser motivo de compaixão, a autora defende também a necessidade de sua educação. Entretanto, ao utilizar termos como “filhos” e “cidadãos”, a autora retoma os sentidos de um discurso legal-institucional que, baseado em outros discursos presentes na cultura, legitima, por sua vez, a diferenciação entre o homem e a mulher. Aliás, no que se refere à legislação do país, trazemos outro segmento bastante significativo:

SD-13. Nem quero tão pouco que a mulher seja soldado.

- Nem empregado publico.
- Nem official de marinha.
- Nem Ministro de Estado.
- Nem Doctor graduado em leis.

Com quanto deva ella conhecer as do seu proprio paiz, porque tem de educar seus filhos no espirito da lei (DECLARAÇÃO, 1852, p. 28).

O texto de SD-13 foi retirado do artigo “Declaração sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher”, publicado anonimamente na edição de 25 de janeiro de 1852. Em termos discursivos, podemos dividir o segmento em dois blocos distintos e ao mesmo tempo complementares, que possibilitam a identificação de duas perspectivas enunciativas. A primeira perspectiva é representada pela sequência de asserções introduzidas pela conjunção “nem”. A autora afirma não querer (como se fosse a origem e fonte de sentido de seu discurso) que a mulher exerça certas atividades no meio social, o que indica a ação de um mecanismo de antecipação de sentidos, por conta da imagem que a autoria faz de seus interlocutores. Assim, temos uma espécie de justificativa, a partir da qual a autora explica que não pretende infringir regras em relação aos papéis que podem ser exercidos por mulheres. As profissões trazidas no texto eram vistas, no período, como sendo prioritariamente masculinas. Prova disso é a própria dificuldade em se realizar a flexão de gênero para as palavras que designam as profissões, mesmo quando se trata de mulheres: “soldado”, “empregado publico”, “Ministro de Estado”, “Doctor”. Essa posição enunciativa é, na verdade, identificada com a cultura machista predominante à época, com o discurso perpetuado pela ideologia de inferiorização da mulher.

A segunda perspectiva enunciativa de que falamos é introduzida pela conjunção “com quanto” e evidencia uma espécie de tensão entre sentidos. A autora defende que a mulher deve ser instruída em relação às leis de seu país, para poder “educar seus filhos no espirito da lei”. Vale destacar que a ideia de lei, aqui, envolve a própria Constituição, que negava às mulheres o exercício dos direitos políticos. Assim, há uma tendência à reprodução e manutenção dessa diferenciação: a instrução feminina deve servir a um propósito de perpetuação da posição a ela atribuída relativamente ao homem.

Esse caráter reprodutor da proposta colocada em circulação pelo próprio *Jornal da Senhoras* evidencia o alto grau de naturalização, por parte das próprias mulheres, do conteúdo simbólico que marca a cultura de seu tempo. A noção de *habitus*, entendida, neste caso, como a incorporação de disposições nos corpos e mentes, reflete os resultados de um longo processo de inculcação de sentidos nas meninas, inclusive no que diz respeito à sua futura “função” enquanto mãe.

Segundo o ideário do período, a educação moral das crianças (o que inclui esse próprio processo de inculcação de que falamos) seria, principalmente, uma responsabilidade das mães. Essa posição apresenta-se como decorrente de um processo de naturalização inculcado por meio do discurso religioso. Nesse sentido, podemos compreender dois segmentos do *Jornal das Senhoras*, retirados, respectivamente, dos artigos “Influencia da

educação da mulher sobre a vida do homem), assinado por Ph. A. (edição de 06 de março de 1853), e “Educação do sexo feminino”, assinado por Baroneza de *** (edição de 25 de fevereiro de 1855).

SD-14. E será capaz de infundir no homem o amor da virtude e o horror do vício a mulher, cujo espirito não é sufficientemente esclarecido; cuja alma não é dotada de virtudes; cujo coração não é cheio de bondades? [...] A mulher deve ter consciencia de si, e de sua alta missão, para devidamente preenche-la; pois d’ella depende a educação moral do homem; seu coração deve ser puro, como a florzinha do campo; seu espirito deve ser recto e esclarecido; para que ella seja o anjo da terra, ante quem todos tributarão respeito e veneração, gratidão e amor (PH. A., 1853, p. 74).

SD-15. Os destinos da sociedade dependem da moralidade dos homens; e esta provém em maior parte, senão completamente, das qualidades e da instrução das mãis de familia (BARONEZA, 1855b, p. 62)

O segundo artigo mencionado foi publicado dois anos depois do primeiro, quando o jornal já havia se perdido em relação ao seu objetivo primeiro e diminuído drasticamente a quantidade de publicações em torno da educação feminina. No entanto, o sentido possibilitado pela leitura de ambos é bastante semelhante: um parece complementar o outro.

O texto de SD-14 trata da importância da mãe educada e esclarecida para a educação moral dos filhos homens. Assim, é veiculada a ideia de que a mulher precisa ser bondosa, dotada de virtudes, de coração puro e consciente de sua “missão”. Evidenciamos a necessidade, posta pela autora, de que o esclarecimento requerido da mulher seja, na verdade, um esclarecimento de ordem religiosa, uma instrução moralizante que trate de alertá-la sobre sua missão: a mulher assim é caracterizada encontra-se em possibilidade de educar moralmente seus filhos, reproduzindo o mesmo discurso ideológico nela inculcado por meio da religião. O termo “missão”, presente em SD-14, diz respeito ao que, em outros segmentos já analisados, aparece como “deveres”: trata-se dos papéis sociais que às mulheres são atribuídos na estrutura social.

O discurso veiculado pelo conteúdo de SD-14 é deveras significativo para o nosso estudo, uma vez que permite a compreensão de como é posto em prática o processo de reprodução e perpetuação das estruturas de dominação patriarcal, com os homens figurando em posições sempre superiores às das mulheres, dentro das mais diversas (micro)relações de poder. É a mãe, segundo o texto, a responsável por infundir, na mente de seus filhos (homens), os conteúdos moralizantes que estruturam a cultura: a contraposição maniqueísta entre vício e virtude, as noções do bem e do mal etc. Ratificamos assim a ideia de Lerner

(1986), segundo a qual as próprias mulheres têm contribuído, ao longo da história, para a perpetuação de sua dominação e exploração.

Destacamos, em SD-14, o seguinte trecho:

“[...] seu coração deve ser puro, como a florzinha do campo; seu espírito deve ser recto e esclarecido; para que ella seja como o anjo da terra, ante quem todos tributarão respeito e veneração, gratidão e amor”

Aqui, a figura feminina é identificada com a figura religiosa da Virgem Maria, digna de veneração. Tal identificação, perpetrada pelo discurso da cultura, requer da mulher, em contrapartida, a assunção de certas características: um coração puro, um espírito reto e outros atributos que a tornam semelhante a uma “florzinha do campo”. Todavia, não obstante a existência desse conjunto de características, é dos homens que depende o futuro da sociedade, como podemos ler em SD-15. Temos, aqui, a síntese de uma proposta cultural segundo a qual a mulher não tem uma influência direta nos rumos da sociedade, embora concorra indiretamente para isso.



Temos, assim, a esquematização do padrão cultural da época. O esquema não é circular, visto que não há uma retroalimentação do sistema; o esquema é linear, evidenciando a ideia de que os homens vêm sempre *antes* das mulheres (retomada do discurso bíblico do Gênesis, segundo o qual o homem foi o primeiro ser e a mulher foi criada a partir dele). A mãe, pois, é uma espécie de mera mediadora num processo no qual apenas o homem figura numa posição principal, haja vista que é dele que dependem os rumos da sociedade.

O sentido da importância da educação das mães de família, bem como o seu papel num quadro de reprodução cultural, faz eco ao discurso bíblico, por exemplo, no que se refere ao disposto no livro de Tito 2: 3-5:

³ Quanto às mulheres idosas [...] que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem;

⁴ a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos,

⁵ a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada (BÍBLIA, 1993, p. 177).

Nesse sentido, e num arranjo cultural arcado por essas características, a mulheres precisariam ter esses sentidos internalizados, por meio de um processo que se iniciava ainda na infância. Isso se dava por meio da educação recebida no ambiente doméstico ou por meio da aulas na escola – para Bourdieu (2012), a escola é uma importante instituição a atuar no processo de inculcação ao qual nos referimos. Vejamos o segmento seguinte, tomado do artigo “Educação do sexo feminino”, da Baroneza de *** (publicado na edição de 28 de janeiro de 1855, último ano do jornal):

SD-16. Por ventura será toda a instrução necessaria para uma senhora o saber fazer uma má leitura e fraca traducção de uma ou duas linguas, e distinguir apenas as notas das musicas para as cantar pelos sons tirados pelo piano? E aonde se ensina mais do que isto? Aonde se procura cultivar o espírito e a intelligencia de uma menina para que seja uma verdadeira senhora? Aonde se cuida em plantar no coração tenro de uma educanda todos os principios dos deveres de nosso sexo, para que sejam verdadeiras mãis de familia, para bem da religião e da moral? Em parte nenhuma se cuida de taes cousas (BARONEZA, 1855b, p. 31).

A ideia presente em SD-16 vai de encontro ao padrão de ensino para meninas existente à época: esmerava-se em oferecer ensinamentos de leitura, línguas estrangeiras (especialmente o francês), música, piano e também as demais prendas domésticas. Aqui, a autora parece propor alguma espécie de ruptura desse padrão, a julgar pelo questionamento que introduz o segmento, colocado aí com fins predominantemente argumentativos. Ao mesmo tempo, pergunta ela “aonde se ensina mais do que isto?”, adentrando numa defesa da superficialidade dessas matérias, que deixam de lado os conteúdos moralizantes. Preocupada com a formação das futuras mães de família (que devem, obviamente, contribuir para o reforço do quadro de sua exploração), ela argumenta que é preciso “plantar no coração tenro de uma educanda todos os principios dos deveres de nosso sexo, para que sejam verdadeiras mãis de familia, para bem da religião e da moral”. A própria palavra “plantar” retoma os sentidos preexistentes em relação à inculcação ideológica (discurso pedagógico) das meninas/mulheres em relação aos seus deveres. Notamos, aqui, um discurso que caminha em grande medida para o autoritarismo, evidenciando enormemente o processo parafrástico aí presente.

As análises empreendidas neste tópico permitiram explicitar como o discurso da importância da educação feminina faz-se em relação à representação da mãe. Mais que uma questão de educação formal, o que deixamos claro aqui é que o papel de mãe envolveria a necessidade de uma instrução moral, num grau muito mais elevado que nas outras duas

categorias já estudadas, uma vez que a mãe é a responsável primeira pela condução moral dos filhos e filhas. Por esse motivo, a figura da mãe torna-se um importante instrumento da cultura machista, num processo de interpelação ideológica dos indivíduos, ao reproduzirem as relações de poder da qual são produtos. Por fim, passemos à análise da categoria *dona de casa*.

4.6. A educação/ilustração feminina e o papel de “dona de casa”

A inclusão da categoria *dona de casa*, neste trabalho, justifica-se pelas especificidades que envolvem a assunção desse papel, por parte da mulher. O próprio Gilberto Freyre, em *Sobrados e mocambos*, analisa os diferentes aspectos que marcavam essa representação feminina no século XIX. O autor mostra que a mulher jovem, em sua mocidade, estava sujeita aos padrões de beleza e de moda que convinham a uma moça em busca de casamento: aspecto pálido, cintura fina, esmerada nos trejeitos. Em contraposição, após o casamento, na condição de segundo chefe da família, ela passava a adotar costumes e características diversas: pele e bochechas rosadas, níveis de gordura muitas vezes acima do normal (dada que era à execução e supervisão dos trabalhos de cozinha), modos desleixados (FREYRE, 2004b).

A assunção do papel de dona de casa, por parte da mulher oitocentista, encerrava a assunção conjunta de uma espécie de abnegação, vivenciada por uma dedicação extremada ao marido e aos filhos. Nesse sentido, analisamos aqui o modo como a questão da educação/ilustração foi colocada, pelo *Jornal das Senhoras*, no que tange a essa importante representação. No tópico anterior, observamos um segmento discursivo no qual se reforçava a ideia de que certas profissões/carreiras estariam vetadas às mulheres. Nesse mesmo diapasão, vejamos o segmento seguinte:

SD-17. Nem quero que se gradue em Medicina; com quanto deva ella conhecer a medicina domestica, porque a mãe de familia faz a irmã de caridade junto de seu esposo, de seus filhos, de seus domesticos, quando estão doentes (DECLARAÇÃO, 1852, p. 28).

O texto de SD-17 é bastante significativo para nossa análise. A introdução da conjunção “com quanto” indica o choque, o embate de duas vozes sociais, e que atestam a coexistência de um discurso parafrástico e de um discurso que se pretende polissêmico. A oração “nem quero que se gradue em Medicina”, no início, retoma o discurso da época

segundo o qual a medicina era uma área voltada apenas para os homens³⁰. Na explicitação desse interdiscurso, tem-se a paráfrase. Em contraponto a esse discurso, a autora diz que a mulher deve conhecer a medicina doméstica, para poder cuidar de seus entes. No entanto, coloca a aquisição do conhecimento como mais um fator que reforça a assunção dos “deveres” da mulher: o conhecimento da medicina doméstica ajuda no desempenho das tarefas inerentes à função de dona de casa. O uso do termo “irmã de caridade” faz eco a um discurso religioso que dissemina a ideia do *fazer bem ao próximo*: a mulher é identificada com essa característica.

O que se vê claramente exposto, no texto de SD-17, é a interdição posta às mulheres em relação ao discurso científico. Em virtude, o discurso da ciência estava a elas restrito, daí que o próprio segmento analisado veicule a ideia de uma certa conformação, que podemos também relacionar à ideia de *habitus* proposta por Bourdieu (2012): a internalização do discurso ideológico que retirava das mulheres a possibilidade de uma vida pública, mas dava-lhes a possibilidade de atuação no ambiente doméstico.

Aliás, se o *pater familias* exercia, no interior do lar, uma autoridade incontestada, a ponto de exigir uma obediência cega e irrestrita, também a mulher possuía sua importância dentro do ambiente doméstico. Ela figurava como uma espécie de *centro sentimental*. Vejamos este trecho do *Jornal das Senhoras*, retirado do texto “Emancipação moral da mulher” (anônimo), publicado em 11 de janeiro de 1852:

SD-18. [...] o coração da mulher, ilustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptáculo das dores e dos prazeres da família: é em torno d’ella que todos se grupam e ella se é jovem e graciosa, ali estará meiga e risonha como o anjo da esperança; se é velha, santa e immaculada como a mesma mãe do salvador (EMANCIPAÇÃO, 1852, p. 14).

Segundo o texto, a mulher atua como uma espécie de suporte moral de seus familiares, quando é instruída acerca de sua “missão”: essa ideia é perpassada por um discurso religioso segundo o qual a mulher é relacionada à pureza e se constitui numa figura algo messiânica, com um propósito espiritual. No texto, duas comparações, explicitadas pelo uso da conjunção “como”, reforçam a ideia dessa religiosidade que deve ser vivenciada pela dona de casa. Numa delas, a mulher jovem é comparada a um anjo da esperança; na outra, a mulher mais

³⁰ Vale destacar, aqui, que os primeiros cursos de Medicina, no Brasil, foram criados no início do século XIX. No entanto, o acesso das mulheres ao ensino superior só foi permitido a partir do ano de 1879, por meio da Reforma Leônicio de Carvalho. Rezende (2009) relata que a primeira mulher a concluir o curso de medicina, no Brasil, foi Rita Lobato Velho Lopes, formada em 1887. Assim, à época do *Jornal das Senhoras*, a medicina estava restrita aos homens, unicamente.

velha é identificada com a “mesma mãe do salvador” (já comentamos essa aproximação da figura feminina com a imagem da Virgem Maria). Tais aspectos fazem com que o discurso veiculado em SD-18 mostre-se como sendo atravessado por uma série de discursos anteriores, mostrando a existência de uma interdiscursividade e que a paráfrase exerce um importante papel.

Neste trabalho, operamos uma diferenciação conceitual entre os termos *imprensa feminina* e *imprensa feminista*, enfatizando que a palavra feminismo adquiriu, no âmbito das teorias produzidas nas últimas décadas, uma forte conotação contestatória: o feminismo enquanto movimento organizado. Também defendemos que o *Jornal das Senhoras* insere-se no bojo de uma imprensa feminina, uma vez que não engendra propriamente uma espécie de *luta*, mas apenas a defesa de algumas ideias e relação àquilo que as colaboradoras chamam de emancipação moral da mulher. Retomemos o seguinte texto, presente em SD-08: “Ai! que temos revolução, dirão por ahi os que pugnando contra Deus e a natureza, querem conservar o mundo estacionario. Socegae. Não se trata de levantar o estandarte da rebelião” (EMANCIPAÇÃO, 1852, p. 12). Por fim, então, um último segmento aparece como fundamental para nossas análises:

SD-19. Não entendo por emancipação moral da mulher, que ella abandone o lar domestico e marche á campanha em quanto o marido em casa trata da cozinha.
Não quero na mulher o espirito forte e heroico das Espartanas.
Emancipação moral da mulher no meu limitado entender é:
- Sua illustração (DECLARAÇÃO, 1852, p. 28).

O texto é parte do artigo “Declaração sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher” (anônimo), de 25 de janeiro de 1852. Para a autoria, a ideia de emancipação moral da mulher não envolve uma espécie de luta pública por parte das mulheres. Como exemplo, a autora coloca que não deseja uma inversão de papéis na qual as mulheres saiam às ruas e os homens fiquem em casa a cuidar da cozinha: isso apenas reforça o sentido da cozinha como um espaço destinado à mulher, e não ao homem. O que fica claro, no texto, é que a noção de emancipação moral por ele propalada envolve pura e simplesmente a ilustração da mulher. Se voltarmos à análises já efetuadas anteriormente, notaremos a recorrência dessa ideia de ilustração baseada em aspectos de ordem religiosa, moral, sentimental. Um ponto do segmento em análise oferece-nos pistas importantes para a caracterização desse discurso parafrástico:

“[...]Não quero na mulher o espirito forte e heroico das Espartanas”

A expressão “não quero” já apareceu em outros segmentos que analisamos, especialmente em SD-13 e em SD-17. Primeiramente, importante se faz que observemos a ilusão que se encontra aí envolvida: a autora diz “não quero” como se o discurso veiculado tivesse nela a sua origem. Na verdade, ao formular esse discurso, a autora apela sempre a outros discursos preexistentes, aos sentidos já presentes na cultura. Esse esquecimento fundamental obscurece o fato de que não é ela que “não quer”, mas todo o conteúdo simbólico de uma cultura machista e de um conjunto de vozes que falam antes.

Em segundo lugar, cabe-nos analisar o distanciamento, proposto pela autora, entre as mulheres de seu tempo e as mulheres da cidade de Esparta, na Grécia. Silva (2005) explica que as mulheres espartanas possuíam uma vida social muito mais livre, por exemplo, que as atenienses, não estando restritas ao ambiente doméstico. As espartanas praticavam exercícios físicos rotineiramente, circulavam livremente pela cidade-estado, recebiam uma educação rígida e podiam, inclusive, exercer alguma influência na vida política. Daí que o texto de SD-19 caracterize as mulheres de Espartas como seres de “espírito forte e heroico”, e era justamente esse tipo de comportamento que não se admitia para a mulher brasileira do século XIX.

A mulher deveria ser moralmente emancipada, e isso envolveria a sua ilustração; entretanto, não se propunha nenhuma espécie de quebra do padrão ao qual ela estava submetida: à dona de casa cabe o espaço da cozinha. Assim, notamos o caráter meramente acessório de que se reveste a ideia da educação feminina, no recorte explorado. A figura da dona de casa é a quarta e última das representações que elevamos ao nível de categorias para o empreendimento de nossas análises. Como visto, também aqui temos o reforço e reprodução da situação da mulher e de todo um quadro social que legitimava essa situação. Junto às outras categorias, a imagem social da dona de casa compõe um quadro no qual a ideologia machista impõe-se como praticamente absoluta. Em vista disso, passamos às conclusões de nosso estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao momento de expor as considerações finais de nosso trabalho, como forma de arremate do percurso investigativo traçado até o presente momento. Em verdade, o apontamento de conclusões não pode ser feito, aqui, senão de forma parcial, uma vez que não pretendemos chegar necessariamente a respostas fechadas, definitivas. O que pretendemos foi simplesmente estabelecer uma discussão em torno das questões discursivas e culturais atinentes ao *Jornal das Senhoras* e ao contexto no qual ele floresceu. Ao tratarmos o *discurso* como objeto, temos claro que o trabalho está mergulhado na transitoriedade, na provisoriedade. O discurso é perpassado pela existência de práticas sociais, e por isso não podemos prescindir da consideração do caráter essencialmente aberto e heterogêneo que o envolve. Além disso, os resultados aos quais chegamos são frutos da opção por um determinado dispositivo analítico, em detrimento de outros possíveis: outras abordagens do mesmo problema levariam, necessariamente, a resultados outros. Tratamos aqui, então, de oferecer destaque a algumas (in)conclusões, mas deixando a questão aberta, em virtude de sua complexidade.

No primeiro capítulo do trabalho, desenvolvemos os pressupostos teóricos que dariam base à pesquisa, tomados especialmente da Análise de Discurso de linha francesa. Uma vez que os conceitos forneceriam suporte para o desenvolvimento de todo o trabalho, esse movimento inicial mostrou-se fundamental. A vinculação desta pesquisa ao arcabouço teórico-metodológico fornecido pela Análise de Discurso foi extremamente importante, pois a partir dela foi possível chegar à observação do processo discursivo referente ao *Jornal das Senhoras*.

Tal processo discursivo desenvolve-se em relação a um contexto. Por esse motivo, no segundo capítulo, centramos nossa atenção na realidade cultural experimentada pela mulher brasileira do século XIX, descrevendo, tanto quanto possível, o modo como estava organizada a sociedade a partir da existência de um sistema como o patriarcado, que estrutura não somente as relações familiares, mas todo o conjunto social. Nesse percurso, operamos um recorte e elevamos a uma posição de destaque as explicações referentes à organização da educação no período, em especial a educação das mulheres ou, dita de outro modo, as características do sistema de ensino que refletiam mais diretamente a distinção social entre homens e mulheres.

Num terceiro momento, caracterizamos o nosso objeto de pesquisa, demonstrando os aspectos gerais que marcavam o *Jornal das Senhoras*. Situamos o periódico de Joanna Paula Manso de Noronha, também, no circuito da imprensa feminina de seu tempo, a fim destacarmos as suas especificidades em relação a outros produtos do período, além de quebrarmos a suposta ideia do pioneirismo do jornal no âmbito desse mesmo circuito.

Por fim, no último capítulo, expusemos o nosso dispositivo analítico para a pesquisa e empreendemos as análises das quatro categorias elencadas no decorrer do trabalho, tendo em vista o objetivo colocado. Nesse sentido, cabe retomarmos, neste ponto final do trabalho, as perguntas norteadoras que foram feitas na introdução, como um direcionamento necessário para a investigação.

Em primeiro lugar, precisamos oferecer resposta ao seguinte questionamento: *Como o discurso sobre a educação feminina, no Jornal das Senhoras, articula velhos e novos sentidos?* A partir das análises realizadas, percebemos que há, em praticamente todos os textos trazidos, a ideia explícita de que a mulher deve ser educada, de que a sua instrução é um fator deveras importante para o seu desenvolvimento e que a mulher instruída pode desempenhar melhor os seus papéis sociais. Assim, há a pretensão, por parte das mulheres que ali escrevem, de demonstrar a importância de que se reveste a instrução para as mulheres do tempo. Precisamos considerar o que foi exposto no segundo capítulo da pesquisa, isto é, as condições sociais e culturais às quais as mulheres estavam relegadas no período: condições de submissão, de subordinação, de inferiorização e de negação de direitos. Por esse motivo, poderíamos aventar a ideia de que o discurso veiculado pelo *Jornal das Senhoras* é articulado com base em sentidos de mudança, de ruptura com padrões estabelecidos. Entretanto, observamos que, mesmo quando se colocam em defesa da ideia de que a mulher precisa ser instruída, as autoras do periódico o fazem retomando todo um conjunto de discursos anteriores, perpassados por sentidos cristalizados e atravessados pelas próprias convenções culturais às quais homens e mulheres se viam submetidos. A ideologia patriarcal de superioridade do masculino sobre o feminino e, para Lerner (1986), reproduzida pelas próprias mulheres que aplicam à realidade os esquemas de pensamento fornecidos por essa mesma ideologia. Assim é que, nos textos analisados, a temática da educação é posta como necessária, mas muitas vezes essa necessidade existe em função dos próprios homens: em outras palavras, os discursos que atravessam o *Jornal das Senhoras* pregam a necessidade de instrução das mulheres, mas em proveito dos homens. Nesse quadro, vemos reproduzida uma série de discursos institucionais que reafirmam o lugar da mulher num plano secundário, dentro da cultura.

Para Bourdieu (2012), a atividade de reprodução discursiva da ideia de dominação masculina possui uma ligação muito próxima com três instituições que, cada uma a seu modo, auxiliam e mesmo conduzem o processo de perpetuação das relações de poder que marcam a existência do binômio *homem – mulher*: falamos da igreja, da escola e da família. É em relação aos sentidos propalados por essas três instituições que o discurso do *Jornal das Senhoras* opera uma retomada evidente de concepções vigentes à época. O discurso religioso aparece como o principal componente das argumentações colocadas pelas mulheres: a ideia de uma mulher educada, de acordo com os segmentos analisados, não pode prescindir também da imagem da mulher religiosa, e por isso a defesa recai sobre a consideração de que a mulher deve ser educada com base nos princípios religiosos. Do mesmo modo, muitas vezes vemos reafirmada a exclusão e a seletividade impostas pela instituição escolar, em discursos nos quais as próprias autoras parecem demonstrar uma espécie de *resignação* frente à configuração dos papéis e deveres construídos para o gênero feminino. Aliás, a palavra *dever*, muitas vezes presente nos textos do jornal, indica a existência de uma rede de já-ditos baseados na religião: a mulher é vista como possuindo deveres naturais designados por Deus. Tais deveres correspondem, se observamos a construção cultural das relações de gênero, aos papéis sociais que designamos aqui como categorias de análise, ou seja, as principais representações forjadas para as mulheres, que ajudavam na definição de sua imagem: a *filha*, a *esposa*, a *mãe* e a *dona de casa*.

Defendemos que há um embate constante, nos discursos que perpassam o periódico, entre novos e velhos sentidos referentes à questão da educação feminina. Não obstante a argumentação em torno da *relevância* da instrução para a mulher, o que podemos perceber é que essa instrução não se refere, em todos os momentos, a um modelo de educação formal, institucionalizado, que tem como representante a escola: a ideia de instrução presente nos segmentos explorados perpassa muito mais a construção de sentidos no que se refere a um conjunto de *ensinamentos morais*. É a defesa dos preceitos da moralidade, da pureza, do bem e da virtude que leva as autoras a proporem o *esclarecimento* das mulheres: vemos aí retomado, evidentemente, o discurso institucional da religião, elemento constante do periódico. Nesse sentido, mostramos como, em muitas passagens, a ideia veiculada pelas redatoras da folha significava uma reformulação parafrástica do discurso bíblico, especialmente no que se refere à defesa da submissão da mulher ao homem. De fato, uma conclusão à qual podemos chegar, feitas as análises, é que, apesar da tensão entre novos e velhos sentidos, o discurso perpassado pelo *Jornal das Senhoras* tende a uma configuração muito mais parafrástica, de retomada e reformulação de sentidos, do que polissêmica. São

discursos que tendem para o *mesmo*, para a reprodução e manutenção das condições e relações sociais existentes. A nosso ver, são discursos que caminham para uma espécie de autoritarismo, especialmente se notarmos que eles são frutos de um discurso religioso (ilusão de reversibilidade) e de um discurso de natureza pedagógica (atestado pela inculcação ideológica das quais as mulheres são objeto e mesmo porta-vozes). Assim, nessa tensão, a paráfrase se sobressai.

Muito oportunamente, podemos agora responder ao outro questionamento proposto para este trabalho: *Essa tensão, de ordem semântica, mantém-se constante quando o jornal aborda a questão da educação em relação às quatro representações concernentes à mulher (filha, esposa, mãe e dona de casa)?* Se há uma recorrência discursiva nos textos veiculados pelo *Jornal das Senhoras*, no que se refere às quatro representações femininas, ela não se dá de forma igualitária, uma vez que os argumentos apresentados são diversos em relação a uma ou outra dessas representações. Para a representação *filha*, as autoras tentam convencer os pais de família de que é necessário instruir as meninas, mas as razões apresentadas para justificar essa necessidade estão apoiadas, frequentemente, em princípios de ordem religiosa: a importância de as meninas serem instruídas para andarem no caminho da virtude; a importância de sua instrução moral para que, no futuro, fossem boas esposas e boas mães. No que se refere à representação *esposa*, a importância da educação é defendida com base na ideia de que a mulher instruída ajuda a engrandecer seu próprio marido, ou seja, a educação da mulher em proveito do homem. Reafirma-se a noção de que a mulher serve ao homem como uma ajudadora (retomada do discurso bíblico), mas confirmando-se a superioridade masculina e a colocação da mulher num segundo plano. Para a *representação* mãe, são colocadas ideias em torno de um grande argumento principal: a mulher precisa ser instruída para poder instruir também os seus filhos. Notamos uma forte caracterização parafrástica, no discurso do jornal, quando se defende a ideia de que o destino da sociedade depende da moralidade dos *homens*, e que essa mesma moralidade é fruto da instrução dada pelas mães de família. Assim, se o papel da mãe está limitado a uma educação moral, é essa mesma a instrução que ela necessita receber, e não uma educação escolarizada, formal: não há, então, quebra de sentidos, mas a reafirmação de outros já existentes. Com relação à *dona de casa*, observamos um discurso cujos sentidos se expressam na defesa de que a mulher instruída pode desempenhar melhor os seus papéis domésticos. Um exemplo: ela deve conhecer a medicina doméstica para cuidar os seus entes quando estes necessitarem. Também não há, aqui, a preponderância da polissemia, mas da paráfrase, uma vez que o lugar e os papéis destinados à mulher são veementemente reafirmados: como vimos em um dos segmentos,

reafirma-se a consideração da cozinha como um ambiente da casa que é destinado unicamente à mulher.

As análises em torno das representações da *filha*, da *esposa*, da *mãe* e da *dona de casa* não esgotam as possibilidades de tratamento da situação da mulher no século XIX. Essas quatro categorias foram tomadas por terem se mostrado mais representativas para nosso estudo. Entretanto, o *Jornal das Senhoras* trata também a figura feminina sob outros prismas, que estão imbricados naqueles já explorados por nós: a mulher como estudante, a mulher como irmã etc., o que demonstra a consideração, por parte do periódico, da pluralidade de relações de poder nas quais a mulher pode ter lugar e em função das quais lhe são atribuídos determinados papéis.

Seria extremamente complicado examinar a discussão sobre as questões discursivas que se vinculam à existência do *Jornal das Senhoras* se não se tivesse clara a significação exercida pelo ambiente cultural e pelos conceitos normativos concernentes a esse contexto, consoante a opinião de Scott (1998). Do mesmo modo, não seria possível compreender as posições assumidas pelas redatoras do jornal fora das redes simbólicas nas quais elas adquirem sentido. Os textos do periódico são condicionados pelo contexto: assim é que podemos compreender e atribuir sentido, por exemplo, ao fato de que as mulheres são quase sempre tratadas, nos segmentos explorados, na condição de objeto: objeto da oração (texto), objeto do homem (contexto).

Em 2.4, expusemos a posição de Hahner (1978), segundo a qual os periódicos da imprensa feminina, no século XIX, giravam entre duas perspectivas: uma tradicional, que reafirmava o papel doméstico da mulher e as qualidades consideradas como próprias do sexo feminino, e outra progressista, que defendia direitos para as mulheres e dava destaque ao tema da educação. Ali, dissemos que, à primeira vista, em decorrência da grande atenção dada à questão da educação/ilustração, o jornal de Joanna Paula Manso de Noronha suporia a sua inserção numa perspectiva progressista. Agora, após o trabalho analítico empreendido, estamos em posição de defender que essa suposição preliminar é, na verdade, errônea. Embora o *Jornal das Senhoras* trate da educação e defenda a existência de mulheres instruídas, o periódico não se mostra numa caracterização progressista, mas atravessado por discursos que atestam uma perspectiva tradicional na consideração da mulher em relação aos seus “papéis femininos”.

A imprensa feminina, no Brasil, especialmente a partir da década de 1870, acompanhava um processo social mais amplo, em que às mulheres cabia o direito de reivindicar uma participação mais ativa na vida social. O debate em torno das questões

educacionais e, mais para a frente, o debate em torno do sufrágio, o direito ao voto, mostrou-se essencial para o estímulo de lutas sociais e políticas que definiram os rumos posteriores para a definição dos direitos das mulheres no Brasil. Trata-se de um longo processo, no qual o *Jornal das Senhoras*, sem dúvida, figura numa posição relevante, apesar de seu caráter extremamente tradicional. O caminho aberto pelo *Jornal das Senhoras* possibilitou (ou pelo menos incentivou) o desenvolvimento de um modelo de imprensa produzido por e para mulheres, reivindicando cada vez mais o direito de atuar no espaço da cultura, e estabelecendo os princípios de uma luta que culminaria com o nascimento do feminismo enquanto movimento organizado e das formas de luta mais recentes.

Para além das questões aqui abordadas, outras podem ajudar a esclarecer a natureza das relações patriarcais no Brasil do século XIX, bem como as relações mais diretas existentes entre a mulher e a vida cultural do período do Império. Assim, há uma ampla gama de aspectos que, devido aos limites deste trabalho, não puderam ser explorados. Entretanto, acreditamos ter lançado luz sobre diversas questões que, em conjunto, podem contribuir para a compreensão do ambiente simbólico no qual surgiu o *Jornal das Senhoras*, pois tal compreensão é de fundamental importância para o esclarecimento das questões discursivas que pretendíamos aqui explorar (não se pode pensar o discurso desvinculado do contexto e do plano simbólico no qual ele adquire materialidade). A constituição dos sentidos, no meio social, é um processo complexo que envolve múltiplas variáveis e a existência de um embate entre velhos e novos discursos, o que possibilita a continuidade discursiva. A continuação do processo de desenvolvimento histórico-social, em suma.

REFERÊNCIAS

- AHI VOU EU. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 2-4, 01 jan. 1852.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e no Brasil a partir do século XIX. In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 133-215.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- ALTMAN, Cristina. Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de linguística geral. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (orgs). **Saussure**: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013, p. 21-32.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.
- AUAD, Daniela. **Feminismo**: que história é essa? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade**: em estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AVISO aos nossos assignantes. **Jornal das Senhoras – Jornal da boa companhia**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros. Rio de Janeiro, p.424, 31 dez. 1854.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5 ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 261-306.
- BARATA, Alexandre Mansur; GOMES, Gisele Ambrósio. Imprensa, política e gênero. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, 2008, p. 43-55.
- BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil**: gênero e poder no século XIX. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- BARONEZA de ***. Educação do sexo feminino. **Jornal das Senhoras – Jornal da boa companhia**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros. Rio de Janeiro, p. 31-32, 28 jan. 1855a.
- BARONEZA de ***. Educação do sexo feminino. **Jornal das Senhoras – Jornal da boa companhia**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros. Rio de Janeiro, p.62-63, 25 fev. 1855b.
- BÍBLIA Sagrada, A. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Anais da Biblioteca Nacional**: Catálogo de jornais e revistas do Rio de Janeiro (1808-1889) existentes na Biblioteca Nacional. V. 85. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1981.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da comunicação**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, v. XXV, n. 58, jan./abr. 2011, p. 62-77.

BRANDÃO, Helena Hatshue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. **Collecção das leis do imperio do Brazil**: 1827 – Parte primeira. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

BITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 37-54.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2003.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. 35 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CORONADO, Carolina. Jarilla. **Jornal das Senhoras – Jornal da boa companhia**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros. Rio de Janeiro, p.35, 29 jul. 1855.

CRUZ, Maria Clementina da. [Sem título]. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 26-27, 25 jul. 1852a.

CRUZ, Maria Clementina da. Artigo II. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 67-69, 29 ago. 1852a.

D'ALEMBERT. Afastamento em que se tem as mulheres de tudo quanto as póde esclarecer e elevar sua alma. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 51-52, 15 ago. 1852.

DECLARAÇÃO sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 27-28, 25 jan. 1852.

DONEGÁ, Ana Laura. **Publicar ficção em meados do século XIX**: um estudo das revistas femininas editadas pelos Irmãos Laemmert. (Dissertação de mestrado). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2013.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

EDUCAÇÃO DA MULHER, A. **O sexo feminino**: semanario dedicado aos interesses da mulher. Campanha, MG, p. 1, 7 set. 1873.

EL-FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

EMANCIPAÇÃO moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artistes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 12-14, 11 jan. 1852.

ESTUDOS sobre a educação das meninas. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artistes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 64-66, 29 fev. 1852b.

ESTUDOS sobre a educação. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artistes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 50-51, 15 fev. 1852a.

ESTUDOS: lição II. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artistes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 74-75, 07 mar. 1852c.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: EDUSP; FDE, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005.

FERRY, Luc; JERPHAGNON, Lucien. **A tentação do cristianismo**: da seita à civilização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Mulheres e mujeres também constroem a sociedade. In: CLEMENTE, Elvo (org.). **Integração**: letras, artes e história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense**: realidade e utopia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o poder. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos**, volume IV: estratégia, poder-saber. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 247-260.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação / A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 39-60.

FREGNI, Carla Patrícia. **Do bife ao infinito: relações de consumo na revista Cláudia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e cultura). Sorocaba, SP: Universidade de Sorocaba, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república**. 6 ed. São Paulo: Global, 2004a.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 15 ed São Paulo: Global, 2004b.

FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da. **Teoria da História**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. Fronteira. In: FAZENDA, Ivani C.A. (org.) **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero**. Coleção História &... Reflexões. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HESPANHA. **Imperio do Brasil**: Diario Fluminense. Rio de Janeiro, 06 dez. 1825, p. 535.

J. Educação da mulher - I. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros. Rio de Janeiro, p. 53-54, 13 fev. 1853.

J. P. A mulher perante a lei. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 164-165, 21 nov. 1852.

JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. **Cadernos Pagu**, n. 38, jan./jun. 2012, p. 367-394.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

JORNAL DAS SENHORAS, O: modas, litteratura, bellas-artes, teatro e critica. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Parisiense, 1852-1855. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

KROETZ, Itiana Daniela; GAI, Eunice T. Piazza. O Jornal das Senhoras e a busca pela emancipação moral e intelectual da mulher brasileira. **Literatura, Comparatismo e Crítica Social**, Cascavel, MS, 2015.

L. C. d'A. A mulher perante Deus e o mundo. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artistas, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 132-133, 24 out. 1852.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LEITE, Miriam Moreira; MOTT Maria Lúcia de Barros; APPENZELLER, Bertha Kauffmann. **A mulher no Rio de Janeiro do século XIX**: um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.

LERNER, Gerda. **La creación del patriarcado**. Barcelona: Editorial Crítica, 1986.

LIMA, Joelma Varão. “Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na corte. **Cadernos Ceru**, v. 21, n. 2, 2011.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Imperial**. 6 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LYONS, Martyn. Los nuevos lectores del siglo XIX: mujeres, niños, obreiros. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **Historia de la lectura em el mundo occidental**. Bogotá: Taurus, 2004.

MALERBA, Jurandir. **O Brasil Imperial (1808-1889)**: Panorama da história do Brasil no século XIX. Maringá: Eduem, 1999.

MANNHEIM, Karl; STEWART, W.A.C. **Introdução à sociologia da educação**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 11-25.

MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 27-38.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 16 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios sobre o folhetim**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINHAS PATRICIAS, A. **O sexo feminino**: semanario dedicado aos interesses da mulher. Campanha, MG, p. 2, 14 set. 1873.

MULHER, A. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 5-6, 01 jan. 1852.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2003, p. 101-142.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11 (1): 336, jan-jun/2003, p. 225-233.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher (1873-1874)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira**: da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

NOGUEIRA, Octaciano. **1824**. 3 ed. Coleção Constituições Brasileiras. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

NORONHA, Joanna Paula Manso de. Emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 130-132, 24 out. 1852a.

NORONHA, Joanna Paula Manso de. Misterios del plata: romance historico conteporaneo (introdução). **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 6-7, 01 jan. 1852b.

NORONHA, Joanna Paula Manso de. Reposta. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 41-43, 08 fev. 1852c.

NOSSAS ASSIGNANTES, Ás. **Jornal das Senhoras – Jornal da boa companhia**: modas, litteratura, bellas-artes e theatros. Rio de Janeiro, p.409, 30 dez. 1855.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994, p. 53-59.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Nota ao leitor. In: PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 7-9.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Segmentar ou recortar? In: **Linguística: questões e controvérsias**. Série Estudos 10. Uberaba, MG: 1984, p. 9-26.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado**. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993, p. 311-319.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (19): 1-179, jul./de. 1990, p. 7-24.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4 ed. Campnas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2 ed. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PH. A. Influencia da educação da mulher sobre a vida do homem. **Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica**. Rio de Janeiro, p. 73-75, 06 mar. 1853.

PINAFI, Tânia et al. Tecnologias de gênero e as lógicas de aprisionamento. **Bagoas**, n. 06, 2011, p. 267-282.

PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Reinado**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes Editôra, 1959.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Lendo novelas no Brasil joanino. In: _____. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 119-150.

PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Roberto. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

REZENDE, Joffre Marcondes de. O machismo na história do ensino médico. In: _____. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009, p. 131-136.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 21 ed. São Paulo: Autores Associados, 2010.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. Fatores atuantes na evolução do sistema educacional brasileiro. In: _____. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, p. 33-46.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: MILANEZ, Nilton; GASPAR, Nádea Regina (orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “breve século XIX” brasileiro. In: SAVIANI et al. **O legado educacional do século XIX**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 7-32.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **História do Brasil: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 2006.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n.2, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-95.

SERRET, Estela. **El género y el simbólico: la constitución imaginaria de la identidad femenina**. Oaxaca, México: Instituto de la Mujer Oaxaqueña, 2006.

SEXO FEMININO, O: semanário dedicado aos interesses da mulher. Campanha, MG: Typ. do Monarchista, 1873-1874; Rio de Janeiro, RJ: Typ. Lombaerts & Filho, 1875-1889]. 23x16 cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/sexo-feminino/706868>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

SILVA, Aguimario Pimentel. **O Filho do Pescador e a linguagem paraliterária: uma contribuição à história do romance brasileiro**. Monografia (Licenciatura em Letras - Português). Arapiraca, AL: Universidade Federal de Alagoas, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 171-186.

SKIDMORE, Thomas F. **Uma história do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Miriam. **A revolução das mulheres**: um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

VASCONCELLOS, Eliane; SAVELLI, Ivette Maria. A imprensa feminina. **Verbo de Minas**: letras, Juiz de Fora, 2006, p. 89-102.

VICENTINO, Cláudio. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.

VOSSO CONVITE, O. **O Jornal das Senhoras**: modas, litteratura, bellas-artes, theatros e critica. Rio de Janeiro, p. 2, 01 jan. 1852.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary. In: _____. **Resources of hope**: culture, democracy, socialism. London: Verso, 1989.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **A educação na literatura do século XIX**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2011.

ANEXOS

PUBLICAÇÕES ORIGINAIS DOS TEXTOS ANALISADOS

— 2 —

Por carta fechada a redacção do Jornal podem dirigir-se todas as Senhoras que desejarem honrar as nossas paginas.

Feliz mil vezes se a minha dedicação alcançar a vossa cooperação.

Temos a satisfação de vos declarar que desde já somos coadjuvadas por uma nossa amiga, jovem intelligente e espirituosa, a qual faz-nos o obsequio de encarregar-se especialmente do artigo de Modas, guardando para isso o mais rigoroso incognito. Leia-vos pois o seu primeiro artigo.

Joanna Paula Manso de Noronha.

O vosso convite.

Minha querida amiga e Redactora em chefe do — JORNAL DAS SENHORAS. — Estou surpreendida do horroroso convite que me fizestes! Eu, pobre de mim, que bem sabeis o quanto sou estouvada e leviana, mettida agora a escrever artigos, e, não é nada, artigos para serem publicados em letra redonda, coisa a que uma certa parenta minha tinha tanta aversão que lhe chamava — *garatujas* — é por certo horrível! arripia-me os cabellos!

O que escreverei eu?! Está visto, um montão de coisas fôfas sem rei nem roque.

Se me desseis licença ao menos para dar o meu recado sem preambulos, como faz por ali tanta gente boa, que não dá, mas *passa recados* com o desembaraço de quem bebe um copo d'agua, ainda bem iria eu: principiava pelo penteado do Figurino e acabava pelos sapatos, e depois ponto; estava tudo arranjado.

Mas o tal preambulo que me pedis... Como se eu fosse algum Pregador que tr. z exordios até nas pontas do lenço com que limpa o reverendissimo suor, e então!...

Todo o meu receio está em não poder achar depois uma *reviravolta*, como fazem os homens, que me conduza o artigo, que quero escrever, ao ponto principal que são as modas; porque materia vasta tenho eu; principiava, por exemplo, pelo coração dos homens...

Men bom Deos, onde ia eu cair!! Nada, nada; era muito mal principiado. Isso é porta trancada com cautela e reserva, cujo guarda, alegre e risinho, não ousa de offerecer entrada franca a quem por sua infelicidade erra o caminho, e por lá quer passar; mudemos de rumo.

Para principiar rendendo homenagens á vos-

sa coragem, minha querida Redactora, não me cabe essa fortuna; o que vos digo somente é que sympathizo com essa certeza e resolução dos espiritos elevados e das intelligencias illustradas. Quisestes redigir um jornal, fizes-te-o, e com tanta facilidade como a que tendes fazendo os vossos doces e cadentes versos; mas eu a quem Deos não deu miolo para tanto (o que vale é que ninguém sabe quem eu sou) vede lá a differença: estou tremendo, suando e arfando de cansaço, como se tivesse caminhado a pé até á Tijuca, e por ora ainda me não levantei da cadeira em que ha boa meia hora estou assentada!

Esta educação! esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido comprehendido!

Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é se não o effeito da incompleta educação que recebemos *tão e tão de festas no fim do anno?* Mão, que estou fora da ordem. Pois bem, então guardai segredo, que eu entro em ordem.

Ahi vou eu:

Sabei que este anno é bissexto, e que, pelas engraçadas Folhinhas dos irmãos Lacomert, elle não nos deve trazer nem a carranca e os pezames do anno que hontem de nós se despedio, nem todas as alegrias e folguédos dos seus últimos mezes; e a rasão desta differença segundo a explicação de um bom primo que tenho, é porque hão de haver *alguns eclipses invisíveis no Rio de Janeiro*. Gosto muito da Sabedoria deste meu primo; é uma maço de muitas esperanças.

Ora, se assim for, bom será que eu ainda uma vez me recorde desses dias tão encantadores e suaves para mim, que amo a distracção da vida pelo estrepito da minha villa. Por certo, nunca o nosso Rio de Janeiro teve uma successão de dias e mezes tão estrepitosos e folgações! Oh! como eu ainda me lembro delles com tantas saudades!... quanto me diverti e vivi alegre entre as alegrias do meu proximo...

Ainda me recordo vivamente do pompoze e brilhantissimo baile, verdadeiramente Imperial, com o qual se dignou honrar-nos S. M. o Imperador e sua Augusta e Excelsa Esposa! Como estava Ella tão angelica, tão fagueira e tão sublime; o reflexo de sua alma para trans-

luzia ali, como em toda a parte, cheio de graça e primor. As galas e os diamantes que guarneciam o valioso collar das bellezas que a circundavam, os títulos e as medalhas que se curvavam perante Ella, pareciam formar um verdadeiro cofre de joias entre as quaes era Ella a mais primorosa. Cheguei a adoral-a.

O alegre e estrondoso baile do Sur. Comendador Manoel Lopes Pereira Bahia, com seu jardim, cheio de luzes e verdura, fragante e bello; e chamolha os harmoniosos sons de uma excellente banda de musica militar; seus salões de mil luzes guarnecidos e perfumados em exencias inebriantes que recueirão das vaporosas bellezas, alegres e seductoras; a riqueza de seus adornos e o seu bem escolhido toilette, tudo isto transportou-me ao mundo das fidalidades, e pareceo-me que estava dentro desses magicos palacios onde as Fadas dirigem o luxo e os prazeres, e os Genios derramão a profusão e a opulencia.

Os dois bailes dados pelos Exm. Visconde de Abrantes em o seu lindo e caprichoso palacete de Botafogo, oh! como forão cheios de graça e de vida! As decorações e as tapeçarias, a magnifica e bem acertada pintura dos salões, o luxo e o brilliantissimo de tudo, estava a par do bem conhecido bom gosto do Sur. Visconde e do bem combinado e encantador toilette das elegantes que ali concorrerão para dar mais um beijinho de sympathia na sua amiga a Exma. Viscondessa de Abrantes.

O baile do Sur. José Maxwell na sua vasta quinta de Andarahy, que saudades que me faz, e que sustos que me causou a carnagem que para lá me conduziu!... Tudo foi bem empregado por que passei uma noite divina.

As centenas de soirées e partidas seminaes, para as quaes de instante a instante chovião os convites ao circulo do bom tom, como forão todos elles alegres e completos; quantos suspiros alafados em o terno coração da donzella, prestes a despedir-se destas funções, não forão tomar alento e desprenderem-se junto ao seu toncador ainda no dia seguinte...

O elegante baile do Casino, como que fornecendo o estrôbilho dansante de todas essas brillantes reuniões do luxo e do bom tom, que de recordações saudosas não tem produzido desde mim até a elegante e coquette feiteira, desde o leão da corte até ao dandy de provincia... Cada um mette a mão na sua consciencia se couber.

O Campestre e o Lizia, ambos no pavilhão do Paraíso, que bailes que são tão vivos e encantadores. Sempre ali tive occasião de contemplar bellezas fóra do common, e uma certa confusão que me agrada, principalmente quando apparecem as bandejas dos sorvetes. Tanta lija para um sorvete...!

Por ultimo, e para mais lembrar-me do anno de 1851, o Sur. Conde de Iguaçu teve o feliz accordo de festejar o baptismo do seu lindo filhinho no Jardim Botânico, offerecendo um sumptuoso jantar às famílias de sua amizade no hotel do Sur. Amiral, onde brincamos e nos rimos muito, depois de havermos passeado e corrido todos os lagares mais pitorescos do Jardim Botânico com aquelle delirio quasi juvenil que nos traz a alegria do campo e a certeza da companhia escolhida com quem estamos. A interessante e espirituosa Condessa com o seu lindo toilette — colete de emancipação — capitaneava a nossa companhia feminina, ou antes era a mimosa flôr que preflia esta grinalda de lindas flôres, em cujo numero estava esta vossa criada. Está bom, cale-se, que elogio em boca propria é vituperio. Não ha gostos perfectos: não vi o grande repuxo deitar agua porque, forte gente! estava com o registo quebrado.

Ora bem vejes que todo este encadeamento de funções deslumbrantes e estrepitosas forão para mim, que sou alegre por natureza, um dos meus melhores passatempos a par das sonoras e melodiosas arias e duettos divinamente cantados na Phil'Enterpe e Phil'Armonica aonde, para adoçar os meus ouvidos das amarguras dos dias magros, fui e irei sempre, e até escreverei um artigo a esse respeito se me derdes licença, pois tornão-se dignas disso estas duas sociedades.

É o meu logar favorito para os meus momentos românticos, arranjados o proposito, todas as vezes que por lá encontro o batalhão de especuladores do sexo feminino em linha de batalha, de frente a inexperience e ao caudor. Escalda-me o sangue. Então tambem sei fugir á vista desses vigarios collados da freguezia dos fingimentos, e com meia dúzia de sorrisos, e quatro onças de sentimentalismo, tenho o gostinho de vel-os fazer de conta que estão rendidos e apaixonados, e então rio-me a não poder mais de seu artificio (que bicho mico são os taes namorados!) em vez de os arreme sar ao despreso da

sua ignobil tarefa; por que nessa mesma contradicção de principios encontro eu um vasto campo para as minhas reflexões, e digo por fim ás barbaças do meu colete—Como comprehendem mal os homens a parte mais interessante da sua propria existencia!

Mas eu estou outra vez fóra da ordem ha muito tempo, ou para dizer melhor, desde que principiei esta carta, ou artigo, ou como lhe quizerdes chamar, visto que o meu mestre de primeiras letras (José Lourenço por signal se chamava elle; já morreo!) não me ensinou regras e preceitos para escrever; contentou-se em fazer-me escrever os bens conhecidos *pro-zinhos*, o feliz *bastardo*, e o antigo *bastardinho* e foi-se, como seião n'outro tempo e vão-se no presente, os actuaes *Josés Lourenços* que ensinão primeiras letras a meninas. Vamos á ultima parte deste meu artigo:

Modas.

Estou certa e certissimas que escrevo para o circulo do bom-tom, mas, ainda mesmo que assim não fóra, qual é a Senhora que não sabe hoje o que é a moda? Apresentar uma definição competente e andar catando na remota antiguidade a sua origem era enfastial-as, com tal explicação, de que ellas me dispensão. De mais, os homens em descrever a moda tem gasto mais tempo que as Senhoras em executar-a, não acho nenhuma razão para martyrisar o meu sexo com as minhas descrições a tal respeito.

O que é de minha restricta obrigação, desde que me propuz a fallar em modas, é relatar com toda a lealdade o que eu presenciei em Paris e o que me explicarão algumas elegantes com quem lá tive a fortuna de travar relações de amizade.

Em Paris, eis aqui tudo, publicão-se todas as semanas um grande numero de Figurinos, que todos guardão entre si certas dimensões e formalidades, mas pela maior parte elles não são mais que um mero capricho artistico para satisfazer o compromisso de dar Figurinos todas as semanas aos milhares de Parisienses, que aos sabbados esperão por mais uma nova fantasia da moda, por assim estarem acostumados. Entretanto o bom-tom, as elegantes de primeira plana o que fazem? Aceitão em cada mez aquelle Figurino, cuja fantasia e simplicidade é de mais bom gosto, e melhor vae com certa gravidade, digamos assim, e com

um certo que encantador, que ellas sabem sustentar em todas as modas, e o resto deixão para ser usado por certa gente (e vestem-se com muito laxo) em que tudo lhe vae a mil maravilhas. Porque com effeito as modas em Paris tem a sua competente distincção segundo as conveniências de cada um, o seu estado e a sua posição.

Por consequencia só darei explicação d'aquelles Figurinos que em minha alma e consciencia os julgar dignos de serem apresentados as vossas dignas assignantes, pelo *Jornal das Senhoras*, que deve ser, como penso, jornal de muito bom gosto. E que outros apresentem aquelles que bem lhes parecer; para que fica o direito salvo a todas ellas de escolherem o que mais lhes couvier e agradar; não vejo que isso seja peccado.

Mas fiquem certas as moças, que d'aqui em diante se vestirem mal, e que nenhuma razão terão para isso a vista do pouco dinheiro que custa por mez a assignatura do *Jornal das Senhoras*, que pouco me custará dizer-lhes mesmo na bochecha—minha querida, o vosso toilette está de muito máo gosto.

E então! Já não vou perder lo o medo!

E' pelas razões á cima expostas que ven com muito gosto descrever a estampa junta a este. E' um lindissimo e brilhante toilette de baile, sobre um corpo gentil de uma carinha mimosa com olhos travessos e feições americanas.

O vestido é de nobreza azul-claro tecida em branco uma das mais lindas cores procuradas pelo brilhante effeito que produz nos salões. Tem a saia ornada com tres largos folhos da mesma fazenda, os quaes são guarnecidos de um bordado *guipure* sobre filo branco de beiras recortadas. O corpinho é lizo, elegantemente talhado, cintura mais curta, e com uma Bertha maipequena e redonda, recortada e bordada no mesmo gosto dos desenhos da guarnição dos folhos. Sobre a Bertha, e no meio do peito, está preso um duplice laço de fita de setim da mesma cor do vestido. As mangas mai curtas, quasi justas, e abertas em meio talho por baixo, deixando apparecer outras brancas tambem em recortado. Luvas curtas de pelica cor de canna com enfeites de fita azul clara franzida em folhos, e uma só pulseira de ouro no braço esquerdo. O lenço é de finissima cambrala de linho applicada em ponto de Inglaterra! O penteado de bandós em largos crespos torna-se muito gentil pela graça

com que está colocada a grinalda que os acompanha. Esta grinalda é simplesmente de flores azues, sem folhagem verde, com espigas de ouro nas pontas, posta sobre o meio da cabeça e escapando-se cada uma de suas pontas por junto dos bandós até abaixo delles.

Eis um distincto toilette; não se pode negar que, apar do apurado bom gosto, elle apresenta uma simplicidade elegante em todos os seus ornamentos, que é, o que eu vos disse, que se nota em todos os toilettes do bom-tom parisiense: ha luxo e ha riquissimos enfeites, porem tão habilmente distribuidos, que não se tornão confusão, mas sim encantadores e brillhantes.

Quantas e quantas vezes não se terá visto a intelligente Mme Barat na desagradavel posição de sacrificar as suas mais bellas combinações artisticas, e digamos mesmo, a sua reputação tão bem adquirida, ao gosto estacionario e excepcional de algum espirito de contradicção! Hei de escrever alguma coisa a este respeito.

Por hoje basta, minha amiga, estou muito fatigada. Não vos admireis do modo com que principiei este artigo e da sem cerimonia com que o finalizei: a razão é filha do antigo rifão — quem tem medo mais corre — tanto corri para me livrar delle o mais depressa possível, que por fim emmaranhei-me, e só por estas alturas é que pude achar ponto final.

Vou tomar chá, que me estão esperando. Adeos.

Catette, 31 de Dezembro.

A MULHER.

Não é máo principio para uma Jornalista começar por definir aquillo que é indefinivel.

A mulher! O que vem a ser a mulher? Vejamos. Ardua é a questão! E apesar de tudo todo o mundo a define segundo lhe apraz!

Miserias humanas.

Ha sujeito que em fim na sua vida lhe foi possível fazer uma conquista amorosa, ou porque é feio, ou desageitado, perguntai-lhe, o que é a Mulher? E elle logo vos respondera — a Mulher! é um demonio com saias, uma cobra, um monstro, uma furia, etc., etc.

Outro a quem lhe roubarão o coração da sua bella, esse diz que a Mulher é o symbolo da inconstancia; diz que é traidora, falsa; em

fim é tudo quanto lhe antolha o seu amor proprio offendido!

Valha-me Deos! pobre mulher!

Outro que á força de máos tratos consegue que o desame aquella que já o não pode aturar mais, esse, longe de conhecer o seu erro, lhe carrega toda a culpa, e a mulher é perfida porque não teve mais paciência que Job para o soffrer e tolerar! Seja tudo pelo amor de Deos.

Olhae o reverso da medalha.

Vedes aquelle rapaz de olhos languidos, que vac fazendo declarações amorosas a direita e esquerda? Pois este diz que as mulheres são anjos consoladores, divindades, etc., etc.

Ouvi os poetas. Estes loucos com juizo, que as vezes dizem coisas muito boas, mas que fazem asneiras como outro qualquer homem, nestes encontrareis alguns que comprehendem que a mulher não veio ao mundo só para servir de — *machine à propagation*. Elles a reverencião e fallão no seu porvir e na sua missão, isto, bem entendido, até o dia em que alguma os não quer amar, ou os despreza; entao elles gritão com o resto dos homens. — por fim: é mulher!

Lembra-me, minhas queridas leitoras, que em certo hotel onde me achava hospedada, em terra bem afastada desta, fallava-se de litteratura, e sujeitos houveram que trouxerão seus escriptos para serem lidos a sobremeza: entre elles havia um que se compunha de dous capitulos, e ambos se intitulavão — *Definição da Mulher* — Começava elle seu exordio preparatorio dizendo: que tinha feito da mulher um estudo profundo e particular.

Ora que estes meus senhores tolos..... ai que me escapou! mas como não gosto de riscar o que já está escripto, deixemo-lo assim. Pois como ia dizendo, é forte divertimento estarem a estudar na gente á maneira dos mellicos nos cadaveres, e á maneira dos naturalistas nos bichos! E elles que tomão muito a peito o tal estudo... ora vejão que amor a sciencia! As vezes paga uma pobre mulher a tal monomania de decifral-a, com uma vida inteira de lagrimas! Seja tudo pelo amor de Deos.

Onde estavamos nós?... Ah! fallavamos do homem dos dous capitulos que tinha feito um estudo profundo e particular das mulheres. Que magação! Pois, começou a ler, e o primeiro capitulo era a descompostura mais solenne que jamais foi pregada!

Ah! eu tinha tanta vontade de lhe dar o treco...

Alguns daquelles senhores aclarão que ainda era pouco para o que merecem as mulheres; outras dizão que isso era demais.

O homem passou ao segundo capitulo; neste tirava dos aujos para dar à mulher, e por fim terminava dizendo: *«Mas de que servem minhas feições, minhas iras, minhas fúrias? de que servem os elogios e as homenagens, quando tu, ó Mulher com uma pálpebra, com um só olhar dominas o rei da criação que, ao grado seu, se prostra aos teus pés!»*

Que graça: por modestia chamava ao homem — o rei da criação! Bonito rei; cego e surdo, que anda no mundo as apalpadellas, e nem ao menos sabe o momento que antecede a sua morte!

E assim estamos neste mundo; insultadas por estes, elogiadas por aquelles, e desconhecidas e menoscavadas por todos!

E o peor do negocio é que as mesmas mulheres são muitas vezes contra si mesmas... Por isso torno a perguntar: o que vem a ser a Mulher?

Eu fallando francamente não o sei!

A malicia da mulher é de tão longa data... data do nosso pae Adão... Elle coitadinho era um innocente; foi a mulher quem o perdeu!

Marotinha! fazel-o comer a tal fructa! Ella fez mal, fez muito mal; olhem que senão fosse isso decerto o *Jornal das Senhoras* não vinha ao mundo, porque naturalmente Adão e Eva ficavão eternamente no Paraíso a olhar um para o outro, e a *Stirpe nãsera d'Adam* não vinha ao mundo para continuar a comer fructa que faz indigestão á gente.

Óra pois; já vemos que foi ella quem perdeu Adão.

Os Frenologistas, que não passam de loucos scientificos, dizem que o instincto sensual sendo mais forte no homem é elle quem procura a Mulher — mas a frenologia não sabe onde tem o nariz — a mulher, a mulher foi a causa de todo o mal, e ainda o é.

Pobre mulher!

Jesus de Nazareth foi o primeiro que te levantou do teu opprobrio! Elle o primeiro que revelou tua missão ao mundo!

E para que? As suas doutrinas subvertidas vos deixarão na vossa antiga condição de escrava, e quando, depois de vinte seculos, começou o christianismo a pairar luminoso e

fulgente sobre as sociedades modernas, ainda vos negão os vossos direitos e retardão a realisação do vosso porvir!

Mas esta não é a nossa questão.

A Mulher; o que vem a ser a Mulher?

A Mulher não é o homem?

Que novidade!

Trata-se de deficit-a!

Isso não sei.

Posso asseverar-vos que ella tem alma.

Tem intelligência.

Tem direitos que Deos e a natureza lhe concederão.

E' susceptivel do bem e do mal.

A mulher em fim não é em o nosso entender um ser á parte na criação, e entra na partilha com o homem — do bem e do mal — da intelligencia e da estupidéz.

A alma não tem sexo; M^{re}. Staël o diz.

Dizer-vos se a Mulher é exclusivamente boa ou exclusivamente má.

Eis o que não posso.

Reformae a sua educação moral; deixem os homens de consideral-a como sua propriedade.

Seja o que Deos a fez: ser que pensa, e não coisa que se muda de logar sem ser consultada; e então quando assim for fallaremos.

Entretanto este Journal dedicado exclusivamente ás Senhoras iratari desses direitos e dessa educação, cuja principal tendencia é a emancipação moral da Mulher.

(Continúa.)

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acalmará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel luta.

MICHELLE, Historia de França.

Introdução.

Não foi por servil imitação aos mysterios de Paris, e aos de Londres, que chamei a este romance *Mysterios del Plata*.

Chamei-o assim, porque considero que as atrocidades de Rosas, e os soffrimentos de suas victimas, serão um mysterio para as gerações vindouras, apesar de tudo quanto contra elle se tem escripto.

Mais poderoso que seus inimigos, seus escriptores assalariados contrabalanço o brado dos contrarios do tirano; e outras vezes esses

manuscriptos, comprados pelos seus agentes, são aniquilados.

Este mesmo risco corremos nós; porém que fazer? é necessário resolvermo-nos a tudo, além de que se a nascente litteratura da nossa America for sempre buscar seus typos na velha Europa, nunca teremos litteratura americana, nem litteratura nacional.

Levantar o vao funerario do nosso passado; custa-nos muito; porque, d'entre esse mar escarlata do mais puro sangue argentino, vemos levantar-se pallidos e melancolicos os spectros de nossos amigos, de nossos irmãos... Com tudo, como a ultima flor depositada pelo peregrino na porta do lar domestico que vaé abandonar, nós escrevemos este romance, nas agonias do amor patrio que se extinguiu; e quando á força de soffrer, fomos arrastados ao cosmopolitismo indifferente.

Hoje cuidamos de não bolir na ulcerada chaga que nos deixaram as nossas dissipadas illusões, as nossas derrubadas esperanças; é uma dor que ficou no fundo do coração, verdadeira saudade tão duradoura como a existencia.

Neste romance encontrareis talvez o que ainda se chamão ideas «muito livres» porque, apesar de sua civilisação, o século 19 conserva preconceitos e horrores, e mesmo frente a frente com a verdade, custa-lhe sair do gothico edificio, cujos entrecarvedos alçiferos por toda a parte se desmoronão.

Eu, infelizmente talvez, nunca serei ser vil, nem nas minhas opiniões, nem nos meus escriptos; considero que a percepção das verdades eternas, é um tesouro depositado por Deus no espirito humano, não para ser occulto; ou esquecido, mas sim para revela-lo aos homens com voz sonora e porte altivo.

O apostolado da sciencia da verdade é digno de todo aquelle que sente força no coração e no espirito para o sustentar.

Não sei quantos defeitos, nas formas, encerrará este romance; nunca cuidei das regras, porque entendo que a regra verdadeira de toda a composição, é a inspiração; nada tão robusto e perfeito como o pensamento, dom de Deus, e que criando, a Elle nos assemella, porque como Elle, também cria.

Depois de tudo, eu creio, porque a isso tenho sido arrastada, eu não sei como...

Tenho lutado, e porém vencido alguma coisa que existia desconhecida no intimo de mim mesma, e a cujo impulso obedeco.

Assim pois, eis o meu romance verdadeiro: suas personagens, algumas ainda existem.

A historia d'essa heroica Argentina é mais um facto que prova a necessidade da illustração das mulheres; não só em proveito de si mesmas, quanto em proveito do homem, de que são ellas a companheira e o segundo chefe da familia.

(Continúa.)

THEATROS.

Estamos comprometidos a fazer a resenha theatral; porém descança minhas queridas actoras, não penseis que vou agora passar uma revista minuciosa dos espectaculos lyricos e dramaticos que tiverão logar em todo este anno que passou... não; Deus me defenda de dar-vos semelhante magada.

Além de que, isto de fazer uma chronica theatral, não é commissão muito agradável; é uma estrada perigosa, cheia de espinhos; o escriptor que de boa fé se propõe a dizer as verdades, muito particularmente a respeito de theatros, está perdido!

E' coisa celebre! todos neste mundo querem que se lhes falle a verdade; pois metta-se V. m. n'isso e verá o que lhe resulta.

Chega-se um sujeito ao Jornalista, e lhe diz: — «Homem, escrevi ali uma peça para o Theatro; pequena, tem cinco actos e um prologo, e desejaria que V. m. dissesse alguma coisa a respeito na sua folha; mas, olhe que não quero elogios, quero a verdade (a verdade é justamente elogios que elle pretende) V. m. a leia, e depois julgue.»

Pois, chega o dia da leitura, o author é o primeiro que vaé notando as belezas do seu drama, e que exclama a cada passo — «Que tal hein?» Isto é divino — Já se sabe que vaé cada parvoice que nem de encomenda; e vá V. m. fallar a verdade a um tal homem!

Chega um actor á redacção do Jornal, falla: — A minha é minha estreia; desejaria que V. m. lá se achasse para poder julgar; eu tenho talento para a arte (n'este século todo o mundo tem talento, é coisa facil) porém o que desejo da sua parte é justiça e imparcialidade.

O homem acaba a sua allocução com um bilhete gratis — não se pode resistir. —

Vamos ao Theatro.

O homem entra em scena, falla com os braços e com as pernas, que nem um molinho de

cer o que aconteceu lá na Espanha a um Tractado de economia politica de Bentham. Pois é o caso; que no anno de Graça de 182... quando El-Rei D. Fernando queria fazer reviver a Inquisição, houve prohibição formal sobre a introdução de livros, e quanto livro ia a Alfandega era levado a uma commissão de Dominicanos; quiz a desgraça que deparassem com o tal Tractado de economia politica, e immediatamente foi elle condemnado a auto de fé, como correligionario de Rousseau, Mirabeau e Voltaire!

Quem sabe, se o innocente JORNAL DAS SENHORAS, não vai soffrer algum auto de fé privado.

Fallar nos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral!

Mão, mão; isto não é leitura que se deva permittir nas casas de familia.

Mas Senhores, esperem um pouco; não lhes aconteça a historia do morno com a noz verde. — Já sabeis o morno trepou a nogueira, colheu uma noz, mordeo-lhe a casca, achou-a amargosa, e soltou a noz. Se elle tivesse tido a pa-xorra de ir mais adiante, não ficaria sem a comer.

Ora pois, isto que eu digo, é na supposição que haverá quem leia o que eu escrevo a esse respeito, do que eu tenho minhas duvidas, porque as vezes tambem acontece pregar-se o sermão no deserto; e eu, desde que ha dias deparei com uma folha do Judeu Errante — *Embrulhando assucar* — para logo fiz tenção de pedir ás minhas assignantes de fazerem encadernar este Jornal, bem encadernadinho.

Em fim, vamos adiante; sem duvida é assas monstruoso neste seculo das luzes, (em que todo o mundo está ás escuras) não prestar ouvidos attentos ao Jornalista que vai tratar sobre assumpto tão interessante, como é o destino da porção a mais bella da humanidade; porém o que seria mais monstruoso e inaudito era que — os outros ouvissem sem ninguem lhes fallar — attendendo pois a esta consideração, que é de grande peso, irei adiante com a minha tarefa; e eu nome de Deus — eu avanço!

→ Emancipação moral da Mulher.

Deixo da mesma epigrapha publicamos outro artigo no n. 5 da Turbessa do Rio Grande do Sul.

Emancipação moral da mulher — o que vem a ser isto?

Ai! que temos revolução; dirão por ali os que pugnando contra Deus e a natureza, que rem conservar o mundo estacionario.

Socegae.

Não se trata de levantar o estandarte da rebelião.

Rebelião inutil; o que nós vamos dizer, não são delirios de utopista, são verdades eternas, e que estão ao alcance de todas as intelligencias, mesmo modicres.

Verdades que os homens de boa fé, são os primeiros a proclamar, porque, á medida que o progresso melhora a condição moral do homem, elle mesmo sente a necessidade de elevar á sua altura aquella que Deus lhe deu por companheira.

É uma palavra de desprezo com que a vulgaridade dos homens, costuma designar o resumo de todas as misérias e defeitos humanos.

É mulher.

E com tudo é da mulher que elles recebem a vida!

É uma mulher que lhes perpetua a sua raça!

E a mulher é a sua inseparavel companheira! nas dores e nos prazeres!

Mas deixemos essas digressões; o que vem a ser essa tal emancipação moral da mulher?

Eu vo-lo digo

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoismo do homem lhe rouba, e dos quaes a desherda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceo que um anjo lhe será mais util que uma boneca.

É um perigoso e terrível inimigo para a realisação do nosso desejo, o egoismo do homem!...

De que serve illustrar o espirito da mulher, e desamparal-o sob as bases do progresso!

De que serve dizer isto tudo?

Convencid as estão ellas que têm essa alma que Deus lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão que o emprego util de suas faculdades moraes completa a obra do Creador.

Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não é a ellas a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral.

Mas em quanto a educação do homem se não reformar, em quanto elle considerar a mulher como a sua propriedade, nada teremos feito.

Todas as mães devem muito seriamente desarranjar esse preconceito funesto do espirito de seus filhos; essa idéa de uma superioridade injusta deve desaparecer no homem, desde menino, porque é lhe fatal a elle mesmo.

Ora, dizei-me, vós que pensaes de boa fé : qual é a unica coisa real e verdadeira entre esse montão de fantasmas que desvairão o espirito e o coração dos humanos ?

Qual é esse sentimento unico, que pairando luminoso, nos offerece a pequena porção de verdadeira ventura, que o mortal pode gozar n'este mundo de lagrimas ?

O amor !

Não encolbei os hombros, senhores materialistas : não comeceis a dar falsas interpretações a esta angelica palavra.

Não confundeis os instinctos animaes, com a melhor porção de nós mesmos — a alma — sim, a alma que tambem tem as suas necessidades supremas.

Não vos relaxeis, senhores materialistas, até a classe dos brutos, porque até entre elles mesmos, encontrareis uma affinidade mysteriosa que as vezes os liga.

O amor !

Palavra que todos pronuncião — que poucos comprehendem !

Sentimento unico no nosso coração, quasi sempre illudido, poucas vezes desenvolvido a esse grau de perfectibilidade, em que duas creaturas isoladas do resto do mundo, vivem exclusivamente uma para a outra.

O amor.

Chave de todas as virtudes, echo do Céu, repercutido no fundo da alma humana, na qual desperta, todos os sentimentos puros e generosos, todos os instinctos beneficos que Deos derramou no coração do homem.

O amor.

Estrella brilhante do sorrir.

O amor.

Sim, o amor, essa fuzão mysteriosa de duas almas reunidas em uma só.

Essa protecção mutua e constante de dous corações irmãos.

E por ventura essa união inteiramente moral poderá nunca realisar-se entre o senhor e sua escrava ?

Não.

Porque ante a superioridade de um dos sexos — o amor — se debruça, desaparece, e

troca o seu lagueiro riso em lagrima silenciosa.

Se os homens pudessem comprehender, todas as amofinações e profundas magoas que despedação o coração da mulher !...

O unico porvir que lhe deixarão, a unica esperança da sua vida inteira é — o amor !

Por isso o casamento é para ella, o alvo, o fim da sua existência.

E o que encontra ella quasi sempre ? a decepção !

Ou uma tyrannia insupportavel, ou o abandono mais completo !

E porque ella encontra isso ?

Porque o casamento para a maior parte dos homens, é o unico meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado.

Ou assegurar a sua fortuna.

E' porque o homem diz : — *Minha mulher* — com a mesma entonação de voz com que diz — *meu cavallo, minhas botas, etc., etc., etc.*

E já se sabe que o cavallo, a mulher e as botas, sendo trastes de seu uso, ella está dispensado de lhes dedicar attenção de especie alguma !

Deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseverão que ella não tem sufficiente juizo para se conduzir por si mesma !!!

Destinada expressamente a ser victima de todos os preconceitos e vulgaridades da estupidéz !!!

Tudo lhe está mal; se olha, se falla, se ri; e porque ? perguntamos nós !

Ninguém nos dará a razão deste absurdo ?

Sim, é porque a modestia... E que mais ? Não poderá uma senhora ser modesta senão olhando sempre para o chão, e respondendo por monosyllabos ?

A virtude semelha-se por ventura ao automatismo ?

Nas classes pobres da sociedade é oude mais funesto resultado se colhe do embrutecimento da mulher.

Todas as carreiras industriaes estão-lhe vedadas.

E por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que ha de metigar-lhe a fome !!

Repare-se que fallo das nossas Americas; na Europa e nos Estados-Unidos, a mulher

exerce quasi todas as profissões que entre nós a preocupação lhe nega.

Quantas vezes este erro funesto leva uma desgraçada até á borda do abysmo, onde cae e do qual só se levanta no seio de Deus!...

Nos sabemos perfeitamente, que toda a familia necessita de um chefe, e que o chefe natural da familia, é o homem.

Sem duvida, que ha deveres naturaes que prendem a mulher ao lar domestico, porém é precisamente desde o seio de sua familia que ella pode ter uma influencia directa, sobre essa mesma familia, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira.

Perguntar-me-heis:

Como? Pois a mulher pode ter outra influencia que não seja sobre as panellas? outra missão além das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja?

Deveras?!

Pois, escutae-me. E a educação de seus filhos?

E essas palavras, suaves como o aroma das flores, de tanta immensa consolação, que a mulher pode verter sobre as feridas que o contacto do mundo, que a pratica da vida, abrem no coração do homem?

Ah! que não sabeis o que perdeis, vós que condemnais a mulher ao materialismo, vós que trocaes a amizade de vossa companheira, pelos gozos brutaes da dissipação...

Vós que não conheceis da familia, se não o nome, vós que não daes valor a essas conversas intimas, onde se pensa em voz alta, onde os corações todos reunidos por estreito laço de carinhos se comprehendem por um olhar, se correspondem por um sorriso, e recolhidos em si mesmos, fazem uma felicidade, que a palavra humana nem pallidamente pode reproduzir!...

Sim! E' dos labios da mãe que o filho ouvirá a voz, sagrada e imperiosa do dever, traçar-lhe a senda que tem de percorrer na vida; é da voz meiga e magestosa da mãe que elle deve aprender as primeiras lições da resignação, da paciência e da coragem, tão necessarias n'este mundo. E' no silencio da noite, na conversa intima do esposo com a esposa, que elle relatará á aquella, que é metade de si mesmo, suas esperanças, seus projectos, e até as decepções que de dia em dia marcam uma por uma as rugas da sua fronte; e é dos labios da esposa que elle tomará conselho para os

projectos, fé para esperanças, e consolação para as decepções, porque o coração da mulher, illustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptaculo das dores e dos prazeres da familia: é em torno d'ella que todos se agrupam e ella se é joven e graciosa, ali estará meiga e risonha como o anjo da esperança; se é velha, santa e immaculada como a mesma mãe do salvador.

Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher; porque luctaremos sempre em demonstrar que ella não é inferior ao homem em intelligencia, e porque pugnaremos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pelas sua missão desconhecida.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começa uma lucta que se com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, e do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

I. — O MENSAGEIRO.

Era uma formosa tarde do outono de 185... A vegetação principiava a vestir esse veo amarelado, tinta pallida e desbotada, que annuncia a proximidade do inverno.

Os moribundos raios do sol do poente illuminavão com fraca claridade as immensas planicies da provincia de Buenos-Ayres, em quanto que nuvens cor-de-rosa e douradas enlathão caprichosas o orizonte.

Uma suave brisa fazia ondular apenas os talos das brancas e vermelhas margaridas, que entupizão as campinas da Imperatriz do Plata, beijando a aste da tímida violeta que se esconde envergouhada entre sua verde folhagem; em quanto que o gigantesco ombu permanecia em desdenhosa immobildade, porque só aos tufões furiosos do minnano se agita sua immensa mole.

Ao longe voavão espantadiços os repugnantes chimangos, as brancas gaivotas não escondem-se entre os juncos da lagoa, em quanto que la no meio do deserto ressoava o gemitido do fatidico claja!

Aos desbotados e incertos resplendores do crepusculo, havia succedido uma d'essas noites sem luar, de Céu transparente e estrelado, noites tristes e serenas, como a derradeira hora do homem que viveu em paz com a sua

ta só em dizer-se: — a moda é assim; em Paris usa-se assado; as cores são estas; as fazendas são aquellas; não, taes artigos de modas só *servem* para trazer as senhoras em continua confusão, e acabão por ninguem os acreditar como tal, mas sim como artigos espirituosos e bem feitos unicamente. E' necessario indicar a moda, inculcar as fazendas, designar a modista, e em fim preparar o *prato* para ser trinchado ao gosto de cada um. Dest'arte persuado-me poder alcançar-se, ao menos, que andemos a par das modas, e não aconteça usarmos dois e tres annos depois aquillo que em Paris já en- enjôa de tão usado.

Ha'a vista aos paletots dos senhores homens: ha cinco annos os primeiros que aqui apparecerão forão até ridicularisadas as pes- soas que os trajavão, e hoje!... não ha velho por mais hypocrita, mais honrado, ho- nesto, serio, ou o inverso de tudo isto, que não tenha e use diariamente seu paletot de alpaca; do que resulta parecer-me que todos elles antão *desengonçados* e com roupa em- prestada, por favor e graça de quanto bicho careta ha por ali arvorado em fabricantes de paletots. Mas isto não é da minha conta.

Finalizo aqui o motivo da minha indicação; que com todo o acatamento apresento a todas as senhoras, que entendem por modas tudo aquillo que lhes vae bem com o seu rosto, cor, cabellos, corpo, idade, estado e posição.

ARTIGO UNICO.

O JORNAL DAS SENHORAS fica desde já o interprete fiel das modas que devem deter- minar o bom gosto de todas as suas Assi- guantes. — Salva a redacção.

Salla da frente, em minha casa do Ca- sette, aos 25 de Janeiro de 1852. — Peço votos.

DECLARAÇÃO

SOBRE AS MINHAS IDEIAS DA EMANCIPAÇÃO MORAL DA MULHER.

Meu dito, meu feito, caras leitoras! os ar- tigos sobre a emancipação moral da mulher tem sido acolhidos com inquieta curiosidade e condemnados antes até de serem lidos! — Ha muita gente assim n'este mundo — a appari- ção de toda doutrina nova elles se revoltão contra ella só por instinto; não a conhecem, não aprofundão, e sem mais cerimonia elles a fulminão!

Assevero-vos que tenho *moda* já de fallar; é por isso vereis que declaração formal, e es- troncosa vou fazer dos meus principios, do contrario são capazes de suppor que eu que- ro o fim do mundo, a realisação do mundo as *avessas*; e quem sabe o que mais... Nada, urge desenganar o mundo que eu não quero de mo- do algum contrariar a natureza; tenho-me esforcado toda a minha vida em adivinhar o pensamento do Creador e cumprir o que elle me ensina.

Não entendo por emancipação moral da mu- lher subtrahil-a á protecção do homem. — Sem- pre que essa protecção tenha por base a ami- zade, será justa.

Não entendo porém por protecção, um dominio brutal.

Não entendo por emancipação moral da mu- lher, a suspensão da obra das gerações; que- rer isto seria querer entronizar os vícios mais degradantes da humanidade.

Não entendo por emancipação moral da mu- lher subtrahil-a á sua missão marcada pelo Creador — a mãe e a esposa.

Nem quero tao pouco que a mulher seja soldado.

— Nem empregado publico.

— Nem official de marinha.

— Nem Ministro de Estado.

— Nem Doctor graduado em leis.

Com quanto deva ella conhecer as do seu proprio paiz, porque tem de educar seus filhos no espirito da lei.

Nem quero que se gradue em Medicina; com quanto deva ella conhecer a medicina domes- tica, porque a mãe de familia faz a irmã de ca- ridade junto de seu esposo, de seus filhos, de seus domesticos, quando estão doentes.

Ninguém, melhor que uma mãe, deve con- hecer o temperamento e propensões de seus filhos. Ella de quem elles nascem, ella que os cria ao seu seio, que os amega desde peque- ninos e que lhes adivinha até o pensamento.

Não entendo por emancipação moral da mu- lher, que ella abandone o lar domestico e mar- che á campanha em quanto o marido em casa trata da cozinha.

Não quero na mulher o espirito forte e he- roico das Espartanas.

Emancipação moral da mulher no meu limi- tado entender é:

— Sua illustração.

Não entendo por illustração habilitades fúteis :

A illustração na mulher deve entender-se em primeiro lugar :

— Uma religião.

Entendemos que a religião é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com Deus, baseados no amor e na caridade para com os nossos irmãos.

— O verdadeiro conhecimento dos deveres que cada creatura tem para com si mesmo, e as subdivisões desses deveres da mulher.

— Como filha.

— Como esposa.

— Como mãe.

— Como ser, formado para a obra immensa do progresso social.

Uma vez isto feito, deve estudar o organismo do Universo — não scientificamente — mas sim poetica e religiosamente; ensinar-se-lhe a Geographia não de cor, practicamente, um pouco mathematicamente; conhecer a historia, não como os papagaios dizem « papagaio real. » Ligeiras noções de Litteratura, quanto baste a tirar a do systema automatico. E em fim applicar no ensino dos collegios methodos encyclopedicos que, sem profundar as materias, ornão com tudo o espirito e dão um toque especial de illustração.

Quero que a mulher saiba, que ser esposa, não quer dizer simplesmente — casar-se. —

Quero que ella estude acuradamente toda a sublime abnegação que encerrão estes nomes.

— Filha, Esposa, e Mãe.

Quero, que uma vez persuadida de sua missão, de seus deveres e de seus direitos, sinta nascer no seu coração essa bella dignidade, esse santo e nobre orgulho do ser que no fundo de si mesma encontra o Eu impenetravel, onde nunca chegam outros olhos que os de Deus; e ás vezes os de uma mãe !

O livre alvedrio é um facto metaphysico que, com quanto assim o seja, existe, logico e irrecusavel, como uma cifra arithmetica.

Como existe a consciencia, como existe o Eu porque pensamos e existimos — a Emancipação moral da mulher é pois — deixar de ser :

— Coisa para ser :

— Mulher tal como o Creador a formou.

Com uma organização sensível, nervosa e delicada, que a educação pode fortificar com uma intelligencia clara e perfeita, a qual contendo em seu todo, todas as molas mysteriosas

da organização d'alma, é susceptivel do estudo de si mesma e do estudo em geral das maravilhas da criação, ou das que o homem inventou, ou revelou a humanidade inspirada por Deus.

Mulher tal como o Creador a formou.

Fraca e fragil como a humanidade inteira; porque a humanidade não é o homem só — nem a mulher só; mulher cultivando sua intelligencia; porque é esse o destino de toda a potencia intellectual.

Mulher que possa, no conhecimento exacto dos seus deveres, encontrar a força moral que a preserve na occasião de subscrever a infames humilhações.

Mulher que possa encontrar na sua educação recurso honesto contra a oppressão, contra a crapula, e contra a miseria.

ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO.

A epigraphe d'este artigo parece-nos assas importante para as familias, e nos poupamos ao trabalho de demonstrar a necessidade absoluta de bases certas e judiciosas em que fundar o ensino moral da mocidade; assim como a falta total de methodos facéis para o ensino dos meninos de ambos os sexos.

Com tudo advertimos desde já que, com quanto as nossas ideias vão de encontro com o practicado até hoje, assim como com os preconceitos que vicião a educação da mocidade, nem por isso deixaremos de as expor com toda a franqueza que devem ter opiniões de tal importancia. Difficil é a tarefa porém, ajudados da nossa boa vontade, dos conselhos da experiencia, e do fructo de algumas leituras, possuímos a doce esperanza de dizer alguma coisa que mereça a pena de ouvir-se, e talvez de tirar algum pensamento vantajoso ao bem geral.

E' innegavel que a America do Sul, é um dos lugares do globo terraqueo mais atrazado a respeito do methodos de ensino.

O ensino primario entre nós, merece o nome de allopathia moral; é o flagello das creanças que, uma vez entre as mãos do mestre, já não são mais consideradas senão como entes racionais, quando todos sabemos que até a idade de 8 a 10 annos, não temos outra coisa que o instincto da intelligencia; que os nossos órgãos, fracos e incompletos, aprendem por imitação e sem discernimento, e por con-

TOMO I. — DOMINGO 8 DE FEVEREIRO DE 1892.

O JORNAL

DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.



∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞

REPOSTA

da Redactora em Chefe do JORNAL DAS SENHORAS a carta publicada em o primeiro domingo de Fevereiro assignada — O HOMEM.

Antes da publicação do 2º numero do JORNAL DAS SENHORAS recbi com effeito uma carta assignada — O homem.

Atacarão-se nessa carta ideias que ainda não tinham sido expostas por mim, chamavão-se subversivas as doutrinas, que ainda não tinham visto a luz publica.

Dava-se-me a descripção organica e material da mulher, e prometia-se-me para mais adiante descrever-se-me a mulher intellectual, uma vez que eu acolhesse com agrado as reflexões que se me fazião.

Como essa carta me fosse dirigida privativamente; julguei-me exonerada de responder; em primeiro lugar porque não costumo conceder satisfações a pessoas que não conheço; em segundo lugar porque, sendo as doutrinas do *homem* muito repulsivas para mim, não sei por que motivo havia de procurar uma contenda, que tem tollos os visos de uma tentativa de conversão. — A lucta que intentaes travar com mim é a mesma que principiou com o mundo: eis as palavras de Michelet:

« Com o mundo começou uma lucta, que só com o mundo mesmo acabará; não antes: a dos homens contra a natureza; a do espirito contra a materia; a da liberdade contra a fatalidade. »

Nada de novo tinheis a dizer-me, nada de novo tinha eu a responder-vos.

Vos pertenceis a escola materialista, absolutista e inimiga do progresso do genero humano.

Eu pertenceo, desde minha mais tenra mocidade, á propaganda humanitaria e progressista.

Somos pois dois antipodas que, combateriamos até ao rancor, sem chegar a entender-nos porque nenhum de nos pode deixar de ser o que é.

Eis pelo que respeita a vossa primeira epistola.

Vamos á segunda:

Sois modesto por demais senhor, em suppor-des que a minha declaração, sobre a emancipação da mulher, me fosse arrancada pela vossa carta; embora algum periodo dessa mesma declaração assim vol-o fizesse suppor; vossa carta em comparação á obra collossal a que me tenho proposto, é apenas mais um espinho na carreira perigosa que emprendi, ha dez annos!

Dizeis que deverieis fôr satisfeito de terdes feito recuar as minhas ideias e contradizer o que eu já tinha avançado n'outros ns. do meu Jornal, firmando o principio de sujeição physica e moral da mulher para o homem.

As leis da urbanidade não consentem que eu responda a esse período da vossa carta como elle merece ser contestado; pois que me calunnaes, senhor, sem conhecer-me; comparastes-me a esses entes sem consciencia que especulam com a sua intelligencia, ou pensaste que por ser mulher recuará espantada e não teria ideias mínimas!

Sois vós por ventura o unico materialista que pugna contra a natureza, contra a vontade do Creador, e que suppõe parar a roda incessante do progresso humano?

De certo que não!

Por ventura *noventa* annos de guerras religiosas poderão afogar no seu mar de sangue as LIBERDADES DA CONSCIENCIA?

Cada uma liberdade conquistada pelo povo quantos rios de sangue lhe não custou!

Pensaes que estou muito assustada?

Eu esperava encontrar um oppositor ás minhas doutrinas, e como isso me dá pouco abalo, eu irei avante, segbra de preencher uma santa missão, e com toda coragem do verdadeiro apóstolo da verdade. Tereis a bondade, senhor, de conceder que a definição grammatical de uma phrase, nunca pode ser applicada em uma discussão philosophica; nem podem ser applicaveis a este caso as definições de Constantino e de Fonseca.

Ambos fallão do filho.

Ora sabido está que ha uma epocha marcada pela sociedade e pela natureza, em que o filho se emancipa, moral e fisicamente; porque vai viver dos seus proprios recursos.

Vós traiçoeiramente applicastes essa definição dizendo: *acto pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital*.

Achaes horrivel essa proposição! sediciosa, e aniquiladora!

Confessae que setivesseis á vossa disposição as torturas e as fogueiras da inquisição já eu tinha provado: o fogo, — a agua, — a cadeira, o potro, os aneis, e por fim estava a esta hora carbonizada.

E porque?

Porque considerando o matrimonio, não como uma venda infamante do corpo e da alma da mulher, dessa a quem Deus tanto distinguio fazendo della a Mãe, porque considerando o matrimonio simplesmente como um contracto social, quiz que a mulher entrasse no gozo de seus direitos, que a bondade de Deus lhe doou, e que o estúpido egoismo do homem lhe nega!

Vós fallaes, senhor, da China e da Turquia mas esquecestes que é o Brasil o unico lugar da America e da Europa, onde a maior parte das mulheres são domesticamente tyrantizadas! onde vegetão como a planta, onde forão despojadas até dos mais remotos direitos, onde a sua intelligencia é quasi sempre considerada como um crime, e donde, se levantássemos o véu mysterioso que encobre a sociedade, recuariamos espantados!

E de que valem, senhor, essas prendas feminis com que adornaes a mulher para condemnal-a mais tarde ao *matrimônio*?

Sabeis que a mulher não pode passar alem da-

quillo que a sociedade civilizada lhe tem reservado.

E que diríeis vós Sr. se visseis nos Estados-Unidos a mulher ter uma vida tão laboriosa, tão activa, e mais intelligente que a do homem?

Pensaes que além da costura, do engomando e outros pequenos trabalhos não existem outras profissões para as mulheres?

Quanto mais civilizada estiver a sociedade, mais largo será o circulo das profissões que pode exercer a mulher; porque menores e mais raros serão os preconceitos que lhe tolhem os caminhos da industria e da intelligencia, e os recursos que a subtraem á miseria, ás privações e ás mais das vezes á perdição.

Quando escrevieis a vossa carta, por certo não vos lembastes de que era a *uma mãe* de familia, a quem vos dirigíeis; é porque conheceis os meus deveres, é porque escrupulosamente, sei preencher-os, que posso dizer á mulher — sois livre, e o conhecimento da vossa dignidade, longe de oppor-se ao cumprimento dos vossos deveres, vos ajutar a desempenhal-os com mais intelligencia e devoção.

Invertestes, senhor, as minhas palavras e onsastes prevalecer-vos da vossa mascara, para levar o sarcasmo e o ridiculo, onde nunca encontrarão os espiritos rectos outra coisa, que a moral mais pura e os conselhos mais prudentes.

Não vos concedo, senhor, que saibaes o que seja AMOR; vosso amor devo parecer-se com a definição de Voltaire no seu Dictionario Philosophico. Para vos a mulher é uma — maquina de propagação. — Não é esposa, — não é mãe; porque lhe negaes o que Deus lhe concedeu.

— Sentimentos e intelligencia —

Dizeis até que injurio a sociedade, porque o *christianismo* re'abildou a mulher.

E de que serve que Jesus de Nazareth escrevesse na sua bandeira:

Liberdade — Fraternidade — Humanidade?

Como forão recebidas as doutrinas do Joven Mestre de Nazareth?

Suas proposições forão tidas como *horríveis, perniciosas, subversivas, etc., etc.* E por fim o arrastarão á cruz do martyrio!

Fallaes do *christianismo*, esquecendo-vosque sobre o corpo do sabio, do apóstolo, do sancto se formou um pacto odioso, de especulação, abominavel e sanguinolento! Esquecestes que o catholicismo nada tem de common com o *christianismo*, que as fogueiras da inquisição não podião ser os interpretes das tres bases da doutrina de Christo — Liberdade — Fraternidade — Humanidade?

A mulher pois, rehabilitada pelo *christianismo*, foi como a humanidade inteira encarcerada nas trevas do ignorantismo, d'onde a arrancarão as continuas revoluções da sociedade Europea, e onde nunca permitiu que ella cahisse a sabedoria dos legisladores da America do Norte.

Estamos no fim da nossa peleja senhor.

Acabae como pritepiastes.

Fulminaes o meu JOURNAL, e o exiliaes do seio das familias porque na vossa cegueira não comprehendéis que se—

• O livre alvedrio é um facto metaphysico, que com quanto assim o seja, existe, logico e irrecussavel, como uma cifra arithmetica. »

A mulher conhece quando é tyranisada, tem a consciencia do que sente, não se revolta, porque vive como o cativo carregado dos ferros da oppressão.

Revoltae-vos contra Deus, senhor, e perguntae-lhe porque deu alma á mulher, porque lhe deu pensamento, porque a fez igual ao homem, porque a fez sua companheira, se os instinctos ferinos do homem bruto querem apenas a realisacão de seus desejos!

Accuzae a Deus, não a mim!

Acreditaes só no que vos digo — quanto mais illustrada for a mulher — melhor comprehenderá os seus deveres, mais amplamente preencherá, essa missão sagrada de esposa e de mãe; missão cujas bases principaes são uma terna adhesão, uma abnegação profunda, prudencia, doçura e paciencia.

Agora que assás vos tenho demonstrado que não sei recuar nas minhas ideias, que não tenho medo, e que sei argumentar; previno-vos que não responderei nem directa, nem indirectamente, ás vossas cartas debaixo da assignatura do anonymo.

Eu combato com o meu nome á frente da redacção do JORNAL, e estou no meu direito exigindo que assim pratiqueis; porque a vossa publica assignatura me servirá de garantia, de que a mais estricta urbanidade será observada nas nossas polemicar, e que eu não terei por tanto de arrepende-me de haver encetado a lucta desigual d'aquelle que pejeja a rosto e peito descobertos, contra um inimigo armado e defendido pela mascara do incognito.

Se assim o quizerdes, até outra vez.

Joanna Paula M. de Noronha.

MODAS.

É costume antigo de civilidade cederem as primeiras visitas o lugar de distincção ás outras que vem chegando depois: eu estou hoje neste caso.

A' vista da vossa participação, minha querida Redactora, devo ceder o meu lugar ás novas e dignas collaboradoras que nos querem acompanhar na ardua tarefa; isto é, quizestes dizer-me que devia ser resumido desta vez o meu artigo de modas, para que tão nobres companheiras tivessem espaço no Jornal; pois assim seja, tenho nisso muito prazer. Attendei porém, que para o numero seguinte peço desde já a palavra, que tenho muito que dizer: não sou de meias razões, e agora, que já vou tendo fumaças de escriptora, (e que tal!) parece-me que todo Jornal é pouco para mim só!

Apresento-vos então unicamente a estampa dos moldes do corpinho do lindo vestido cor de rosa da China que trouxe o ultimo figurino, e mais os riscos de diferentes bordados, simples e apropriados ao gosto de algumas das vossas Assignantes, que se derem ao passatempo d'esse trabalho nas horas magras.

O corpinho está dividido em dois moldes: um representa a metade do dianteiro e o outro a metade das costas. A tira da mesma fazenda encrespada, que deve guarnecer toda a abertura do corpinho, é da largura de duas polegadas, e prega-se quasi sobre a orla da abertura.

Tendes depois uma guarnição de saia, bordado inglez e de mui bonito effeito. Os *Labinhos* e os *Piqués*, que as nossas patricias sempre usarão nas barras de saia, não deixão por isso de ser um trabalho primoroso e bem applicado; desejára que não cahissem em desuso, porque nesse genero não ha moda, ha simplesmente o capricho e o bom gosto da elegante.

Tendes mais uma guarnição para calcinhas de criança, esse caro penhor, que por essa mesma razão deve andar sempre mui bem trabalhado.

Um fundo de touca, tres cantos para lenços e tres coroas, de conde, marquez, e duque, para serem bordadas nos mesmos lenços, eis todo o que contém a gravura que vos offereço.

Adeus, até a semana que vem.

Caete. 6 de Fevereiro.

A linguagem das Flores.

Ha um folheto intitulado:—*Vade mecum dos namorados*,—este folheto contém nomes de flores, fructas e outros objectos, como agulhas, alfinetes, linhas, retroz, etc.; e em seguimento d'elles, outros nomes a que chamão significação, e os namorados com semelhante *livrinho* julgaõ que sabem fallar, e entender a subtil e empyrica linguagem das flores. Estão completamente em erro. O autor d'esse escripto foi um especulador, que souhou em alguma parte, que havião flores emblematicas, e que ellas tinham uma significação; e eis-o que improvisou o tal *Vade mecum*, e disse: a vós tendes a linguagem das flores dai-me a vossa meia pataca.

Vamos corrigir esse erro, em que vive muita gente, publicando nos a verdadeira e unica linguagem das flores; linguagem tão universal como a musica e a mathematica; linguagem consagrada pelos seculos e que não está sujeita ao capricho nem ao alvedrio de qualquer *vade mecum*.

As nossas criadas, que em geral são pretas, também cooperão em grande parte para isso: sem nenhuma experiência e sempre materiaes, ellas não sabem distinguir com olhar caprichoso o vestido bem feito do mal feito, e quando são consultadas ao toucador, onde muitas vezes sua senhora não se pode ver por detrás, respondem com todo o seu materialismo — *está bem bom sim senhora* — e a moça são d'ali convencida de que está bem vestida, porque só se preparou por diante, e o resto confiou aos cuidados da mucamba.

A elegancia de um vestido está em o bem talhado do seu corpinho e na sua cintura bem calculada; um maior ou menor numero de pregas tomadas na roda da saia que não guardem proporção com o corpo e a largura dos hombros, isso só será bastante para que a moça não fique bem vestida.

Se ella for gorda por certo que os seus vestidos e os seus enfeites devem soffrer uma modificação em todas as suas dimensões e caprichos, os quaes se alterão pelo contrario em nós magrinhas, guardando sempre, como levo dito, as competentes proporções.

No tempo em que foi moda em Paris a cintura despropositadamente comprida para certas moças, o mundo elegante já mais lançou mão de semelhante despropósito, porque, perspicaz e atilado, para logo anteviu as suas grandes inconveniencias; e o que fez? conservou a moda, mas conservou-a na altura que lhe foi mais commodo. No Rio de Janeiro porém outro tanto não aconteceu: todos usarão cintura comprida, quer pudessem, quer não pudessem, e por tanto tempo predominou esta moda, que hoje, usando-se a cintura um pouco mais curta, ainda ha entre as nossas elegantes algumas que preferem a *moda velha*, allegando para isso o costume em que já estão. Tal é a força do uso que nos faz habitar, até aos soffrimentos!

Soffrimentos, digo eu, porque não entendo que a cintura da maior parte das moças possa descer do seu natural tres ou quatro dedos, sem que ellas soffrão, e soffrão muito, o arrocho do seu espartilho, o qual, se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as formas naturaes, certo que as deixará ficar comprimidas em todos os seus movimentos. Um mal feito espartilho também contribuirá muito para esse estado mortal.

Eu nunca segui o extremo da moda por es-

sa razão; acompanho nesse ponto as elegantes parisienses, que talhão-na segundo as melhores conveniencias; se a cintura é curta de mais e encommoda-me, colloco-a mais abaixo; se é comprida e tira-me o talhe do corpo, vae mais para cima, e sempre ando á moda sem molestar-me e sem dar-me ao trabalho de a copiar polegada por polegada.

Ha muito tempo que os manteletes estão em moda sempre com proveito e bons resultados; não se pode duvidar que é moda bonita e elegante; mas nesse intervallo os manteletes têm feito diversas mudanças, e eu ainda vejo alguns, novinhos do trinque, pelo molde dos primeiros que se usarão! De que provem esta confusão? Não será pelas razões que acabei de expor?

Vos direi que os manteletes da moda são os de ponta de chale, atraz, costura nos hombros, e de pontas adiante. Estes manteletes fazem-se pequenos e são acrescentados por uma ou duas ordens de renda de lã, larga, ou de *guipure* de seda, preta, ou da mesma cor da seda do mantelete. O molde porém mais moderno é o do — mantelete manta — sem costura nos hombros, redondo atraz, e de pontas adiante, guarnecido de renda larga de seda bordada de — *japo*. Este feitio não sómente é o mais moderno, como também é o mais apropriado para a estação em que nos achamos, pela razão de fazer o effeito de uma manta e deixar os hombros inteiramente descobertos. Os de seda furta-cores sempre são os mais preferidos.

Acima porém de todos estes, estão com toda a preferencia os manteletes de renda preta, que são sem duvida alguma os de mais bom gosto e os mais ricos.

Adeus por esta vez.

Caletie, 43 de Fevereiro.

Estudos sobre a Educação. ←

(Continuação.)

Antes de desenvolvermos as nossas idéias sobre a educação, queremos fixar e estabelecer clara e precisamente o sentido da palavra — Educação. Pouco extenso é o numero d'aquelles que se dão ao trabalho de analyzar e comprehender sua importancia, e que, dos preceitos são de uma moral bem estabelecida e solidamente baseada, pretendão differenciar-lhe os erros. A educação soffre o destino de todas as doutrinas que tendem á realisação do porvir

da humanidade: está reduzida a uma palavra que se pronuncia sem comprehender-se primeiramente o que ella quer dizer.

O que deveremos pois entender por educação?

Quaes as bases sobre que deve versar esta doutrina?

Entenderemos por educação essas habilidades agradáveis ou frívolas, que ornão de leve o espirito sem illustrar-o?

Entenderemos por educação esse verniz polido e brilhante, de maneiras calculadas, que fazem o distintivo do homem de sociedade?

Entenderemos por educação o trajar mais ou menos elegante dos individuos?

Entenderemos por educação os proprios conhecimentos artisticos ou scientificos que adornão um individuo, e que as vezes o denotão como um homem de talento?

Não, mil vezes não.

A educação não é uma palavra.

É um principio que não entende só com o espirito. O seu pedestal é o coração: a educação é o aperfeiçoamento moral e intellectual do individuo; a educação é a nossa segunda natureza e a pèa das más paixões.

A educação é a rectidão, a honra, a justiça, a probidade, é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com os nossos semelhantes e para com nosco.

A educação são as nossas acções, é o nosso procedimento.

Vesti um homem de ouro, collocai-o em um palacio, se o seu proceder for máo, jamais será um homem de educação.

Entendemos por base unica de toda a educação — A RELIGIAO, O AMOR A DEUS — symbolisado na humanidade.

Toda a formula religiosa nos é necessaria, porque não ha natureza humana, por destituida de intelligencia que ella seja, que não sinta a necessidade da poesia e do maravilhoso, que não procure a realisação destas duas bellas instituições divinas, já nas tradições populares, já no formulario religioso; porque a religião é outra necessidade inherente ao coração ou ao espirito, onde quer que colloqueis os sentimentos, as paixões e os instinctos. D'aqui porém não deve concluir-se que o ensino religioso se encerra no habito de suas formulas.

A educação, entendemos nós, deve despertar e desenvolver no coração o imperio da

consciencia, para que ella dirija as nossas acções reprovando os más, e auxiliando-nos com a força moral no difficil desempenho das virtudes e d'aquelles deveres, que as vezes vão de encontro ou ás nossas paixões ou aos nossos interesses.

Emprehenda-se a educação da mocidade ensinando-se-lhe, por meio de uma linguagem pura, a fallar com a alma e com as acções ao Supremo Creador do Universo. Ensinae-lhe a doutrina da verdade, ensinae-lhe a respeitar a virtude e a intelligencia, porque são attributos divinos; dizei á mocidade — não ha se não uma maneira de amar a Deus: praticando a caridade; realisando em todas as fazes de nossa vida as divinas palavras do Mestre dos Apostolos.

Não fazer aos outros aquillo que não desejamos para nós.

A indulgencia com os defeitos alheios; a prudencia e a paciencia com os más, deve ensinar-se praticamente, desde os mais tenros annos da mocidade.

Uma falta sensivel nos estabelecimentos de educação é sem duvida a de um livro que esteja ao alcance da intelligencia das crianças, e que contenha os principios de que fallamos; livro não escripto para ser lido, mas sim para ser praticado; livro em fim que incluisse as bases sobre as quaes deve fundar-se a educação, que servisse de estudo aos mesmos professores.

Trememos apesar nosso quando vemos a indiferença com que é olhada a educação!

Trememos quando nos lembramos que os exames dos professores são apenas a analyse de certos conhecimentos vulgares, e que nunca se indaga uma palavra, nem sobre os sentimentos, nem sobre o comportamento d'aquelles individuos encarregados de tão ardua e difficil tarefa!

Trememos quando vemos chegar um estrangeiro, que ninguém conhece as vezes, e abrir um collegio com a mesma facilidade com que abrija um botequim!

E ninguém lhe pergunta nada! ninguém indaga se essa creatura tem comprehendido as necessidades da sociedade, nem as maneiras porque elle interpreta — a educação!

Um collegio é uma especulação como outra qualquer — nada mais!

Fallei os meninos inglez, ou francez, chegue um dia em que nem o filho entenda o pae, nem o pae entenda o filho, e (oh! ventura!) a educação será completa! (Continua.)

TOMO I. — DOMINGO 29 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL

DAS SENHOAS



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na última pagina. ∞

ESTUDOS

SOBRE A EDUCAÇÃO DAS MENINAS.

Pobres criancinhas, a quem desde o começo da vida, já se lhes apresenta o caminho da virtude como uma estrada difficil e cheia de espinhos.

Pobres criancinhas, que ignorão que o bom comportamento obtem sua recompensa tambem; só se lhes apresenta a ideia do castigo!

E não comprehendirão ellas melhor, o bem e o mal, o justo e o injusto, por meio de uma escala de recompensas em paralelo a outra de castigos *unicamente* moraes em proporção ás suas forças e intelligencia? Não era este meio o mesmo que repetir-lhes a todos os instantes: Se forem bons serão felizes, se forem máos soffrerão?

Porque não se emprega um bem calculado e apropriado estímulo para despertar a vontade de aprender? essa vontade que acompanhava a ambição do saber, ou para explicarmos melhor, essa satisfação que sentimos com merecer a estima e consideração dos outros?

Em vez dessas rotinas raúcosas, porque se

não trata de empregar e applicar os methodos modernos?

O ensino mutuo que tão depressa desenvolve o espirito dos alumnos, que serve de repouso ao mestre, e que ensina a fallar sem pedantismo, e que acostuma até a pensar de per si?

Existe já por ventura uma base certa, fixa, declarada unica, para servir de alicerce aos estabelecimentos de educação?

E' uma liberdade muito mal comprehendida aquella que deixa aos collegios particulares a escolha dos regulamentos e dos meios de ensino.

Os estabelecimentos modelos devem ser os mesmos collegios da nação, e todos os outros que houverem no paiz devem conformar-se exactamente com elles, porque em geral a educação do paiz deve ser homogenea, igual para todos; menos porém as materias que formão o luxo de educação, pois que á filha do pobre isso lhe é vedado por—falta de meios!

Nós não somos utopistas: sabemos que o nivelamento social é impossivel, porque, quando não seja mais que a intelligencia e es-

sa outra estúpida potencia de todas as epochas — O Dinheiro — sempre dividirá os homens em classes; por consequência, a filha do pobre, destinada a ser a mulher do pobre também, não pode perder um tempo destinado ao trabalho, herança e porvir da sua vida, em aprender a bordar, cantar ou tocar piano. Contudo, essa mesma pobre, poderá assim mesmo, fruir os benefícios de uma educação mais ampla e melhor adaptada ás necessidades da nossa epocha, para, em falta dessas prendas, ser boa filha, boa esposa e boa mãe. A applicação do methodo Polytechnographico, ou melhor dito, um systema Encyclopedico, proporcionado ás intelligencias das meninas, deveria adoptar-se tanto nos estabelecimentos de educação nacionaes, como nos particulares.

Nada mais simples que o methodo de que fallamos: a escrita serve de poderoso auxiliar, porque todas as lições são escriptas pela propria mão das meninas, e dictadas pela preceptora.

O uso das cartas de leitura é já tão gasto, tão pouco favoravel ao desenvolvimento das crianças, como tudo aquillo que tem certo caracter de gravidade e que por força hade espantar e desgostar o seu espirito irreflectido e brincalhão. Uma verdade de que todos os mestres devião compenetrar-se é, que deve ensinar-se as crianças brincando. Por isso as taboas de leitura de grande padrão com seus grandes ponteiros, as pequenas em circulo com a monitora, pouco maior do que ellas, á testa do pequeno batalhão, os logares de distincção desse mesmo circulo; tudo isto são novidades em ar de brincadeira que as leva longe e que dá optimos resultados.

O uso dos pauzinhos para o comêço do ensino de escrever é também coisa que já era tempo de acabar. As mesas de areia branca para as principiantes do, a, b, c, é muito facil e mais commoda, mais economico e ajuda a decorar os nomes das letras e suas differentes formas mais depressa.

É uma burla esses riscos em que as crianças perdem o tempo e levão annos para aprender a escrever; quando, começando pelas letras, e uma vez sabidas estas, passando as palavras dictadas por syllabas, em breve espaço de tempo ficarão as meninas aptas a passar á pedra e desta então ao papel.

As horas de classes, estão no mesmo atraso que os methodos ainda em uso.

É necessario um criado dedicado exclusivamente a viajar ao collegio quando a menina não é pensionista. Não seria mais commodo para as familias, para os professores e para as mesmas meninas irem só uma vez, e sabirem a hora de jantar que é geral nas casas de familia?

Por exemplo, as classes deverião abrir-se neste paiz tão calmo, ás 7 horas da manhã. A's dez conceder-se uma meia hora de recreio, meia hora de tocador, e ás onze começar de novo as classes até uma hora da tarde em que definitivamente ellas se fecharião até o outro dia, ficando tempo á mestre para estudar, porque aquelle que ensina a isso é obrigado, e ás meninas também terião tempo de estudar — sem apanhar sol e atravessar as ruas quatro vezes no dia — o que não achamos muito approposito na verdade.

Felizmente a maior parte das meninas hoje são pensionistas, porque seus paes podem despendar para isso; mas as meninas pobres, essas que não têm collegios gratuitos? tem as aulas publicas das Freguezias para onde vão de manhã e de tarde, ou pequenas escolas onde ainda se ensina pelo *raimão* do Padre Ignacio; tudo isto devia reformar-se, tudo isto, dizemos, deve praticar um só e unico methodo de educação. Desta forma o paiz colherá para o futuro os bons resultados de uma medida tão urgente. A educação das crianças deve ser inteiramente pratica; a theoria só pode ser desenvolvida pelos espiritos já formados, que com o auxilio da razão sabem pensar; mas as crianças é inutil dizer-lhes — isto é bom, aquillo é mau.

O amor á virtude e ao trabalho deve ser inspirado pelo engodo dos brinquedos, do doce, de tudo aquillo que lisonjeia o espirito de uma criança. Embora se desperte o interesse com isso; ha meios de contrabalançar este inconveniente; depois de que, exigir que os homens em geral partão de outro calculo que não seja o seu proprio bem estar, é uma asneira: a humanidade é egoista, e as excepções que se podem citar, só ser em melhor para comprovarem a existencia da regra.

Ao mesmo tempo o estímulo, contra a preguiça e os máos costumes das crianças, pode ser inspirado pelo castigo moral. E assim insensivelmente, pouco a pouco, chega um dia em que ellas são laboriosas e boas, pelo hábito de o serem.

A primeira coisa que uma boa mestra deve tratar de fazer, é ser muito querida das suas alunas; porque uma vez essa amizade estabelecida, ella pode dirigir e formar a seu geito esses coraçõezinhos sinceros, innocentes, que amão com toda a vehemente ternura de quem ainda não aprendeu a mentir a si mesmo e ao mundo.

E' necessario magnetisar pela força de amizade essas caprichosas borboletas que de tudo se esquecem; mas que, quando sentem verdadeira affeição, são como a cera que recebe todas as impressões.

Esse amor respeitoso que o mestre inspira ao discipulo, é o mais bello attributo da nobre carreira de professor de educação.

A Piedade.

Encontrão-se homens que não amão nem temem a Deus: fugi delles, pois de si elles exhalão um vapor de maldição.

Fugi do impio, pois seu halito mata; porém não o odiais, porque, quem sabe se Deus tem já mudado seu coração?

O homem que, mesmo em boa fé, diz: eu não creio, engana-se muitas vezes. Ha bem no fundo d'alma um principio de fé, que já mais se consome.

A palavra que nega a Deus, queima os labios por onde passa, e a boca que se abre para blasfemar é um respiradouro do inferno.

O impio está só no universo.

Todas as creaturas louvão a Deus; todo aquelle que sente, O bem-diz, todo aquelle que pensa, O adora, o astro do dia e os da noite, O cantão em sua linguagem mysteriosa.

Elle escreveu no firmamento seu nome tres vezes santo.

Gloria á Deus nas alturas do Céu.

Elle escreveu tambem no coração do homem, e o homem bom ali o conserva com amor, porém outros procurão apaga-lo.

Paz sobre a terra para os homens cuja vontade é boa!

Seu somno é doce, e sua morte é ainda mais doce, pois elles sabem que voltão para seu Pae.

Assim como o pobre lavrador, ao declinar do dia, deixa os campos, retira-se para sua cabana, e assentado á porta, esquece suas fadigas olhando o Céu, assim tambem, quando vem a noite, o homem que tem esperança revê com alegria a casa paterna, e assentado sobre o lumiar, esquece os trabalhos do exilio nas vizes da eternidade.

Traduzido por E...

A digna traductora deste artigo muito nos obsequiará sempre que nos quizer ajudar nesta honrosa tarefa; receba ella um abraço de cordial sympathia.

POESIA.

ESPERANÇA

Singrando vai por mares não sulcados
Aventureiro nauta que demanda
Ignotas regiões subidos mundos;
Eil-o que audaz se entranha
Na solidão dos mares — a esperança
Em sonhos já lhe pinta
Rica e formosa a terra suspirada,
E corre, corre o nauta
Avante pelo paramo das ondas,
Alem um ponto surdo no horisonte
Confuso — é terra — e o coração lhe pula
De insolito prazer.
Terra — terra — brandou — e era uma nuvem
E corre, corre o nauta
Avante pelo paramo das ondas
Nos longes do horisonte
Estende os olhos — oh! que só divisa
Ermão. Céos, ermas ondas...
O desalento já lhe cõa n'alma
Oh! não; eis nos confins lá do oceano
Um monte se desenha
Não é mais illusão — já mais distincto
Surge acima das ondas — oh! é — terra!
Era um rochedo arido e tristonho
Onde as ondas batendo eternamente
Rugindo se espedação.
Eis do nosso passar por sobre a terra
Um quadro bem fiel:
É a vida oceano de dezejões
Intermino, sem praias
Onde a esmo e sem bussola boiamos
Sempre, sempre em escolhos embebidos
Atravez do futuro,
Onde com doce luz perenne brilha
O faulal da esperança.
E corra, e corra a existencia
E cada dia que cabe
Nos alysmos do passado,
É um sonho que se esvae,
Um almejo de noss'alma
Anelo de f'licidade
Qu'em suas mãos espedaja
A cruel realidade.
Mais um riso que nos labios
Se vae para sempre marchar,
Mais uma lagrima ardente
Que as faces nos vem sulcar.
Um reflexo de esperança
No seio d'alma apagado,
Uma fibra que se rompe
No coração ulcerado.
Pouco e pouco as illusões
Do seio nos vão fugindo,
Como folhas r-secquidas
Que vão d'arvore cahindo.
E nua fica nossa alma
Onde a esperança se extinguiu
Como tronco sem folhagem
Que o frio inverno despin.

Estudos.

LIÇÃO II.

A par da liberdade deu-nos Deus a razão.

O emprego da razão é vencer as más paixões e conduzir-nos pela senda do dever.

O estudo da philosophia, minhas queridas leitoras, longe de nos ser pernicioso ou inutil, é pelo contrario tão util como importante.

Conhecendo nós a nossa capacidade intellectual é que poderemos tambem saber o que valamos.

Conhecendo nós as faculdades todas da nossa alma, é que poderemos distinguir o verdadeiro emprego dessas mesmas faculdades e o limite natural da liberdade.

O erro e o vicio só nascem da ignorancia da creatura; porque ignorando-se a si mesma, umas vezes passa além, outras vezes fica aquem da sua missão. Empreende impossiveis, ou recua sem saber porque. — O instincto nos guia — a intelligencia murcha como uma planta sem cultivo, e os sentimentos embotão-se faltos daquelle desenvolvimento necessario ao grau de perfectibilidade de que é susceptivel a alma, e assim lavramos a nossa desgraça, porque um *preconceito fatal* se interpõe entre nós e a verdade.

O organismo d'alma, as molas ou pessas de que a alma se compõe, é o mesmo no homem que na mulher.

A unica differença que existe, é que sentimos com mais vehemencia e somos mais impressionaveis.

O corpo humano não pôde ser alma porque esta é considerada como substancia immaterial, por consequencia o terrestre involucre d'alma não pôde, nem deve, prejudicar seu destino, que é o desenvolvimento das faculdades que a compõe.

O que vem a ser a alma? A philosophia o diz:

« A alma é uma força que se desenvolve pela sensibilidade, intelligencia e liberdade: é uma substancia identica e unica, que se manifesta por seus sentimentos, suas ideias e por suas vontades. »

A alma, é pois uma substancia—sensivel—intelligente e livre.

Eis, queridas leitoras, o que vós perscrutando o vosso incognito—eu—achareis, tão palpavel e exacto, como uma cifra arithmetica.

Sois sensiveis porque sentis; sois intelligentes porque pensais; sois livres porque amais ou aborreceis e—sentis como sentis—tem que as

vontades tyrannicas, que as mais das vezes vos fazem vergar aos alheios interesses, possam reagir sobre vosso espirito ou sobre vosso coração, que a despeito dos vossos verdugos, é livre, e por isso ama ou desama segundo a livre faculdade que lhe outorgou o Creador!

Eu não quero dictar-vos um curso de philosophia, intento apenas fazer-vos comprehender o verdadeiro sentido da palavra e a verdadeira missão da sciencia.

Quero, por meio desta breve resenha, demonstrar-vos sómente que não sois entes excepcionaes com uma unica missão no mundo.

A philosophia pois, já sabeis pela minha primeira lição, que é uma sciencia que se divide em tres partes.

A primeira é o conhecimento de nós mesmos; é a observação da alma a si mesma.

A segunda parte, que a sciencia chama logica, é simplesmente a arte de raciocinar, ou o conhecimento das regras debaixo das quaes devemos fazer os nossos raciocinios: o conhecimento da marcha que devem seguir as nossas faculdades no seu desenvolvimento.

A terceira parte trata dos deveres do homem para com Deus, para com a humanidade e para consigo mesmo.

Eis pois o *dragão das sete cabeças, o coco dos meninos, o phantasma do outro mundo*, com que se assustão os espiritos pequenos.

A falta de raciocinio, o nenhum costume de reflectir, é funesto á mulher, minhas queridas leitoras. Ninguem como nós necessita aprender a pensar debaixo das regras mais estrictas da prudencia, para não desesperar, e já não peiorar a nossa causa. A absoluta ignorancia em que se deixa a mulher é o motivo primeiro de sua desgraça.

Quando se não dá um emprego util ás faculdades d'alma, ellas degenerão em vicios atrozes.

A sensibilidade converte-se em sede ardente de emoções para satisfazer a actividade—a intelligencia ociosa procura saciar sua celeridade por meio de uma curiosidade sem fim de averiguações, que quasi sempre se referem á vida alheia—e a liberdade, agridhoada e suffocada, torna-se em maldade insupportavel para com os outros.

Assim é, como tudo, quanto de mais nobre empregou a bondade Divina no intimo ser de sua creatura, que o preconceito funesto inverte, transtorna e desfigura.

Agora portanto que já sabemos o que vem a ser a philosophia—na proxima lição tratarei de dar-vos uma explicação bem succinta da primeira parte desta sciencia que é necessario vos acostumeis a chamar-lhe—psicologia.—

Minhas lições serão breves, porque temos muitos outros objectos de que tratar, e por minha vontade ensinar-vos-hia em um só dia tudo aquillo que julgo ser-vos util.

Quizera possuir esse dom extraordinario que presta a cada palavra o colorido da convicção profunda, e que vibra poderoso em todos os corações. Contentar-me-hei porém com a minha pouca capacidade.

Oração da tarde

A BORDO DE UM NAVIO.

O globo do sol, cujo brilho nossos olhos podião então supportar, quasi a se mergulhar nas ondas resplandecentes, apparecia entre os cordames do navio, e espalhava ainda o dia nos espacos sem limites. Dir-se-ia, pelo balançar da popa, que o astro radioso mudava a cada instante de horisonte. Os mastros, os vênus, as vergas do navio estavam cobertos de uma côr rósea. Algumas nuvens erravam sem ordem no oriente, donde a lua subia com lentidão.

O resto do céu estava puro; e o horisonte do norte formando um glorioso triangulo com o astro do dia e aquelle da noite, uma tromba carregada das côres do prisma se elevava do mar, como uma columna de crystal sustentando a arcada celeste.

Seria bem para lamentar, aquelle que, neste bello espectáculo, não reconhecesse a belleza de Deus!

Contra minha vontade correrão lagrimas de minhas palpebras, quando todos os meus companheiros, tirando seus chapéos alcatroados, virão para entoar, com uma voz rouca, seu simples cantico a Nossa Senhora do Bom soccorro, padroeira dos marinheiros.

Quanto era tocante a oração destes homens que, sobre um fragilenteiro, no meio do oceano, contemplavão o pôr do sol, sobre as ondas!

Como penetrava na alma, esta invocação do pobre marujo, á Mãe da dôr! Esta humilhação diante Aquelle, que ordena as tempestades e a calma; esta consciencia da nossa pequenez á vista do infinito; estes cantos se estendendo ao longe sobre as vagas; os nossos marinhês ad-

mirados destes acentos desconhecidos, se precipitando no fundo de seus pegos; a noite se aproximando com seus embus es; a maravilha de nosso navio entre tantas maravilhas; uma equipagem religiosa, penetrada de admiração e temor; Deus pendendo sobre o abismo, com uma mão retendo o sol ás portas do occidente, com a outra erguendo a lua no horisonte opposto, e prestando, a través da immensidade, attenção á fraca voz da creatura: e's aqui o que não se saberia pintar, e o que todo o coração bem formado basta apenas para sentir.

Traduzido por E....

POESIA

A' mulher.

Dedicada a mlle. Emilia Eulalia Nereí.

Tudo deves, mulher, á lei de Christo:

Essa lei sacrosanta,

Que o jugo vil da escravidão quebrando

Teus direitos outorga.

Quando do paganismo as átras nuvens

Nosso globo enlutavão,

Tu não eras do homem companheira

E sim a sua escrava.

Nessa Grecia, quicá civilisada,

Na hellicesa Roma,

Que o mundo de barbaro tratavão,

Do homem ao capricho

Tua sorte somente dependia

Tua vida sagrada.

Se não vires da cruz tual brilhante,

Foge, foge tremendo;

Esse sitio para ti é tormentoso

O despota ali reina

O prazer sensual só cecutando.

Ah! vê d'Aurora o berço

Onde a lei de Mafoma crua impera,

E onde em um serrialho

Para o gozo d'um homem mil mulheres

Vegetão desgraçadas!

Tambem vê no Indostão sobre a fogueira

A esposa subindo,

Porque o homem cego não consente,

Que além do seu tumulto

Dos prazeres da vida a mulher goze

A seu caro jugida.

Nova lei no Calvario promulgada

A mulher ennobrece,

D'uma Virgem no Ventre Immaculado

O Verbo s'incarnando

O amor conjugal é consagrado

Pela voz do SENHOR

Canta, canta, mulher, hosana, gloria,

Ao filho de David:

Que os fóros teus, sublimes privilegios

Liberal te conceda.

Feto Padre J. C. Fernandes Pinheiro.

PARA O NOSSO CONTEMPORANEO ler e comparar com o seu—Fragmento de um estoico—cujo nome lhe basta para não ter sido boa cousa neste mundo; se é que já foi dar contas a Deus.

FRAGMENTO.

E' L'abbé Constant quem falla a respeito da MULHER.

O homem que raciocina está sempre mais ou menos perto do ridiculo, porque, quanto a nós, á verdade abstracta faltão bases e certeza; nós não conhecemos nem a essencia das causas, nem sua extensão possível, nem suas secretas conexões, porque a natureza é infinita e nós : omos finitos.

Nós temos a sensação do infinito, mas não o comprehendemos.

Conhecemos a verdade, e não podemos-a discutir em seus principios de maneira que a tornemos incontestavel.

Temos consciencia do bello, não podemos raciocinar senão com relações a outros sentimentos, porque os principios abstractos nos faltão, e a instrucção, entre nós, existe menos na intelligencia do que na imaginação e no coacção.

Logo o amor é a primeira e mais forte potencia da humanidade.

Logo a mulher deve governar o mundo.

Ora, isto não é um systema, é um facto sómente, nós cortamos as azas da pomba e calcamos aos pés, e a constragemos a andar de rastos para nos vingar de seu poder; e fazemos della uma serpente.

Restituamos-lhe suas azas e sua candura, e se tornará a achar a pomba.

Esta pomba os sacerdotes christãos collocão sobre nossos altares e chamão o Espirito Santo.

L'abbé Constant.

A UMA INTELLIGENTE joven de quinze annos devemos o prazer de publicar a seguinte producção sua, que nos remetteu de Pernambuco, de cuja provincia é uma de suas mais interessantes filhas. Que ella caminhe a par das virtudes que a adornão e da illustração que corajosamente enceta.

Será o amor uma centelha de fogo emanada

da Divindade, ou simplesmente um interesse do nosso coração?

Difícil, por sem duvida, é a resolução deste problema; porém muito mais ainda é a sua analyse.

Não me desanimarei contudo á vista do aspecto que e' le apresenta, e proseguindo no que encetei, direi alguma cousa que me suggere neste momento a respeito.

Supponhamos que não o fosse: o nosso coração, dominado por sentimentos continuamente interesseiros, seria incapaz de comprehender a grandeza de um heroismo; porque, sendo o interesse o primeiro quesito, e unica molla habilitada para levar o espirito á uma acção boa ou má, contanto que d'ahi possamos tirar um partido para nossas ambições, desprezariamos todas aquellas acções magnanimas que voluntariamente fazemos para salvação de uma qualquer pessoa, com sacrificio de nossa existencia: porque não havendo interesse em perdemos a vida, muito principalmente quando nos achamos na grandeza, e não podendo nós tirar lucro algum para satisfazer a nossa cobiça; tambem seriamos incapazes de comprehender a sublimidade, e portanto elhiamos com indifferença a vida de um ente que diante de nossos olhos se submergisse nos abyssos.

Tanto mais quando o amor, não excluindo a riqueza da pobreza, nivel a e une muitas vezes o fidalgo á plebea; e dali provém a disparidade de casamentos, e por consequencia o desinteresse d'alma. Quantas fidalgas não temos nós visto que, apaixonando-se seriamente de um artista, sacrificão o brazão da nobreza ao pincel de artista que incautamente se lhe tornou objecto de seu culto! E não será isto uma chamma electrica que, sendo mais forte que nossas proprias forças, se apia em um Ente que, mais poderoso e mais providente que nós, nos deu esta parte de sua grandeza para quando, em nossos extasi, nos apropriquarmos do firmamento, podermos fazer uma idéa de sua munificencia?

Por ventura quando um fidalgo desce de sua posição para dar a mão a uma plebea, não tem consciencia do que vai fazer? Sou de parecer que sim; porém a sympathia tornando aquella mulher parte integrante do seu coração, e tão necessaria á sua existencia como o proprio ar que respira, elle não a pôde prescindir, desdenha do grão que occupa na alta sociedade, e a chama para alegrar seu espirito e constituir

sua felicidade, seus gozos, suas delicias presentes e futuras; e demais, com este sentimento de nobre confiança que o homem deposita sobre a mulher, chega ao ponto capital da que-tão, i to é, emancipação moral—porque, despiando a mulher do seu espirito este ciúme pequeno e impertinente, que só a mesquinhos corações é dado nutrir, e que só servem de aborrecer ao homem e parecer-lhe a mulher importuna, conseguiria ella tornar-se-lhe tão util quanto desejasse.

A mulher cumpre, á força de perseverança, de constancia e brandura, adoçar a vida do homem e tornar-se-lhe necessaria; e d'ahi concluo que, nascendo a confiança no espirito da mulher, e tendo esta as noções do bem e do mal por meio da instrução que se lhe def., não querará por maneira alguma sacrificar a sua honra e reputação á meia hora de prazeres passageiros. Portanto, já se vê que no verdadeiro amor não pôde haver interesse algum.

Maria Clementina da Cruz.

A ESPERANÇA.

Amavel companheira da vida, vou fallar em ti.

Depois das fadigas de um longo caminho, qual é o viajante que não folga de entrar n'um valle delicioso, ainda que elle não possa demorar-se muito? de descansar á sombra de suas arvores? de refrigerar-se com a agua de suas fontes? de respirar o aroma de suas flores?

Ah! que intoleravel avidez não seria a de nossos tristes dias, se a esperança os não amenizasse? Que desalento não seria o nosso, se ella nos não estivesse continuamente animando?

Ainda nós não havemos sabido do berço; e já ella nos anima e nos affaga. E quando a morte vem terminar a nossa existencia, encontra-a ainda a nosso lado, como a nossa melhor amiga.

O Creador, diz engenhosamente um poeta, collocou junto de nós dous entes bem-fazejos. Um é o somno, é outro a esperança.

Porém o somno é a imagem da morte, a esperança é a imagem da vida.

Quem dá a resolução e a constancia ao lavrador para fertilisar a terra á custa dos seus suorres; ao navegante, para arrojar a sanha e os perigos do mar, séndo a esperança? Quem, senão ella, faz supportar ao enfermo a intensidade de suas dôres? Ao prisioneiro o peso dos seus

ferros? Ao ambicioso mesmo seus penosos sacrificios?

Que reservas tu para ti? perguntou um cavalleiro romano a Cesar, admirado das suas prodigalidades. A esperança; respondeu esse homem extraordinario, que já então aspirava ao imperio do mundo.

Nossos gozos presentes são tão limitados, são tão incompletos que, como pondera um judicioso observador, nós seriamos mais pobres de felicidade, que o mendigo da fortuna, se só tivéssemos ás nossas a actualidade.

Os homens, depois de accumularem immensas riquezas, de se investirem n'um grande poder, de se assentarem nos thronos mais brilhantes, sentem um vacuo, e um enojo, contra os quaes são inuteis todas as suas distracções, impotente toda a sua grandeza; e o remedio para este mal é só a esperança.

Ella, agitando suas azas de ouro, dissipa os vapores malignos, de que se acha impregnada a atmosphera em que respirão esses seres privilegiados. E se elles têm necessidade della, sendo tão favorecidos; como não a terão outros, cujas circumstancias são muito inferiores ás suas, são precarias, dependentes, e até desgraçadas? Como poderão os infelizes consolar-se se não vierem luzir ao perto ou ao longe algum raio de esperança?

O dia succede á noite, diz S. João Chrysostomo; as duras estações ás estações agradaveis; porém os males da vida seguem-se sem interrupção, e cahem sobre nós sem medida.

A esperança devemos o não ficarmos esmagados dehaixo do seu peso.

Ella tem a arte de separar de nós aquillo que em mais contacto está connosco; e de aproximar o que em maior distancia está de nós; de nos livrar do sentimento do presente, quando elle é importuno; e de nos fazer presente o futuro, quando elle é vantajoso.

A esperança terrestre porém é fragil, como o são todas as cousas da terra: a Divina é forte, como o é tudo que tem uma origem tão alta. Uma é doce em si, mas nem sempre o é em seus effeitos: a outra, sendo em si dulcissima, nunca deixa de o ser em seus resultados. Uma promette e engana algumas vezes: a outra promette e não engana nunca. Uma nos arruina por immoderada; a outra, quanto mais firme e mais viva é, tanto mais nos felicita.

Alada mensageira, a esperança divina percorre

redonda, sem mangas, guarnecida de uma só renda alta de dezesseis polegadas, tomando-lhe o franzido um crespado de fita de setim; capuz todo de renda fechado por uma gargantilha e um laço de fita mui larga com grandes pontas volantes. — Chapéo de escomilha branca ornado de fita com uma touquinha por dentro de flores brancas e escaletas.

Infante 13 de Agosto.

Christina.

DIGNO ACTO RELIGIOSO.

Já pudestes reconcentrar-vos e sentir o doce pulsar do coração em um terno momento de extasis divino, quando o espirito, transportado e tocado da harmonia celeste, procura semelhar-se á imagem do seu Criador? Já pudestes ter um momento em que vosso coração, desprendido do mundo, votando-se ao culto divino, palpitasse acceleradamente embriagado neste magestoso esplendor da divindade? Já gozastes da harmonia do coração estasiado, patenteando-se pela doçura da harpa d'alma, quando esta tem deixado a idéa das paixões da terra, para se voltar em canticos sonoros para o Summo Deus?

Já pudestes imaginar o que pôde haver de grande, de sublime, de magestoso, nos hymnos de Deus, no seu templo de paz e caridade, cercado de todo o esplendor da magestade divina? Por ventura pudestes já sentir o maravilhoso, o bello e o sublime? Pois bem! Se domingo passado dirigistes os vossos passos para a igreja de Santa Anna, lá, nessa festa solemne de Corpus-Christi, tivestes de sentir commigo estes doces enlevos da alma; tivemos, na doce celebração do —GLORIA,—denos esquecer dessas paixões vulgares, para com todo o fervor confundirmos os nossos canticos balbuciantes com a suave voz da Illm.^a Sr.^a D. Amelia, que resoava no templo do Senhor, cantando um lindo e difficiloso solo; logo depois, como que levadas ás regiões celestes, nós ouvimos a primeira voz confundir-se com a da Illm.^a Sr.^a D. Porfíria, que entoavam ambas o —DOMINE DEUS,—dueto de grande merecimento; logo mais, o —QUI TOLLIS,—solo pela Illm.^a Sr.^a D. Francisca, seraphim terrestre, cuja voz de contralto é primorosa; e finalmente a Illm.^a Sr.^a D. Adelaide no solo final, que nos arrebatou. Quem se não sentiria maravilhado ouvindo este composto angelico de harpas harmoniosas? Quem, neste momento,

agradecido não iria voluntariamente depôr aos pés destas divindades da terra uma corôa que lhes servisse de padrão de gloria?

O me mo descrente lhes beijaria as plantas.

AFASTAMENTO

em que se tem as mulheres de tudo quanto as pôde esclarecer e elevar sua alma.

Leiamos, querida leitora, o que diz D'Alembert a este respeito:

« A escravidão e a especie de aviltamento em que temos posto as mulheres, os obstaculos que antepomos ao seu espirito e á sua alma, a giria futil e humilhante para ellas e para nós, a que temos reduzido nosso commercio com ellas, como se ellas não tivessem uma razão a cultivar ou não fossem dignas disso: enfim, a educação funesta, direi quasi assassina, que lhes prescrevemos, sem lhes permittir outra; educação em que ellas aprendem quasi unicamente a se contrafazer sempre, a não ter um sentimento que não abafem, uma opinião que não occultem, um pensamento que não dissimulem, tem collocado as mulheres em uma posição excepcional.

Tratamos a sua natureza da mesma maneira que trataríamos as plantas de nossos jardins; procuramos ornal-a, matando-as.

Se a maior parte das nações tem obrado como nós, é porque por toda a parte os homens têm sido mais fortes, e assim como em toda a parte o mais forte é o oppressor, e o tyranno é o mais fraco. Não sei se me engano, mas me parece que o afastamento em que conservamos as mulheres de tudo quanto lhes pôde esclarecer e elevar a alma, é bem capaz, pondo sua vaidade a tormento, de lisongear-lhes seu amor proprio.

Dir-se-hia que nós sentimos seus progressos, e que queremos impedi-las de aproveitarem-se? Não podemos escurecer que nas obras de gosto e suavidade, ellas reúnem o bello melhor que nós.

A vista das obras de genio e sagacidade, mi exemplos nos provão que a fraqueza do corpo não é um obstaculo nos homens, porque uma educação mais solida e mais varonil não collocaria a mulher em estado de ali chegar?

Descartes as julgava mais proprias, que nós, para a philosophia; e uma princeza infeliz foi o seu mais illustre discipulo.

Julga-se ordinariamente que as mulheres são muito sensíveis e muito fracas, eu, pelo contrario, as julgo menos sensíveis e menos fracas que nós. Sem força de corpo, e sem estudos que possam arrancar-as ás suas penas e fazel-as esquecer alguns momentos, ellas as supportão, as devorão e sabem algumas vezes occultar-as melhor que nós.

Esta firmeza mostra nellas ou uma alma pouca susceptível de impressões profundas, ou uma coragem de que não temos idéa.

Quantas crises crueis ha a que os homens não resistem senão distraídos pelo torbilhão das occupaões que os acarretão?

Os pezares das mulheres serão menos penetrantes e menos vivos que os nossos?

Não o deverão ser.

Suas penas vem ordinariamente do coração; as nossas não têm algumas vezes outros principios além da vaidade e da ambição; mas estes sentimentos estranhos, que a educação grava em nossa alma, que o costume firma, e que os exemplos os fortifica, tornão-se para vergonha da humanidade mais poderosos sobre nós que os sentimentos naturaes; a dôr faz parecer mais ministros decahidos do que amantes desgraçados.

Não louvarei as mulheres sustentando que o pudor lhes é natural; isto seria pretender que a natureza não lhes tinha dado nem necessidades nem paixões; a reflexão pôde reprimir os desejos, mas o primeiro movimento (que é o da natureza) as guia sempre a livrarem-se.

Devotamento sem limites da mulher.

Quando se quer neutralisar o moral no physico, me parece que é muito injusto citar as mulheres para exemplo. Não é o sexo que chamaes fraco que supporta as dôres mais agudas, pungentes, e prolongadas? outras serão as mulheres para quem a natureza exclusivamente tem deixado esta parte?

Comparai as forças physicas das mulheres com as que lhes dá o sentimento junto do leito do soffrimento de seus filhos, de sua mãe, de seu pai, de seu esposo e de seu irmão.

Que de exquisites delicadezas e susceptibilidade lhes inquieta seus sentidos?

Como se torna a sua irritabilidade nervosa em

presença destas torturas, que ellas salvão e resentem por uma reacção em todo o seu ser?

Que encanto em sua voz que consola! que fertilidade nas diversões que ellas imaginão, nas esperanças que ellas suggerem ou fazem renascer, mesmo não as partilhando! Como seu sorriso se torna angelico! Todo o cuidado de sua saude e de sua belleza por em quanto fica suspenso.

Será um longo seguimento de noites de vigílias, que não as torne fieis a seu posto, o da dôr?

O cume da gloria offerece tantos tormentos como estas vigílias de ternura encantadora?

Ellas ouvem ainda o enfermo amado, até no somno que as vem surprender: uma palavra, um suspiro, um sopro as adverte e as põem em toda a sua vigilancia, em suas devorantes sollicitudes.

E' uma impaciencia, que ellas não supportão, a serenidade sobre a fronte e o amor no coração? E' um cuidado que ellas repellem, uma chaga que ellas não curão?

A missão e os soccorros lhes vêm do Céu. Mulheres ha, e meninas, que se votão durante toda sua vida a taes cuidados e por homens que lhes são desconhecidos, por homens acabrunhados de males horriveis, herdados de uma pobreza hereditaria; e muitas vezes males mais horriveis ainda, vindos do vicio.

(Lacretelle.)



O CANTO DO INDIO.

Eia, assim, bem veloz voga
Neste claro Ygarapé,
Minha ligeira pirôga,
Como nada o jacaré;
Que eu desejo ver ainda
Aquella virgem tão linda,
Que senhora de mim é.

Sinto um fogo ardente n'alma,
Que um seu riso me acendeu;
Em sua ausencia ter calma
TUPAN me não concedeu;
Ardo sempre n'uma frágua,
Porque impressa sempre trago-a
No imo do peito meu!

certo que não tem toda essa prudencia exigida para o regimen melindroso de uma familia; mas nem por isso lhes faltarão parentes ou amigos de idade madura sempre dispostos a coadjuval-os com seus conselhos, e sempre promptos a supprir a falta de experiencia delles. O casamento prematuro habitua cedo os moços a uma vida fructuosa e regular; e é mesmo possível que, casando-se nessa idade, se possa felizmente prevenir alguns desses desagradaveis accidentes, evitar muitas relações nocivas á saúde, á reputação não só de um, como de ambos. Ha pessoas que se achão em circumstancias taes que os forção a deferir para mais tarde o seu casamento; porém, em geral, desde que a natureza nos tornou physicamente aptos para o matrimonio, com razão devemos presumir que ella se não enganou inspirando-nos esse desejo. Entre outros inconvenientes que apresentão os casamentos tardios, notarei com especialidade a pouca probabilidade que elles offercem aos pais de viver tanto quanto fôr necessario para velar na educação de seus filhos. — *Os filhos que nascem tarde, cedo ficam orphãos*; — diz um proverbio hespanhol; triste objecto de reflexões para as pessoas que podem achar-se nesta circumstancia. Nós os americanos, de ordinario nos casamos na madrugada da vida; nossos filhos, quando nos achamos em metade de nossa carreira, estão já educados, e entrados nos trabalhos da vida; quando chega o momento de retirar-nos dos negocios deste mundo cá debaixo achamo-nos ainda em circumstancias de gozar da mais encantadora sésta, e finalmente de uma bella noite que nos offerere delicioso descanso. Casando-nos mui moços disfructamos o prazer de contar uma familia mais numerosa, e como entre nós, os americanos, é costume conforme os designios da natureza que a mãe lacte e alimente ella mesma todos os seus filhos; temos tambem a satisfação de poder educar muitos ao mesmo tempo, e por isso os progressos da população são infinitamente mais rapidos nas nossas regiões americanas do que na Europa. Em summa, estou mui satisfeito de que estejais casados, e por isso vos faço os mais sinceros e respeitosos cumprimentos. Tende-vos collocado em uma posição que vos apresenta como cidadão, refusastes esse estado de eterno celibato tão contrario á natureza; que por não refusal-o grande numero de pessoas que não se tinham a principio condemnado ao estado de perpetuo isolamento, por haverem tardado muito a tomar uma resolução deli-

nitiva, acabarão por passar toda a sua vida na condição que faz o homem perder parte da sua dignidade. *Um volume truncado não tem o mesmo valor que quando elle faz parte de uma collecção completa*; — *Que caso fareis vós de uma só perna de tesoura?* Para que servirá ella? Apenas para um mão raspador.

Peço-vos que apresenteis os meus cumprimentos á vossa joven esposa, e que contribuades para que ella acolha benignamente os votos que faço pela sua felicidade. Já estou velho, não ando, arrasto-me com difficuldade; se isto não fôra, eu mesmo iria pessoalmente desempenhar tão agradável commissão. Usarei com tudo e com muita sobriedade do privilegio que os velhos tem de prodigalisarem conselhos aos seus amigos ainda moços. *Tratai sempre com respeito a vossa mulher, e vós sereis por ella respeitado e por todos os que vos cercão. Nunca uséis a seu respeito expressão alguma desdenhosa, nem mesmo gracejando; porque gracejos de similhante natureza por pouco que se repitão degenerão facilmente em mui serias altercações.* — *Sede estudioso applicando-vos cuidadosamente a adquirir os conhecimentos de vossa profissão, e sereis nella instruido.* — *Sede trabalhador e economico, e vireis a ser rico.* — *Sede sobrio e temperante, e gozareis boa saúde.* — *Finalmente sede virtuoso, e sereis feliz, ou pelo menos tereis feito tudo o que cumpria fazer para vir a sel-o.* Rogo a Deus que deite a sua benção sobre vós, e sobre a vossa esposa.

Vosso affeiçãoado

B. Franklin.

DAMOS hoje publicidade ao segundo artigo que nos remetteu a nossa intelligente collaboradora de Pernambuco, a Ilma. Sra. D. Maria Clementina da Cruz, por intermedio de seu irmão aqui na corte.

Artigo II.

Quando a maior parte dos pais de familia procurarão dar uma educação ás suas filhas, franca, completa e liberal? Quando não se desappareciarão as suas faculdades intellectuaes, e quando finalmente tentar-se-ha cultivar a sua intelligencia, deixando que a liberdade do pensamento fluctue em seus escriptos?...

Não entendo que uma mulher por saber musica, tocar piano, coser, bordar, marcar e escrever, tenha completado a sua educação, não; a meu ver, quando ella se acha neste estado, é

que, literalmente fallando, principia os seus verdadeiros trabalhos, isto é, cultivamento e expansão de suas idéas por meio de um apurado estudo de philosophia, uma grande leitura primeiramente dos classicos, e depois da historia universal e particular das nações, e muita paciencia no enfadonho estudo das linguas, e penetração no seu fraseado; alguma applicação á poesia e ás sciencias physicas e chimicas. Ora, quando uma mulher, á força de paciencia e de resignação, tem introduzido em seu espirito a base essencial de tudo quanto a leva a ter consciencia de si, já se vê que não pôde haver entre o esposo e a esposa differença alguma nos seus pensamentos; portanto, estabelecida a liberdade de idéas entre dois entes que se entendem e se presão, igualmente fica conhecido que se dá a emancipação intellectual desta mulher.

Bem sei que, tendo grassado esta idéa vil da prepotencia do homem sobre os direitos da mulher, não é possível que actualmente nós, que escrevemos, tenhamos a vaidade de, geralmente fallando, querermos partilhar este doce prazer de fruirmos a liberdade de nossas consciencias; porém pôde mui bem acontecer que aquellas que presentemente se emballão no berço da infancia, venhão fruir plenamente dessa liberdade, o que não será tão pouco: o mundo apparecerá no apogeo da civilisação, e a felicidade será universal.

A virtude é tão melindrosa como a violeta nascida em esteril rochedo cercado de espinhos, que, apenas o furacão da tempestade passa-lhe pelo ramo em que está reclinada, a desmancha e a leva para longe em fragmentos. Assim tambem o halito máo das sociedades pôde mui bem perder uma incauta menina, cuja educação, não sendo perfeita, se aballa á menor frase seductora; da imperfeição da educação nasce a desmoralisação, e desta a perdição.

Quando porém a educação é perfeita, e a ella se ajunta o desenvolvimento natural do espirito, não são as seduccões nem tão pouco as palavras doces e as phrases ardentes, e de ante-mão estudadas, de um mancebo, nem o halito máo e pestilento das sociedades que poderão abalar a convicção da alma da mulher.

A virtude é fraca, como já fiz ver, mas é quando não ha base solida que a sustente e a preserve do mal, porém quando ella se acha substanciada, é tão forte e tão inabalavel como um rochedo.

A mulher, quando tem toda a sciencia do

bem, é um ente tão poderoso como o homem; parece não existir senão para piedosamente auxiliar ao desgraçado, não respirar o halito da vida senão para amar e ser necessariamente amada: são estas as leis prescriptas á mulher, quando ella é forte e tem a alma cultivada.

Estou certa, meu presado irmão, que muitos homens me criticarão acerbamente, quando souberem que eu apenas tenho quatorze primaveras e meio outono, e que fallo tão francamente; porém tambem tenho convicção de que aquelles que pensarem como tu, e que como tu forem bons, me estimarão; e por isso continuarei, apesar do que possa haver, a expôr claramente meu pensamento.

Pelo que já fica dito, podemos concluir que as mulheres pensão e raciocinão como os homens, e ás vezes com mais acerto. Ora, agora devemos acrescentar que sua fraqueza primitiva concorre para dar facilidade ao livre exercicio dos deveres que a razão julgou acertado prescrever, por que, suppondo o character da sensibilidade desenvolvido, todas as faculdades da mulher se lanção para o lado do bem voluntariamente, e me parece que o constrangimento e a reclusão a que as mais das vezes são condemnadas, quasi sempre as predispõe para soffrer os combates peniveis da virtude, uma vez que se lhes facilite a liberdade de acção; e quando esta é coagida, são forçadas a recorrer á dissimulação, origem de todos os males e fraquezas.

Mil factos provão que ellas são capazes de sacrificios que demandão grande força d'alma. O entusiasmo deli ante da honra muitas vezes as têm levado a praticar acções tão sublimes e de tanta heroicidade que os proprios homens se maravilhão, e só as farião por meio de uma impulsão material.

Este sentimento, tão commum na mulher educada, lhe eleva a alma a um mundo desconhecido e cheio de sensações espirituaes; dá-lhe uma fonte de independencia, de vigor do corpo, relação que se accomoda muito bem com sua imaginação viva e sua sensibilidade sempre extremada. Entre alguns povos antigos concedia-se o julgamento de alguma questão em que pendia a honra, ás mulheres; e julgo isto muito acertado porque ninguem poderá ser melhor juiz que ellas nesta materia.

A mulher, segundo alguns autores antigos e modernos, é um ser bondadoso, que, ligado ao homem, faz um todo completo capaz de se re-

produzir infinitamente, limitando-se o homem a conceder-lhe simplesmente a liberdade do cultivo d'alma e a expansão do pensamento.

Aqui paro, meu querido irmão, para enidar nas obrigações que me impõe o dever de filha, tendo disposto das minhas horas vagas para o trabalho que deleita meu coração, e igualmente defendendo os nossos direitos postergados. Terás a bondade de pedir à Exma. Redactora e propagadora dos nossos direitos para que insira estas linhas no seu judicioso Jornal, se as julgar dignas dessa hora, e que me desculpe não poder ser sua collaboradora tão assidua quanto desejo.

Maria Clementina da Cruz.



QUANDO EU GOSTO DE CANTAR.

C'est là ma muse, à moi, ma muse pour toujours!

SAINT-BEUVE.

Na nuvem dourada
Que á tarde deslisa
No Céu tão azul;
Na flor perfumada
Que o prado matiza
Em terras do sul;

Na hora em que a briza
Sorrindo—folgando
Cicia brincando
Segredos d'amor
No calix da flor;

E o mar a dormir,
No somno a gemer
Na praia arenosa
Caução pesarena
Emballa nas vagas
De prata a luzir
Aos raios do sol
Que vai a fugir;

Do Brasil nas plagas,
Lá quando a saudade
Na rocha escal'vada,
Sozinha—sentada,
A' luz do arrebol
Em triste orphandade.

Cabellos ao vento,
Do mar na soidão,
A face na mão,
Os olhos no Céu,
Envolta no véo
Do seu pensamento,
Scismando—em torpor
Mysterios de dór;

Minh'alma se enleva
No doce sonhar:
Então minha lyra
Eu vou dedilhar:

Da tarde serena
Na hora saudosa,
Eu solto do peito
Canção maviosa;

Misturo aos gemidos
Da vaga dormida,
As notas singellas
Da lyra senida.

Eu sonho teus olhos
De meigo fulgor,
E canta minh'alma
Um hymno d'amor!

26 de junho 1852.

S.

Despedida de D. Maria de Sousa a seus dois filhos menores.

Episodio das memorias historicas de Pernambuco.

Oh! meus filhos, adeus! talvez p'ra sempre!
E' força que partais, embora eu fique
Chorando amargamente a vossa ausencia.
No campo da batalha forão mortos
Os vossos tres irmãos, cheios de gloria;
Ide após elles partilhar seus louros:
E' vossa propria mãe, que entre mil dôres,
Vos pede que voeis em prol da patria;
Religião, dever—sede valentes,
Como o foi vosso pai—como elle, bravos;
Que tereis minha benção, e meus braços
Os achareis p'ra vós sempre estendidos.
Desembainhai, meus filhos, as espadas,
As bainhas p'ra longe arremeçai-as,
E feri com denodo os inimigos
De nossa cara patria; nossos brios
Revindica-os sem temor e sustos;
De vossos tres irmãos vingai a morte,
E a de tantos herôes, mortos por elles.
Oh! meu Deus! se varão tu me fizesses
Quizera ir eu mesma ao seu encontro,
Feri-lhe os corações, delles vingar-me....
Mas, se assim me não foi, me dêste ao menos
Crescida prole de valentes filhos,
Em quem ousou fiar-me sem receio.

importante objecto para o *toilette* de uma senhora: com um máo espartilho não ha vestido bem talhado que preste, não ha elegancia que realce. Ensino-vos um meio de o escolherdes sem recio de escolherdes mal. — Quando fordes á modista prova-o, se depois de atacado, elle, em vez de vos contrafazer emolestar-vos der um certo ajuste ao corpo que vos torne mais agil e fiquem os vossos movimentos inteiramente livres, acceitai-o que é esse o melhor espartilho. O arrochamento em tal caso prova o seu pessimo talho e a pouca habilidade da modista.

Mas vamos aos bicos que ficarão para o lado com estas minhas digressões. Estão com effeito, querida leitora, de uma vez banidos da moda: o bom-tom parisiense decretou e as modistas reterendárão o decreto da sua reforma.

Mas não penseis, querida leitora, que os parisienses de chofre fazem uma revolução na moda; não a desenthronisão; pelo contrario com todo o geito e a te elles curão da perpetuidade da sua dynastia, sustentando-lhe á força de todo o seu poder. Por isso forão gradualmente; reformarão os bicos, mas por ora entenderão que fosse somente nos vestidos de corpo franzido, decotados ou afogados; os vestidos de corpo liso para grande baile ainda conservarão os bicos provisoriamente.

A nossa estampa de hoje e todas aquellas que forem modernas recebidas pelo ultimo paquete (que são as do mez de agosto publicadas em Paris) comprovarão o que acabo de dizer. Demais tende a bondade de observar d'aqui em diante que todos os figurinos que vierem chegando nos Jornaes francezes modernos hão de vos apresentar a mesma moda. — Cintura curta e redonda, nos vestidos de corpo franzido.

O que quer dizer, que o *Jornal das Senhoras* faz todo o possivel por vos mostrar o que ha de mais moderno desde que o moderno e o mais elegante chega ao Rio de Janeiro.

E antes que eu continue com outra digressão a respeito de figurinos, vou explicar-vos a nossa estampa.

DISCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

A figura da direita representa um *toilette* de baile no campo—vestido de nobreza branca enfeitado com dois mui franzidos folhos recortados a ferro, por sobre o pregado de cada um delles passa um cresposinho da mesma fazenda, tambem recortado a ferro—cabeção da mesma nobreza e ornado de duas ordens dos cresposinhos — Por cima deste vestido desenvolve-se uma tunica *à la grec* de finissima tarlatana branca muito transparente semeada de rosas bordadas em seda com um cresposinho tambem cõr de rosa guarnecendo o seu engraçado talho —Corpo franzido, cintura redonda e cinto de veludo preto, não com fivela, mas com laço de pontas volantes—mangas justas e curtas enfeitadas com laços iguaes de veludo preto, luvas brancas e laços de veludo em lugar de pulseiras —Penteado de bandós encrespados e uma gri-

nada de rosas sem folhagem unicamente guarnecendo-lhe a trança e fechada nesse lugar por um outro laço de veludo preto de longas pontas fluctuantes.

A figura da esquerda representa um *toilette* de passeio. —Vestido de barege *feutre* com tres largos folhos separados igualmente, enriquecidos de guarnições impressas de rosas de côres matizadas. Bem junto ao pregado do primeiro percorre uma fita encrespada imitando as côres das guarnições tomando estes tres folhos as tres quartas partes da altura da saia. —Corpinho afogado, franzido nos hombros e na cintura somente, para simular pregas altas e soltas; mas este corpinho não deve ser forrado, que é para deixar revelar-se pela transparencia do barege a delicada modestia de cambráia bordada que por dentro reveste todo o peito. —A gola do vestido é orlada com uma rendinha de bicos. —Cintura redonda, cinto de fita escociza com fivela e relógio preso em largo grilhão. —Mangas semicurtas, de talho diagonal, guarnecidas de fita estreita encrespada igual á dos folhos. —Chapéu de palha cinzenta enfeitado simplesmente, flores por dentro das abas e uma fita larga escociza que lhe envolve a copa; descendo em duas pontas para formar o laço. —Pulseiras de fantasia, luvas cõr de carne, lenço de cambráia de linho bordada.

22 de outubro.

Christina.

EMANCIPAÇÃO MORAL DA MULHER. ←

Dignissima Redactora em Chefe do Jornal das Senhoras.

Domingo passado continhão as columnas do *Novo Correio de Modas* um artigo intitulado—*A Emancipação das Mulheres*. Como fui eu a primeira que fallei na Emancipação moral da Mulher, sempre que uma penna estúpida ou mal intencionada pretenda manchar, torcer ou desfigurar as minhas doutrinas, eu levantarei a luva de desafio e sustentarei principios reconhecidos hoje e outr'ora pelas sociedades civilisadas, e jamais consentirei que o halito impuro da calumnia e do ridiculo obscureça verdades eternas debaixo de cujo dominio estamos, e que cada dia conquistão novos privilegios, e que tendo necessidades vitais do progresso, tendencia inherente á humanidade, ellas triumpharão um dia como tem triumphado a liberdade dos cultos e a liberdade do espirito humano; quando vejais emudecer os apóstolos da VERDADE, quando vejais reagir sobre as sociedades o espirito reaccionario, não vos assusteis, são crises naturaes da luta; a humanidade não retrocede jamais; o destino que Deus lhe marcou foi o PROGRESSO, e elle ha de triumphar.

Ora, pois que assim o querem, fallaremos mais uma vez ainda sobre—*A Emancipação moral ou intellectual da Mulher*!

Eu tenho a consciencia de ter sido tão explicita, tão clara na exposição de minhas idéas, que

na verdade quando vejo um artigo do theordeste publicado no *Novo Correio de Modas* de domingo passado, quando vejo, repito, disparates desta ordem, não sei que pensar!...

Haverá uma cabeça tão dura que resista comprehender que—sem familia—não ha sociedade nem nação, e que faltando a familia as sociedades serão um cahos?

Haverá quem—por um momento só—julgue que é uma mãe de familia a que quer desligar a mulher dessa inissão sagrada de mãe e de esposa, para metamorphoseal-a n'um ente indiguo e monstruoso?

Não, é impossivel que haja uma só cabeça sensata, um só coração recto, que abrigue semelhante anomalia; e até avança a mais, quem apregoasse doutrinas tão escandalosas e tão erroneas, só mereceria o desprezo mais completo ou o castigo mais severo.

Porque, vós os que atacaes as minhas doutrinas, esqueceis muito de proposito, que nunca fallei de outra Emancipação que não seja a—Emancipação moral da Mulher? Porque esqueceis que a questão da Emancipação moral da Mulher é puramente local? Local sim, porque exceptuando a Turquia, Portugal e o Brasil, no resto do mundo a mulher é *livre* das suas acções, e é considerada como ser racional, e tem uma vida—intellectual—inteiramente igual á do homem.

A escravidão das mulheres é uma herança funesta que o dominio dos Arabes deixou na peninsula Iberica, e que foi transmittido e implantado na America pelos conquistadores.

Hespanha perdeu em grande parte suas negras tradições, quando uma rainha, joven formosa, intelligente e liberal, como foi Maria Christina de Bourbon, soube quebrar os ferros de escravidão da nação hespanhola e iniciar a Emancipação intellectual da Mulher. Em todas as épocas as mulheres hespanholas derão provas de coragem e de abnegação sublimes; os sitios de Valencia e Saragoça, forão testemunhas do brio feminil, mas enquanto ao seu valor intellectual, depois de Santa Thereza de Jesus, forão raros os talentos que se revelarão, enquanto que hoje os lycéos e as associações litterarias contão distinctas escriptoras.

Os costumes liberalisarão-se, e comtudo a mãe foi sempre para aquelle povo entusiasta e ardente, uma especie de divindade.

Portugal, que não teve a influencia de uma mulher intelligente como Maria Christina, tem sido mais refractario para perder as tradições dos seus dominadores do Oriente, e comtudo a classe aristocrata de Portugal já se livrou do jugo dos preconceitos que ainda subsistem arraigados nas classes medianas da sociedade.

As Americns hespanholas, com o commercio das nações estrangeiras, adoptarão o systema liberal, e a mulher, ainda que sepultada por enquanto nas trevas da ignorancia, não está subjugada brutalmente pelo homem; a lei lhe garante direitos que a protegem da arbitrariedade e da tyrannia que contra ella queirão exercer.

Os Estados-Unidos, esse então é o verdadeiro reino das mulheres, *sem ser o do mundo ás avers-*

sas; ellas têm uma vida inteiramente independente, todas as veredas da industria, compativel com as suas forças, estão-lhe abertas. Ide,—vós que quereis condemnar a mulher ao estado de vegetal, ide, percorrei as manufacturas, as lojas, os mercados, os campos, e por toda a parte vereis a mulher trabalhando com o mesmo brio que o homem; visitai essa multidão de hotéis e de casas de familia que hospedão particularmente, ellas são administradas por mulheres; percorrei essa quantidade enorme de officinas; a mór parte das folhas publicas são redigidas por mulheres; introduzi-vos na casa desses matrimonios pobres que comem com o diurno jornal, e os vereis separarem-se ás 7 horas da manhã e correr ás suas officinas de trabalho; e quando ha filhos, me direis?

É terrivel separar-se uma mãe de seu filho, embora, mas é necessario viver e sustental-o, o que ganha o marido não chega para o sustento da familia, é preciso a mulher trabalhar tambem; e além disso (pois a mulher tem força intellectual e a força physica adquire-se) o bom senso não a exime do trabalho, porque até é mais honroso para a mulher não comer as sopas do marido sem mais utilidade que encher-se de filhos.

Em Inglaterra, em Italia, na Suissa, na Alemanha, na França, por ventura a mulher não está completamente emancipada do poder arbitrario do homem, e não é um seu igual como ente racional?

Por ventura em todos esses paizes, não carnihão ambos, o homem e a mulher, pela mesma vereda de civilisação, de progresso, de gloria, de emoções e de esperanças?

E por ventura, dizemos nós, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Italia, na Alemanha, na França, não existe a familia?!

Diremos, que nesses paizes todos, a mulher despiu-se, das gaaças do seu sexo, da doçura, da paciencia, da modestia que á ellas são inherentes?!

Para não viver escravizada, para ter *honra propria* e dignidade, necessita ella metamorphosear-se em soldado, ou vestir-se de marujo?

Vós, os que fechais os olhos á verdade e os ouvidos á razão, porque não sois francos?

Porque não dizeis:—o dia que a mulher deixar de ser a nossa escrava, forçoso será respeitál-a como nossa igual, e então adens poderes extraordinarios, adens abusos, adens tyrannia, adens dilapidação de fortunas, adens despotismo conjugal!

Quando a mulher souber que de todos os gozos e os direitos que lhe outorga a mão poderosa do Omnipotente, ella foi despojada; quando houver uma *lei* que a proteja com a sua força moral; quando essa *lei* disser ao pai desnaturado—tú és pai e não tyranno: quando disser ao irmão usurpador—o unico direito que tens sobre a tua irmã é o de protecção; quando houver uma *lei* que puna a concubinage no mundo, como ha a do adulterio que infama a mulher, quando enfim mulher deixar de ser *cousa*: então acabar-se-ha a guerra injusta, que se faz á sua

intelligencia no Brasil; e esse dia chegará, pese a quem pesar, porque o Brasil não é estacionário, nem pôde sel-o.

Cada dia que decorre, conquista um privilegio para a civilização e arrasta na sua carreira algum farrapo do velho manto de preconceitos e de erros com que abafão a infancia destes povos, a manopla mofada dos conquistadores.

Dizei o que quizerdes, sempre repetirei que a Emancipação moral ou intellectual da Mulher, no Brasil, não é uma utopia, nem um paradoxo, e sim é uma verdade dominadora que marcha ao seu total desenvolvimento, envolta nas fitas, nos chapeos e nas cassas francezas que nos chegam todos os mezes nos paquetes inglezes.

Publicai estas regras, estimada redactora.

Joana Paula Manso de Noronha.



A MULHER

perante Deus e o mundo.

XIV.

(Continuação.)

Vemos pois no decurso dos tempos a mulher constituida differentemente do que o era no tempo da revelação.

De então até os nossos tempos tem vivido a mulher, mais ou menos sujeita aos preconceitos da humanidade. Os poetas, os mais perigosos incensadores da belleza physica das mulheres, não pouco tem contribuido para a sua vaidade e corrupção; como se em um verso não coubesse um pensamento muito mais elevado do que banaes e sensuaes elogios a aquillo que não é a alma. A sociedade das mulheres desde a meia idade até nós tem quasi que exclusivamente sido como uma galleria de bellas estatuas, onde se olha mais para a posição, para as roupagens, para os contornos, do que se pensa na concepção de taes produções. Tem-se ensinado a vaidade, a sensualidade, a corrupção, mas tudo é tido pelos homens como progresso.

A ignorancia, oh Deus! até foi assignalada á mulher, porque até o seculo XVIII ella não podia pensar, nem o sabia. De tão estúpida, quanto criminosa organização, derão os hespanhóes e portuguezes os mais vergonhosos exemplos, onde até mesmo aquelles que erão encarregados da religião em acção, pregavão nos seus pulpitos a ignorancia ás mulheres, e no entretanto na America, na Africa, e na Asia se espalhavão os seus cathequisadores.

XV.

Fallemos da mulher, tal como o nosso coração joven a sente.

Anjo, ou fada, ou illusão, ou sancta tudo nos parece ser ella; mas quando o seu espirito educado a adverte dos seus proprios sentimentos, da sua superioridade; porque aquella que não tem uma alma delicada, não saberá dar conta das suas virtudes e não saberá reprimir um insolente dito daquelle, que a considera mais como uma bonita mulher, do que como uma virgem casta e mimosa.

Uma mulher educada nos mais sãos principios de sua mãe, uma mulher religiosa e cheia de instrução, é sem duvida alguma um ente que pôde dignamente caber no ancioso coração de um homem virtuoso. Oh! então ella, habitará tão meigamente a alma; tudo quanto for belleza sua, é pela imaginação pintada com mais vivas côres; tudo quanto for um dito seu, é um eco que se demora longo tempo dentro em nós; cada movimento de seu corpo é como o brando movimento de uma illusão, é como a passagem de uma para outra idéa, é como uma pulsação do nosso coração, que é só della.

A mulher assim torna o homem venturoso e illustrado.

Por ella, pela virgem dos seus sonhos, elle estuda as suas inclinações, corrige as más e exercita-se nas melhores. Por ella, por esse anjo de espirito e doces sorrisos, elle estudará a historia da humanidade, e quererá ser um homem util, sendo sabio. Oh! por ella, só por ella, elle tudo será!

Nas horas da amargura, quando cansado o espirito das injustiças que soffre, elle, olhando para o Céu para orar a Deus, vê-a lá mesmo como uma dimanação da Divindade, e acha conforto na sua religião, porque *Ella* é a sua religião; *Ella* é tambem a fé de Deus, uma *Deusa*; *Ella* é o seu espirito, o seu coração, a sua alma, a sua existencia; ah! tudo isto é só *Ella*.

Quando essa virgem for um dia *sua esposa*, a mãe de seus filhos, e elle carregado de annos e de canção sentar-se no meio dos seus para sentir-lhes o amor, lembrando-se ainda do que fôra *Ella*, exclamará com enthusiasmo divino: *Poste tu, tu mesma, que me deste o Céu em que vivo!*

Ah! quem não amará uma mulher assim?

XVI.

Concluamos.

Mostramos a mulher em todas as idades, em todas as transições humanas, sempre dependendo do destino que o homem lhe dá.

No seculo em que existimos, alguns paizes adiantados, compenetrados de tantas verdades e querendo ainda remediar males, que allás irião de geração em geração, têm dado á mulher mais liberdade, dando-lhe a instrução, instrução igual á do homem.

Deixai pois que a mulher siga o impulso do seu coração, deixai que os livros e os professores sejam tambem seus, franqueai-lhe o interior dos vossos institutos, para verdes o seu espirito

brilhar. Deixai que estude a mulher até os vinte annos; mas não lhe deis o titulo—Senhora—sem que ella vos tenha inteiramente provado que é digna d'elle; ah! pensais que uma menina de dezaseis annos possa, sem outro titulo mais do que lindos cabellos e lindos olhos, ter direito a uma posição que deve ser agrinaldada pelo saber que é sempre relativo?

Que filhos pretendeis dar ao mundo, que de vós reclama cidadãos illustrados? Pensais que uma mãe ignorante, não deve ser um objecto de compaixão, na sociedade illustrada do seculo actual?

Compreheidei; não queremos que façais doutores de todas as mulheres; mas dai-lhe a theoria daquillo que todo o homem tem de saber, conforme as circumstancias e posição de cada um. Pensai; não são nos bailes que se illustrão vossas filhas, mas nos bons, nos illustrados collegios, ou de preferencia em vossas casas. A educação e instrução, que vossas mulheres derem a vossas filhas serão inimitaveis.

Tremei; vossas filhas ignorantes estão expostas a perigos immensos; porque sendo ignorantes, ellas não procurarão senão a materialidade dos prazeres banaes da sua vaidade, e....

Fazei a mulher com instrução igual á do homem, e os vindouros fallarão com respeito desta geração; eis o que é o verdadeiro progresso, aquelle que tem de trazer os outros.

Emancipai a mulher, mas não lhe deis a licença; porque a mulher tem tanto direito a *procurar a sua subsistencia como o homem* e as familias não conservarão na ociosidade tantas filhas maiores.

Antes de tudo porém bons costumes e instrução.

L. C. d'A.



SERÁ ROMANTICA?

Linda moça dos olhos travessos,
Linda flor invejada das flores,
Tu suspiras? tu ris? o que tens?
• Linda moça—quem são teus amores?

Entre doces folguedos brincando,
Tu és graças—mimosos primores!
De repente emudeces—és triste!
Linda moça—quem são teus amores?

Porque vem do teu riso formoso
Uma nuvem roubar os fulgores?
Porque tremes—e pallida choras?
Linda moça—quem são teus amores?

Se nos bailes princeza donosa
Teus o culto de mil servidores,
Porque passas por elles zombando?
Linda moça—quem são teus amores?

Porque foges da turba e só buscas
Lá da selva os escuros horrores!
Porque vais tu gemer entre as brenhas?
Linda moça—quem são teus amores?

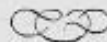
Porque vagas sózinha scismando
Do jardim entre os gratos verdores?
Porque á beira do lago soluças?
Linda moça—quem são teus amores?

Porque ao frouxo brilhar dessa lua,
De gemidos—de magoas—de dôres
Soltas triste—teu canto sentido?
Linda moça—quem são teus amores?

Que mysterios da mente te pungem
Linda flor invejada das flores?
Oh! revela-me a dôr do teu peito!
Linda moça—quem são teus amores?

12 de outubro 1852.

S...



KAROLINA.

novela polaca do XIX seculo.

III.

OS PAIS EM CASA DE SEUS FILHOS.

Continuado.

Quando o correio veio annunciar que o Palatino se aproximava ao castello, o conde e a condeza sahirão ao seu encontro.

Qualquer outra mulher no logar de Karolina, teria imputado ao pai a conducta do filho; mas Karolina, resignada pelo amor e o dever, soube abafar até o mais leve indicio do seu resentimento, em modo tal que o Palatino, homem do mundo, homem de dar muita importancia as exterioridades, devêra ficar contente pelo acolhimento de sua nora.

Pouco depois do Palatino chegarão tambem os pais de Karolina, que ao cabo de tres semanas, vinhão pressurosos ver sua filha, abraçal-a e testemunhar sua felicidade. Ah! que indissolvel alegria não causou esta entrevista!

Karolina recebeu sua mãe de joelhos.

Então, o respeito aos pais era ainda uma das nossas principaes virtudes. Não ousava um filho

« Senhora de toda minha estimação e amiga.

« Com quanto muito cheio de afazeres, cumpre-me preencher o dever de dizer-lhe que incidentes, que deploro e que passo a referir-lhe, impedirão que chegassem ás suas mãos a minha resposta á sua presada.

« Em principios de maio escrevi-lhe debaixo do sobrescripto do Sr. Sarmiento, remettendo a carta a Montevideo, para que o Sr. João Nepomuceno Madeiro a enviasse á sua direcção.

« Porém agora sei com desgosto, o que poderá ver pela carta de Madeiro que lhe ajunto.

.....

SEGUNDA CARTA.

Buenos-Ayres, maio 1.º 1852.

« Sra. D. Joanna Manso de Noronha.

« Com atrazo consideravel tive o prazer de receber nestes dias a sua muito distincta de 18 de março, assim como os primeiros onze numeros do PRECIOSO JORNAL DAS SENHORAS, no qual debaixo da frisante epigraphe de MYSTERIOS DEL PLATA, esboça Vm. com delicados contornos um dos successos mais notaveis e mais amargos de minha vida. Fizemos esta leitura com todo o interesse que poderá calcular; e Antonia, a quem a senhora tem tido a crueldade de fazer chorar muito, me recommenda especialmente que lhe signifique as suas queixas e a sua gratidão ao mesmo tempo por essas lagrimas; porque ellas, querida compatriota, encerrão um prazer melancolico, indefinivel, quando as fazem verter lembranças penosas, que o talento e a amizade sabem despertar com viva sensibilidade. Emquanto a mim individualmente, tambem tenho o direito de queixar-me de Vm., e o dever de agradecer-lhe; pois quiz pintar-me com dotes e qualidades taes, que humilhão-me e envergonhão-me ao sentir na minha consciencia o quanto estou distante de possuil-as. Eu espero que este erro enorme que Vm. faz aos seus leitores, ser-lhe-ha perdoado por elles em consideração a ser produzido unicamente pelo excellente e patriótico coração seu.»

.....

Aqui fazemos uma pausa, e acabaremos com o ultimo paragrapho.

.....

« Quando os MYSTERIOS estejam concluidos, cuida-se que sejam reproduzidos pela nossa imprensa; escuso encarecer-lhe o prazer com que receberemos os numeros seguintes desse interessante JORNAL, que tanta honra faz ao seu nome, e por consequencia á sua patria.

« Com a mais completa sinceridade me subscrevo seu affectuosissimo compatriota e servidor

VALENTIN ALSINA.

A MULHER PERANTE A LEI.

Disse um escriptor de nomeada, com cujas idéas concordo em toda a sua extensão, que não se apedrejão as arvores productoras de mãos fructos, pela simples razão de serem estes ingratos ao paladar, e causarem difficil digestão; e logo accrescentou—que a mulher está no caso inverso, sendo por isso que soffre as aggressões dos innumerados estouvados povoadores do mundo.

Bem vejo que não cabe no pequeno dominio da minha leitura a discussão e desenvolvimento de uma idéa reprovada pela quasi totalidade dos homens, que se proclamão intelligentes e illustrados; não ignoro tão pouco que vou encontrar opposição no proprio seio do meu sexo, onde as theorias masculinas têm sido acceitas com decidido apoio, e talvez com uma especie de culto e veneração; porém, como escrevo para mim, como não pretendo obier a disputada palma da celebridade, mas unicamente matar algumas horas de dissabor em que vivo á sós com o meu pensamento de orphã, dou os devidos emboras aos clamores offensivos que se levantarem de redor de mim: escrevo para minha alma; enuncio o meu sentimento intimo, e por fórma alguma busco alistar proselytos; o tempo provará que não sou louca, e com o seu pharol livrará a geração vindoura de sossobrar nas penedias do arbitrio em que hoje vai de continuo esbarrar-se a fragilidade da mulher, senão a sua docilidade e resignação.

Não deuido que me accusem de insurreição; embora! a minha defeza existe na natureza. A mulher está fóra do alcance das baterias do homem, desde que este a culpa de insurgente: sua arma é o raciocinio, seu estandarte a religião, sua causa a lei de Deus. E por ventura é em rios de sangue que se purifica o pensamento? é sobre uma pilha de cadaveres que se arvora a bandeira da igreja? é do alto do patibulo que se faz ouvir a verdade do Evangelho?!... Além disso, o pensamento da mulher tende a tornar-se livre como a aguia que atravessa rapida o espaço; ella tem o instincto de todo o ser criado pela mão do Omnipotente, e por isso repugna o estado de escravidão a que a sujeita um egoismo revoltante e de todos o mais indigno, porque é sobre elle que o homem firma a sua superioridade, a sua força de intelligencia!

Nobre, tão nobre é a missão da mulher, que os seus mais decididos detractores muitas vezes a denominão—sublime—; entretanto vê-se diariamente negarem-se-lhe direitos que a razão lhe confere; usurpão-se-lhe qualidades que sobressahem em todas as phases de sua vida; desmente-se a natureza para apoiar-se os prejuizos da vaidade, da ambição, e quem sabe se da estupidéz!

Por agora, levantarei uma só das pontas do véu que encobre a—cortezia—do homem, e, fóra do combate, deixarei aos moralistas que a discussão e justifiquem sem lhe darem o colorido da mascara, que, submettida aos raios do sol, dislota e perde o brilho; e como é sabido que o

sol da intelligencia reflecte no espelho da verdade, tudo quanto fôr inverosimil provará deficiencia de razões para contestar o que descubro com mão firme e a consciencia tranquilla.

As leis civis que nos regem são um modelo de contradicções absurdas na parte relativa á mulher. Ont'ora vivia ella perpetuamente como tutelada; porém a lei antiga, promulgada pelos Romanos, estava ao menos harmonisada em todos os pontos, porque a mulher era sempre considerada menor. No seculo presente, os homens a decláram, em grande numero de casos, tão livre e independente como elles proprios; suprimirão a tutela geral; fixarão a sua maioridade, tornarão-a apta para herdar em partes iguaes, garantirão-lhe a posse e disposição da sua propriedade, e ainda mais, no caso de divorcio, admittirão a separação de bens. Porém, pergunto, dá-se igual liberdade e independencia no casamento, nessa união em que se não trata só de riquezas e conveniencias pessoais, mas sim da nossa posição, da de nossas mães, irmãs e filhos? Não; e então os homens são intractaveis nas suas leis; riscão com um largo traço a igualdade; querem que a mulher se confesse sua inferiora, sua escrava, e lhes jure obediencia!

Na verdade, parecem ter mais aferro ao dinheiro do que á dignidade humana: emancipão a mulher para ser proprietaria, e quando tratão de fazel-a sua compauheira, decláram-a inferior á si!... Entretanto é inegavel que nem um laço prova com maior evidencia o direito da igualdade; ella torna-se visivel e palpavel á imaginação mais tosca, e é por si mesma tão necessaria, quanto é certo que não existe união na sua ausencia.

Assim como a fusão de dois corpos heterogeneos produz um terceiro corpo differente dos submettidos á acção do fogo, assim tambem não se pôde obter unidade de pensamento e de querer, quando esta é exigida de dois entes, um dos quaes julga-se autorizado a mandar como senhor, e o outro vê-se obrigado a obedecer como escravo! No acto do consorcio, o absurdo, e a contradicção proclamão a inferioridade da mulher, condemnão-a á uma obediencia cega e illimitada; fazem-lhe prestar um juramento despotico, e abusar da sua amizade para coagil-a á ultrajar a dedicacão.

Esta linha divisoria, que a lei encarrega-se de traçar, e que os homens *respeitam submissos*, é um defeito da educação acanhada, que herdamos, e não temos tratado de adiantar. Quando um melhor systema de educação trouxer á mulher a sciencia do sentimento de sua dignidade; quando a sua escolha for livre, e ella não soffrer a influencia dos prejuizos de leis dictadas pela conveniencia, desprezarão por certo as adulações pueris de que ainda se mostrão avidas; a sua fidelidade não será posta em duvida, porque acabar-se-ha a necessidade de fingir e transigir com a artimanha masculina; e só então poderá assentar-se ao lado do homem como sua compauheira, e jámais como sua serva.

J. P.

NATALIA NARISHKIN.

Alexis despediu-se de seu hospede. Dois dias depois, elle lhe dirigiu um de seus officiaes de confiança, chamado Demetrio, que lhe recomendava como um joven commerciante, filho de um de seus amigos estabelecidos em Astrakan. Demetrio, depois de ter entregado a Malkoff sua carta de introdução, foi desde este momento recebido e tratado como um membro da familia. Apesar porém da vantagem do seu exterior e dos esforços que elle fazia para se tornar agradável á Natalia, perdeu muito Demetrio na comparação que ella fazia com Brunow, negociante de Kasan. Demetrio tinha recebido algumas instrucções particulares do czar, que lhe prometia que se elle chegasse a agradar a pupilla de Malkoff, o casaria com ella, dando-lhes um dote muito consideravel.

O monarcha fez, máu grado seu coração, uma prova perigosa; mas desta prova dependia a opinião que elle havia formar do caracter de Natalia, e do grau de impressão que a seu respeito ella poderia conservar ainda.

Os cuidados e carinhos que empregava o mancoço erão baldados, não fazião progresso algum no espirito de Natalia. Em vão elle descrevia o luxo e as atenções com que obsequiaria aquella que fosse sua esposa; Natalia não acolhia estas atenções senão com uma perfeita indifferença. Elle pois resolveu desesperadamente terminar com ella por um acto de afouteza, o qual deveria arrastar seu consentimento ao ambicionado consorcio.

Um dia, achando-a só, fez chegar para junto della um caixote de ricos estofos, que elle dizia querer enviar á Moscow, e lhe fazendo admirar um rico collar, promptamente substituiu o que ella trazia por aquelle que ella admirava. Esta acção com effeito era muito aventurada, porque passar um collar em torno do pescoço de uma moça era uma prerogativa especial que só pertencia aos noivos exclusivamente. Natalia, indignada, se desembaraçou vivamente do collar, calçou-o aos pés, e sahiu sem querer ouvir as satisfações nem as supplicas do seu desasado admirador; por cujo motivo Malkoff e sua mulher virão-se na necessidade de o despedir de casa.

Por todo o tempo que este mancoço fez sua corte, o czar fazia assiduas visitas a Malkoff, não tendo para Natalia senão palavras de politica. Nesse mesmo dia elle, como sempre, veio fazer sua visita; contarão-lhe a desagradavel aventura do seu protegido, para quem o czar procurou inutilmente obter o seu perdão.

— É um costume do nosso paiz, diz o czar á moça; todo o homem tem o direito de dar este ornamento á pessoa que escolheu para sua esposa; o czar mesmo não se comportaria de outra maneira.... Já vistes o czar, Natalia?

— Nunca, senhor; mas todos os dias peço a Deus que o proteja.

— E que fez elle para merecer uma tão fervorosa predilecção?

Natalia sorriu-se, sustendo suas lagrimas. O imperador repetiu a questão.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

Vestuario de noiva. — Vestido branco de seda lisa com a saia enfeitada de uma linda e valiosa guarnição, que effectivamente illude parecendo haverem duas saias, a primeira aberta e a segunda ornada de seis folhos. Esta guarnição porém consiste em dois revezos de renda de ponto de Inglaterra dispostos a modo de avental, pregados na saia e voltados para os lados, onde são apenas presos com alguns pontos de distancia em distancia—De um a outro revezo passam seis pequenos folhos cada um composto de tres ordens de renda estreita, uma sobre a outra, os quaes são fixados nos mesmos revezos com laços iguaes de fita branca que vão diminuindo de tamanho até á cintura—Corpinho afogado, fingindo tambem um corpinho aberto com outro por dentro; elle é da mesma fórma enfeitado que a saia, com dois reversos e folhos de renda, notando-se unicamente a differença nos tres laços de fita, os quaes são em meio do corpinho—Camisinha de afogadilho em roquete cobrindo parte do pescoço—Cintura redonda, ramo nupcial de rosas brancas e flores de laranja ao lado esquerdo—Mangas largas abertas com outras de renda por dentro, justas e compridas, com punhos de renda de ponto de Inglaterra—Penteado de bandós fortemente ondulados, um pouco encobertos pelo véo, o qual é collocado quasi em começo da divisão dos bandós e envolve toda a cabeça, deixando apenas apparecerem os dois ramos de rosas brancas e flores de laranja—Luvas de pelica branca—Livro de missa e lenço de renda ponto de Inglaterra.

Toilette de passeio.—Vestido de seda branca com ricos desenhos de festões de flores divididos por listras roxas ao comprido, simplesmente enfeitado de um mui largo folho enviezado da mesma fazenda—Corpinho aberto revelando uma camisinha afogada composta de tiras franzidas, e fechado por outro de veludo com *basquine*. Este *basquine*, assim como as mangas, são adornadas de uma rica guarnição de renda preta de Chantelly disposta em duas ordens, uma estreita e outra mais larga, sobrepostas e de maneira que a segunda renda toque ao folho da saia, como indica o figurino—Chapéu *capote* cor de canario, enfeitado com duas pequenas plumas e renda.

Querida leitora, agora dai-me licença para

que feche aqui este meu estirado artigo e vos diga um adeos até domingo que vem.

Cattete 11 de Fevereiro.

Christina.



EDUCAÇÃO DA MULHER.

I.

Mulher! flor indigena do paraíso! flor encantada de magicos enlevos! Plantada por mão divina nesta terra fertilizada de cardos e d'espinhos, foste!... para que?

Mulher, fonte de alegria e prazeres! Com os risos e as graças folgando na atmosphera que te circunda, com o cortejo de venturas, que uma imaginação pôde appetecer, foste lançada neste mundo de enganos e decepções!... foste!... para que?

Mulher, vulcão de amor, reflexo da faculdade mais querida da Divindade: compendio de sensibilidade e poesia! Neste mundo egoista e prosaico foste atirada, foste!... para que?

Para seres a companheira do homem na senda escabrosa da vida; para seres o regaço da humanidade que lhe adormentasse as dores das provações da vida; para seres o consolo, a nobreza, o orgulho do homem; para eleva-lo acima de si mesmo; para ensina-lhe uma abnegação de que lhe dás exemplo; para em fim seres a sua *realidade*!

Entretanto o que és?

Flor deslotada! cujo aroma viciado pela atmosphera em que se espalha, irrita os sentidos!

Fonte de males e d'ssabores! cujas nascentes tem sido alteradas pelas paixões!

Es um vulcão!... sim um vulcão alimentado com contrastivos de Paphos e Cithera!

Pelo que?

Quem foi que te desviou dessa vereda de consagração e de amor?

A falta de educação.

A falta de bons preceitos.

A falta de cultura.

Procurar pois trazer-te ao caminho a que Deus te destinou, vai ser nosso intento. Que importa que não tenhamos o preciso para esse mister? A'quelles que nos lerem, pediremos, que nos desculpem as faltas de instrução pelos sobejos de vontade que nos encontrarão sempre.

A educação de qualquer individuo não deve ter outro fim, senão preparal-o, dar-lhe a disposição precisa para bem desempenhar o papel que Deus e a sociedade lhe distribuirão neste drama de grande espectáculo a que denominão vida.

Educar para outro fim, é commetter um crime contra a natureza, a sociedade, e contra si mesmo; porque quantas vezes vegetarão entre os outros homens, nossos parentes sem nome, e despercebidos, que serão talvez o orgulho do seu paiz, a honra da sociedade ou a gloria da sua época se a sua educação fosse melhor dirigida?

A mulher não desmerece, não faz excepção a esta regra; e mais que ninguém tem direito a uma educação cuidadosa, porque seu destino é todo espiritual; é uma missão divina, que tem por objecto a regeneração da humanidade, para a felicidade d'aquem e d'alem tumulo.

Expliquemo-nos. Ouvi-me homens da tyrannia.

II.

A queda do primeiro homem, foi o triumpho do egoismo sobre as paixões generosas.

O homem egoista entregou-se a todas as suas paixões, e tornou-se brutal, tyranno, orgulhoso, sensual, etc,

A mulher foi a primeira victima sacrificada ao seu crime, e desceu da condição de companheira do homem á de sua escrava.

Era uma expiação!

A humanidade soffria a pena de nossos pais: os seculos que se seguirão ao seu crime, forão seculos de sangue; inaugurou-se o barbarismo, levantarão-se templos ás paixões mais torpes; erguerão-se estatuas á apostolos de vícios; não se respeitárão os laços mais queridos; enfim os homens deixarão de ser homens, e tornarão-se emulos dos brutos.

Os annaes da historia antiga são escriptos com sangue: cada reinado é um lago de sangue, uma montanha de crimes; e cada homem celebre um algoz da humanidade.

O que forão Sesostris e Cambis? O que forão Gengiskan e Tamerlem? O que foi esse imperador da China, Thesin, que mandou queimar os livros, e trucidar os homens que se davão ás letras?

Abri as historias de todos os povos antigos, e não encontrareis senão crimes, e somente em uma ou outra encontrareis um nome de homem,

desses de natureza privilegiada, que, como a Salamandra, andão no fogo sem se queimarem, que se fizerão superiores ao seu seculo, e que se consagrárão ao allivio dos outros homens.

Era de mais! Os gritos da humanidade chegarão á mansão divina, e Deus teve compaixão da sua obra! Elle não tinha criado o homem á sua imagem, dotando-o com uma faculdade pensante e intelligente, para viver uma vida animal.

Nasceu Jesus Christo.

Foi uma estrella em noite calliginosa!

Forão os olhos que se abrirão á luz!

Forão as trevas que se dissiparão!

Foi a luz que se irradiou por todo o universo.

O christianismo rehabilitou a mulher.

E a causa do crime da especie humana, foi escolhida para instrumento de sua regeneração.

Os annaes do christianismo fallão de mil conversões feitas pela mulher, e entre ellas avulta a de Santo Agostinho por sua mãe.

A conversão ao christianismo é a regeneração da humanidade, porque o christianismo é a morte do egoismo.

E' pois a mulher a fonte d'onde deve correr todas as felicidades da especie humana.

E educal-a é trabalhar para um fim aproveitavel a todos.



A MOÇA O QUE É?

A moça é rosinha,
Que um beijo desfolha;
Que n'uma só lagrima
Fauada se molha.

A moça é arroio
De lympba serena,
Que um só vermeziinho
Turvando euvenera.

A moça é crystal
Mais claro que o dia,
Que um só bafejar
Um só—embacia.

A moça é estrella
No Céu a fulgir,
Que a mais leve nuvem
Lhe rouba o luzir.

TOMO III. — DOMINGO, 6 DE MARÇO DE 1853.



JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

INFLUENCIA DA EDUCAÇÃO DA MULHER SOBRE A VIDA DO HOMEM.

I.

É a mulher, representando neste mundo os mais nobres e interessantes papeis — de Mãe, — de Esposa, — e de Irmã, — a companheira inseparavel do homem em todas as phases d'esse tirocinio, que se chama vida.

É ella, que, carinhosamente debruçada sobre o berço, recebe delle seu primeiro sorriso da alegria, como o seu primeiro vagido de dor; é ella ainda, que reclinada no leito da agonia, recebe muita vez, na hora extrema, seu derradeiro suspiro.

Quanto não deve o homem, forte e vigoroso, á mulher tão delicada e debil, que parece impossivel, ser capaz de tamanhos esforços, de tão grandes sacrificios!

Em nenhuma época de sua perigração por este páramo de misérias, o homem pôde prescindir da mulher, e deixar de reclamar sua presença, sempre doce e carinhosa, sempre consoladora e benigna, sempre cheia de ternura e de prazer!

Nasce o homem, possuindo em embrião os gêmens d'essas faculdades, que só mais tarde se apresentarão desenvolvidas: começa o primeiro trabalho da mulher, que até alli se não julgaria talvez com

força para cumprir essa missão de Mãe, a mais nobre, e a mais dolorosa; a mais cheia de encantos e semeada de espinhos.

Ella ri e chora de prazer ao contemplar o objecto querido de seus novos e bem diversos cuidados. Tudo nella soffrera uma mudança inopinada; não é mais a mulher de ha pouco; não é mais a virgem tímida e delicada, toda temores; é a mãe, — a mulher animosa e forte, capaz de sacrificios e de heroismo, por amor de seu querido filhinho.

É toda sua vida agora exclusivamente votada á manutenção, e, pouco depois, á educação tambem do caro objecto de seus desvelos maternos: é o cuidadoso jardineiro, incansavel em curar de suas mais predilectas flores, sempre prompta a protegê-las contra os furores da tempestade, e contra os ardores do sol.

Nessa primeira época, a vida inteira do homem depende somente da mulher; suas faculdades vão-se desenvolvendo, debaixo de seu auspicio e sob sua influencia, até receberem certo grau de aperfeiçoamento indispensavel para a obra da emancipação do homem.

Mas aquellas primeiras idéas, mas aquellas primeiras impressões, que elle recebêra, servindo-lhe de base para o aperfeiçoamento de suas faculdades, intellectuaes e moraes, jamais se extinguirão nelle.

Todos os actos de sua vida se resentirão d'essa primeira educação; todas as noções, mais ou menos obscuras, que então hebêra no seio maternal, ficarão gravadas em sua alma para nunca mais se apagarem; todas aquellas impressões da infancia, estampadas em seu tenro coração, o tempo não as extinguirá jamais.

E será capaz de infundir no homem o amor da virtude e o horror do vicio a mulher, cujo espirito não é sufficientemente esclarecido; cuja alma não é dotada de virtudes; cujo coração não é cheio de bondades?

Quantas vezes não tem elle sobre o cadafalso, amaldiçoado a mulher que lhe dera o ser: porque foi ella, quem o arremessára ao caminho dos vicios...! porque foi ella, quem lhe infundira, e lhe ensopeira na alma todo o fel da vingança, todo o abandono e todo o desprezo da virtude...! porque foi ella em fim, quem lhe ensinára a amaldiçoar a Deus, a desrespeitar a innocencia, a conculcar a justiça !...

É que ella, ou não comprehendêra sua nobre, espinhosa e delicada missão, sem duvida por falta de conhecimentos, ou porque a san moral não lhe houvera desarraigado do fundo do coração toda a perversidade, que infiltrada no coração de seu filho, desde a mais tenra idade, o arremessára de torpeza, em torpeza, de crime em crime, como uma cadeia infernal, que do berço fóra terminar ao cadafalso.

A mulher deve ter consciencia de si, e de sua alta missão, para devidamente preenche-la; pois d'ella depende a educação moral do homem; seu coração deve ser puro, como a florzinha do campo; seu espirito deve ser recto e esclarecido; para que ella seja o anjo da terra, ante quem todos tributarão respeito e veneração, gratidão e amor.

II.

Eil-o depois entregue a si mesmo, sóto neste mundo, cercado de profundos abysmos, rodeado de toda a sorte de perigos, debatendo-se contra todas as paixões; observando em derredor de si a luta incessante da virtude e do vicio, da innocencia e do crime, como a nau, de velas enfunadas, sóto n'um oceano sem praias, arfando sobre as ondas, que ora a sobem até as nuvens, ora a descem até os abysmos.

Se o seu coração é bem formado, se, desde a infancia, lhe ensinárão a discriminar o bem do mal, se sua alma é ornada de virtudes, sorvidas no regaço maternal, se o seu norte é a justiça e o dever, salvo é o homem: elle saberá affrontar o tropel das paixões, asseberbar as tentações do vicio, fechar os olhos ao crime, e seguir, embora escabrosa, a devesa da virtude, unico norte, que salvará a nau nesse oceano insondavel, que se chama — mundo.

É por semduvida a época mais critica e mais cheia de precipicios para o homem, aquella, em que elle sahindo do lar paterno, é abandonado a si

próprio no veedor da existencia, onde as paixões bradão com toda a força, onde as seducções apresentam-se a cada passo, cheias de todo o seu esplendor mentido, para embriagar os sentidos, desvaírar a razão, e perturbar o espirito.

Posto em contacto immediato com a sociedade, o homem tem de dirigir-se no meio d'essa multidão immensa e diversa, que o rodeia por todos os lados; onde elle tem de fazer a selecção do bom e do máo; de evitar a turba, que sempre o arrastará ao lodçal do vicio, e de seguir a outra, aquella, que deverá conduzi-lo á mansão da honra, segundo as disposições previas de sua alma, as impressões moraes, de que souberão affectar o coração, e as idéas que lhe inoculárão no espirito, durante o tempo de sua educação juvenil.

Mas Deus quiz, que elle ainda, nessa estação de sua vida, deparasse com a mulher, para erguel-o do abysmo; para encaminhal-o na estrada do dever; para consolal-o na afflicção, para sanar-lhe as chagas do infortunio, para estancar-lhe as lagrimas da amargura; para mitigar-lhe a dôr, coartar-lhe os revezes da desgraça, e ungil-o com esse amor, puro e santo, nascido d'alma, que qual balsamo confortador, infiltra-se no coração do homem, para muitas vezes não amaldiçoar a existencia.

É a esposa, terna e virtuosa, qual anjo de consolação, quem agora tem de guiar e conduzir o homem no caminho da vida; é o conselheiro fiel, o amigo sincero e devoto, que no peito lhe vaza a ternura, e a consolação na alma.

Mas só a mulher, cujo coração é nobre, e sensível, cujo espirito é illustrado, cuja alma é cheia de virtudes, será capaz d'essa missão celeste, que muitas vezes salvará o homem ás bordas do abysmo, inspirando-lhe o amor do que é justo, e o horror do que é crime.

Sendo assim, ella não abusará do poderio de seus encantos, da magia de seus affectos, da seducção de suas lagrimas, do quebranto de sua voz melodiosa e terna, para de chofre despenhar o homem na voragem do abysmo, que sempre negreja a seus pés.

Com a religião mysteriosa de sua crença, com a ternura inesgotavel de seu amor, com a unção consoladora de suas palavras, com a magia irresistivel de seu olhar, com o feitiço de seu sorriso; ella saberá desarmar o furor desenfreado do homem mais selvagem, acalantar-lhe a dôr, e sanar-lhe as chagas que a desventura lhe abrisa.

Quantas vezes o scelerado não deixa cahir o punhal, que ia embeber no seio de seu semelhante, ao ver sua esposa pallida, com os cabellos soltos, as faces banhadas em pranto; a dôr impressa no semblante, o olhar piedoso e enternecido! ao ouvir sua voz argentina, tremula, e maviosa, implorando o perdão da victima, que ia sacrificar !...

Mulher! que sublime e magestosa que és, quando comprehendes tua missão e sabes desempenhal-a nobre e dignamente! Oh! todos te olhão repassados de gratidão e respeito; abençoada por todos, és chamada o anjo da terra, que Deus nos dera para agorentar e suavizar o martyrio da perigrinação amargurada por esse vale de padecimentos!...

Patricias! ô minhas patricias! sede todas assim.

III.

Quando a orfandade derrama o fel da amargura no coração do homem, ou a viuvez lhe opprime o peito com sua manopla de ferro; quando a desdita o arroja de chofre na frágua do desespero, ou no esqualido leito da pobreza, feliz d'elle se ainda possui uma irmã sensível, terna, virtuosa, toda candura e innocencia!

Ella saberá levar-lhe o conforto ao imo da alma; saberá mitigar-lhe o padecer, arraigar-lhe a esperança no fundo do coração; reanimar-lhe a fé, e quedar a torrente de seus males.

Oh! que gratos que são os conselhos de uma irmã querida! Puros e innocentes, que são seus afagos e sua ternura, quando sua alma esclarecida, é também o modelo de todas as virtudes!

Na orfandade e viuvez do homem, é ella, quem, muitas vezes, tão dignamente preenche todo esse vazio immenso, já com sua piedosa consolação; já com o doce recordar dos dias passados, em que ambos, des-cuidados do porvir, se sorrião á uma carinhosa mãe!

Seu amor — esse affecto puro e innocente, que se chama amizade, sem o egoismo das paixões fortes e arrebatadas, que fascínio os sentidos, e des-vairão a razão; é um thesouro inesgotavel de consolações.

Companheira inseparavel da infancia do homem, fiel confidente de seus segredos, sobre elle exerce uma branda influencia, que nada terá de pernicioso, se ella possuir o cofre das virtudes em seu seio virginal, se sua intelligencia fór ornada de bons exemplos, e sua razão illustrada com o criterio da sã philosophia.

Quando ambos teem atravessado toda essa riso-nha estação da juventude, toda semeada de varie-gadas flores, toda cheia de fagueiras illusões, tão rica de recordações, tão repassada de saudades; é então, que uma irmã virtuosa presta os maiores serviços ao homem: seus conselhos, e suas admoes-tações, tão nascidas da alma, o afastão muitas vezes do caminho do erro e da perdição.

Quiz Deus ainda, que elle encontrasse mais esse oasis no decorrer de seus dias, como o viajor o en-contra no decurso de sua perigrinação pelas aréas do deserto.

Foi a mulher predestinada pelo Eterno para o instrumento de nossa remissão: suas delicadissimas plantas tiverão força bastante para esmagar a hydra infernal; seu amor será também bastante para sus-pender o homem á borda do abysmo; e seus encan-tos, suas virtudes serão também bastantes para pres-tar suave e efficaz lenitivo a todas as suas dores e padecimentos.

Ph. A.



O Cobarde.

(Continuação).

III.

No dia seguinte, ás 11 horas, eis o que se pas-sou nas carreiras do Montmartre, por detraz do muro. Uma caixa de pistolas estava por terra, e

dous homens, a quinze passos um do outro, tinham ainda as armas na mão. Uma das testemunhas avançava com ar resolutivo e, se oppunha entre os dous contendores:

— Senhores, exclamou ella, seis tiros se dispa-rarão; é assás para a vossa honra, e póde ser muito para a nossa consciencia; cesse o combate ou eu me retiro.

Com effeito terminou a contenda, e Lascour cam-inhou para Savigny pedindo-lhe a mão.

— Eu não tenho direito de a recusar, Senhor: respondeu Savigny estendendo a sua,

Agora, Senhores, antes de nos separarmos, disse Lascour fallando para as testemunhas, eu vos peço para assignar uma declaração, que conste como nos temos conduzido. Assentou-se, e com um lapis escreveu o seguinte:

« Esta manhã houve em Montmartre um encon-
« tro entre os Senhores Savigny e Lascour, redac-
« tor do Jornal de : trez ballas se dispararão
« de parte a parte, e declaramos sob nossa honra,
« que os dous adversarios se mostrarão com co-
« ragem. »

Assignados — Delaunay — Dercourt, Lenoir, Morval.

Concluido isto, Delaunay, testemunha de Lascour approxinou-se de Savigny — Senhor, desejo viva-mente, que o nosso conhecimento, começado de-baixo de tão tristes auspícios, não fique aqui; vossa louvavel e energica conducta de hoje vos assegura para sempre a minha amizade; e se quizerdes ou-torgar-me a vossa ficarei tão orgulhoso, como se ti-vesse obtido a do homem mais honrado do meu co-cimento.

Savigny, inclinou-se.

— Haveis de permittir Senhores, disse Lascour, ap-proximando-se de Savigny e separando-se dos outros, que diga uma palavra, ao que foi meu adversario, e que presentemente é meu amigo: « Está bom! O que tendes? « Estais inquieto... o nosso plano foi além de toda
« a esperança... Sabeis entretanto, que tive medo
« por um momento, quando desfechastes o primeiro
« tiro... se me tivesses desfigurado, e peor ainda,
« se me tivesses matado! (Savigny fez um gesto de
« indignação...) Em fim, meu caro, a partida foi
« original...! Felizmente se tudo passou o melhor
« possível... Temos uma declaração, e eu a faço
« publicar em todos os jornaes: impressa esta tarde,
« e conhecida amanhã em todo o Pariz, no fim da
« semana nos acharemos mais com duzentos amigos. »

— Que se espera? Vamos almoçar.

— Que dizeis, Senhores? Iremos ao pavilhão de Ermenonville..., a esta palavra, vendo empallidecer Savigny, replicou de repente: não, eu me engano, á casa do Gillet,

— Senhores, peço desculpa por não poder accom-pañhar-vos ao almoço, disse Savigny: sinto-me in-disposto. Immediatamente metteu-se no carrinho, e se afastou rapidamente.

— Que homem estranho! Que sangue frio! ex-clamou Delaunay vendo-o partir: Sabeis que esca-pastes de um grande perigo, com tal adversario, meu caro Lascour?!

EDUCAÇÃO DO SEXO FEMININO.

Uma de nossas respeitáveis assignantes dignou-se obsequiar-nos com um artigo importante sobre a *educação do sexo feminino*, cuja leitura recomendamos ás nossas amigas, agradecendo a S. Ex. o mimo produzido por uma feliz inspiração.

Desde muito tempo conhecíamos o talento e a delicada instrução da Sra. Baroneza de...; e apressamo-nos a assegurar-lhe que a sua colaboração será mais uma garantia para o bom desempenho a que estamos obrigada, e concorrerá talvez bastante para que a instrução do nosso sexo se torne mais sólida e variada em proveito da civilização e da religião.

Eis o artigo:

Parece-me opportuna a occasião para offerecer á reflexão das senhoras fluminenses algumas ligeiras considerações sobre a necessidade de exigir para as nossas filhas o ensino de instrução mais variada e séria do que a que até hoje aprendem nos collegios á que as confiamos, de alguns dos quaes as proprias directoras não tem as necessarias habilitações, porque o seu dever não se limita somente ao ensino da simples leitura e de trabalhos de agulha. Bastante grande é o numero de collegios que se fazem annunciar ao publico, e penso que nem á metade delles poderia com justiça permittir-se a continuação.

Tenho uma filha, á qual procuro fazer ensinar o pouco que sei, regimento pouco, porém que bem tenho visto ser muito mais do que as minhas jovens patricias adquirem na longa frequência dos nossos collegios.

Poucas meninas completão sua educação achando-se em estado de poderem escrever uma carta sem receiar a vergonha de immensos erros; e este mal provém sem duvida das directoras, que não podem corrigir-os, nem fazer acertada escolha de bons mestres: e ninguém negará que é uma falta esta imperdoavel em cuja defeza não podem oppor a circumstancia de se demorarem as alumnas pouco tempo nas aulas, porque no ensino da leitura e da escripta se comprehendem o da grammatica e orthographia nacionaes, explicadas convenientemente e tornadas intelligíveis ás meninas.

O estudo das linguas estrangeiras nos parece uma perfeita extravagancia pelo modo por que é feito; ou concordaremos em suspeitar que ha firme proposito em conservar a ignorancia delias. A preferencia dada aos collegios dirigidos por senhoras estrangeiras me parece uma liega que causa um mau resultado, e tanto peor quanto as senhoras que se dedicão ao magisterio não estudão, nem conhecem talvez consta alguma que respeita aos methodos de ensino. Tenho uma particular amiga, que fez sua educação nesta corte em um collegio inglez, onde esteve alguns seis annos, onde aprendeu a fallar as linguas franceza e ingleza, mas somente pela pratica e necessidade de as fallar, porque as professoras ignoravão totalmente a lingua portugueza: e,

como ella nenhum preceito aprendeu, está hoje completamente esquecida do soffivel inglez, e do viciado francez com que se fazia entender, tendo sentido logo a necessidade de estudar e corrigir alguns erros de sua propria lingua, os quaes adquiriu por imitação do pouco que as mestras procuravão pronunciar. Esta senhora reconhece agora quanto se enganarão seus pais sobre a preferencia dada ao collegio em que esteve.

Se isto se observa sobre os collegios cujas directoras são estrangeiras, outro defeito reparo eu em todos os outros; e consiste no systema de ensino da musica e no desprezo absoluto da geographia, da historia (principalmente a sagrada), e da lingua italiana, que tão importante é hoje para saber-se, em virtude da preferencia dada ao canto das musicas italianas.

Por ventura será toda a instrução necessaria para uma senhora o saber fazer uma má leitura e fraca traducção de uma ou duas linguas, e distinguir apenas as notas da musica para as cantar pelos sons tirados pelo piano? E donde se ensina mais do que isto? Aonde se procura cultivar o espirito e a intelligencia de uma menina para que seja uma verdadeira senhora? Aonde se cuida em plantar no coração tenro de uma educanda todos os principios dos deveres de nosso sexo, para que seja verdadeira mãe de familia, para bem da religião e da moral? Em parte nenhuma se cuida de taes cousas. A religião ensinada consiste em algumas orações, cujo merecimento é não poucas vezes aconselhado pela superstição: os principios de moral são sempre mal definidos ou aconselhados como cautela contra o meio de infracção de algum dever social.

E deste modo não pode a mulher adquirir com sua instrução a convicção intima de sua dignidade e do seu dever; o que só consegue pelo exemplo praticado por seus pais.

Eis como no Brasil se educa geralmente a mulher de quem deve um dia depender o futuro de uma familia inteira. Tudo superficialidade, nada sciencia.

Esquecia-me citar tambem a ignorancia da contabilidade, que tão indispensavel e a qualquer senhora em qualquer circumstancia da vida; acredita-se que é uma superficialidade, ou cousa impropria de uma senhora, e portanto creio que nem as proprias mestras conhecem um compendio de tal materia.

Para uma directora de collegio toda a vantagem consiste nos bordados, os quaes mesmo não são já os trabalhos delicados de *ponto real*, de *sedá*, de *ouro e prata*, etc., e quasi actualmente se limitão aos pontos de *marca* e de *tapeza*: trabalhos da maior simplicidade, que podem ser aprendidos em uma semana, e com os quaes conviria mais não perder o tempo que deveria ser consagrado ao estudo de mais valiosas prendas.

Não queremos com isto negar o merecimento e utilidade destes trabalhos e de outros, como a confecção de flores, etc.; mas quizeramos que

fossem considerados como secundários, que facilmente podem ser aprendidos e perfeitamente praticados por mãos acostumadas a obras mais difficeis, e que se não illuda a boa fé dos pais de familia, fazendo que meninas educandas percam a maior parte do seu precioso tempo, que poderia ser destinado ao necessario cultivo do espirito e da intelligencia, a qual, apoucada por tal systema, se perde inteiramente, se tem o infor-

tunio de dar-se á leitura de romances, como em um mar immenso onde fosse navegar sem balsa, que nunca poderia encontrar um porto, e teria de naufragar em alguma costa bravia ou de submergir-se nas ondas.

Continuaremos ainda a fazer algumas reflexões.

Baroneza de ...



BOLETIM MUSICAL.

Minhas amigas, não estranhareis que o mundo musical tenha paralyzado o seu progresso, quando os quentes raios do sol tem tomado a todo a dianteira, e vão deixando o rubor, o suor e a indolencia por todos os logares por onde se derramão, despedidos lá das astronomicas alturas, que infelizmente não são ainda maiores para consolo e alivio da nossa pelle. Vos mesmas tereis sentido irresistivel indisposição para tudo, e por isso não estranhareis que os instrumentos estejam em ferias, porque não é possivel deixar correr a vontade as gottas de suor, e os musicos não podem suspender a sua execução para enxugal-o; por isso tomarão o partido mais prudente, e só lanção mão delles quando é absolutamente necessario, isto é, no theatro lyrico.

Ahi se representou a opera *Semiramis* na noite de 20 do corrente; e ficamos bastante pezarosa que indiscretos, ou antes incapazes *dilettanti* pretendessem desgostar as duas artistas com injustas e acintosas pateadas, nas quaes insistirão a despeito da manifestá reprobção do maior numero dos espectadores, que se interessarão em pronunciar sua censura a este procedimente inqualificavel, fazendo ecoar estrondosas palmas.

Com effeito a Sra. Charton cantou durante toda a noite admiravelmente, e longe de merecer essa desleita devia ser mais applaudida que nunca. A Sra. Casaloni foi perfeitamente em toda

essa noite. A sua voz é sempre muito apreciavel, e, se ainda não é tão perfeita actriz como a primeira, cumpre fazer-lhe justiça, e reconhecer que não são duvidosos os seus progressos no estudo de scena e mesmo de vocalisação; e o reconhecimento de seus continuos esforços são bastantes para que ella seja considerada, e animada a continuar a estudar para attingir a cathedra de perfeita actriz e cantora, para o que tem bastante talento.

Na noite de 25 representou-se o *Trovador*. Foi tão gramine a enchente como completo o desempenho de todos os cantores. As duas damas desempenhãrão perfeitamente. A Sra. Charton foi obsequiada com muitos ramos de flores atirados á scena; porém os indiscretos fautores de pateadas ainda mais uma vez derão provas de sua *intelligencia e bom gosto* desleitando as duas cantoras.

Na noite de 25, em vez da *Semiramis* annunciada, deu-se a *Cenerentola*; foi pouco concorrida, porém os espectadores applaudirão a Sra. Casaloni todas as vezes que o julgáram acertado.

Diz-se-nos, que breve vai á scena a composiçào do maestro Paccini *Os Arabes na Galia*, em que entrão as Sras. Casaloni e Zecchini; opportunamente informaremos a respeito as nossas amaveis leitoras.

Corina.

NOTICIA.

Apressamo-nos em noticiar ás nossas leitoras que acaba de ser publicado O LIVRO D'ALINA em um volume de mais de oitenta paginas de nitida impressão.

O autor é o Sr. Dr. Saturnino, cujo talento produziu, á imitação do Livro de Elisa, um precioso ramalhete de delicados pensamentos poeticos; tendo, ao que parece, procurado explicar o desenvolvimento das paixões no coração da mu-

lher. Recomendamos ás nossas assignantes a leitura deste livro, que se acha á venda na typographia do *Jornal das Senhoras*, rua do Cano n. 165, e na do Sr. Lobo Vianna e Filhos, rua da Ajuda n. 79, pelo preço de 15000, em brochura.

A REDACÇÃO.

— A charada do n. 1 é *Maria*, e a do n. 5 *Manguieira*.

Acompanha este n.º 4 um padrao de bordados.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.

Ella voltou para a França. Deos, que a tinha conservado em provações, a recebeu ao seu serviço. Suas recordações perdem diariamente alguma coisa do quanto são dolorosas; e, como vos dizia eu ao principio, ella não esqueceu, porém perdoa.

Soror Santa Genoveva abaixou a cabeça, e eu vi uma lagrima tremular na borda de sua palpebra.

— Minha irmã, lhe disse eu com olhar expressivo, essa Clemencia, cujas desgraças me contaes, que é feito della? Não traja ella os

habitões que vós trajais? Não se dedicou, como vós, aos que soffrem? Não a conheço eu?

Ella se desviou sem me responder. Meu coração estava commovido por uma doce piedade..... Tanto infortunio reunido a tanta resignação!

— Pobre Clemencia! murmurei com voz enternecida.

Ella repetiu fracamente.

— Pobre Clemencia!

T. COQUILLE.

EDUCAÇÃO DO SEXO FEMININO.

(Continuado do n. 4.)

No nosso antecedente artigo fizemos muitas succintas considerações sobre os vícios, — ou antes sobre o máu systema de educação da mulher no nosso paiz, sendo evidente que nos referimos sob este titulo á parte instructiva também.

Se compararmos a mulher da sociedade actual com a de cinquenta annos passados bem clara nos será a differença que ha de uma á outra. Esta vivia enclausurada voluntariamente dentro de estreitas rotulas, entregue apenas aos serviços domesticos que partilhava com a turma de escravas que a cercavão, e mal sabia ler e escrever, sem haver nunca adquirido a mais ligeira noção de geographia ou de alguma lingua estrangeira que sempre ouvia com admiração. A historia lhe era uma coisa incomprehensivel e admiravel, da qual conhecia trechos inteiramente fabulosos, dictados pela mais ridicula superstição e acreditados pela mais pueril e estúpida credulidade.

A parte moral e religiosa era dictada pelo fanatismo e accelta pelo temor do castigo, sem fé nem mesmo raciocinio ou bom senso que a fizesse seguir seus dictames como facto de consciencia. A virtude era portanto, na mulher, o effeito do temor do castigo do crime; a moralidade era a consequencia da crença no fanatismo.

Hoje, porém, que a educação do sexo feminino se tem tornado mais ampla e mais geral: agora que os homens tem melhor comprehendido a sua conveniencia social e familiar illustrando a mulher, e infundindo-lhe os sentimentos de virtude e de moral pelo que elles são em si mesmos, não é o receio da punição que abstem da pratica dos delictos, é sim a consciencia intima da dignidade do nosso sexo e de nossos deveres para com Deos e para com a sociedade inteira que nos illumina a senda que trilhamos.

Não queremos com isto negar á nossas antepassadas todas as virtudes conscienciosas que as adornarão; mas nos persuadimos que a sua pra-

tica era filha mais dos exemplos recebidos e do medo incutido nos animos do que da convicção e da intelligencia: e ninguém ignora que a pratica dos actos praticados pela convicção racional não podem ser tão facilmente mudada pela linguagem da seducção.

De quanto temos dito pretendo concluir que a moralidade social e a pureza dos costumes tem tido desenvolvimento.

Entretanto devo confessar que a instrucção dada geralmente ao sexo feminino não é ainda tão solida e variada como convém ao brilhantismo de uma nação como a nossa, que caminha para um futuro brilhante, segundo o affirmão os entendedores. Seria para desejar que as meninas fossem, primeiro que tudo, obrigadas ao estudo grammatical e orthographico da lingua nacional; que aprendessem dous ou tres idiomas estrangeiros (sobretudo o francez e o italiano) de modo que os soubessem com perfeição, que soubessem bem a geographia e a historia sagrada; e finalmente, que tivessem algumas noções da historia profana, e com especialidade da historia nacional.

A par destes estudos as prendas de agulha, o desenho e a musica deverião completar a educação de qualquer senhora. Entretanto vejo que as meninas ~~sejam~~ dos collegios ignorantes de sua propria lingua, tocando no piano algumas peças sem saberem musica, com muito ligeiras noções da lingua franceza, porém mostrando-se instruidas dos enredos de muitos romances, cuidando nos galanteios e adornos que fação sobresahir a sua belleza nos salões concorridos onde ellas se apresentam, e onde procurão mover o interesse do romantismo mal comprehendido, e estragando muitas vezes o bello espirito e admiravel talento, que, dirigido em uma instrucção conveniente, seria o polido de um diamante de preço inestimavel.

Para que isto se consiga pouco é necessario. Basta que o nosso governo olhe com mais interesse e attenção para as habilitações das pessoas que se dedicão ao ensino de nossas filhas;

rue exija a assistencia de professoras e professoras illustradas nas cadeiras de ensino dos collegios de meninas, e que lhes dê mesmo regulamentos e indique o systema de ensino.

Os destinos da sociedade dependem da mora-

lidade dos homens; e esta provém em maior parte, senão completamente, das qualidades e da instrucção das mães de familia.

Baronessa de ***

DIFFERENTES IDADES.

De um velho jornal, cujo titulo e data o tempo dourou-nos occulto, extrahimos o seguinte, que por ter o seu que de curioso, fazemos renovar, e o apresentamos aos olhos de nossas benevolas leitoras.

« Creado o mundo, veio Jupiter visitar a terra, para dar leis aos animaes e determinar-lhes o tempo certo de vida.

Encontrou primeiro um jumento, a quem disse:

— Crece-te para servires em tudo ao homem; e assim andarás dia e noite arreiado, e em continuo trabalho debaixo de suas ordens; para isso o tempo de vida que te concedo são trinta annos.

— Appello para V. M. Divina, replicou o jumento; para tantos trabalhos, contento-me só com dez annos.

— Concedido, disse Jupiter, e foi continuando.

Encontrou depois um cão, e disse:

— Crece-te para servires de fiel guarda das casas, jardins e gados do homem; outorgo-te trinta annos de vida.

— Para vida tão cansada, Senhor, contento-me só com dez.

— Vive, pois, dez annos, lhe disse Jupiter.

Encontrou depois o macaco, que á soalheira se coçava cuidadosamente; e sentindo o tropel da Magestade, subiu ligeiro a uma arvore.

Jupiter o chamou, e lhe disse:

— Crece-te para servires de moça e zombaria ao homem; e como és por condicção maldoso e perverso, estarás amarrado a um cepo.

O macaco, entre muitos tregeitos e carantou-lhas, lhe pediu tambem só dez annos, que Jupiter lhe concedeu.

Encontrou logo o homem, a quem disse:

— Sabes que te crecei para gozares no mundo de todos os regalos e delicias, para teres summa liberdade, e governares todos os animaes que te submetto: para isso gozarás de trinta annos de vida.

— E' pouco, Senhor,—lhe disse o homem:— é muy pouco para tanta felicidade. Digue-se pois V. M. conceder-me mais tempo.

— Ser-me-hia isso impossivel, que o Destino o não quer: porém como posso dispor de 60 annos, por isso que tres animaes hão desistido de vinte cada um, eu t'os concedo, ficando tu assim com uma bem longa vida.

E assim aconteceu.

Até aos trinta annos de idade vive o homem alegre, jovial e satisfeito; entregue á todos os prazeres da vida: são seus proprios annos.

Dos trinta aos cinquenta, idade que cedeu a jumento, carregando para sua casa, trabalhando para sustentar a familia etc., e fazendo todos os serviços, quaes os deste animal.

Dos cinquenta aos setenta, vem a idade cedida pelo cão, e com ella a avareza e rabugem, que lhe são proprias.

Dos setenta aos noventa, idade que o macaco cedeu, vive o homem em estado de verdadeiro mono, no orang-outang, preso á um bordão, e fazendo monices proprias deste animal.

José Jon.

BOLETIM MUSICAL.

Pouco temos para dizer-vos, queridas amigas, sobre a materia deste artigo, porque metade da semana esteve consagrada ao Carnaval alegre e animado, e os seus ultimos dias tem sido empregados em fazer a resenha dos acontecimentos desses tres dias de delirio, ou em acalmar as imaginações exaltadas pelos mascaras, dominós, flores e confeitos, e até mesmo pelo calor extraordinario que se sentiu no ultimo dos bailes havidos no theatro de S. Pedro, onde se reuniu maior numero de pessoas do que a casa admittia.

Cumpra dizer, que ali se tocára muito bo-

nitás quadrilhas, valsas, polkas, etc. Enquanto este theatro merecia as honras da geral concorrência, o Provisorio dormia solitario no campo de Santa Anna, sonhando o bello espectaculo que nos deu na noite de 22 do corrente, com execução admiravel.

O annuncio de ser representada nessa noite a *Linda de Chamounix* attrahiu tão grande numero de *dilettanti* que foi geral a enchente, tanto mais que já constava que seria magnifico o desempenho. Com effeito é para nos um tanto difficil distinguir qual dos cantores desempenha

